Universidade Federal do Rio de Janeiro
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO (ECO)

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura
Doutorado – "Mídia e mediações socioculturais"

RADIOGRAFIA DO JORNALISMO ANGOLANO: ESTUDO DA COBERTURA MIDIÁTICA DA VISITA DO PAPA BENTO XVI A ANGOLA

ALBINO RAMOS CARLOS

ORIENTADORA: PROFESSORA DRA. BEATRIZ BECKER

Rio de Janeiro
Dezembro de 2014

Universidade Federal do Rio de Janeiro
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO (ECO)
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura
Doutorado – "Mídia e mediações socioculturais"

RADIOGRAFIA DO JORNALISMO ANGOLANO: ESTUDO DA COBERTURA MIDIÁTICA DA VISITA DO PAPA BENTO XVI A ANGOLA

ALBINO RAMOS CARLOS

Tese apresentada à Banca Examinadora da Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Comunicação e Cultura, sob a orientação da Professora Doutora Beatriz Becker.

Rio de Janeiro
Dezembro de 2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO (ECO)
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura

Doutorado – "Media e mediações socioculturais"

ALBINO RAMOS CARLOS

RADIOGRAFIA DO JORNALISMO ANGOLANO: ESTUDO DA COBERTURA MIDIÁTICA DA VISITA DO PAPA BENTO XVI A ANGOLA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Comunicação e Cultura, sob a orientação da Professora Doutora Beatriz Becker.

Banca Examinadora:

Profª. Drª. Beatriz Becker - Orientadora
Profª. Drª. Sônia Virgínia Moreira (UERJ) – Membro
Profª. Drª. Marialva Carlos Barbosa (UERJ) – Membro
Prof. Dr. António Hohlfeldt (PUC- RGS) – Membro
Prof. Dr. Paulo César de Sousa (ECO/UFRJ) – Membro
Profª. Drª. Ana Paula Ribeiro (ECO/UFRJ) – Suplente

AGRADECIMENTOS

A Deus, nosso Senhor Jesus Cristo: ontem, hoje, amanhã e por todos os séculos dos séculos.

À Lena, por compreender as ausências.

À Professora Beatriz Becker, minha orientadora, pela dedicação e paciência digna de boa Mãe e, sobretudo, pela manifesta preocupação em compreender e respeitar o Outro: não tenho palavras para transmitir o sentimento de gratidão. Deus lhe abençoe!

Aos meus familiares, pelo incentivo motivador.

Aos meus cunhados Avô, Anita, João, São, Minga, Elvira, Maria Rosa, pelo apreço e carinho.

À direção do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pela possibilidade de realizar o Doutorado em Comunicação e Cultura.

A todos os meus professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, pela iniciação nos caminhos do conhecimento e da investigação.

A todos os meus amigos, amigas e entes queridos que, de uma ou doutra forma, contribuíram para a realização desse sonho.

DEDICATÓRIA

À minha Mãe, Luísa Joaquim Ramos.

Às minhas filhas, Isabel, Cleópatra, Luísa e Daisy.

RESUMO

O principal objetivo desta Tese de Doutorado é compreender como a mídia e o jornalismo constroem a experiência política e social e as identidades culturais de Angola. Considera-se que as práticas e os relatos jornalísticos também constituem maneiras de contar a História, podendo contribuir para a promoção do desenvolvimento socioeconômico e/ou para a manutenção do *status quo*.

A partir de uma análise dos modos como a imprensa angolana construiu a cobertura midiática da visita do Papa Bento XVI à Angola, de 20 a 23 de março de 2009, esta investigação propõe uma reflexão sobre as maneiras como os discursos jornalísticos conferem sentidos à Angola e à África no contexto do mundo globalizado e valorizam ou não diferentes vozes sociais. Através de uma incursão na história do jornalismo angolano, são ainda destacadas as políticas de informação e comunicação implementadas e os desafios da imprensa na atualidade no País.

Palavras-chaves: Mídia. Angola. Imprensa. Identidade. Angolanidade. Religião.

ABSTRACT

The main goal of this doctoral thesis is to understand how the media constructs the social and political experience, as well as the cultural identities in Angola. It is considered that the journalistic tales and practices also contribute in how History is told, having the ability to promote social and economic development, or even maintain the *status quo*. Departing from the media coverage of the Pope Benedict XVI to Angola from the 20th to the 23rd of March 2009, an analysis of the Angolan press and its way of constructing the event was made, making an investigation that offers a reflection on how journalistic speeches give meaning to Angola and to Africa in the context of a globalized world, while giving value, or not, to the different social voices. By performing an incursion through the Angolan journalism, the information and communication policies implemented are highlighted, and also the challenges of the current press in Angola.

Key words: Media. Angola. Press. Identity. Angolanity. Religion.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: Papa Bento XVI saúda as mulheres angolanas
na Igreja de Santo Antônio..... 99
Figura 2: Bento XVI e José Eduardo dos Santos..... 107
Figura 3: primeiras páginas das edições dos dias 7 de Julho de 2009
e 8 de Julho de 2014 do *Jornal de Angola*..... 109
Figura 4: primeiras páginas das edições de 26 de Junho de 2010 e
20 de Julho de 2013 do *Semanário Angolense*..... 112
Figura 5: cópias das primeiras páginas das edições de 22 e
23 de março de 2009 do *Jornal de Angola*, durante a visita do Papa à Angola..... 113
Figura 6: Luanda acolhe Bento XVI..... 116
Figura 7: primeiras páginas do *Jornal de Angola* e do *Semanário Angolense*
quando da visita do Papa Bento XVI à Angola..... 120
Figura 8: primeiras páginas das edições de 21 e 22 de março de 2009
do *Jornal de Angola*..... 127
Figura 9: primeiras páginas do *Semanário Angolense* das edições
de 21 de março de 2009 e 5 de Julho de 2014..... 131

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1: número de matérias publicadas no *Jornal de Angola*
no período em estudo..... 123
Quadro 2: tipologia de títulos usados pelo *Jornal de Angola*..... 124
Quadro 3: materiais jornalísticos usados na cobertura midiática
da visita do Papa Bento XVI à Angola..... 125
Quadro 4: número de fotos publicadas no *Jornal de Angola* no período em estudo.... 129
Quadro 5**:** total de matérias jornalísticas publicadas no *Semanário Angolense*
durante o período em estudo..... 132
Quadro 6: total de tipo de títulos usados ao longo do período em análise..... 133
Quadro 7: materiais jornalísticos usados no âmbito da cobertura midiática
da visita do Papa Bento XVI à Angola..... 134
Quadro 8: total de imagens publicadas ao longo do período em estudo..... 136
Quadro 9 : FDs..... 157
Quadro 10: número e enunciações dos principais atores sociais que participaram
da cobertura midiática da visita do Papa Bento XVI à Angola..... 161
Quadro 11: principais atores sociais que participaram da cobertura midiática
da visita do Papa Bento XVI à Angola..... 162

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10
2 MÍDIA E GLOBALIZAÇÃO 23
2.1 O papel dos meios 23
2.2 Repensando a identidade nacional 25
2.3 Processos de comunicação: global x local 32
2.4 Práticas midiáticas em Angola 35
2.5 África: contradições e desafios 40
3 PARA COMPREENDER O JORNALISMO 46
3.1 Uma forma de conhecimento 46
3.2 Por uma definição do acontecimento 49
3.3 Refletindo sobre a notícia 52
3.4 Um campo científico 57
3.5 A construção de sentidos 61
3.6 Práticas jornalísticas: um fenômeno cultural 64
3.7 Para ler os discursos jornalísticos 67
4 RADIOGRAFIA DA IMPRENSA ANGOLANA 69
4.1 Referências históricas e políticas 70
4.2 A imprensa na época colonial 75
4.2.1 A consciência nacionalista 78
4.3 Jornalismo pós-independência 81
4.3.1 Período "revolucionário" (1975-1991) 84
4.3.2 Democratização dos meios (1991-2013) 85
4.4 Religião e Política 91
4.5 Igreja e Mídia 95
5 ELABORANDO O OBJETO DE ESTUDO 98
5.1 Referências teóricas para a análise comparativa 99
5.2 Um percurso metodológico 103
5.3 Prólogo 106
5.3.1O *Jornal de Angola* e o *Semanário Angolense* 107
5.3.2 Contextualizando o acontecimento 112
5.3.3 Viagem do Papa a Angola como acontecimento mediático 115
6 UMA ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA DA VISITA DE BENTO XVI A ANGOLA 119
6.1 Análise quantitativa 120

6.1.1 Análise quantitativa do *Jornal de Angola* 121
6.1.2 Análise quantitativa do *Semanário Angolense* 129
6.2 Análise qualitativa comparativa 137
6.2.1 Identificação de sentidos 139
6.3 Síntese das formações discursivas: uma leitura crítica..... 156
6.4 Mapeamento das vozes..... 159
6.4.1 *Jornal de Angola* 160
6.4.2 *Semanário Angolense* 163
6.5 Análise quantitativa e qualitativa: primeiros achados 164
6.6 Sistematização dos resultados 168
6.6.1 Algumas lições 170
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 180
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 194
9 ANEXOS – DISCURSOS NA VISITA APOSTÓLICA A ANGOLA 211

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desta Tese de Doutorado é compreender como a mídia e o jornalismo constroem, em seus relatos, a experiência política e social e as identidades culturais, por meio de uma análise comparativa, quantitativa e qualitativa, da cobertura jornalística sobre a visita do Papa Bento XVI a Angola, ocorrida de 20 a 23 de março de 2009, um dos principais acontecimentos que marcaram a vida do país nos últimos 5 anos, como será discutido ao longo deste trabalho.

A pesquisa também revela como o jornalismo atua como prática social, desvelando contradições e, ao mesmo tempo, constituindo consensos sobre a realidade socioeconômica de Angola.

Assume-se como hipótese, nesta pesquisa, que há uma tendência da mídia em reafirmar, em seus discursos, os interesses dos países mais ricos e do mercado global, mas o jornalismo não deixa de ser uma forma de conhecimento e uma prática social que valoriza as identidades africana e angolana, no contexto da globalização.

Este trabalho é amparado pelas teorias do Jornalismo, mas também pelas relevantes contribuições dos Estudos Culturais, para compreender as singularidades identitárias de Angola, e da Análise do Discurso, que nos auxilia a descrever e explicar os processos de produção, circulação e consumo dos sentidos veiculados através de diferentes produtos e linguagens. Assume-se, como sugere Sousa (2001), que os meios de comunicação desempenham um papel capital no processo de construção das representações sociais; não apenas configuram representações de acontecimentos, mas também consolidam modalidades de visões do mundo, de acordo com seus interesses.

De fato, a mídia não se posiciona na cena social simplesmente como lugar de passagem dos discursos dos outros atores sociais; posiciona-se como um ativo construtor de sentidos. Assim, o estudo dos relatos jornalísticos sobre a visita de Bento XVI busca revelar como os campos político, religioso e midiático interagem de maneira colaborativa para a construção de um consenso social sobre as aspirações angolenses; e como a imprensa funciona como uma das principais fontes de nutrição das representações coletivas.

O processo de construção de valores sobre a ideia de identidade cultural dos

angolanos, na cobertura da visita do Papa, envolveu instituições políticas, religiosas, midiáticas e vozes de representantes da sociedade civil, promovendo laços de identidades sociais e culturais. A mídia atuou como a principal mediadora do acontecimento e sintetizou, de modo original, a constituição da experiência comum e da memória coletiva, gerando profundas implicações na vida sociocultural de Angola e nas formas de percepção e conhecimento da prática política e das relações de poder.

Neste contexto, os discursos do sistema nacional de informação e comunicação de países subdesenvolvidos como Angola, imerso no mundo globalizado, são fortemente marcados pela padronização dos costumes e das práticas discursivas e pelas expressivas assimetrias entre os países ricos e pobres.

Além disso, a análise do acontecimento revela que a visita de Bento XVI assume uma dimensão de soberania nacional, uma vez que a construção simbólica da mídia interfere e introduz espaços – reais ou imaginários – bem como delimita e caracteriza territórios construídos por diferentes relações sociais (BELTRÃO, 2001). Porém, segundo Moreira (2009, p. 2), a comunicação também possibilita a compreensão de espacialidades e territorialidades, uma vez que o reconhecimento de lugares diversos expressa maneiras de perceber o mundo. Ou seja, os processo de comunicação e a informação desencadeiam reconfigurações de territórios físicos e simbólicos e contradições resultantes das relações de poder.

É certo que a produção, a organização, a apropriação e a utilização dos espaços geográficos sempre resultaram das relações de poder existentes entre grupos sociais de diferentes sociedades. Mas, para Souza (1995), o território constitui-se mais como um processo de territorialização do que como espaço fixo estável, uma territorialização que possibilitaria a constituição de identidades de forma dialógica, múltipla, aberta, em constante reconstrução de identidades. Assim, compreende-se que as referências espaciais influenciam relações sociais, políticas, culturais e econômicas de grupos e indivíduos. Por outro lado, como sugere Haesbaert (2002), as questões políticas também intervêm na reorganização do território. Grupos distintos tentam influenciar ou controlar pessoas ou fenômenos sociais através do domínio político-econômico ou apropriação simbólica do espaço geográfico, produzindo conflitos espaciais e políticas econômicas que materializam territorialidades pelas racionalidades hegemônicas. Nesse contexto, Haesbaert (2002) afirma que a noção de rede é um fator fundamental para a compreensão da complexidade das articulações e estruturações dos

processos de territorialização e desterritorialização, construídas e dominadas por sistemas de poderes vigentes e sob essa dinâmica. Segundo o autor, as redes são construídas pelas grandes corporações financeiras e do comércio transnacional, as quais agem sobre a organização do espaço planetário, permitindo o crescimento de outras redes econômicas e de poderes ilegais. Assim, os territórios físicos e simbólicos tendem a ser divididos em duas partes: em um extremo, ficam sediados os aglomerados humanos excluídos, cujo único possível objetivo da existência é a sobrevivência física cotidiana e, no outro extremo, há grupos que se fecham ao diálogo com o outro e se prendem a determinados valores e interesses na utilização e no aproveitamento do espaço.

Assim, é possível compreender porque a não representação dos países pobres, na virtualidade das relações econômicas, ocasiona a manutenção do *status quo* de sua própria condição de pobreza. Segundo Martín-Barbero (1997), diante da imposição dos formatos das indústrias culturais dos países desenvolvidos e industrializados, as nações pobres configuram-se como consumidoras dessa produção midiática.

Mas o enfrentamento ao "universalismo uniformizante" da globalização se impõe à constituição de práticas culturais em Angola capazes de se constituir como experiências dinâmicas de reflexão de sua cultura historicamente situada na periferia do mundo global, todavia em permanente interação e diálogo com a sua própria singularidade cultural e identitária e em constante transformação, de modo que o país possa tentar ocupar outros lugares simbólicos na mídia.

Este é um dos grandes desafios do jornalismo em Angola, porque, de outro modo, o país tenderá a se manter perante aquilo que Sodré (1999) classifica de uma hegemonia político-econômica à luz da dominação globalizante, ou seja, a negação, aos países periféricos, do acesso às benesses materiais da universalidade, uma vez que os ocidentais – diretamente ou por meio das elites nacionais mediadoras, atualmente secundadas pelas elites dos meios de comunicação – continuam a reproduzir o discurso de enaltecimento de seu valor universalista, como garantia da colonialidade do poder.

Assim, segundo o mesmo autor, constata-se o triunfo da experiência do mercado na rentabilização da diferença cultural, até porque, ao mesmo tempo em que a revolução tecnológica impõe a integração - superação das barreiras e dissolução das fronteiras reforça e torna mais densa a desigualdade do intercâmbio e acelera a

integração da heterogeneidade cultural à indiferença do mercado.

Entretanto, Hall (2003) afirma que a globalização é como um processo articulado de homogeneização e fracionamento, que integra e conecta comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, assim como reordena as diferenças e desigualdades, sem suprimi-las. Para Canclini (1997), vive-se um tempo considerado de fraturas e heterogeneidade, um tempo de segmentação dentro de cada nação e de comunicações fluídas com as ordens transnacionais da informação, da moda e do saber, isto é, cada um é heterógeno e híbrido, mas unificado por códigos que lhe permitem compreender a si próprio.

Neste contexto, de acordo ainda com Canclini, apesar da globalização, as nações e etnias continuam a revelar-se como produtoras de coesão social. Porém, o mais importante é entender como as identidades étnicas, regionais e nacionais se constroem nesse processo de hibridização cultural.

De fato, como sugere Martín-Barbero (1997), as indústrias culturais de países como Angola estão perante grandes dilemas, derivados em parte da debilidade da sua capacidade de diferenciação cultural, uma vez que são orientadas pelos modelos ocidentais e pelas exigências da globalização. Todavia, segundo ele, é possível manter matizes culturais próprios e enfrentar os desafios da globalização sem ter que renunciar à capacidade de criatividade estética das identidades nacionais.

Angola tem uma vocação natural de abertura para o mundo. Por questões históricas, econômicas, políticas e, sobretudo, pela cultura dos angolanos; e ainda, por seus principais recursos naturais. Contudo, ela é uma das nações mais caras e desiguais do planeta; e a transparência na governança e a consolidação da democracia são dois de seus grandes desafios, assim como a expansão da economia de mercado e o necessário desenvolvimento da ciência e das tecnologias de informação e comunicação.

Por conseguinte, Angola confronta-se com o desafio de criar uma experiência cultural renovada e em permanente interação com as variações da sensibilidade artística própria dos contextos atuais nos quais, de acordo com Canclini (1997), imperam o sincretismo e o ecletismo, a combinação do culto com o popular, do velho com o novo, ou seja, tempos de culturas híbridas e poderes oblíquos.

A mídia angolana, neste sentido, funciona como expressão da memória e de exclusões simbólicas e socioeconômicas, mas também se posiciona como espaço de

manifestação e de ressignificação e construção da experiência coletiva e legitimação das identidades angolanas, e como agente de coesão sociocultural e da construção da Nação.

Neste sentido, esta Tese de Doutorado reveste-se de extrema importância, tanto para os estudos de Mídia e Jornalismo de Angola, quanto para minha vida pessoal, uma vez que discutir a imprensa angolana, como lugar de história e memória, é também tentar contribuir, por meio desta pesquisa, para um outro futuro.

De acordo com Jean-Yves Mollier (2006), um povo sem a história da sua imprensa é um povo incapaz de compreender o seu caminho em direção à liberdade. Para Marialva Barbosa (2010), a imprensa é fonte de singular interpretação. Deixando traços significativos da sociedade, cujos passos e acontecimentos mais representativos pretende retratar, ela produz textos que também referenciam o seu próprio cotidiano e a relação que mantém com as instâncias do poder. Assim, a história da comunicação é a história das ações comunicacionais humanas, pelo que o futuro do nosso passado é o presente no qual nos movemos.

Na verdade, e de acordo com Mariani (2007), o discurso jornalístico contribui na constituição do imaginário sociocultural e na cristalização da memória do passado, bem como na construção da memória do futuro.

Por conseguinte, há uma relação de reciprocidade entre História e Jornalismo. O jornalismo precisa do conhecimento histórico e a história pode servir-se dos registros e das coletas de informações feita pelos jornais[1]. Ana Paula Goulart (1995) sublinha que história e imprensa se retroalimentam. As matérias jornalísticas fazem apelo às vozes da história, seja como subsídio informativo, seja como legitimação de suas afirmações. A história, por sua vez, também se apoia em jornais, tanto utilizando-os como documentos em pesquisas, quanto apresentando-os como índice do real.

Segundo Hohlfeldt (2009), a História da Imprensa e do Jornalismo dos países africanos de expressão portuguesa ainda está por ser escrita. Em nenhum deles se ministram cursos de Mestrado e muito menos de Doutorado; e poucos são os trabalhos de investigação sobre jornalismo e mídia. Não existem mecanismos pedagógicos e metodológicos institucionais que estimulem a pesquisa e o debate de ideias.

Nas universidades brasileiras há pouquíssimas dissertações de Mestrado

---

[1]CARLOS, Norberto.*A contribuição do jornalismo para a construção da História de Angola no período entre as duas guerras mundiais*: o papel dos jornais na formação da consciência nacional. Dissertação de mestrado. Luanda: ISCED, 2008.

sobre mídia e jornalismo africano e angolano, em particular, e não há registo de nenhuma tese de doutorado sobre esse tema, o que revela que o interesse sobre esse debate não é notório[2].

De fato, ao se inserir na Busca do Banco de Teses da CAPES[3] , a palavra-chave "Angola", encontram-se entre os 138 registros de pesquisas desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação no Brasil, nos últimos quatro anos, três pesquisas de Mestrado que propõem reflexões relacionadas à imprensa no Brasil e em Angola em períodos específicos, nas áreas de História, Letras e Ciências Jurídicas. Porém, são disponibilizadas apenas duas dissertações de Mestrado na área da Comunicação[4]. Moreira (2009) ainda destaca que são poucas as contribuições da América Latina para essas pesquisas; e a participação de pesquisadores brasileiros na problemática do desequilíbrio no fluxo de informação e de produtos culturais entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos é ainda mais reduzida.

Assinala-se, igualmente, a existência de escassos estudos comparados de Comunicação entre Angola e Brasil, quer no sentido de aferir o grau de influência do jornalismo brasileiro sobre o jornalismo angolano, quer para se avaliar as interações entre ambos, ainda que os jornalistas façam parte de uma cultura interpretativa transnacional.

Em termos de produção científica, a imprensa de Angola não faz jus aos seus 168 anos. A bibliografia específica sobre jornalismo assim como as publicações acadêmicas são escassas; e as poucas análises a respeito são dispersas e geralmente elencadas aos estudos sobre literatura e história.

Na Historiografia da Imprensa Angolana destacam-se três principais obras: a primeira, de Júlio de Castro Lopo, escrita em 1964 (*Jornalismo de Angola: subsídio para a história*); a segunda, de Carlos Erverdosa (*Roteiro da Literatura Angolana*, 1980); e a terceira, de Sebastião Coelho (*Angola.História e estórias da informação*,

---

[2]São exíguas as informações sobre mestrados e doutorados sobre mídia e jornalismo africano nas universidades portuguesas e brasileiras.

[3]Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/>. Acesso em: 29 maio 2014.

[4] A dissertação de mestrado de Ricardo Nicolay de Souza é uma investigação sobre a história do fado, orientada pela professora Sonia Virginia Moreira, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 2012, na qual Angola é referida como uma das colônias do Império Português que contribuiu para o início do processo de sua disseminação pelo mundo. E a dissertação de Carem Cristini Nobre de Abreu, orientada pelo professor Jose Marcio Pinto de Moura Barros, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), no mesmo ano, apresenta um estudo sobre o processo de midiatização de uma manifestação de cultura de raiz conhecida como capoeira angola, que aponta para uma singular estratégia comunicativa de atualização das tradições.

1999).

O livro de Lopo é de todos o mais emblemático e profundo, influenciando os restantes estudos e obras sobre a matéria e servindo de referência de base dos cursos de Graduação. Contudo, a obra não aborda o período pós-independência, constituindo uma radiografia do jornalismo desde o seu surgimento em 1845 até 1923, como está referenciado no Capítulo IV.

A obra de Erverdosa é um ensaio sobre a literatura angolana no qual se aproveita também para abordar o percurso da imprensa, uma vez que o fenômeno literário e o universo jornalístico nasceram ao mesmo tempo.

Já o livro de Coelho revela a experiência pessoal do autor sobre a imprensa angolana, desde os tempos do colonialismo até os anos de 1974, sendo uma obra multifacetada, abordando questões da oralidade à cultura angolana, passando da problemática da língua portuguesa e línguas nacionais à música e a sua relação com a rádio e o disco, assim como aos aspectos da cultura tradicional e às novas expressões artísticas nacionais.

É um livro sobre cultura nacional e um registro de acontecimentos políticos e históricos que, na perspetiva do autor, marcaram o período que antecedeu a independência, indo um pouco até 1977; obra na qual também constam informações sobre a história da imprensa, da rádio, da agência de notícia, do cinema e da televisão em Angola. São relatos factuais e jornalísticos de acontecimentos testemunhados pelo autor.

Em termos gerais, os estudos sobre jornalismo angolano são, fundamentalmente, constatações descritivas do ponto de vista cronológico das diversas etapas de desenvolvimento e renovação que a imprensa e o jornalismo foram assumindo ao longo dos tempos; privilegia-se mais o registro de fatos e dados do que a contextualização de mudanças e transformações significativas que ocorreram.

Habitualmente, os pesquisadores focalizam o período colonial, registrando o aparecimento e desaparecimento dos jornais e publicações que são rotulados de acordo com determinadas tendências e posicionamentos políticos; e ressaltam a importância dos órgãos de comunicação no processo de resistência cultural nacionalista, apresentando editores e jornalistas da época como homens dignos de façanha, dadas a dificuldade de edição e as condições políticas.

Raramente se procede à análise aprofundada dos conteúdos ou dos discursos

jornalísticos, de maneira a identificar as marcas constitutivas das estratégias discursivas e das formas de atuação do fazer e viver jornalismo em Angola. Inexistem obras que sistematizam as tendências do pensamento teórico, prático e crítico da mídia nacional, procurando apreender a sua identidade e institucionalizá-la como campo de conhecimento e objeto do saber científico.

A maior parte dos estudos apenas mostra o percurso da imprensa até o momento da proclamação da independência nacional. Há uma ausência de trabalhos significativos sobre a comunicação no período pós-independência.

Os desafios dos tempos novos demandam que se aborde o paradigma comunicacional na perspectiva a mais abrangente possível na atualidade, considerando o percurso histórico e os diferentes aspectos dos processos comunicativos como produtores de sentidos, em suas diversas formas de manifestação.

Essas lacunas implicam a necessidade da realização de estudos que identifiquem as formas como o jornalismo e a mídia colocam as questões políticas e econômicas, culturais e sociais, capazes de contribuir para uma percepção mais ampla das relações políticas, econômicas e culturais; e, mais especificamente, as formas de processamento das regulações, mediações, práticas e experiências socioculturais midiáticas. Portanto, o estudo da comunicação e do jornalismo em Angola deve privilegiar a análise dos sistemas e dos meios de comunicação do país, assim como os sentidos produzidos pela imprensa sobre a vida social.

Porém, é preciso ter em consideração que Angola transita lentamente para práticas culturais de modos comunicacionais ligados às novas tecnologias de informação e às redes sociais; ou seja, nos processos de mediações, os meios de comunicação contribuem para resgatar marcas de oralidade e de relações interpessoais informais da cultura angolana.

Os novos formatos e plataformas de comunicação e os novos meios de comunicação abrem espaço para reivindicações de setores marginalizados da sociedade, pelo seu reconhecimento como atores sociais relevantes na arena pública, trazendo novas formas de percepção, novos modos de vida e também de relações de poder.

A condição de assumir a condução dos nossos próprios destinos, sendo sujeitos da nossa própria história, reside na cultura e no saber. Porém, a maior parte dos estudos históricos sobre Angola ainda é feita no exterior e o sistema de ensino enfrenta

problemas de caráter financeiro e infraestruturais. Marialva Barbosa (2013) destaca que há uma extensa bibliografia sobre história da comunicação, mas na sua maior parte essas experiências de escrita sobre história da comunicação da Europa ocidental são transpostas como se fosse possível fazer uma história que fosse válida para todos os espaços sociais e culturais diversos.

Por essa razão, esta Tese de Doutorado também é uma contribuição para o setor de educação e ensino em Angola, em fase de desenvolvimento e reorganização. Esta pesquisa pode constituir-se em uma referência importante para futuros projetos de investigação sobre as mediações socioculturais em Angola e colaborar para a construção de uma Historiografia do Jornalismo Angolano.

Além disso, as Nações Unidas proclamaram o século XXI como o das sociedades do saber, nas quais só poderão ter futuro assegurado no mundo globalizado os países que investirem nas ciências e no desenvolvimento técnico-tecnológico. E este estudo é uma tentativa de construir e partilhar conhecimentos sobre saberes, práticas e rotinas jornalísticos singulares ainda pouco conhecidos, em função do próprio contexto da África e de Angola.

De fato, esta pesquisa corresponde ao primeiro doutorado sobre jornalismo e sobre a relação entre os meios de comunicação e a religião em Angola. Desse modo, pretende-se, modestamente, contribuir para o reforço da investigação científica e histórica nas ciências da comunicação[5], a qual se reveste de extrema importância para o aperfeiçoamento da democracia e o desenvolvimento técnico-científico de Angola, e para a dinamização dos processos de comunicação como práticas sociais. Busca-se, neste trabalho, incorporar importantes práticas metodológicas e teóricas de estudo e técnicas de pesquisas na área da Comunicação e no campo do Jornalismo.

Trata-se do estudo de um investigador oriundo de um país que ensaia os primeiros passos no reconhecimento institucional do campo da pesquisa social da mídia e das mediações socioculturais, um campo de estudos em que o Brasil tem maior experiência e pode compartilhá-la, expressando a sua vocação universal como interlocutor privilegiado do diálogo intercultural. Por essa razão, elaborar e produzir esta investigação, na linha de Mídia e Mediações, do reconhecido Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, da Escola de Comunicação da Universidade

[5]Estão recenseados no Ministério da Comunicação Social apenas 50 técnicos superiores; e nesse momento Angola já conta com 38 universidades e institutos superiores.

Federal do Rio de Janeiro, é um privilégio, uma experiência extremamente relevante de construção de conhecimentos.

Nesta conformidade, a presente Tese de Doutorado oferece subsídios que permitem compreender a forma como a imprensa angolana constrói identidades e contradições sociais no contexto da globalização, em função de seu papel no processo de construção do imaginário e de representações coletivas em Angola.

Tendo como estudo de caso a cobertura midiática da visita do Papa Bento XVI a Angola, inspirada em referências da teorias da comunicação e do jornalismo, e fundamentando-se nas contribuições da Análise do Discurso (AD), para o percurso metodológico adotado nesta Tese, a pesquisa faz uma incursão histórica e analítica no universo midiático angolano, abordando o papel da imprensa na construção das identidades nacionais e discutindo as ações dos meios e as políticas de informação e comunicação implementadas no país.

Assim, os diálogos com as teorias da comunicação são estabelecidos, principalmente, por meio das obras de Dayan e Katz (1992), Martín-Barbero (2003) e Hall (1999; 2003). Nos estudos do jornalismo, as referências de Lopo (1964), Erverdosa (1980), Alsina (2009), Hohlfeldt (2009) e Becker (2005) são, igualmente, importantes. E as obras de Milton José Pinto (1999) e Márcia Benetti (2007) são essenciais para a metodologia adotada nesta investigação.

A pesquisa também investiga como a mídia e o jornalismo conferem sentidos à Angola e à África, no mundo globalizado, questionando até que ponto os meios de comunicação colaboram para valorizar as singularidades culturais da nação angolana e contribuem para uma consciência histórica do país e para a promoção do desenvolvimento econômico e social.

Discute-se se o jornalismo angolano e o africano, mantendo traços de identidade próprios, se constituem ou não como enunciações alternativas aos discursos homogeneizadores ou dominantes inerentes à globalização; problematizam-se alternativas comunicacionais, socioeconômicas, políticas e culturais, em contraponto aos princípios de hegemonia e de exclusão, próprios da indústria cultural.

No Primeiro Capítulo, a Introdução, o objeto de estudo é contextualizado e são apresentados brevemente os objetivos e as principais referências teórico-metodológicas desta pesquisa.

O Segundo Capítulo discute questões fundamentais para esse trabalho, sugerindo que o hábito e o costume de consumir conteúdos midiáticos também se constituem como exercícios de leitura e de entendimento do mundo. Neste sentido, a mídia desempenha papel fundamental nos processos de construção de sentidos e imaginários, contribuindo, desse modo, para a estruturação da experiência cotidiana e para a construção do consenso social. Este capítulo também confere grande destaque à importância que os meios de comunicação exercem na construção das identidades nacionais no contexto da globalização, realçando o papel que a intelectualidade africana pode desempenhar no processo de representação midiática para atenuar o desequilíbrio informativo entre os países ricos e pobres. Em síntese, assume-se, neste capítulo, que os relatos dos meios de comunicação também constituem modos de contar a história do país.

O Terceiro Capítulo é uma sistematização do enquadramento teórico que sustenta toda esta Tese de Doutorado, contendo subsídios para a compreensão dos modos como os discursos jornalísticos e as notícias são elaborados. Este capítulo também aborda o jornalismo como forma de conhecimento e prática social e cultural, uma vez que produz e organiza saberes, representações e ideias. E revela que esse campo de conhecimento tem se destacado como objeto de estudo científico, por possuir um corpo de conhecimentos e fundamentações teóricas aprofundadas.

São eleitas duas dimensões de estudo da noticiabilidade jornalística, denominadas nos estudos sociológicos dos meios de comunicação como perspectiva estrutural e perspectiva etnometodológica, em função da pertinência de seus pressupostos teóricos para esta investigação.

O Quarto Capítulo apresenta uma leitura crítica da história do jornalismo angolano, desde o longínquo dia 13 de Setembro de 1845, data que marca o nascimento da imprensa em Angola, até os dias de hoje. Constitui-se em uma espécie de radiografia da imprensa angolana, por meio de contextualizações que articulam aspectos políticos, socioeconômicos e culturais da nação, uma vez que o desenvolvimento do jornalismo esteve sempre associado ao crescimento que o país tem alcançado.

O Quinto Capítuloreflete as referências teóricas e os aspectos metodológicos adotados na análise comparativa quantitativa e qualitativa realizada, cujo *corpus* é composto por notícias, artigos, entrevistas e reportagens do diário *Jornal de Angola* e do *Semanário Angolense* referentes ao período de tempo antes, durante e depois da visita

do Papa Bento XVI a Angola. Utilizam-se, como objeto de estudo, duas publicações impressas com perfis distintos, com o objetivo de ampliar as possibilidades de compreensão das relações sociais e políticas estabelecidas entre instituições midiáticas e religiosas.

A metodologia utilizada para a análise dos discursos desses dois jornais procura identificar e relacionar os traços deixados pelas condições de produção do processo enunciativo, discernindo os modos de dizer, identificando os sentidos dos relatos próprios de cada um dos veículos de comunicação estudados e oferecendo um mapeamento de vozes presentes e ausentes nas enunciações (PINTO, 1999; BENETTI, 2007).

O Sexto Capítulo identifica, por meio de uma análise comparativa, como foram construídas as coberturas midiáticas do *Jornal de Angola* e do *Semanário Angolense* sobre a visita do Papa Bento XVI a Angola, constatando as divergências e aproximações das estratégias enunciativas e dos processos de significação do acontecimento por ambos os jornais.

Este capítulo apresenta ainda a interpretação dos resultados alcançados na análise quantitativa e qualitativa da cobertura midiática da referida visita, ressaltando que os discursos do *Jornal de Angola* e do *Semanário Angolense*, atuando como lugar de saber e de autoridade, configuram-se como instâncias de legitimação de consensos e de sentidos de identidades.

O Sétimo Capítulo corresponde àsConsiderações Finais, articulando questões relevantes sobre os discursos midiáticos em Angola, associados à cobertura da visita do Papa Bento XVI ao País.

O Oitavo Capítulo trata das Referências Bibliográficas consultadas e revela que há uma grande carência de fontes angolanas e africanas nos estudos de Comunicação e de Jornalismo.

O Nono Capítulo consiste nos anexos, material de referência importante para essa pesquisa, reunindo os discursos proferidos por José Eduardo dos Santos e Bento XVI durante a visita.

2 MÍDIA E GLOBALIZAÇÃO

Este capítulo aborda a questão da identidade cultural no contexto da globalização, destacando o papel que a mídia desempenha no processo de construção identitária e preservação da memória coletiva.

Assume-se que os meios de comunicação tendem a reafirmar os interesses das nações mais ricas e do mercado global em suas representações, uma vez que a diversidade etnocultural do continente africano não é recorrente nas pautas dos principais produtos jornalísticos do mundo fornecidos pelas agências transnacionais.

A mídia ocidental confere sentidos ao continente africano por meio de um acentuado desequilíbrio no fluxo de informação entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos; e nessas práticas midiáticas prevalecem os valores ocidentais no mundo.

Neste sentido, nações subdesenvolvidas devem envidar esforços no sentido de preservar suas identidades e a soberania nacional imersas no contexto da globalização.

Assim, questiona-se, nesta pesquisa, até que ponto os meios de comunicação de Angola colaboram para valorizar as singularidades culturais da nação e contribuem para uma consciência histórica do país e para a promoção do seu desenvolvimento econômico e social.

2.1 O papel dos meios

A mídia constitui-se em uma das principais formas de intervenção política. Os meios de comunicação exercem papel relevante nas sociedades modernas e o hábito e o costume de consumir conteúdos midiáticos é um dos principais rituais do dia a dia, na atualidade. Ver televisão, ouvir rádio, ler jornal e acessar as redes sociais na internet são exercícios de leitura e entendimento do mundo e constituem-se como práticas sociais e culturais.

A experiência social cotidiana está associada aos modos como os acontecimentos são construídos e relatados. E, por meio dos usos e apropriações de tecnologias digitais, os processos de comunicação transcendem as fronteiras do espaço e

do tempo, o que faz com que os indivíduos interajam cada vez mais uns com os outros, mesmo que situados em diferentes territórios físicos e simbólicos do planeta.

No entanto, os conteúdos da mídia ainda agendam as realidades sociais por meio de suas representações do cotidiano (BARBOSA, 2007). Segundo Castells (2003), a maior parte das nossas referências simbólicas é proveniente dos meios de comunicação de massas, os quais difundem valores e imagens e universalizam modos de vida em escala global com tecnologias cada vez mais avançadas.

A mídia desempenha papel fundamental nos processos de construção de sentidos e imaginários, consolidando modalidades de visões do mundo (HALL, 1999; MEUNIER, 1999). Desse modo, contribui para a estruturação do espaço público e para a construção do consenso social. Além disso, condiciona percepções de realidades locais e globais e expressões das identidades nacionais.

De acordo com Ferreira (2006), o espaço público midiatizado é indissociável do processo de produção e circulação de conteúdos simbólicos e da atribuição de sentidos passíveis de inscrição na representação identitária e na memória coletiva. Anderson (2008) sublinha a importância da mídia na construção das identidades nacionais, e o seu papel no conhecimento e na identificação dos indivíduos com a Nação, um conceito abstrato, ou seja, imaginado.

Assim, os meios de comunicação se estabelecem como lugares de memória e de exercício de identidade (NORA, 1993; THOMPSON, 2008); e, ao mesmo tempo, oferecem, por meio de seus discursos, conhecimentos sobre a vida social cotidiana.

Em Angola, a mídia também exerce uma função relevante no sentido de informar e educar a população, para além de contribuir para a construção das identidades nacionais. A crise de valores e de liderança, que afeta o país, reforça a relevância dos meios de comunicação, associada ao fato de instituições tradicionais como a família, a escola e a política confrontarem-se com problemas estruturais.

A predominância de processos de comunicação, caraterizados pelo contato pessoal em relações sociais informais, confere ainda maior poder aos meios de comunicação, uma vez que funcionam em suas mediações, não só como extensões simbólicas das marcas da oralidade da cultura angolana, mas como instrumentos de integração da população do país.

Na análise da cobertura jornalística da viagem do Papa Bento XVI a Angola

é possível observar como a mídia angolana atua no processo de construção de identidades nacionais e da própria Nação, valorizando ou não as diferentes vozes sociais.

2.2 Repensando a identidade nacional

A identidade social, na contemporaneidade, está muito associada aos fenômenos culturais e aos processos de comunicação, sendo evidente a relação entre identidade e cultura. A cultura nacional é base e referência dos processos de construção das identidades angolanas. Segundo Becker (2001), a cultura nacional é constituída por representações, práticas sociais, processos de comunicação e discursos, modos de construir sentidos que influenciam e organizam tanto as ações coletivas e individuais quanto a concepção que temos de nós mesmos e dos outros.

De acordo com Hall (2000), é através das construções identitárias que os indivíduos reconhecem-se e interagem. As identidades sociais são resultantes dos processos de criação de visões do mundo, partilhadas pelos membros de um determinado grupo, e das definições dos lugares sociais dos indivíduos em um grupo e no mundo.

A crise do Estado nacional e os processos de transformação e ressignificação dos territórios físicos e simbólicos, no mundo contemporâneo globalizado, têm provocado uma reconfiguração das identidades locais e globais, aqui compreendidas também como fonte de significados e experiências de um povo, como afirma Castells (2008). Para ele, a contemporaneidade é marcada pela desterritorialização e pela deslocalização, mas também pela reterritorialização.

Para Hall (1999), confrontamo-nos com uma “crise de identidade” derivada do deslocamento das estruturas e processos centrais das sociedades modernas, que abala os antigos quadros de referências que proporcionavam estabilidade no mundo social. Segundo ele, nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações, ao passo que, na atualidade, todo o planeta está em interconexão, as transformações sociais atingem toda a Terra e a experiência de convivência não sofre apenas mudanças rápidas, abrangentes e contínuas, mas também gera outras formas de percepção da vida.

Assim, há um movimento dinâmico de hibridização no qual as diferenças permanecem reconfiguradas. De acordo com Canclini (2005), pensar a hibridização pressupõe pensar a multiculturalidade e a mestiçagem como características intrínsecas aos processos de comunicação global, ou seja, o reordenamento das diferenças e desigualdades, sem suprimi-las.

Para Ortiz (1994), essas transformações são provocadas pela existência do processo de mundialização, pelo alargamento das trocas simbólicas e pelos processos de comunicação e redes de construção de significados que sustentam as identidades; mas também advêm, ao mesmo tempo, do crescente interesse no resgate das tradições, hábitos, costumes e particularidades nacionais e locais.

A globalização intervém na economia mundial, gerando unificação e alargamento de mercados, e as tecnologias de informação e comunicação contribuem de maneira relevante para esse processo de interligação de práticas econômicas, sociais e simbólicas. Com a expansão das tecnologias inerentes à globalização e à mundialização dos processos culturais, o poder do Estado-Nação, na regulação de trocas econômicas e culturais, é reduzido, perdendo poder também nos processos de representação e de sustentação das identidades nacionais (HERMAN; McCHESNEY, 1997).

Além disso, o controle do Estado sobre o tempo e o espaço é superado pelos fluxos globais de capital, produtos, serviços, tecnologias, comunicação e informação, o que leva a uma desintegração dos atuais mecanismos de controle social e de representação política em diferentes países e continentes.

Porém, de acordo com Becker (2001), observam-se movimentos contrários em direção ao fortalecimento e à busca de reconhecimento de experiências culturais não hegemônicas, tecidas por outras redes e dinâmicas socioculturais. Segundo a pesquisadora**,** apesar de o Estado-Nação ter perdido parte do seu poder, mantém ainda certa influência na regulamentação de ações políticas e econômicas, aliando-se e, simultaneamente, desafiando o poder do mercado global para tentar garantir e sustentar alguma autonomia no processo de globalização:

> Os Estados-Nação territoriais perdem certas prerrogativas no processo de globalização, mas ressurge a dimensão local e regional associadas a problemática das identidades culturais e das minorias. Assistimos a emergência de relações sociais planetarizadas, de um mundo real e imaginário que se estende de forma diferenciada por todo o mundo e de reivindicações identitárias muitas vezes carregadas de conflitos simbólicos e físicos violentos (BECKER, 2001, p. 49).

Castells (2008) destaca que a era da globalização é também a era do ressurgimento do nacionalismo, manifestado, tanto pelo desafio que a própria globalização impõe ao Estado-Nação, como pelo movimento contrário de reconstrução das identidades nacionais. Porém, paralelamente ao processo de globalização, constata-se, a partir da década de 1980, a produção e veiculação de informações e de produtos culturais ligados a determinadas regiões, grupos étnicos ou sociais.

Nesse sentido, Santos (2001) advoga que a globalização é também o processo pelo qual determinada condição ou entidade local procura estender a sua influência a todo o globo. Para Sparks (2007), a globalização representa um grande desafio para as idiossincrasias de países em vias de desenvolvimento, como Angola, pois os usos e apropriações das tecnologias de informação e comunicação cristalizam, no imaginário dos receptores, culturas e valores criados e propagados pelas nações mais ricas. Segundo Ianni (1999), a modernização do mundo implica a difusão e a sedimentação dos padrões e valores socioculturais predominantes na Europa Ocidental e nos Estados Unidos da América.

De acordo com Hall (2000), a globalização dilui fronteiras físicas e simbólicas. Sem dúvida, a força da mídia global é capaz de se sobrepor às culturas locais, principalmente em países e regiões menos desenvolvidos economicamente. Porém, constata-se uma mudança nas mediações exercidas pelos meios e em seus modos de interpelação dos sujeitos e de representação das sociedades.

As tecnologias digitais redefinem as distâncias, criando novas configurações territoriais que emergem de processos simultâneos de concentração, descentralização e conexão espaciais, incessantemente elaborados pela geometria variável dos fluxos de informação global (CASTELLS, 2003). E surgem outros espaços de pertencimento a comunidades que transcendem as fronteiras nacionais (HALL, 2000). Appadurai (1997) sublinha que o desenvolvimento tecnológico inaugurou novas concepções de vizinhança e criou comunidades sem sentido de lugar, mas interligadas por redes de interesses.

De acordo com Bauman (1998), a globalização também gera um sistema transnacional caracterizado pela emergência de novos centros de poder/dominação e de produção de imagens e fluxos simbólicos. O autor exemplifica com os centros de produção e distribuição de produtos midiáticos e culturais de países como a Índia, o Brasil, o Japão, o México ou a própria Nigéria, por terem capacidade de difundir os seus

produtos através de redes constituídas com base na história, cultura e língua partilhadas.

No entanto, Martin-Barbero (2001) e Alasuutari (2005) advertem que esses produtos têm abrangência limitada, porque o que é produzido no âmbito do local/regional tende a ter um "valor" cultural e de mercado condicionado à periferia da globalização. Essa situação reflete as assimetrias econômicas, mas também as hierarquias culturais estabelecidas pelas elites, através dos consumos e dos usos das línguas hegemônicas.

De fato, os produtos midiáticos funcionam, simultaneamente, como agentes da globalização - ao proporem comportamentos, formas de consumo e valores simbólicos globais - e, ao mesmo tempo, servem a uma espécie de resgate regional de espaços simbólicos e culturais locais e regionais.

Contudo, a mundialização da comunicação e da cultura não anula o sentido identitário das nações subdesenvolvidas, pois os discursos de proximidade ganham estatuto de cidadania como resposta aos processos de uniformização inerentes à globalização.

Nesse contexto, discute-se cada vez mais a gestão de políticas públicas locais, em diferentes setores da vida social, e modos de comunicação alternativos; renascendo o interesse pela identidade e cultura nacionais e regionais.

Para Léna (*apud*BECKER, 2001), registra-se a revalorização dos espaços primários, baseados na partilha de práticas, de valores, de herança histórica de comunidades étnicas e culturais. E amparados por essa coletividade simbólica, a qual nunca deixa de fazer sentido para diferentes gerações, os indivíduos enfrentam os desafios da contemporaneidade, por meio de reivindicações identitárias vinculadas ou não aos seus territórios físicos, buscando resgatar um certo nível de autonomia e de liberdade.

Segundo Becker (2001), a reorganização das fronteiras físicas e simbólicas no Século XXI não é harmônica, gera tensões e disputas, sob expressiva influência da mídia e das tecnologias de comunicação e informação (TIC), assim como de seus usos e apropriações. Porém, produz novas organizações espaciais, experiências, formas de expressão, comportamentos, valores e, inclusive, o surgimento de associações civis e/ou instituições. Esses dinâmicos processos, compreendidos como fenômenos culturais e de comunicação, demandam, como sugere a autora, pensar as sociedades complexas na

atualidade a partir das mediações e dos produtos midiáticos, considerados como práticas sociais, um desafio teórico para entender melhor o mundo em que se vive.

Apesar dos processos de mundialização da cultura e da informação, como ressalta Wolton (1999), é no interior do espaço público nacional que se estruturam, quase sempre, as codificações e decodificações de grandes acontecimentos, os quais ganham ou não projeção. Thompson (*apud* BECKER, 2001) afirma que a apropriação dos produtos da mídia, pelos consumidores e suas interações, têm demandado a atenção de pesquisadores para o campo da recepção, principalmente a partir da década de 1980, e esses estudos têm revelado alguma hegemonia por parte dos receptores na interpretação e nos efeitos das mensagens:

> É preciso considerar a enorme diversidade de temas, imagens e representações que caracterizam a produção da indústria da mídia e, principalmente considerar as maneiras singulares e variadas nas quais as mensagens são interpretadas pelos indivíduos e incorporadas no seu cotidiano doméstico (THOMPSON, 2008, p. 56).

O autor também aponta que a globalização da comunicação, através da mídia eletrônica, é apenas a mais recente de uma série de embates culturais, alguns dos quais vem acontecendo há muitos séculos, muito antes da importação de conteúdos ocidentais midiáticos, através dos quais valores, crenças e formas simbólicas se sobrepuseram umas às outras, muitas vezes com o uso do poder coercitivo, político e econômico. Porém, diante de pressões externas, muitos países do terceiro mundo, em diferentes situações, mantiveram mais ou menos intactas suas tradições culturais.

Em síntese, Hall (1999) destaca três consequências do processo de globalização sobre as identidades nacionais: desintegração, como resultado da homogeneização cultural; reforço, através de identidades locais e singulares; ou hibridização.

Nesse contexto, propõe a articulação entre local e global, ou seja, compreende a hibridização cultural como um processo de tradução cultural, forma criadora de novas percepções do mundo. Wallerstein (1984) e Robertson (2000) destacam que, para a compreensão do particularismo, o entendimento do universalismo faz-se necessário, sugerindo que o inverso também é verdadeiro. O que significa dizer que o global e o local, mais do que compatíveis, não se anulam entre si.

Lévi-Strauss (1976) já alertava que, quanto menor fosse a possibilidade das

culturas locais receberem do exterior novos aspectos de cultura universal, menos capazes seriam de compreender a sua própria identidade, enfim, a especificidade que lhes consigna a diferença. Mesquita (2000) afirma que as leituras que privilegiam a maximização das culturas globalizantes, em detrimento das particulares e locais, são inadequadas, porque a mundialização, além de não significar a anulação das dimensões nacional e regional, coexiste com a reativação e intensificação dessas mesmas identidades.

Para Boaventura Sousa Santos (2000), se as pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza, têm igualmente o direito a ser diferentes sempre que a igualdade os descaracteriza. De acordo com Renato Ortiz (2000), perante a globalização, a diversidade cultural deve ser pensada em uma dimensão cosmopolita, já que, só através de uma visão abrangente e simultaneamente específica, se valoriza a diferença, ou seja, é possível conciliar a unidade na diversidade.

A relação entre identidade global e identidade local assume um caráter de complementaridade no quadro da globalização. Para Alain Herscovici (1996), a própria dinâmica do sistema mundial torna necessária a preservação do local, pelo que, apesar de sua especificidade, a cultura local não deve ser pensada como oposição ao global, mas como a expressão do universal.

As identidades, quer globais quer locais, se constroem e se reconstroem constantemente no interior das trocas sociais e culturais. Nesse caminho de compreensão, não há identidade entre si, nem mesmo unicamente para si. Identidade e alteridade estão intrinsecamente ligadas numa relação dialética. Assim, o processo de construção de identidade nacional, no contexto da globalização, resulta de processos heterogêneos de negociações e disputas de sentidos.

Porém, transcorridos mais de trinta anos desde a criação da *Nova Ordem Mundial de Informação e Comunicação,* constata-se que acontecimentos nacionais e relações internacionais continuam a ser relatados e ganham projeção de formas desiguais na sociedade global, em função de interesses econômicos e políticos.

O Relatório MacBride[6] surgiu em Maio de 1980, com a finalidade de

[6] O Relatório MacBride foi solicitado pela Unesco como parte de um projeto lançado em 1970, intitulado Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação (NOMIC), tendo à cabeça o Movimento dos Países Não-Alinhados, os quais reconheciam o princípio universal do direito à comunicação e à informação, devendo esse ser legitimado e assegurado por fatores políticos, econômicos e sociais. O

denunciar o desequilíbrio informativo entre grupos, comunidades, regiões e povos ricos e pobres, propondo políticas públicas de comunicação para democratizar o processo comunicativo e para reduzir as desigualdades tecnológicas e as carências cognitivas existentes na geografia do planeta.

Encomendado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) a uma equipe de diversas personalidades liderada por Sean MacBride, o referido documento apontou perspectivas para suprir as demais carências socioeconômicas, bem como identificou o fluxo mundial dos produtos midiáticos e buscou garantir fluxos comunicativos desverticalizados, abrindo oportunidades iguais de expressão a todos os atores do processo comunicativo.

De fato, o Relatório MacBride faz uma contextualização histórica da comunicação em um período marcado pela desigualdade entre as nações, constituindo-se, por isso, numa crítica ao fluxo unidirecional da informação da época, aos conteúdos com valores distorcidos, e ao prosseguimento do sistema colonialista pelo controle da informação, considerando que os meios de comunicação contribuem para a imposição de ideologias.

O documentou examinou e identificou os problemas e desafios de comunicação da sociedade contemporânea, sugerindo que os meios de comunicação, mais do que simples sistemas tecnológicos, tornaram-se instrumento político, força econômica, desvelando a urgência da democratização desses meios para assegurar a participação pública na tomada de decisões.

Neste contexto, recolocar na ordem do dia a questão da inserção da África e Angola é relevante, em particular, nos contextos informativo e comunicativo internacionais. De acordo com Melo (2008), as ideias contidas no Relatório MacBride continuam a potencializar a consciência coletiva sobre os desequilíbrios internacionais e as desigualdades regionais. Mas as carências locais, persistentes no panorama global da comunicação, suscitam novas soluções, consentâneas com o espírito dos tempos atuais[7].

O continente africano raramente ocupa a agenda mundial, mas a *mídia* exerce papel de destaque na representação identitária, no processo de produção de

---

documento pode ser consultado através da reprodução contida na fonte disponível em: <www2.hawaii.edu/rvincent/mcbcon1.htm>.

[7] Cf. MELO, José Marques. MacBride, a NOMIC e a participação latino-americana na concepção de teses sobre a democratização da comunicação. *In Globalização e comunicação internacional*, p. 42-59, 1º semestre 2008.

sentidos e nas enunciações dos acontecimentos em diferentes países da África, o que será discutido adiante.

Por outro lado, segundo Medina (1988), esforços para eliminar os descompassos entre os países pobres e países ricos têm privilegiado mais a tecnologia do que a qualificação dos recursos humanos que produzem a informação – o jornalista e/ou o comunicador social, uma vez que poucos investimentos têm sido canalizados para melhorar suas práticas profissionais.

A fixação no processo técnico de produção de notícias impediu por muito tempo os jornalistas de se perceberem como atores sociais relevantes nos processos de comunicação midiáticos e do próprio fazer jornalístico, o que colaborou para aprofundar a distância entre eles e seus interlocutores, ambos vistos pela indústria cultural através do filtro das cifras que movem os interesses de mercado.

2.3 Processos de comunicação: global x local

Os meios de comunicação e os usos de tecnologias de informação e comunicação intervêm nas construções e nas expressões de identidades, sobretudo no mundo globalizado, por causa das refigurações enfrentadas pelo Estado-Nação. Os processos de comunicação midiáticos conferem maior ou menor projeção social e legitimam ou não aspirações de diferentes vozes sociais. A midiatização dos fenômenos culturais influencia sobremaneira as construções de identidades por meio de discursos e representações que atribuem valores simbólicos à população de um país ou grupo social.

Para Taylor (1997), a afirmação e o reconhecimento de identidades estão associados, em grande medida, à conquista da visibilidade midiática. Segundo Hall (2000), as identidades são construídas dentro e não fora dos discursos, em locais históricos e institucionais específicos e no interior de formações discursivas e estratégias singulares.

A ordem mundial de informação e dos processos de comunicação é parte constitutiva da globalização; e as pessoas partilham as mesmas experiências noticiosas (LOZANO, 1998). A realidade é uma construção social modelada e remodelada através da interação constante entre as estruturas institucionais socialmente estabelecidas e as consciências individuais, sob forte influência da mídia.

De acordo com Duarte Rodrigues (1999), os processos de comunicação produzem trocas simbólicas que alimentam a sociabilidade e geram os laços sociais, no contato com o outro, o que influencia também as elaborações da noção de alteridade. Para além de conferir visibilidade e projeção social, a mídia constrói e redimensiona as expressões de identidade coletiva. Sodré (2008) advoga que as práticas socioculturais comunicacionais vão se instituindo como um campo de ação geral correspondente a uma nova forma de vida sob a midiatização. A própria mídia já é uma nova forma de consciência coletiva, um modo específico de produzir sentidos.

A comunicação é parte integrante do processo identitário, que é dinâmico, aberto, construído e reproduzido nos processos comunicativos. De acordo com Maia (2003), a mídia colabora na proliferação de identidades para um maior dinamismo cultural. Segundo Medina (2007), no processo de afirmação da identidade, a mídia intervém na mediação de significações culturais intertextuais, produzindo suas próprias narrativas e reorganizando os significados multiculturais e polifônicos circulantes para que sejam apreendidos e compreendidos pelos grupos sociais sob determinadas direções.

De acordo com Martín-Barbero (2003), as identidades são construídas, reconstruídas e reconhecidas como tais nos processos de midiatização operados pelos dispositivos tecnológicos midiáticos. Por isso, os meios de comunicação tornaram-se os principais *lugares de memória*[8]; eles constituem as mais relevantes testemunhas da história.

Para Barbosa (2007), a mídia exerce papel social relevante ao selecionar o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido; ela contribui para a constituição do imaginário social[9], pois constitui um espaço de produção de discursos e promoção de significados. Mariani (2007) atribui à mídia a cristalização da memória do passado e a construção da memória do futuro.

---

[8] A expressão "lugares de memória" é da autoria do historiador francês Pierre Nora, para analisar o entrecruzamento entre o respeito ao passado e o sentimento de pertencimento a um dado grupo; entre a consciência coletiva e a preocupação com a individualidade; entre a memória e a identidade. NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. In NORA, Pierre (Org.). *Lex lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984.

[9] O imaginário social é o conjunto de valores, regras, esquemas e convenções aceitos pelas sociedades sem questionamentos, assumindo *status* de "verdades históricas". É o conjunto de representações coletivas sedimentadas que, transmitidas de geração em geração, formam uma base comum a todos, uma espécie de matriz cultural (MORAES, 1998).

A mídia potencializa os jogos identitários à medida que expande o espaço de comunicação e aumenta o número de redes comunicativas, contribuindo, igualmente, para que os indivíduos e as coletividades produzam diferenças cognitivas dentro e entre os grupos sociais. Segundo Martín-Barbero (2003), num mundo profundamente marcado por um elevado grau de pluralismo e por um processo de desmistificação das tradições e dos costumes, constata-se uma grande propensão para os discursos e os conteúdos midiáticos mediarem grupos e gerarem consensos, o que produz efeitos significativos nos modos como os referenciais de construção e fixação das identidades são definidos.

Segundo Barbosa (2007), a produção de novas sociabilidades é regulada por aparatos tecnológicos que instauram relações dialógicas e produzem subjetividades. "Os corpos passam a ser, de maneira quase que simbólica, afetados pelas relações de comunicação. Em todos os lugares, o rádio, a televisão, os jornais, as revistas inserem-se na vida"(BARBOSA, 2007, p. 33).

A atuação da mídia confere sentido aos processos culturais, reforçando os valores consensuais existentes na sociedade. As práticas discursivas legitimam, institucionalizam e organizam sentidos e formas de agir na construção da vida social. Para além disso, constituem-se nos verdadeiros espaços de construção do imaginário social. De acordo com Coelho, a mídia é um instrumento importante no processo de construção e desconstrução das identidades nacionais, entendida como o conjunto de arquétipos ou referenciais de comportamentos, hábitos e costumes, práticas e tradição, características, essências, naturezas e obrigações morais partilhados, o que leva um indivíduo a autoidentificar-se como membro de uma determinada Nação.

Por conseguinte, a identidade é percebida como a fonte de significado e experiência de um povo, ou por traços distintivos estáveis ou permanentes, pelos quais se reconhece a história de uma comunidade ou uma determinada nação (SODRÉ, 1999). De acordo com Calhoun (*apud* CASTELLS, 2008):

> Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida... O autoconhecimento – invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta – nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros (CALHOUN *apud* CASTELLS, 2008, p. 22).

Os processos de construção de sentidos e das materialidades discursivas da

imprensa angolana, na cobertura midiática da visita do Papa Bento XVI a Angola, revelam de maneira expressiva parte significativa da identidade religiosa dos angolanos. Na conjugação de interesses midiáticos e religiosos, na referida cobertura jornalística, registram-se, por meio de rememorações e exaltações do passado, processos de legitimação de discursos que buscam operar uma harmonia entre os cidadãos.

2.4 Práticas midiáticas em Angola

A sociedade angolana está em crescente processo de transformação social, cultural, política e econômica, especialmente desde a proclamação da independência nacional, ocorrida em 11 de Novembro de 1975.

A mídia tem sido uma das mais privilegiadas promotoras dessas mudanças, como um espaço relevante de intervenção política; e também tem participado dos processos de construção e de aproximação de representações identitárias das distintas culturas que congregam a Nação Angolana, enaltecendo o sentimento de pertencimento aos diversos grupos sociais.

Os meios de comunicação pautam-se como um dos principais defensores das identidades nacionais, na medida em que desempenha uma função de expressão de valores já preexistentes na sociedade: expressando e articulando a diversidade etnocultural de Angola nos seus discursos, até porque a consolidação da ideia de Nação, assim como a construção das identidades, estão ligadas à forma como se narra a própria experiência cotidiana do povo (ANDRADE, 1997; MATA, 2001).

No entanto, as nações diferenciam-se pelos modos como são imaginadas e narradas, revelando-se a pertinência dos estudos de mediações e narrativas midiáticas no processo de construção de representações identitárias e memória social coletiva, o que será discutido no desenvolvimento desta Tese de Doutorado, no Capítulo IV.

O espaço midiático angolano possibilita a circulação e a partilha de sentidos, de informações capazes de interligar os sujeitos sociais, de significações da experiência cotidiana, que podem contribuir para a construção da ideia de Nação e de percepção do país, por congregar os diversos grupos étnicos, sociais e políticos, levando-os a pensar sobre os mesmos assuntos e problemas que vivem no dia a dia.

A propósito, Becker (2005) destaca que, através do telejornal, por exemplo, a televisão cria e procura dar visibilidade a uma experiência coletiva de Nação. É um espaço importante de construção de sentidos do nacional como um ritual diário.

Um estudo recente demonstrou que os angolanos conferem grande importância aos noticiários televisivos, sendo considerados os programas mais vistos, pese o fato de não acreditarem na fidelidade das matérias divulgadas[10].

A mídia também exerce um papel importante no registro da memória e da história da população angolana, oferecendo e assegurando, ainda que sob determinadas condições, a participação de atores sociais diversos no processo de integração social e cultural do país.

Além de ser um dos principais instrumentos de produção e difusão de conhecimentos, sobretudo para as populações carentes, os meios de comunicação constituem, em si mesmos, um bem cultural de primeira necessidade em Angola. Ao mesmo tempo em que valorizam expressões culturais particulares e legitimam distintos grupos sociais, promovem identidades comuns, o que resulta na autoidentificação do angolano com a sua nacionalidade, seus direitos e deveres. Desse modo, a mídia não deixa de estimular o exercício da cidadania, ainda que modelando aspirações da sociedade civil em seus discursos.

A globalização representa um grande desafio para Angola. O desenvolvimento da ciência e das tecnologias de informação e comunicação, assim como a expansão da economia de mercado, acarretam grandes mutações na cultura e na vida social angolanas. Se os avanços tecnológicos permitem a difusão em escala planetária de produtos culturais de países desenvolvidos, também proporcionam a possibilidade de desenvolvimento de canais de comunicação alternativos aos sistemas hegemônicos, abrindo espaço para manifestações culturais locais.

Contudo, Angola enfrenta inúmeras dificuldades, mais especificamente, a fraca experiência de utilização de tecnologias de informação e comunicação, devido ao baixo nível de escolaridade da população, ao custo elevado dos serviços de telecomunicações e dos computadores e ao défice de oferta de eletricidade, além da falta

[10] O estudo foi encomendado em 2014, pelo Ministério da Comunicação Social, à empresa de comunicação LINK, para avaliar o impacto da televisão no público de Luanda. Dirigida por brasileiros, a MLink é a principal assessora de comunicação do governo, sendo a primeira instituição a prestar assessoria de marketing político e eleitoral ao MPLA, nas eleições de 1991. Hoje, é uma das principais empresas nos ramos da publicidade e marketing.

de recursos financeiros e infraestruturais e de quadros de profissionais qualificados.

Segundo dados do governo angolano, atualmente apenas 10% da população do país têm acesso à internet e 40% beneficiam-se de luz elétrica; e 70% dos angolanos que têm acesso à internet e à luz elétrica residem na capital, Luanda. Em 2012, o Orçamento Geral do Estado canalizou somente 8,09% para a educação. Um índice ainda menos expressivo, se comparado a outros países da África. Por exemplo, Gana investe no setor mais de 30% de seus recursos; a África do Sul, um quarto do orçamento e Lesoto, 17%[11].

Neste sentido, o investimento na modernização e nos setores da educação e da cultura é a resposta adequada para os desafios da globalização em Angola, por incentivar o desenvolvimento econômico e social; propiciar o acesso ao conhecimento; e permitir uma melhora das condições de participação dos cidadãos na tomada de decisões. Além disso, abre novas perspectivas aos direitos fundamentais de intervenção democrática e ao exercício de novas modalidades de diálogo, tanto em escala nacional, quanto regional e local.

Desse modo, a própria memória histórica e a experiência dos angolanos, como povo, são reforçadas, assim como a coesão social e a diversidade cultural, considerando a necessidade de um aprofundamento da independência nacional e não uma conformação econômica e cultural à globalização.

Hoje, os meios de comunicação estabelecem uma unificação da diversidade cultural em Angola e, contraditoriamente, também contribuem para a preservação das tradições culturais e para a criação de novos hábitos e costumes, bem como de expressões artísticas. Observa-se um esforço da mídia e dos profissionais para acompanhar as tendências globais de um setor tecnologicamente sofisticado, assumindo a qualificação técnica, a competitividade e o aumento da produtividade como metas.

O governo angolano investiu no setor da comunicação social, em 2012, quase 50 milhões de dólares americanos em aquisição de equipamentos, construções e reabilitações de instalações e modernização dos equipamentos e infraestruturas[12].

As mudanças e transformações inerentes à globalização intervêm nos

---

[11]Orçamento Geral do Estado da República de Angola para o ano em exercício de 2012 (Fonte: Ministério das Finanças).

[12]Orçamento Geral do Estado da República de Angola para o ano em exercício de 2012 estipula em USD 49,527,000.00 o investimento no setor da comunicação social (Fonte: Ministério das Finanças).

discursos e nos processos de construção de sentidos midiáticos e também implicam mudanças profundas na maneira de realizar e compreender o trabalho jornalístico, tanto no posicionamento sociopolítico dos jornalistas, quanto na avaliação do perfil desses profissionais pela sociedade. Para Garcia (1994), os jornalistas são produtores das formas de conhecimento ligadas à informação pública socialmente relevante para se viver em sociedade. Porém, a identidade dos jornalistas não resulta apenas dos papéis que exercem na sociedade.

Castells (2000) entende por identidade o processo de construção de significado com base em um conjunto de atributos culturais inter-relacionados e defende que o perfil dos jornalistas está relacionado sobretudo à organização de fontes de significados inerentes à sua atividade (valores, crenças, *ethos*, normas, técnicas, padrões produtivos, memória, representações), os quais estão em permanente transformação. Neste contexto, os jornalistas funcionam como membros de uma comunidade que partilha, não só uma cultura de interpretação e de intervenção, mas também um imaginário de representações.

Bourdieu (2003) afirma que os jornalistas partilham crenças, assim como estruturas cognitivas, perceptivas e avaliativas, daí o *habitus* inerente à profissão jornalística que, em síntese, é o sistema de disposições socialmente constituídas com o objetivo de regular as práticas de um determinado grupo.

Assim, os jornalistas são orientados por determinados *ethos*, valores e princípios que garantem o desenvolvimento e a qualidade do seu trabalho. O *habitus* permite compreender a aceitação das regras de conduta de forma naturalizada. Para Bourdieu (1997, p. 172), o hábito funciona como a materialização da memória coletiva que reproduz para os sucessores as aquisições dos precursores.

Os jornalistas constituem aquilo que Zelizer (*apud*TRAQUINA, 2001) denominou uma "comunidade interpretativa", pois possuem um enquadramento de referência partilhado para trabalhar ou se constituem em si mesmos como uma "tribo", conforme propõe Maffesoli (1988), pois são um grupo unido pelas suas interpretações partilhadas da realidade.

Para Ponte (2005), o jornalista apresenta-se enquanto elemento de um corpo profissional com uma certa identidade de tarefas sociais, técnicas, saberes, normas e valores sobre a profissão e seu papel na sociedade.

Na época do monopartidarismo (1975-1991), os jornalistas angolanos estiveram social e politicamente condicionados pelo sistema político vigente, operando, simbolicamente, como caixas de ressonância e extensões do poder.

No tempo da Guerra Civil (1975-2002), a mídia não foi mais do que uma peça no xadrez político do conflito armado que assolou Angola.

Com a restauração da democracia e da relativa paz política, fato ocorrido como consequência da morte de Jonas Savimbi e da assinatura dos Acordos de Paz do Luena, em 4 de abril de 2002, os jornalistas passaram a buscar um desempenho profissional livre de dogmas do passado e a defender a liberdade de expressão e de valores que exprimem a identidade nacional[13].

Hoje, as preocupações dos jornalistas e dos seus públicos são outras e diversas. Passada a fase do engajamento militante do período que precedeu o fim da guerra civil, os atuais desafios da imprensa passam pela afirmação social da profissão e pela recriação de novos sentidos e novos registros das realidades nacional e internacional.

A mídia tem contribuído para a conscientização cívica e política dos cidadãos, investindo em sua própria participação na vida pública e no processo de desenvolvimento socioeconômico e político-cultural de Angola[14]. No entanto, o Estado continua a ser o maior detentor dos órgãos de informação, assim como registra-se défice de pluralismo e diversidade informativos.

Por outro lado, a maior parte dos investimentos no setor da comunicação está localizada em Luanda; os partidos da oposição e ativistas exigem, para além da transmissão direta das sessões do parlamento, maior pluralismo, abertura e presença nos órgãos públicos; e os jornalistas queixam-se da falta de regulamentação da Lei de Imprensa, no que concerne ao livre acesso às fontes de informação pública, assim como à melhoria das condições de trabalho.

---

[13]A Lei de Imprensa, Lei n. 07/06, de 15 de Maio, estipula, no seu Artigo 11, entre outros, que o jornalista deve contribuir para consolidar a Nação Angolana, reforçar a unidade e identidade nacionais e preservar a integridade territorial, assim como promover a boa governação e a administração correta da coisa pública, assegurando, igualmente, a livre expressão da opinião pública e da sociedade cívil.

[14]No capítulo da liberdade de expressão, a*Estratégia da Comunicação Social (2013-2017*) do Governo de Angola defende a continuação de uma política de informação e comunicação que amplie as conquistas alcançadas no que concerne aos direitos e garantias dos cidadãos, assumindo o compromisso de aperfeiçoar, fortalecer e modernizar o sistema nacional de comunicação, posicionando-o como um agente catalisador do desenvolvimento econômico, social e político.

Para Carlos (2004) impõe-se uma racionalidade comunicativa aberta aos desafios do futuro e que valorize o consenso social e a identidade nacional. As recentes manifestações políticas nas ruas, em todo o mundo, e o impacto de novas forças e tendências sustentadas pelas redes sociais, alertam para o esgotamento de modos de exercitar a política e para a inadequação de processos comunicacionais tradicionais.

Observa-se uma reivindicação da sociedade pelo seu reconhecimento como ator social relevante na arena pública o que sugere novos modos de vida e relações de poder. Sem dúvida, há novos formatos e novos meios de comunicação que exigem novas formas de percepção e análise, uma vez que as implicações políticas, culturais e sociais da mídia tendem a intervir na economia e na autonomia do país.

Sob essa perspectiva, questiona-se, a partir de um estudo da cobertura jornalística da visita do Papa a Angola, se e como os meios de comunicação angolanos colaboram para valorizar as singularidades culturais da Nação e contribuem para uma ampliação da consciência histórica e para a promoção do desenvolvimento econômico e social do país.

2.5 África: contradições e desafios

A África figura nas páginas da mídia mundial, tendencialmente associada à guerra e à violência, à falta de democracia e à catástrofe (CARLOS, 2003).

Os jornalistas e intelectuais dos países ocidentais, em geral, revelam desconhecimento histórico-cultural das diversas realidades da África, além de saudosismos e preconceitos. Na maior parte das notícias registra-se desinformação, deformação ou omissão de informação. Os critérios de *noticiabilidade* reforçam o etnocentrismo de países de elite, já que enfatizam o paradigma da cultura ocidental (MATTELART, 1997). E a própria imprensa africana não foge à lógica do subdesenvolvimento e da dinâmica jornalística ocidental de privilegiar o insólito e o anormal (CARLOS, 2003).

Dados da UNESCO (2006) apontam que mais de 80% das notícias escritas e mais de 90% das notícias audiovisuais são divulgadas por empresas dos países ricos; e que os países subdesenvolvidos possuem apenas 10% dos telefones do mundo, inclusive os celulares.

Há um claro domínio privado capitalista exercido pelos Estados Unidos e pelo mundo anglo-saxão, através das agências de notícias, nomeadamente, France Press (França), Associated Press (EUA), Reuters (Inglaterra), Deutsche Presse-Argentur (Alemanha), EFE (Espanha), sem contar com as grandes multinacionais da notícia, como a CNN (EUA), BBC (Inglaterra), Rádio France Internacional (França) (MATTELART, 2002).

Assim, a maioria da população mundial continua a ser informada sobre o que se passa no exterior através de agências transnacionais que relatam os acontecimentos de acordo com o significado e a importância que a informação tem para o seu centro emissor, criando redes complexas que comandam fluxos informativos a partir de seus nós e que, segundo Raffestin (1993), constituem lugares de poder e de referência.

Ou seja, as referidas agências transnacionais produzem redes complexas de fluxos cada vez mais voláteis, redes que não são apenas técnicas, mas constituídas por visões sociais e políticas (SANTOS,1996).Segundo estudos, 55% das indústrias culturais (cinema, vídeo, música, TV e programas de rádio etc.) do mundo são controladas por empresas norte-americanas; 25%, por empresas europeias; 15% por japonesas, e o restante por empresas asiáticas; 5% por latino-americanas. A participação do continente africano no comércio global de produtos criativos é de menos de 1% das exportações mundiais, apesar de um nítido crescimento, corporizado pela indústria cinematográfica nigeriana[15].

Neste sentido, as agências e os órgãos de comunicação nacionais dos países subdesenvolvidos acabam por ter uma função muito limitada. Segundo a UNESCO (2006), a maioria das informações sobre diferentes países e continentes é fornecida pelas grandes agências noticiosas mundiais, que interpretam os acontecimentos de acordo com os padrões, valores e ideologias ocidentais.

As agências nacionais podem cobrir assuntos e filtrar a comunicação com o mundo exterior, tanto no sentido de envio das mensagens como no de recepção. No entanto, não podem fazer ouvir a sua voz em todos os outros países (UNESCO, 2006). Esta realidade é bastante expressiva na África, sobretudo nos países do sul do Saara,

---

[15] Culture Is Not a Luxury. Département Suisse de la Coopération, 2001, p. 10. Disponível em: <http:// www.culturematters.ch/en/Home/document.phpitemID=774&langID=1>.

uma vez que o setor da comunicação ali existente continua mergulhado em dificuldades de ordem financeira e infraestrutural.

Segundo Saleh (2010), a própria educação jornalística no continente africano é resultado direto da fraca base econômica, do patrocínio político, da fragmentação cultural, da concentração geográfica centralizada e da credibilidade decrescente.

Partindo do pressuposto de que a mídia é relevante nos processos de produção de sentidos, questiona-se: que imagens têm os outros povos sobre a África e que imagem têm de si os próprios africanos em função das imagens construídas pelo olhar dos outros?

Cada grupo constrói, reforça e reproduz uma concepção da realidade social tendo em conta os seus interesses, ambições, valores e crenças, uma vez que os indivíduos atuam inconscientemente de acordo com os estereótipos que têm do seu próprio grupo e de acordo com as suas identidades sociais. Esses modelos, construídos através de experiências, são alimentados pelas relações cotidianas, processo no qual os meios de comunicação assumem um papel preponderante[16].

Os povos africanos são condicionados a perceberem a si mesmos no contexto internacional exatamente da maneira como são vistos e representados. De acordo com Cruz (2009), as imagens que os povos têm uns dos outros são parcialmente determinadas pelos fluxos mundiais de informação. Cada povo constrói uma ideia de si e dos outros em função das imagens que sobre si e sobre os outros se vão produzindo (ABÉLÉS, 1995).

As imagens criam a experiência da sociedade humana. Todas as sociedades funcionam através de um imaginário coletivo, de um cosmos de representações. Durkheim (1999) sublinha que uma sociedade é constituída, acima de tudo, pelas ideias que os indivíduos têm de si mesmos (e não pelo conjunto de pessoas que a compõem), pelo território que ocupam, pelas coisas que utilizam e pelos atos que realizam. No que concerne à problemática da África, na imprensa ocidental, as notícias atuam como construção ou perpetuação de estereótipos que agem sobre as convicções socialmente existentes (FERRIN, 2001).

Sem dúvida, há um domínio informativo e cultural que os países mais

[16]BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*.Petrópolis: Vozes, 1987.

avançados exercem sobre os menos desenvolvidos.

A imagem que as mídias ocidentais constroem de países (não necessariamente) periféricos, através da cobertura de certos acontecimentos, com abordagens negativas que excluem outros aspectos mais positivos, influi na percepção da realidade social produzida sobre esses países.

Esta situação atenta contra as identidades culturais nacionais, bem como representa uma ameaça à política externa, principalmente de países menos desenvolvidos, como os africanos. As notícias e os veículos jornalísticos multinacionais influenciam globalmente as correntes de opinião pública e a tomada de decisões sobre assuntos internacionais.

A maioria dos países africanos está excluída da terceira revolução, que elege a informação como matéria-prima e impõe uma reorganização das regras de funcionamento das sociedades[17]. A África combina o melhor e o pior, sendo o continente com a população mais jovem; tem 54 países, albergando 940 milhões de habitantes, 310 milhões muçulmanos (39,6%) e 117 milhões católicos (14,9%), abrangendo diferentes regimes políticos, contextos históricos, culturais, religiosos, econômicos e geográficos e uma grande complexidade étnica e linguística.

Por outro lado, as diversas tentativas políticas empreendidas pela classe política africana, no sentido de se alcançar a autonomia em termos informativos, não têm tido sucesso. A Agência Pan-africana de Informação (PANA), criada em Addis Abeba (Etiópia), em abril de 1979, pelos Chefes de Estado membros da então Organização de Unidade Africana (OUA), está à beira da falência financeira.

A iniciativa, que visava criar um serviço de informação em escala mundial sobre a África, feito por e para os africanos, resultou do processo de descolonização iniciado na década de 1960, tendo sido impulsionada pela Conferência Geral da UNESCO, de 1976, em Nairobi (Quênia), no âmbito da instauração do conceito da Nova Ordem de Informação e Comunicação (NOMIC). Mas a ideia já vinha sendo alinhavada desde maio de 1963, quando da realização da Conferência Constituinte da OUA.

---

[17]Segundo dados recentes, a África tem uma porcentagem de 5,6% na utilização da Internet, contra 94,4% do restante do mundo (Usageandpopulationstatisc for Africa. June 30, 2010.Disponível em: <www.internetworldstats.com>. Acesso em: 27 mar. 2014), ainda que concentre uma das maiores taxas de população, cerca de 820 milhões de habitantes, distribuídos em 53 países e representando cerca de um sétimo da população do mundo (estimativas de 2011 do PNUD).

Por conseguinte, a questão da reorganização dos fluxos globais de informação entre os países pobres e países ricos está na ordem do dia desde 1970. Contudo, verifica-se continuamente um profundo desequilíbrio do fluxo noticioso entre o hemisfério Norte e o Sul.

Além disso, constata-se uma tendência para a concentração, mundialização e internacionalização das atividades de comunicação e telecomunicações nos países mais desenvolvidos, enquanto nos países menos desenvolvidos verifica-se uma penúria em termos informativos.

As relações internacionais continuam a ser relatadas de forma desproporcional, refletindo a *cosmologia ocidental*, fenômeno potenciado pela globalização. Sodré (2008) considera que a globalização se mostra claramente regional no seu modo de ação, uma vez que os investimentos concentram-se mais em determinadas regiões do mundo. Para Becker (2001), a globalização da comunicação é um processo complexo e desigual, que tem beneficiado mais a uns do que a outros, incluindo mais rapidamente algumas partes do mundo na rede de comunicação global do que outras.

Nesse sentido, impõe-se o desencadeamento de um processo coletivo de descolonização do olhar e da forma de comunicar a África, ou melhor, as Áfricas, processo que passa pela definição de estratégias visando a redistribuir e equilibrar os fluxos de informação entre países ricos e subdesenvolvidos.

O terceiro mundo deve almejar a autonomia em termos de produção e distribuição dos seus conteúdos midiáticos e produtos culturais.

Segundo Mata (2007, p. 21), o contexto pós-colonial recomenda um discurso sobre uma África em desestruturação política, ética, moral e sociocultural, de acordo com a confinação à memória pré-colonial ou colonial instituída. Porém, existe, por parte da própria África pós-colonial, a vontade de superar os limites dessa memória remota para expor as contradições e perspectivas do presente.

Registra-se o emergir de cânones ancorados na recriação de diversas tradições africanas e na absorção de expressões e de tendências da contemporaneidade mais progressistas.

Saleh (2008) desafia a África a abrir-se a uma liderança de intelectuais que possam fazer uso de seus conhecimentos para confrontar o atual ambiente corrupto e a

deficitária cultura democrática de alguns países do continente.

De fato, os africanos têm que construir os seus próprios modos de transmissão da sua realidade cultural. Constituindo uma forma de resistência simbólica aos discursos dominantes, a narrativa africana moderna precisa ser entendida no seu contexto histórico, porém, também atual.

Nesse sentido, as tecnologias da informação e comunicação podem servir para alavancar o crescimento do continente africano, que deve contar com a participação de uma opinião pública politicamente bem informada e engajada no processo de tomada de decisão a respeito do seu presente e futuro. Para Saleh (2010), a falta de um Estado democraticamente forte e de uma imprensa atuante na monitorização da atuação do governo e eficaz no fomento do progresso social leva sempre a uma frágil representação da sociedade civil e geralmente a um tecido social vulnerável às desigualdades exacerbadas.

Assim, ele defende um modelo de sociedade em que seja possível constatar o relevante papel da sociedade civil para o desenvolvimento social de Angola, também através de narrativas da mídia, produzidas pelos cidadãos, de modo que possam ser constituídos e compartilhados processos de comunicação de baixo para cima, capazes de ter ressonância no bem-estar das pessoas.

Sob essas perspectivas, este trabalho pretende contribuir para uma compreensão dos modos como a imprensa constrói grandes acontecimentos em países subdesenvolvidos, como a visita do Papa Bento XVI a Angola, oferecendo, por meio de uma leitura crítica dos discursos jornalísticos, possibilidades de ampliar percepções sobre as identidades culturais dos angolanos e de interagir com os conteúdos da mídia sobre as realidades local e global em outra direções.

3 PARA COMPREENDER O JORNALISMO

Neste Capítulo, aborda-se o jornalismo como forma de conhecimento e prática social e cultural susceptível de organizar experiências compartilhadas e produzir consensos.

Para o enquadramento teórico desta Tese de Doutorado, dentre outras, são destacadas duas perspectivas de estudo da noticiabilidade jornalística usadas nos estudos sociológicos dos meios de comunicação, nomeadamente, a perspectiva estrutural e a etnometodológica.

A primeira destaca critérios de seleção na determinação do que é notícia; e a segunda confere primazia a um conjunto de práticas emaranhadas na organização da rotina do trabalho do jornalista.

Por outro lado, analisa-se também o discurso e o acontecimento midiáticos, assim como os critérios que orientam o trabalho dos jornalistas dentre uma gama de acontecimentos que conformam a realidade social, inteirando-se de questões que permitem perceber como a imprensa angolana fez a cobertura da viagem do Papa Bento XVI à Angola.

3.1 Uma forma de conhecimento

Os meios de comunicação tornaram-se os principais instrumentos de mediação entre os sujeitos e o mundo, produzindo novas sociabilidades (THOMPSON, 2008). Becker (2005) aponta que os discursos midiáticos promovem uma experiência coletiva e cotidiana da sociedade. Segundo a autora (2005), os meios de comunicação influenciam e refletem intenções e contradições de outras instituições e da própria mídia. Sem dúvida, a mídia posiciona-se, por excelência, como o campo de mediação ou de articulação de campos autônomos, alimentando a solidariedade coletiva, fazendo com que contradições entre os interesses muitas vezes divergentes sejam geridas de acordo com os interesses dos campos dominantes que se apropriam do topo da hierarquia social. Para Fausto Neto (1999), a mídia tem uma especificidade própria que se desdobra na capacidade de estruturar e estruturar-se no espaço público, atuando através de competências próprias, como escolher as falas engendradas, dando-lhes, consequentemente, uma dimensão de visibilidade pública.

De fato, a contemporaneidade é caracterizada pela fragmentação do tecido social e a mídia desempenha papel decisivo na organização dos sentidos sobre realidades cotidianas, assim como na construção de consensos sociais, consolidando visões do mundo, especialmente por meio das práticas jornalísticas e de suas representações dos acontecimentos.

O jornalismo e a mídia são instâncias dotadas de competências próprias (RODRIGUES, 1984). As experiências do cotidiano são progressivamente midiatizadas por dispositivos jornalísticos, que permitem o alargamento da legitimidade e a visibilidade de outros campos, mas ao mesmo tempo possibilitam a afirmação do seu lugar específico como instância de produção da ordem social.

O jornalismo é uma forma de conhecimento, uma vez que produz e organiza saberes, representações e ideias quase sempre conectados ao senso comum, que é considerado por Martin-Barbero (1987) como o sentido resgatado da vida cotidiana, ou seja, lugar e tempo de conformação, criatividade, iniciativa, de troca de sensibilidades e racionalidades. A virtualidade do discurso jornalístico informativo reside na sua capacidade referencial e cognitiva.

Os discursos jornalísticos constroem significações das realidades cotidianas, representam lugares de autoridade e produzem conhecimento ao contribuírem para a constituição do imaginário social e para a cristalização da memória do passado e a construção de perspectivas futuras da experiência social.

Para Mariani (1998), o discurso jornalístico articula memória própria, agindo como filtro na significação das notícias e do mundo em processos históricos, nos quais ocorrem a sedimentação de determinados sentidos e, concomitantemente, a legitimação de práticas ou condutas.

Genro Filho (1987) destaca as categorias hegelianas de universal, particular e singular para sublinhar o modo de conhecimento produzido socialmente pelo jornalismo. Assim, para o autor, o critério jornalístico de informação está indissoluvelmente ligado à reprodução de um evento pelo ângulo de sua singularidade.

O jornalismo desempenha um papel social institucionalizado e legitimado na transmissão do saber cotidiano, exercendo uma mediação entre o saber dos especialistas e o grande público. Mas como toda forma de conhecimento, aquela que é produzida pelo jornalismo será sempre condicionada histórica e culturalmente pelo seu

contexto e subjetivamente pela maneira particular como é produzida (MEDISTCH, 2007).

Para além de produzir conhecimento, o jornalismo também se destaca pela forma diferenciada de reproduzi-lo, devido à sua inerente função comunicativa. Meditsch enfatiza que o jornalismo não reproduz apenas o conhecimento que ele próprio produz, mas também o conhecimento produzido por outras instituições sociais. O autor sublinha que um acontecimento relatado pela mídia difere de um não relatado porque o discurso midiático assume uma conformação transnacional, globalizando o seu alcance. E afirma que, no processo de tradução e de recriação da realidade, o jornalismo se socorre de mapas culturais de significação e referência, reforçando-os ou apagando-os, contribuindo assim para o estabelecimentos de consensos a respeito de valores e atitudes.

Para Ponte (2005), o lugar específico do jornalismo, como forma de conhecimento, fundamenta-se pela sua dimensão cultural e simbólica, pois se constitui em uma atividade interpretativa e de construção de sentido, não podendo ser visto somente como um mero processo de transmissão da informação.

Segundo Thompson (2008), os enunciados jornalísticos estão orientados ao outro. Daí as estratégias e práticas discursivas serem direcionadas presumindo os conhecimentos dos destinatários sobre os acontecimentos construídos pelos discursos midiáticos.

A propósito, Bakhtin enquadra o jornalismo nos processos de produção, de circulação e de reprodução de discursos sociais que enfatizam a conservação da memória e pelos quais os sujeitos se situam dialogicamente entre vozes individuais e coletivas.

Para Van Dijk (*apud* PONTE, 2005), o jornalismo é relação e cognição. A apreensão de um sentido global para o texto decorre de um fluxo recíproco entre texto e contexto, entre a memória pessoal e a memória social, o que faz com que as pessoas compreendam o que é explícito no texto. Porém, a análise do não dito pode ser tão reveladora como a do dito.

A intertextualidade é parte constitutiva da linguagem e de todo o discurso, articula as vozes do discurso. Os textos tendem a ser dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais, mas podem produzir efeito de polifonia ou monofonia.

A experiência singular de cada indivíduo se molda e se desenvolve em interação constante e contínua com as enunciações dos outros. Nesse sentido, o Jornalismo configura-se como uma expressão de manifestações políticas, sociais e culturais que, ao mesmo tempo, reproduz e participa no processo de socialização do conhecimento.

3.2 Por uma definição do acontecimento

A produção da notícia é um processo complexo, que se inicia com um acontecimento. Para Charaudeau (2006), a notícia é construída no momento em que o acontecimento é descrito. Segundo Rodrigues (1984), o acontecimento é uma espécie de ponto zero da significação no discurso jornalístico e a notícia seria um meta-acontecimento discursivo, dedicado a enunciar um fato específico. Ambos defendem que o acontecimento só é transformado em notícia quando é enquadrado nas práticas e estratégias discursivas da mídia. Portanto, não basta que exista ou ocorra um evento para que ele assuma a categoria de acontecimento público: a mediação dos meios de comunicação é necessária.

Para Alsina (2009), todos os acontecimentos jornalísticos são acontecimentos sociais, salientando que um fenômeno se torna um acontecimento quando um sujeito aplica sobre ele uma percepção específica derivada de normas de um ecossistema ao qual o acontecimento está ligado. Meditsch sublinha que a relação entre jornalismo e acontecimento implica a construção social da realidade, enquanto para Benetti (2009) o acontecimento jornalístico é um gênero discursivo particular que só se estabelece na relação entre sujeitos aptos a identificar os elementos do contrato de comunicação, até porque nem todo fato é um acontecimento jornalístico e nem toda enunciação é um acontecimento discursivo[18].

Neste sentido, segundo a mesma autora, o jornalismo pode ser caracterizado, por si mesmo, como um acontecimento, quando ocupa lugar único na organização e compreensão da vida cotidiana, escrevendo parte da história, quando adquire o estatuto de objeto de investigação científica. Ou seja, quando trata de fenômenos capazes de gerar sensação de experiência partilhada, quando organiza a

---

[18] BENETTI, Marcia. «Jornalismo como acontecimento». *Anais* do VII Encontro Nacional de Pesqueisadores em Jornalismo/SBPJor, nov. 2009.

experiência temporal do homem e produz uma ideia de consenso.

Para Molotch e Lester (1974), é necessário distinguir entre fato, ocorrência (*event*) e acontecimento, pois um evento seria todo o fato conhecido. Os eventos conhecidos são aqueles que delimitam ou marcam o tempo e dão ordem à experiência pessoal ou coletiva. O acontecimento é o que sobressai dentre uma multiplicidade aleatória de fatos, sendo que quanto menos previsível for, mais probabilidades tem de se revestir de noticiabilidade, esta entendida como o conjunto de fatores que influenciam a decisão quanto à exclusão, inclusão e hierarquia das notícias nos meios de comunicação.

Os acontecimentos noticiosos são enquadrados nos contextos dos excessos, da falha, da inversão, do acidente, da anormalidade, da normalidade que deixa vestígios e altera a substância do mundo das coisas, das pessoas e das instituições. Eles inscrevem-se no processo de enquadramento e de regulação dos acontecimentos imprevisíveis, de redução da incerteza, tendo em vista que "o discurso da mídia surge para organizar a experiência do aleatório e lhe conferir racionalidade" (THOMPSON *apud* CORREIA, 2000, p. 28).

A propósito, Sodré (*apud* BECKER, 2005) enfatiza a capacidade da notícia de proporcionar um tipo de organização racional da realidade:

> [...] a notícia gera um tipo de unidade narrativa que, segundo se presume, tranquiliza a consciência do indivíduo inseguro em face da dispersão humana na grande cidade, da vicissitude dos acontecimentos, da condição precária da identidade no espaço urbano, do desconhecimento das causas, da incidência trágica do acaso. Essa oblíqua exigência de tranquilidade preside à regra técnica de não abordar os assuntos de forma negativa [...] (SODRÉ *apud* BECKER, 2005, p. 25).

Rebelo (2006) alerta que os acontecimentos devem aliar o potencial de atualidade e relevância de todas ocorrências ou ações; e Alsina (2005, p. 114-115) afirma que o acontecimento é um fenômeno social baseado nas seguintes premissas:

1. Os acontecimentos são gerados através de fenômenos que são externos ao sujeito;
2. Os acontecimentos, porém, não fazem sentido longe dos sujeitos, pois são eles os que lhes conferem sentido;
3. Os fenômenos externos que o sujeito percebe tornam-se acontecimentos por causa da ação destes sobre aqueles. Os acontecimentos se compõem

de características de elementos externos nos quais o sujeito aplica seu conhecimento.

Rodrigo Alsina (2005) alerta que cada formação política e social, cada sociedade histórica tem os seus próprios parâmetros para determinar o grau de transcendência dos acontecimentos. É o contexto cultural que evidencia o que se deve prestar atenção, uma vez que não se tem capacidade de processar tanta informação, pois o que na cultura ocidental é considerado um acontecimento social pode não o ser em outras culturas.

O conceito de noticiabilidade sustenta-se em fatores de caráter político e técnico, tecnológico e organizativo ou profissional, que afetam o processo de seleção e produção de informação.

Molotch e Lester (1974) elaboraram uma tipologia dos acontecimentos, destacando os acontecimentos de rotina, os acidentes, compreendidos como *serendipities*, ou seja, acontecimentos que não são planejados, e os escândalos. Eles acentuam as atividades dos *news promoters*, os promotores de notícias, na identificação e definição do que é acontecimento noticiável, e destacam a natureza competitiva desses promotores na ocupação dos espaços mediáticos e nas negociações entre as fontes e os *media*.

Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge (1970) partem do princípio de que o que se considera como "acontecimento" é determinado social e culturalmente, ou seja, existe um contexto que pressupõe a existência de uma espécie de matriz mental que facilita a produção e a recepção das notícias.

Sob essa perspectiva, Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge partilham da opinião de Molotch e Lester (1974), sugerindo que os acontecimentos são trabalhados e interpretados a partir de determinados enquadramentos (*frames*) nas rotinas produtivas.

Johan e Ruge (1970) focalizam a problemática dos valores-notícia, vistos por Wolf (1981) como o conjunto de critérios de relevância que definem a noticiabilidade de um acontecimento. Mas para Golding e Elliot (1979), os valores-notícia são regras práticas adotadas pelos profissionais que explicam e guiam determinados procedimentos operativos no tratamento da informação jornalística.

Johan e Ruge, assim como Molotch e Lester, afirmam que os meios de comunicação social refletem, não um mundo exterior, mas as práticas daqueles que

detêm o poder de determinar a vivência dos outros, ou seja, das pessoas ou nações poderosas, de acordo com a perspectiva de Gaye Tuchman (1988):

> As notícias não espelham a realidade social, mas ajudam a construí-la como fenómeno social partilhado, porque na altura de descrever um acontecimento, as notícias definem e dão forma a esses acontecimentos (TUCHMAN, 1988, p. 184).

Neste sentido, ao mesmo tempo em que as notícias acentuam a contingência dos acontecimentos, limitam os contornos daquilo que pretendem transmitir ao público, impossibilitando uma análise mais contextualizada do fato social: "A notícia não só define e redefine, constrói e reconstrói significados sociais; também define e redefine, constrói e reconstrói maneiras de fazer as coisas, os processos existentes nas instituições" (TUCHMAN, 1988, p. 185).

Vários outros autores se debruçaram sobre a problemática do acontecimento, elegendo esse ou aquele valor-notícia na configuração do acontecimento noticiável ou o fator que caracteriza a noticiabilidade do acontecimento.

Para Alsina (2005), os meios de comunicação não mostram apenas os acontecimentos nos quais não se poderia participar, mas igualmente aqueles em que se participa; aproximando os fatos e oferecendo uma visão a mais ampla possível da experiência social.

A mídia opera também de uma outra forma sobre os acontecimentos construindo uma memória da história em distintos códigos, o que permite que os acontecimentos possam ser vistos e revistos e, de certa forma, perdurem no tempo, sob determinadas condições de leitura.

Desse modo, a visita do Papa Bento XVI a Angola é resgatada nessa investigação, oferecendo outros ângulos de observação do acontecimento e da compreensão dos processos de significação da própria prática jornalística no contexto político e econômico de Angola na década de 2000, como será discutido no Capítulo V. Este percurso exige refletir acerca das diversas teorias e perspectivas do jornalismo sobre a notícia.

3.3 Refletindo sobre a notícia

A notícia é compreendida aqui como uma metonímia do conjunto de

gêneros jornalísticos. Quando se faz referência à notícia, também se está abordando a reportagem, a entrevista, o artigo de opinião e o editorial.

A linguagem do jornalismo não é uniforme e remete para processos diferenciados de significação. Charaudeau sublinha que, nos diferentes modos discursivos do jornalismo, cada texto se manifesta em formas variadas e é atravessado por diversos gêneros que correspondem a diferentes posições e autoridades.

Para o enquadramento teórico dessa Tese de Doutorado, que tem como objetivo identificar como a imprensa escrita angolana construiu a cobertura da visita do Papa Bento VXI a Angola, são eleitas, para a análise, duas perspectivas de estudo da noticiabilidade jornalística denominadas, nos estudos sociológicos dos meios de comunicação, de estrutural e de etnometodológica, em função dos seus pressupostos teóricos.

A perspectiva estrutural pressupõe a existência de critérios mais ou menos objetivos que os jornalistas teriam em conta para selecionar um evento convertido em notícia; e a segunda destaca o caráter de negociação das decisões dos jornalistas e seus superiores relativas à noticiabilidade de determinado acontecimento.

A perspectiva estrutural defende que a prática jornalística gerou um conjunto de normas que orientam os jornalistas sobre as possibilidades de um acontecimento passar à categoria de notícia.

Mas o caráter de negociação da noticiabilidade desautoriza toda a pretensão de fundamentá-la sempre em critérios predeterminados e imutáveis.

Neste contexto, a solução passa pela adequação dos acontecimentos aos critérios de seleção e princípios dos valores-notícia.

O ponto de vista estrutural consubstanciou-se nos modos de seleção da informação, nos processos de socialização profissional nas redações e na análise dos valores sociopolíticos inerentes aos jornalistas, sendo representada pela teoria do *gatekeepers*[19], ainda que esta noção esteja sendo revista pelos atuais estudos de jornalismo, sugerindo que os processos de filtragem demandam a substituição desta

[19] Desenvolvida nas décadas de 1950/1960 nos Estados Unidos da América, foi nos anos 1970 que os estudos sobre a produção jornalística (*newsmaking*) se consolidaram. Neste aspecto, destacam-se os estudos de Lasswell(1948), na sociologia da comunicação de massas. White(1950) lidera os estudos mais significativos da tradição do *gatekeeping*. Breed (1955) debruça-se sobre a sociologia profissional nas redações. Há também outros nomes, como os de Gieber(1956; 1964) e Donohue (1972).

noção pela de *gatewatcher*[20].

Lester enfatiza que as ideologias políticas e os valores historicamente dominantes da sociedade têm um papel destacado na seleção jornalística dos acontecimentos[21]. Os partidários da perspectiva etnometodológica defendem que esta posição deriva do fato de uma ação social resultar da internacionalização dos valores, regras e normas por parte dos atores e que essa componente normativa está em sintonia com características de um determinado grupo social. Ou seja, se uns fundamentam a sua análise da ação humana na categoria heurística do determinismo social, outros fazem-no com base na de construção social da realidade[22], em que os jornalistas intervêm ativamente na construção das condições e dos modos pelos quais a realidade é percebida.

Se a perspectiva estruturalista destaca critérios de seleção na determinação do que é notícia, já a perspectiva etnometodológica confere primazia a um conjunto de práticas emaranhadas na organização da rotina do trabalho do jornalista.

Os argumentos dos defensores dessa última perspectiva variam de autor para autor.

Como já referido no Capítulo II, os jornalistas são interpelados a partir de práticas profissionais e de quadros de saber e de sentir da comunidade jornalística, uma vez que partilham crenças, estruturas cognitivas, perceptivas e avaliativas.

Segundo Rodrigo Alsina (2009), os jornalistas são intérpretes do acontecer social, mas interpretam os acontecimentos com base em algumas limitações pessoais, referentes à sua ideologia e ao seu conhecimento, e também profissionais, relacionadas ao meio de comunicação para o qual trabalham, sob determinados interesses financeiros e políticos.

Para Ponte (2005), os jornalistas constituem uma comunidade que comunga não só uma cultura de interpretação e de intervenção, mas também um imaginário de representações, ao passo que Zelizer (1993) encara-os como uma comunidade interpretativa que mantém uma coesão por possuírem um repertório de acontecimentos

---

[20]O universo das redes sociais aumentou o leque de fontes e ampliou as possibilidades de participação pública na produção de conteúdos. O jornalista convive lado a lado com o usuário ativo, deixando de ser um *gatekeeper* para se tornar um *gatewatcher*.

[21] Este ponto de vista tem sido qualificado de funcionalismo de esquerda. Nomes como os de Cohen e Young (1973), Hall (1972) e Glasgow University Mediagroup (1976; 1980) destacam-se.

[22] Berger e Luckmann (1966); Grossi (1981; 1983; 1984; 1985).

do passado e uma cultura, que se constitui como modelo de apreciação das ações do presente.

A abordagem da noticiabilidade jornalística deve incorporar e integrar as duas perspectivas referenciadas. Os valores-notícia, defendidos pela perspectiva estrutural, não podem ser tão rígidos e tão imutáveis, por ser necessário reconhecer uma certa flexibilidade no trabalho dos jornalistas.

Por outro lado, pretender que toda a decisão relativa à noticiabilidade dos acontecimentos esteja determinada situacionalmente, e que é negociada caso a caso, não leva em conta o fluxo, a frequência da produção diária de notícias nas redações e os modos como os conteúdos e formatos dos discursos jornalísticos são organizados obedecendo determinadas hierarquias reconhecidas pelos jornalistas.

Cristina Ponte (2005) defende uma perspectiva crítica para o estudo do jornalismo, atravessada por contribuições da linguística, da filosofia, dos estudos literários, da retórica, da antropologia, da psicologia social e cognitiva, da história e da sociologia.

Hohlfeldt (1997) partilha a mesma posição, recomendando o cruzamento de diferentes teorias e de múltiplas disciplinas a fim de se compreender, de maneira a mais ampla possível, a abrangência do processo jornalístico.

Neste sentido, na definição do que é notícia, deve se considerar um processo complexo no qual intervêm, de maneira decisiva e igualitária, os valores de notícia que orientam os jornalistas, as limitações estruturais que afetam os meios de comunicação e as exigências produtivas conjunturais das redações (a organização do trabalho diário, o acesso às fontes etc).

De acordo com Wolf (1981), os fatores que determinam a noticiabilidade dos acontecimentos não podem generalizar-se, pois os meios de comunicação são diferentes. Contudo, há uma cultura e um *ethos* profissional que fundamentam a atuação e as práticas profissionais, sobretudo no que dizem respeito aos valores-notícia.

Em qualquer caso, e de acordo com Wolf (1981), se há alguma possibilidade de generalizar o comportamento dos media na definição da noticiabilidade, é precisamente postulando a existência e a homogeneidade dos valores-notícia em que se apoia o trabalho profissional.

Para Bourdieu (1997, p. 12), "os jornalistas têm os seus óculos particulares através dos quais veem certas coisas e não outras, e veem de uma certa maneira as coisas que veem. Operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado".

De acordo com a classificação proposta por Gans (1979), aceita-se que os valores-notícia respondam a três tipos de critérios: substantivos, orientados pelo conteúdo do acontecimento e pelas inferências que os jornalistas realizam sobre os seus destinatários; produtivos, baseados nas exigências da organização e dos processos de produção; e, por último, competitivos, em função de considerações relativas ao mercado de informação[23].

Em algumas ocasiões, a mídia concentra a sua atenção sobre um tema determinado e este se converte em notícia. O interesse pode decair e ressurgir, em um processo que se prolonga durante um certo período de tempo, mais ou menos longo. É o que aconteceu com a visita do Papa Bento XVI a Angola, constando da pauta da imprensa angolana mesmo passados quinze dias do seu regresso à Roma.

Nesse sentido, observa-se que, para além dos critérios de seleção dos acontecimentos particulares, é importante compreender que a mídia estabelece ciclos de atenção a determinados fenômenos, processos e temáticas.

As duas acepções de noticiabilidade escolhidas para orientar o nosso trabalho não esgotam a relação entre acontecimento e tema e entre valor-notícia e ciclos de atenção temática.

Para compreender a dinâmica dos temas é necessário ter em conta a função que cumprem os valores-notícia enquanto critérios operativos utilizados pelos jornalistas. Uma dinâmica cujo início se explica em parte pelo critério de noticiabilidade que Galtung e Ruge denominam continuidade.

Estes autores sustentam que, quando um acontecimento for selecionado pela primeira vez, continuará sendo durante um certo tempo até que o seu valor de notícia se reduza drasticamente.

Uma vez que um tema passa a fazer parte da agenda da mídia, ocupa a pauta de um veículo transcendendo a temporalidade da cobertura informativa centrada no acontecimento.

---

[23] Há vários teóricos que abordaram o conceito de valores-notícia: Galtung e Roger (1965), Hall (1972), Bockelmann (1975), Golding e Eliot (1979), Schilesinger (1978), Gans (1979) e Wolf (1985-1987).

A determinação da noticiabilidade de um acontecimento faz parte da rotina dos jornalistas, mas a compreensão dos sentidos construídos pelos relatos jornalísticos exige estudo e análise de seus modos de dizer, o que direciona esta investigação da cobertura jornalística da missão do Papa Bento XVI a Angola como será discutido nos Capítulos V, VI e VII.

3.4 Um campo científico

As pesquisas em Jornalismo estabelecem sua especificidade e singularidade nos diálogos possíveis com outras áreas do saber e do conhecimento. Podem revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar. Para Meditsch (2010), o jornalismo produz um conhecimento mais sintético e holístico do que aquele produzido pela ciência. A sua força reside no fato de partir do singular e do específico para uma generalização capaz de situar as sociedades complexas no tempo e na história.

Segundo Alsina (2005), a ciência procura pelo que é geral, enquanto o jornalismo privilegia o peculiar. Os jornalistas adotam uma postura pragmática em função de práticas organizacionais burocratizadas, mas também em suas rotinas profissionais solidificadas pela experiência e necessidade de organizar o acontecimento, discursivamente, sob determinadas necessidades espaciais e temporais.

O Jornalismo se posiciona como um campo científico com profunda tradição na comunidade acadêmica. Surge como área do conhecimento no século XVII, quando, em 1690, o alemão Tobias Peucer defendeu, na Universidade de Leipzig, a tese "Os relatos jornalísticos" (COMUNICAÇÃO & SOCIEDADE, nº 33, p. 199-214, 2000).

O texto consiste em uma comparação entre jornalismo e história, analisando os tipos de relatos utilizados pela cultura ocidental desde a antiguidade, identificando o jornalismo com uma prática singular de abordar os fatos sociais.

As universidades americanas e francesas se ocupam da pesquisa e do ensino do Jornalismo desde o século XIX. Em 1910, a Universidade de Chicago apresentou uma tese de doutoramento em jornalismo sobre o papel social do jornal. E o sociólogo alemão Max Weber escreveu sobre notícias num trabalhado publicado em 1918, sem esquecer a contribuição valiosa de Pullitzer, em 1913.

Na primeira metade do século XX, outro teórico alemão, Otto Groth, advogou o reconhecimento da "ciência jornalística", quando revelou que o exercício diário do jornalismo exige uma metodologia científica no desenvolvimento de uma reportagem, passos que se repetem independentemente da cultura específica de uma determinada sociedade.

Em 1901, o sociólogo francês Gabriel Tarde, com a obra *Opinião e as Massas* traçava um quadro sociológico das transformações de natureza política, social e cultural decorrentes de novas formas de comunicação (PONTE, 2005).

O interesse e a credibilidade do Jornalismo vão aumentando à medida que ele se consolida como atividade profissional, como campo especializado do saber e ensino e como objeto de estudo científico, o que também resulta em um aperfeiçoamento do Jornalismo enquanto prática social e cultural.

Do ponto de vista epistemológico, o Jornalismo legitima-se através do compromisso de servir com dignidade aos cidadãos, informando-os sobre os principais acontecimentos do mundo, exercendo o papel de intermediário entre diferentes poderes e interesses de grupos sociais diversos. E os jornalistas assumem uma responsabilidade perante seus pares e critérios comuns no exercício da profissão.

As práticas jornalísticas organizam-se em sistemas projetados em escala global, utilizando grande aparato técnico e tecnológico.

A profissionalização e sua especialização estão interligadas ao processo histórico, às mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais, fato que ganhou projeção social no século XIX, quando as ocupações profissionais começaram a disputar um lugar na economia.

O processo de modernização do Jornalismo reforçou os mecanismos de regulação e de legitimação da prática profissional, decorrentes da especialização de serviços destinados a públicos específicos, da criação de associações profissionais, do estabelecimento de códigos de conduta e linhas de demarcação entre pessoas qualificadas e não qualificadas e da existência de uma formação específica, baseada num corpo teórico sistematizado.

Para Mesquita (2004), a profissão de jornalista não se legitima apenas pela referência tradicional ao exercício da liberdade de expressão, porque esse é um direito extensivo ao conjunto dos cidadãos. De fato, pressupõe uma competência própria e um

saber específico que lhe confere aptidão para tratar e comentar informações. Sem dúvida, o Jornalismo contribui para decifrar e compreender a realidade, implicando, por isso, um saber-fazer e um saber-ser específicos (GENRO FILHO, 1987), fatos só possíveis com a formação acadêmica e contínua superação técnico-profissional, sustentadas por princípios ético-deontológicos.

O Jornalismo, porém, também tem se destacado como objeto de estudo científico por possuir um corpo de conhecimentos e fundamentação teórica aprofundados, bem como objetivos definidos. Para Alsina (2005), as teorias do Jornalismo podem desempenhar um papel importante, aglutinando disciplinas mais consolidadas e conferindo consistência necessária para as pesquisas interdisciplinares.

Na América Latina, as escolas de comunicação surgiram a partir dos anos 1930 e 1940, inspiradas nos modelos das universidades norte-americanas de Missouri, Columbia e Harvard. A Universidade Nacional de La Plata foi a primeira a ser implantada, em 1934. Em 1935 foi criado o primeiro curso de jornalismo no Brasil, na Universidade do Distrito Federal (MELO, 1991).

As universidades só foram implantadas em Angola em 1963. O primeiro curso superior de comunicação social foi criado em 2002 e, até aquele momento, os jornalistas e as empresas acreditavam que o jornalismo pertencia mais aos homens de intuição do que aos homens com formação acadêmica, fato alimentado pela história e pelas tradições da sociedade angolana (CARLOS, 2004).

As primeiras experiências de exercício da atividade jornalística, em Angola, foram realizadas por jornalistas portugueses que trabalhavam em distintos periódicos e/ou nas emissoras de rádio, ou por poucos angolanos que tinham vocação para a profissão (DAMIÃO, 2002). E não havia nenhum tipo de curso de formação em Jornalismo. Mas após a retirada dos jornalistas portugueses, em função da proclamação da Independência Nacional, surge a necessidade de se preencher os lugares vagos com quadros nacionais, muitos deles sem a mínima preparação técnica.

A partir de 1978, os principais órgãos de comunicação social públicos, como a Rádio Nacional de Angola, a Televisão Popular de Angola e a Agência Angola Press-Angop, começaram a organizar cursos básicos de Jornalismo para suprir as carências profissionais, contando com professores angolanos, cubanos e portugueses. Em decorrência do desenvolvimento político e econômico que o país foi registrando, ao

longo dos tempos, e das preocupações sociais e exigências da própria profissão, criou-se, em 1983, o curso médio de Jornalismo no Instituto Médio Makarenko e, no ano 2002, surgiu o primeiro curso superior de comunicação social, no Instituto Superior Privado de Angola (ISPRA).

Atualmente, existem 10 cursos superiores de Jornalismo, a maior parte dos quais denominados Ciências da Comunicação. São lecionados em 7 instituições de ensino universitário, públicas e privadas. Não existe nenhum tipo de formação em pós-graduação em Jornalismo (CARLOS, 2010).

Segundo Machado (2004), o estudo do Jornalismo constitui um campo científico em franca progressão em diferentes continentes. Ao conquistar *status* próprio, como área de conhecimento especializado, o Jornalismo tem ganhado preponderância como campo do conhecimento científico sistemático com o fomento de diversas linhas de pesquisa e investigação, com a consolidação dos cursos de graduação, mestrados e doutorados e com o surgimento de diversas associações e grupos de interesses, além de revistas e *sites* especializados em todo mundo sobre esse saber.

As linhas de pesquisa e investigação abrangem o Jornalismo como um fenômeno global de comunicação, em função de sua complexidade e relevância como prática social e cultural. Algumas temáticas são destacadas nos estudos do jornalismo em distintos países: Teorias do Jornalismo (Alemanha, Estados Unidos, França, Portugal, Brasil, Espanha, Inglaterra, Itália, Suíça e Austrália), Produção da Notícia (Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, França, Espanha, Portugal, Brasil, Austrália e Suécia), História do Jornalismo (Estados Unidos, Inglaterra, Espanha; Itália, França e Brasil), Ética no Jornalismo (Alemanha, Estados Unidos, Espanha, México, Holanda e França), Análise do Discurso (Estados Unidos, Holanda, Inglaterra, Espanha, França e Brasil), Teorias da Narrativa (Estados Unidos, Espanha e França), Jornalismo Digital (Estados Unidos, Holanda, Dinamarca, Noruega, Portugal, Brasil, Espanha, México e Canadá), Recepção (Dinamarca, Holanda, Estados Unidos, Inglaterra e França,), Sociologia do Jornalismo (Alemanha, Canadá, Estados Unidos, Inglaterra, França e Itália) e Pesquisa Aplicada (Estados Unidos) (MACHADO, 2004).

3.5 A construção de sentidos

A Análise do Discurso é um referencial teórico relevante, nas pesquisas em Jornalismo, por permitir compreender os processos de produção, circulação e consumo dos sentidos veiculados através de diferentes suportes e linguagens.

O discurso é o processo da produção social dos significados. Para Maingueneau (2008), é um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação, um dispositivo constitutivo da relação do sentido e dos sujeitos que aí se reconhecem.

Pêcheux (1990) encara o discurso como uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza. E Verón (1980) também advoga o processo discursivo como produção de sentidos constitutiva de ideologias.O discurso exerce, sobretudo, uma função pragmática, entendendo a negociação de sentidos, a situação de fala entre os interlocutores e o conhecimento de mundo pautados pelas convenções do código da língua e da organização textual.

Porém Fairclough (2001) sinaliza que o discurso é uma prática social que desempenha papel, não só de representação, mas de significação, constituindo e construindo a sociedade em significado, assumindo a perspectiva de discurso como prática social reprodutora e/ou transformadora de realidades. Influenciado pela visão foucaultiana, encara o discurso como ideologia e como uma luta hegemônica, na qual o poder é exercido para construir a realidade social através do controle intertextual de práticas discursivas.

O autor enfatiza que as práticas discursivas podem ser analisadas como facetas de processos mais amplos de mudança social e cultural, em consonância com a perspectiva de intertextualidade de Bakhtin, ressaltando ainda que os textos são heterogêneos e compostos por fragmentos de outros textos. O sujeito se constitui no ato enunciativo e constitui também o Outro.

Por conseguinte, não é possível compreender o papel da linguagem nas sociedades modernas contemporâneas dissociada da sua materialidade e da sua integração em sistemas mais amplos de produção de sentidos. Os atos e palavras realizam significados; através do discurso o homem realiza performances no mundo social.

Sob essa perspectiva, a linguagem é uma forma de ação sobre o real, e não meramente uma representação da realidade; nessa conformidade, participa do processo de manipulação ideológica. As relações de poder são construídas através dos discursos e das práticas sociais.

De acordo com Foucault (1992), o poder é socialmente produzido nas práticas sociais cotidianas. Por isso as práticas discursivas são atravessadas por instâncias de poder norteadas por crenças, visões de mundo e ideologias.

Dessa forma, todo uso da linguagem é político, pois posiciona os atores sociais de forma específica, engendra hierarquias e produz ações, escolhas e valores.

O poder está em jogo em qualquer interação comunicacional. Para Orlandi (2002), não há discurso sem sujeito, e não há sujeito sem ideologia. Pinto (1999) assume o discurso como o mundo do ideológico e do poder, preferindo, no entanto, usar a expressão discursos no plural, não só para dar conta da ideia da sua multiplicidade, como também para fugir das grandes categorias abstratas inerentes ao estruturalismo.

> [...] Relações de poder estão sempre em jogo em qualquer processo interacional, e muitas vezes o ideológico adquire seu status no curso de embates discursivos pelo consenso [...]. Essas disputas criam relações de dominância entre os discursos reconhecidos como hegemónicos e os discursos subordinados, favorecendo a naturalização ou reificação dos primeiros (PINTO, 1999, p. 41).

Nesse contexto, entende-se as estratégias discursivas como ações que visam a ordenar as operações da linguagem a fim de produzir sentidos, pressupondo que um sujeito comunicante (enunciador) produz um efeito sobre um sujeito interpretante ou coenunciador.

As relações sociais são lugar de produção de sentido implicadas nos discursos, a partir de determinadas condições históricas, culturais e políticas, mediadas por instituições.

No caso da mídia, ela produz sentidos enquanto estabelece mediações entre diferentes instâncias da vida social. Da mesma forma que a linguagem constitui o que representa, os discursos jornalísticos produzem significações da realidade cotidiana.

Para Becker (2005), qualquer texto pressupõe uma estrutura lógica de pensamento, que se manifesta através da linguagem que nos permite conhecer o mundo e lhe conferir sentido, evidenciando-se o processo de construção de um discurso. “A imagem do mundo que possuímos é construída a partir de experiências coletivas, e não

há quem ou o quê as proporcione de modo tão eficaz e ostensivo como os discursos midiáticos" (BECKER, 2005, p. 45).

Contudo, a autora sublinha que, comparativamente a outras enunciações midiáticas, o jornalismo exerce uma expressiva influência na constituição da experiência coletiva de um real cotidiano, pois é uma importante prática sociocultural de significação da vida social. No entanto, também sugere que há uma disputa ou uma negociação de sentidos entre produção e recepção, uma vez que os indivíduos não deixam de atuar na construção dos sentidos dos acontecimentos, por meio de suas interpretações e de suas significações dos textos, assim como da maneira que fazem recircular suas percepções da experiência cotidiana (BECKER, 2005).

O desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação potencializou e ampliou as modalidades de mediação da mídia em relação a outros campos sociais. A comunicação constrói a realidade porque detém o poder sobre o processo de circulação de ideias e de modelação da opinião pública. Assim, quem detém um controle do espaço público controla o poder na sociedade, explicitando-se a relação entre poder e comunicação. De fato, como afirma Foucault, o discurso é a expressão das relações de poder.

Para Fairclough (2001), importa ressaltar que a mídia é um modo de representação e significação do mundo e uma forma de ação em que as pessoas podem agir sobre as relações sociais e sobre os outros. Os sujeitos se constituem em sujeitos no discurso, daí a disputa pela palavra nos espaços de enunciação entre os que têm direito ao dizer e os que não têm direito de se expressar, entre as vozes presentes e ausentes, observando especialmente não o que é dito, mas os modos de dizer. Segundo Mariani (1998, p. 224),

> [...] encontra-se no discurso jornalístico, uma discursivização do cotidiano que se apaga para o leitor e para o próprio sujeito que enuncia da posição "jornalística" e é nesta discursivização – um falar de natureza institucional – que os mecanismos de poder tanto vão distribuindo os espaços dos dizeres possíveis como silenciando, localmente, o que não pode ou não deve ser dito.

Como será visto mais adiante, noticiar é ordenar acontecimentos, conferindo-lhes sentidos, impedindo dessa forma a dispersão de acontecimentos e significações. E perceber o significado dos textos implica desvendar os sentidos dos discursos.

> […] Os seres humanos experimentam a realidade mediante ideias, que lhes possibilitam ver, conhecer e interpretar os acontecimentos. E nas tentativas e esforços de organizar sensações e percepções, constroem sistemas simbólicos. Por ter capacidade de criar símbolos, o homem tem também o poder de transmitir intenções, significados e desejos, e, portanto, de mudar as formas de vida social, especialmente por meio de representação e da interpretação das mensagens, no interior dos processos de comunicação (BECKER, 2005, p. 28).

3.6 Práticas jornalísticas: um fenômeno cultural

O jornalismo é uma expressão das manifestações políticas, sociais e culturais, uma forma de conhecimento e um instrumento de mediação de interesses e poderes que constrói os sentidos sobre a realidade social cotidiana, nas narrativas e nas enunciações dos acontecimentos.

Neste contexto, como formador de opinião e mediador da experiência social da realidade, o jornalismo exerce um papel importante na construção de representações identitárias e nos processos de produção de memória (HALL, 2000; MARTIN-BARBERO, 2003; BARBOSA, 2007).

Porém, de acordo com Schudson (1995b), as notícias não são simples informações dos fatos; são também produtos culturais[24]. As práticas jornalísticas, por conseguinte, representam e intervêm nas manifestações culturais.

O jornalismo é um artefato que se apropria de tradições culturais preexistentes e de convenções literárias para produzir sentido sobre a experiência social (SCHUDSON, 1995).

A dimensão cultural do jornalismo resulta da produção e do consumo de conteúdos mediáticos, constituindo-se como um ato social, como uma forma de cultura. Consubstancia-se, sobretudo, no processo de criação de sentidos e de construção da ordem simbólica exercida pelos meios de comunicação, até porque as imagens mediáticas constituem mapas de referência das pessoas (BERGER; LUCKMANN, 1987)

Constitui-se também como um elemento importante na elaboração identitária, condicionando a nossa forma de ver e sentir o mundo. O campo da mídia posiciona-se como importante instrumento na manutenção das tradições culturais e na

[24]Cf. Schudson (1995b, p. 27).

criação de novos hábitos e costumes, além de expressões artísticas. Até porque o processo de criação e renovação das tradições se torna sempre mais interligado ao intercâmbio simbólico midiatizado (THOMPSON, 2008).

De fato, a dimensão cultural do jornalismo está associada ao fato de as indústrias culturais serem, cada vez mais, potencializadas pelos dispositivos mediáticos, fazendo dos meios de comunicação um dos principais instrumentos de promoção e divulgação das manifestações artístico-culturais de um país, ainda que as modelando.

A dimensão cultural da comunicação reflete-se também na perspectiva do jornalista como produtor de conteúdos de caráter artístico, o qual passa a exercer uma intervenção política na realidade sociocultural.

A dimensão cultural do jornalismo revela-se no modo como o campo é organizado por esquemas simbólicos que dão sentido ao mundo, constituindo-se em uma prática social que confere sentido de utilidade às coisas.

Em Angola, a dimensão cultural do jornalismo é singular, uma vez que o fenômeno literário e o universo jornalístico nasceram ao mesmo tempo; e da dinâmica de ambos foram ensaiadas as primeiras manifestações de resistência cultural e de ideais de independência, embora esses discursos nem sempre tenham sido trabalhados sob esta perspectiva pelos meios de comunicação e pelas indústrias culturais.

Não é por acaso que os primeiros jornalistas foram também os primeiros escritores, dinamizadores e agentes culturais. Os primeiros passos da imprensa são também os primeiros passos da produção literária, pelo que a instalação do prelo abriu espaço para a publicação do primeiro livro de poemas angolano**,** *A espontaneidades da minha alma*, de José da Silva Maia Ferreira[25]. Para Tomás (2010, p. 53), de meados do séc. XIX até o séc. XX, a literatura e o jornalismo não se tinham ainda emancipado em gêneros distintos.

Encontram-se, nas páginas dos primeiros periódicos editados em Angola, os espaços para a divulgação da literatura e expressão da consciência política e cultural

[25]O primeiro livro de um escritor angolano, *A espontaneidade da minha alma – Às senhoras africanas*, de José da Silva Maia Ferreira (1827-1881), editado em Luanda, em 1849, é, possivelmente, o primeiro volume de poesia publicado em toda África de expressão portuguesa. Com efeito, com a fixação da imprensa em 1845, foi possível a emergência de produções literárias tanto associadas a periódicos como a autores.

nacional. O jornalismo estabelece, portanto, desde finais do século XIX, um papel importante na luta pela construção da identidade nacional e de defesa da angolanidade.

Por outro lado, o jornalismo angolano desempenha um papel capital no processo de formação e representação da identidade nacional, ainda que sob as diretrizes do poder do Estado.

A mídia angolana apresenta-se como instância por meio da qual se pode conhecer Angola e seus distintos povos; e ao mesmo tempo, denota marcas discursivas que remetem para formas de sociabilidade que pressupõem um saber comum partilhado pelos produtores de mensagens e pelos públicos, até certo ponto construído pelos próprios discursos jornalísticos.

A realidade angolana não foge à regra na África do passado, onde, numa primeira fase, a imprensa e o rádio foram instrumentos de aculturação e de dependência colonial. Posteriormente - mesmo subordinados aos poderes dos governos instituídos - exerceram papel decisivo no jogo político do processo de contestação e emancipação dos povos colonizados e na construção das nações africanas nos processos de independência.

O jornalismo sempre esteve associado aos processos de reafirmação das identidades, culturas e aspirações dessas nações, revelando-se a relevante dimensão cultural desta prática social. É sintomático o fato de muitos precursores das lutas de independências africanas, tais como Julius Nyerere (Tanzânia), Jomo Kenyatta (Quênia), Kamuzu Banda (Malawi), Kwame Khrumah (Ghana), Félix Houphouet-Boigny (Costa do Marfim), Léopold Sedar Senghor (Senegal) e Patrice Lumumba (Congo), terem iniciado a vida profissional como jornalistas.

Hoje, como ontem, o jornalismo em Angola constitui-se em uma expressão cultural e política associada ao desenvolvimento social das antigas nações e dos atuais países africanos; e em suas práticas transbordam contradições. A imprensa tem se apresentado como a perspectiva mais disponível e regular para se editar e divulgar obras literárias por escritores que se destacam como jornalistas e vice-versa. Jorge Macedo, João Melo, Luís Fernando, Ismael Mateus, Costa Andrade Ndunduma, Albino Carlos, José Luís Mendonça, Ntazuari Keita, António Fonseca, José Sousa Jamba, Dario de Melo, Mena Abrantes, Mário Guerra, são assinaturas reconhecidas do campo do jornalismo e da literatura angolana.

Desde a instalação da tipografia em Angola, em 1845, nas páginas dos

periódicos figuram, lado a lado, textos de diferentes gêneros literários e textos de produção jornalística. Cordeiro da Mata, Pedro Félix Machado, Alfredo Troni, José Fontes Pereira, António de Assis Júnior, Tomaz Viera da Cruz são nomes de precursores de uma tradição abraçada, mais tarde, por figuras com a dimensão de um Ernesto Lara Filho, Alfredo Bobela-Mota, David Mestre, os quais fizeram escola, com seguidores até hoje, tornando cada vez mais tênues as fronteiras entre jornalismo e literatura, nos mais variados aspectos, em Angola.

De fato, esta não é apenas uma característica de Angola. Segundo Mesquita (2004), desde a fase embrionária do jornalismo, no séc. XVII, narrativas factuais e narrativas de ficção cruzam-se no espaço do jornal: ficção jornalística, jornalismo ficcionado e jornalismo factual coexistem e, por vezes, sobrepõem-se. Ou seja, existe uma circularidade entre a narrativa de ficção e a narrativa factual.

A literatura e o jornalismo, obreiros da palavra e da comunicação, realizam suas distinções na função social e no estilo da narrativa, mas ambos possuem potencial de transformar a realidade e os contextos socioculturais, e constituem-se como vastos repertórios de comunicação de conhecimento, saberes, ideias e representações.

3.7 Para ler os discursos jornalísticos

Constata-se que o jornalismo é um modo de conhecimento que reflete e produz sentido sobre a realidade. E compreende-se que a notícia, unidade central do discurso jornalístico, apresenta-se como uma construção social que resulta de aspectos inerentes aos próprios acontecimentos, de constrangimentos impostos aos jornalistas no sistema organizacional, das práticas e estratégias discursivas profissionais, das rotinas de trabalho, dos valores-notícia, de identidades e de jogos de interesses das fontes de informação.

Neste contexto, a metodologia da Análise do Discurso adotada nesta pesquisa permite identificar e relacionar os traços deixados pelas condições de produção do processo enunciativo, discernindo os modos de dizer e identificando as estratégias de produção de sentidos da imprensa sobre a visita do Papa Bento XVI à Angola.

Benetti (2007) aconselha, em primeiro lugar, a aplicação do *método arqueológico* para compreender a conjugação de elementos que têm a ver com os valores da cultura, da ideologia e do imaginário referentes ao contexto do acontecimento a ser estudado. Compreende-se essa primeira fase como a que Pinto

(1999) nomeia de *contextualizações*, por defender a necessidade de observar na análise dos discursos a relação dialética entre os textos, a sociedade e a cultura, enfatizando que os textos também constituem as dinâmicas sociais.

A pesquisadora proprõe, ainda, que a metodologia da AD deve ser realizada por meio da identificação dos sentidos e do mapeamento das vozes que circulam no texto, pois o discurso jornalístico é dialógico.

Nesse sentido, é importante perceber o "contrato de comunicação", conceito criado por Charaudeau (2006), para o estudo das interações em jogo, observando as relações entre a instância de produção e de recepção e os mecanismos de negociação que tornam o ato de comunicação viável, além do dispositivo utilizado na construção e transmissão da mensagem. Essa abordagem está em sintonia com a perspectiva de análise de discurso francesa, a qual procura descrever e explicar os processos de produção, circulação e consumo dos sentidos veiculados através de diferentes suportes e linguagens no interior de práticas sociais contextualizadas histórica e socialmente (PINTO, 1999). Assim, compreende-se que analisar a cobertura jornalística da visita do Papa Bento XVI a Angola é estudar os modos de dizer dos jornais sobre o acontecimento, compreendendo que os discursos da mídia constituem e também são determinados por um certo contexto histórico, social e político.

De acordo com Pinto, a análise de discurso deve descrever, explicar e avaliar criticamente os processos de produção, de circulação e de consumo dos sentidos das notícias publicadas e consumidas em um determinado momento. Assim, as referências da Análise do Discurso são relevantes nesta investigação para desvelar as maneiras como os relatos da imprensa construíram significações sobre a visita do Papa Bento XVI à Angola, mas também sobre as identidades angolanas e sobre as contradições do País.

Afinal, considerando que o discurso constitui um dos "vínculos" mais importantes de produção de sentidos no interior de uma sociedade, Verón (1980) propõe que a análise discursiva tenta responder o porquê e como os sentidos das mensagens são trabalhados nos textos noticiosos. Ou seja, para além da análise e interpretação semântica dos conteúdos, busca vislumbrar os modos de dizer que estão inscritos nos atos e enunciações que constituem uma determinada situação de comunicação. A partir desses pressupostos teóricos, no Capítulo V será explicitada a metodologia adotada nessa investigação.

4 RADIOGRAFIA DA IMPRENSA ANGOLANA

A necessidade de contatos entre grupos e sociedades humanas contribuiu para o desenvolvimento da produção, distribuição e consumo de notícias, motivado sobretudo por interesses econômicos e políticos. Assim, as primeiras folhas noticiosas manuscritas, bastantes conhecidas no Egito, China e, principalmente, em Roma, sob a designação de ata, colaboraram para a troca de informações para além da transmissão oral.

A história do jornalismo tem início na Europa, no século XVI. Mas Portugal só reúne as mesmas condições dos outros países europeus para o desenvolvimento da imprensa no século XIX - melhoria nos transportes, o alargamento da instrução pública, o crescimento das cidades, a introdução de prelos metálicos e, mais tarde, da impressão com cilindros e, fundamentalmente, o surgimento de um público interessado nos negócios de estado e na vida econômica da nação (CRATO, 1983, p. 34).

Portugal manteve contatos com Angola desde 1482, buscando intervir no território. Mas o processo de colonização foi reforçado apenas em 1885 na Conferência de Berlim[26], quando os portugueses decidiram incrementar a política de ocupação territorial de suas colônias.

Como Angola era colônia de Portugal, ficou regida pelas diretrizes que conduziam a política portuguesa de informação. No entanto, nem sempre os rigores empreendidos pela metrópole eram incorporados no território angolano. Sempre que Lisboa atravessava um momento de distensionamento de sua centralização política, sobretudo em relação às restrições à liberdade de expressão, a imprensa empenhava esforços para se desenvolver em Angola. E, no final do século XIX, registrava maior crescimento da produção jornalística do que as demais colônias africanas (CRATO, 1983).

Assim, a história da imprensa de Angola está associada às transformações

[26]A Conferência de Berlim, realizada em 1885, estabeleceu o direito público colonial e tratados entre Portugal, França, Bélgica, Grã-Bretanha e Alemanha. A definição das atuais fronteiras de Angola resultou desse evento.

políticas, econômicas, culturais e históricas que o país tem atravessado. Porém, a imprensa de Angola só adquiriu uma dimensão propriamente angolana quando os angolanos se tornaram os sujeitos da sua própria história, com a obtenção da independência nacional, processo que foi constantemente evoluindo, também em função de processos políticos e econômicos.

Atualmente, os discursos jornalísticos têm uma forte preocupação em registrar os desafios derivados da globalização, depois da fase de acompanhamento das exaltações utópicas dos primeiros anos de soberania nacional e dos ventos de mudanças democráticas dos anos 1990 do século XX.

Por outro lado, o jornalismo funciona como agente de coesão sociocultural e de construção da Nação, gerando e refletindo representações identitárias da sociedade angolana.

O percurso da imprensa em Angola é resultante de uma história política e econômica marcada por conflitos e mudanças sociais, como será refletido neste capítulo.

4.1 Referências históricas e políticas

Angola está situada na África Austral, ocupando uma superfície de 1.246.700 km^2. Tem fronteiras a norte com o Congo-Brazzaville e a nordeste com a República Democrática do Congo. A leste é vizinha de Zâmbia e a sul faz vizinhança com a Namíbia.

Quando os portugueses chegaram a este espaço, em 1482, comandados por Diogo Cão, o território que atualmente é designado por Angola era ocupado por reinos-estados, dentre os quais se destacavam os reinos do Congo, Matamba, Ndongo, Kassanje, Dembos, Kissama, Bié e Bailundo.

Com a Conferência de Berlim, em 1885 Portugal reforça a política de ocupação territorial das suas colônias. No final do séc. XIX, depois de uma ocupação lenta e complicada, é implantada uma organização administrativa do território e dos povos da colônia.

A estratégia econômica colonial era sustentada na exploração da agricultura e de matérias-primas. O comércio de algodão e o de marfim davam grandes receitas à

Lisboa, por meio da cobrança de expressivos impostos. A política portuguesa de aproveitamento dos recursos de Angola sofreu relevantes mudanças no começo do século XX, em função do fim da monarquia em Portugal e de uma conjuntura internacional favorável, que levaram a novas reformas nos setores administrativo, agrário e educativo da colônia. Angola foi constituída como um Estado Novo e convertida como a principal província ultramarina, sendo considerada a "coroa do império português".

A presença portuguesa em terras angolanas sempre encontrou resistência por parte das populações locais. Mas essas reivindicações só ganharam corpo nos anos 1950, com a formação dos movimentos de libertação que iniciaram, em 1961, a luta armada pela independência nacional.

Nessa luta, destacam-se os seguintes movimentos: MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola, fundado em 1956), FNLA (Frente Nacional para Libertação de Angola, fundada em 1961) e UNITA (União Nacional para Independência Total de Angola, criada em 1966).

A pressão exercida pelos movimentos nacionalistas, nas décadas de 1950 e 1960, forçou o Governo Português a implementar medidas para conferir maior desenvolvimento à colônia de Angola.

Durante os treze anos de conflito armado em Angola, o Governo Português procurou cercear o contato entre as forças nacionalistas e a população, ao mesmo tempo em que tentava conquistar a sua simpatia, implementando programas de desenvolvimento social e econômico.

Assim, foram reajustados certos aspectos da política colonial e implantadas outras reformas, visando igualar os direitos dos angolanos perante a lei. Também organizaram-se programas que forneciam oportunidades significativas para melhorar as condições sociais e econômicas.

Essas medidas tinham como objetivo atenuar a intensificação das críticas anticolonialistas das Nações Unidas, derivadas do processo de descolonização das colônias britânicas, francesas e belgas, durante os anos 1950 e 1960. Portugal argumentava que a sua presença continuada na África era necessária para a preservação das sociedades multirraciais (BENDER, 1976).

O resultado dessas medidas foi percebido rapidamente com um notório

crescimento econômico e de infraestruturas. Montaram-se fábricas e escolas, construíram-se estradas e hospitais e criaram-se postos de trabalho. Até 1973, Angola passou a produzir mais de 90% das suas necessidades de consumo. Houve uma expressiva melhoria do nível de vida, mas apenas de parte da população, a emergente burguesia negra.

Em outubro de 1974, depois de 13 anos de luta armada e como consequência do golpe de estado militar ocorrido em Portugal, em 25 de Abril deste mesmo ano, os movimentos de libertação angolanos e a metrópole colonial assinam um cessar-fogo, criando as condições para a negociação de uma possível independência de Angola.

Em janeiro de 1975, o governo português, o MPLA, a FNLA e a UNITA assinam os Acordos de Alvor [27], nos quais são definidas as vias, as formas e as metas para alcançar a independência de Angola em 11 de Novembro de 1975. É constituído um Governo de Transição, quadripartido – com Portugal e os três movimentos de libertação -, que assume a administração até aquela data. O processo prevê a realização de eleições gerais e a instituição de um regime multipartidário.

No entanto, divergências entre as forças angolanas surgiram cedo. A luta política que se seguiu com a constituição do Governo de Transição e que tinha como objetivo a preponderância de cada uma das três formações políticas junto ao eleitorado, rapidamente se radicalizou e assumiu o caráter de luta pela exclusividade do poder.

Cada uma das forças em conflito recorreu à ajuda externa: forças do exército zairense acudiram à chamada da FNLA, no norte. No sul, o exército regular sul-africano invade Angola, a pedido da UNITA. E o MPLA é socorrido pela solidariedade internacional, protagonizada por destacamentos do exército regular cubano.

Neste sentido, foi em clima de guerra generalizada que o MPLA proclamou, em Luanda, a 11 de Novembro de 1975, a Independência Nacional de Angola. No mesmo dia, a UNITA, por sua vez, proclamava no Huambo, a Independência do Sul de

[27]No Capítulo I, dos Acordos de Alvor, sobre a independência de Angola, reza o artigo 5º: "O poder passa a ser exercido, até a proclamação da independência, pelo Alto-Comissário e por um governo de transição, o qual tomará posse em 31 de Janeiro de 1975". Dois meses depois da constituição do governo de transição, eclodiu a guerra entre os três movimentos de libertação nacional.

Angola. No Uíge, a FNLA também proclamava a Independência de Angola, na mesma data.

Com a proclamação da independência, o poder do MPLA reforça-se cada vez mais e, em 1976, o Movimento proclama a orientação socialista como via de desenvolvimento para o país e impõe um regime de partido único.

Em dezembro de 1977, o MPLA transforma-se em Partido do Trabalho, tendo como base filosófica o marxismo-leninismo, subordinando o governo e todas as instituições do país a essa diretriz. O regime é presidencial e o presidente do MPLA é simultaneamente Chefe de Estado e Chefe do Governo, Comandante em Chefe das Forças Armadas e Presidente da Assembleia do Povo, o parlamento[28].

Mas a guerra sempre marcou a realidade de Angola, causando ao país incalculáveis prejuízos financeiros e materiais, para além de perdas humanas, de populações deslocadas, de mutilados de guerra e da destruição de infraestruturas implantadas no país.

Até 1991, com a assinatura dos Acordos de Paz de Bicesse, o país foi palco dos mais violentos combates registrados na África, sendo um dos cenários por onde a guerra fria se fez sentir com maior intensidade.

O fim da guerra fria entre os Estados Unidos e a antiga União Soviética, em 1989, esgotou as razões ideológicas que sustentavam o conflito angolano. Novas perspectivas se apresentaram no sentido de se criar um clima pacífico na zona austral da África. O MPLA já não representava mais, nem teria o apoio do bloco soviético. A UNITA também deixara de representar e ter o apoio do bloco norte-americano.

Neste contexto, inicia-se um processo de negociação entre os principais beligerantes do conflito armado, o MPLA e a UNITA. O processo de paz começou com o Acordo de Nova York, que viabilizou a independência da Namíbia e resultou na retirada das tropas cubanas e sul-africanas do território de Angola.

O referido processo de paz culminou com a assinatura, em 31 de Maio de 1991, dos Acordos de Paz de Bicesse, estipulando a instauração do regime de

---

[28] No I Congresso do MPLA, realizado em dezembro de 1977, efetua-se a transformação do MPLA, movimento de massas, em partido político, definido como partido marxista-leninista, o MPLA- Partido do Trabalho. Na 1ª Constituição da República de Angola iria constar que o MPLA seria o único representante do povo angolano, órgão máximo de direção da Nação (*MPLA e os desafios do século XXI*, Luanda, 2002).

multipartidarismo e a realização de eleições.

Assim, em 29 e 30 de setembro de 1992, Angola realiza as primeiras eleições, consideradas pelas Nações Unidas como sendo "justas e livres"[29]. O MPLA vence as eleições, mas a UNITA não aceita os resultados eleitorais e o país mergulha, em outubro de 1992, outra vez, numa sangrenta guerra fratricida.

Novo processo negocial é, entretanto, implantado em 1992, com avanços e recuos, culminando, em 1994, em novo Acordo de Paz, assinado em Lusaka. O entendimento estipula o restabelecimento da democracia em Angola. E estipula também, entre outras ações, a formação de um governo de Unidade e Reconciliação Nacional, a integração dos deputados eleitos pela UNITA, na Assembleia Nacional, e a formação de um exército.

Contudo, passados três anos de relativa paz, outra vez acusações recíprocas de não cumprimento dos compromissos assumidos mergulham o país num violento conflito armado, que causou mais de um milhão de mortos; o deslocamento de mais de três milhões de pessoas que se debateram com a fome, desnutrição, nudez e falta de abrigo; mais de 100.000 mutilados de guerra; e expressivos prejuízos materiais.

Desde 1961, data do início da luta armada para a libertação do colonialismo português até os Acordos do Luena (2002), Angola viveu curtos períodos de paz, que não foram mais do que a continuação da guerra por outros meios[30].

Neste período conturbado, a mídia constituiu uma peça de importância estratégica no xadrez político-militar, sendo alvo de atenção especial. Quer nos Acordos de Bicesse (1991), quer nos Acordos de Alvor (1974), a questão do controle e gestão da comunicação social e dos órgãos de informação assumiu relevância destacada. Nos

---

[29] No dia 17 de Outubro de 1992, a representante especial do Secretário-Geral da ONU em Angola, Margareth Anstee, declara que as eleições em Angola foram "livres e justas", confirmando a maioria absoluta do MPLA nas eleições legislativas, e um segundo turno nas presidenciais, uma vez que nem José Eduardo dos Santos, nem Jonas Savimbi obtiveram resultado acima dos 50% dos votos (ANSTEE, Margaret Joan. *Órfão da guerra fria. Radiografia do colapso do processo de paz angolano*. Porto: Campo das letras, 1997).

[30] Vários acordos de paz já foram assinados para a obtenção da paz em Angola. Em janeiro de 1974, dá-se a assinatura dos Acordos de Alvor, para a independência de Angola. Em 22 de dezembro de 1988, é assinado em Nova York o Acordo Tripartido entre Angola, Cuba e África do Sul, para a paz em Angola e a independência da Namíbia; e um acordo bilateral, entre Angola e Cuba para a retirada total das forças cubanas de Angola. Em 22 de junho de 1989, assina-se o Acordo de Gbadolite/Zaire, entre o Presidente José Eduardo dos Santos e o líder da UNITA, Jonas Savimbi. Em 31 de maio de 1991, assina-se o Acordo de Paz de Bicesse, Portugal. Em 20 de novembro de 1994, o Governo e a UNITA assinam o Protocolo de Lusaka (ANSTEE, Margaret Joan. *Op. Cit.*).

Acordos de Lusaka (1994), é o único setor socioprofissional a merecer tratamento especial:

> Tendo em conta a importância de que se reveste o sector da comunicação social para melhorar o clima de tolerância e confiança mútua inerentes à Reconciliação Nacional, é garantido aos partidos políticos o direito de acesso à imprensa, à rádio e à televisão estatizadas, desde que respeitados a lei, o protocolo de Lusaka e os princípios universais do Estado de Direito[31].

4.2 A imprensa na época colonial

O dia 13 de Setembro de 1845 marca o nascimento da imprensa em Angola, pois nessa data é publicado o primeiro *Boletim Oficial do Governo-geral da Província de Angola*, como resultado do decreto de 7 de Dezembro de 1836, que determinava a publicação de boletins oficiais nas colônias portuguesas (LOPO, 1964; ERVEDOSA, 1980). Mas remontam ao século XVII as primeiras produções escritas de um autor natural de Angola, de nome António Dias de Macedo. Há, igualmente, informações, não confirmadas, que dão conta da existência de prelo no século XVIII, em Luanda, ou em San-Salvador do Zaire.

A história da imprensa mundial está ligada à história do desenvolvimento da economia de mercado e das leis de circulação econômicas: o jornal era a ferramenta de que necessitava o capitalismo financeiro e comercial para facilitar o trânsito de informações sobre importações e exportações até os centros comerciais.

Em Angola, as condições necessárias para a manifestação do fenômeno literário e jornalístico começaram somente na segunda metade do século XIX, devido à colonização europeia e ao desenvolvimento do comércio interno e externo.

O jornalismo, assim como a literatura conheceram um grande impulso com o desenvolvimento econômico, social e político do país, processo que influenciou profundamente o percurso da imprensa nacional.

Lopo (1964) dividiu a história do jornalismo em Angola em três períodos. O primeiro período, "Primeiros passos", inicia-se com a publicação do *Boletim do Governo-geral da Província de Angola*, em 13 de Setembro de 1845. O segundo período, "Imprensa livre", começa com o aparecimento do semanário *A civilização da*

---

[31] Cf. o Anexo 6 - Protocolo de Paz, assinado em 20 de novembro de 1994, em Lusaka, Zâmbia, entre o Governo angolano e a UNITA.

África Portuguesa, em 4 de Setembro de 1866. E o terceiro período, "Jornalismo industrial e profissional", teve início em 16 de Agosto de 1923 com a publicação do jornal *A província de Angola* (LOPO, 1964).

O panorama da imprensa do primeiro período caracteriza-se pela existência de apenas uma publicação institucional, que conta com tipografia própria, sendo o embrião de um jornal a serviço de interesses econômicos e ideológicos do poder colonial.

No entanto, a referida publicação, produzida regular e periodicamente de 1845 a 1866, também divulga outros assuntos que não os documentos e as perspetivas de leitura da realidade oficial.

O segundo período da história do jornalismo angolano é caracterizado por publicações episódicas e amadoras, feitas por ilustradas personalidades do meio social ou por alguns dos que tinham profissões definidas.

As publicações, na sua maior parte, tiveram vida efêmera, não primavam pela regularidade, quanto à periodicidade, e eram vendidas de forma avulsa nas localidades em que eram editadas.

Era uma imprensa não oficial, idealista, política e literária, que possuía tipografia própria. Os periodistas redigiam as folhas com fins diversos:

> Como recreação literária, por expansão intelectual, ou por temperamento de escrevedores, ou por vocação conjectural ou verdadeira; para propaganda política ou por partidarismo local; por defesa de interesses regionais, comerciais, agrícolas e industriais; por mero mercantilismo, com feição noticiosa, a favor de determinados interesses particulares, por motivos e intuitos panfletária, em que a pena ora se transformava em espada leal de combatente denotado, ora em punhal de assaltante grosseiro e traiçoeiro (LOPO, 1964, p. 25).

Essa fase marca o nascimento da imprensa angolana, uma vez que surgiram as primeiras publicações livres, integrando escritos de intelectuais angolanos preocupados com a afirmação dos valores ligados à natividade.

Contudo, longe de representarem os verdadeiros interesses dos angolanos nativos, muitos desses intelectuais defendiam os interesses econômicos e financeiros de colonos e assimilados angolanos, em alguns casos já em conflito aberto com o poder central de Lisboa, naquele momento.

O terceiro período é ditado pelo profissionalismo e a forma industrial como

o jornalismo era praticado, período que decreta a morte do amadorismo e das ações voluntárias da fase anterior: aparecem diversas publicações diárias e semanários; revistas semanais e bissemanais.

A qualidade gráfica, assim como as tiragens das publicações, não tinham nada a ver com a fase dos primeiros passos do jornalismo angolano.

Nas colônias portuguesas, a imprensa acompanhou os ciclos da vida da metrópole e enfrentou algumas dificuldades no período entre a implantação e a consolidação do regime corporativista de direita, de 1928 a 1932.

Isto prova que o percurso da história do jornalismo angolano no tempo colonial foi marcado pelas transformações da situação política, social e econômica que a colônia sofreu ao longo dos tempos, especialmente nos anos 1950-60, quando o governo português implementou uma série de medidas no sentido de conferir maior desenvolvimento social e econômico à colônia de Angola, conforme já referido.

Até aos anos 1920-1940 do séc. XX, a teoria e a prática das potências coloniais não incluíam o auxílio financeiro externo para estimular o desenvolvimento econômico das colônias.

Depois da Segunda Guerra Mundial toda a África assiste a um aumento do investimento europeu público e privado (ROLAND OLIVER; J. D. FACE, 1980).

A mídia foi beneficiada por esse clima de melhoria social e econômica. De 1965 a 1974, o panorama comunicacional colonial conheceu um dos momentos mais pujantes, registrando vários diários e publicações semanais[32]. As revistas e os jornais debruçavam-se sobre temas diversos - política, economia, cultura, social, literatura, desporto, atualidades, música, espetáculos, estudos, humor e conflitos regionais. Constatava-se também a expansão do sinal da rádio em toda a extensão do território, bem como os primeiros passos do desenvolvimento da televisão.

O império português encaminhava-se orgulhosamente para a harmonia. Contudo, a imprensa africanista sempre se posicionou como espaço de contestação política e resistência cultural ao jugo colonial português, como será discutido adiante.

---

[32]De acordo com Sebastião Coelho (1999), até 25 de abril de 1974, havia mais de 25 publicações, entre jornais, revistas, diários, semanários, quinzenários e mensários. Luanda tinha quatro diários (*A província de Angola, O Comércio, Diário de Luanda* e o *A.B.C.*), Benguela, um diário (*O Lobito*) e um bissemanário (*Jornal de Benguela*) e o Huambo, um trissemanário (*O Planalto*). No país, editavam-se catorze semanários.

4.2.1 A consciência nacionalista

A imprensa e a atividade jornalística, sobretudo a de pendor africanista, desempenharam um papel importante na conceitualização e propagação de ideais independentistas, assim como no próprio processo de resistência cultural em Angola. Sistematicamente as páginas dos periódicos estampavam críticas e protestos contra a administração colonial portuguesa[33].

Para Hohlfeldt (2008), a imprensa colonial é colonial não porque ideologicamente defenda o colonialismo e a colonização, mas porque ela se realiza neste contexto de colonização, traz uma referência espacial e sociocultural e política, mesmo após a concessão da chamada autonomia administrativa e financeira das colônias, fato que ocorre depois da Revolução de 1910, que estabelece a República Portuguesa.

Desde finais do século XIX, o jornalismo participa de ações políticas que forjaram ideias do nacionalismo angolano, fermento do espírito independentista e da autonomia de ideias, considerado por Davidson (1992, p. 42) "um estado de espírito, um ato de consciência".

Se os primeiros jornalistas eram europeus brancos - funcionários públicos ou exilados, a segunda geração de jornalistas já era formada por profissionais nascidos em Angola, o que possibilita as primeiras manifestações independentistas.

De acordo com Thompson (2008), o desenvolvimento da imprensa e de outros meios de comunicação constitui a condição essencial para a emergência da consciência nacional.

Em Angola, à medida que as condições para a manifestação do universo literário e jornalístico foram melhorando, essa consciência nacional foi florescendo. Para Anderson (2008), a identidade nacional é construída no imaginário da comunidade através dos significados, das metáforas, das imagens e das referências que são produzidos em discursos sobre a Nação.

---

[33] ANTÓNIO, Mário.*Luanda "Ilha" Criola*, Lisboa, 1968; CALEY, Cornélio.*Contribuição para o pensamento histórico e sociológico angolano*: intervenções e reflexões. Luanda: Nzila, 2006; SILVA, Rosa Cruz e.*O Nacionalismo angolano. Um projecto em construção no sec. XIX, através de três periódicos*: o *Desastre, O Pharol do Povo* e *O Tomate*. Luanda, 1997.

Assim, como uma "nação imaginada"[34], Angola foi despontando nos discursos midiáticos, uma vez que as nações não são apenas entidades políticas soberanas. A utopia ganhou significado através de sistemas de representação da vida socioeconômica e cultural em Angola sustentada em hábitos e costumes da população e também em códigos e convenções sociais.

O jornalismo angolano passa a se posicionar como espaço de manifestação da experiência coletiva e legitimação das identidades angolanas. A realidade cotidiana de Angola é inscrita no imaginário social através dos discursos jornalísticos.

As próprias ideias e consciência de Nação, inseridas nos discursos jornalísticos no final do século XIX, despertaram no angolano o interesse em resgatar suas raízes culturais. Os cidadãos tornam-se mais sensíveis e conscientes das identidades culturais para a preservação da sua história e da unidade nacional. Jornalistas como José de Fontes Pereira, Joaquim Dias Cordeiro da Mata, António de Assis Júnior, Pedro Félix Machado, Alfredo Troni, Alfredo de Brito Aguiar ou Tomaz Viera da Cruz destacam-se como pioneiros na elaboração e expressão do pensamento político embrionário desse despertar.

Ao discorrerem sobre história e cultura, línguas nacionais, hábitos e costumes; ao manifestarem o sentimento de revolta contra a ocupação colonial; ao denunciarem a discriminação e violência contra as populações indefesas; ao promoverem espaços de debate político através das páginas de periódicos como *O Pharol do Povo*, *O futuro de Angola*, *A civilização da África portuguesa*, *A Aurora*, *O Desastre*, *O Tomate*, *O Arauto africano* e tantos outros, os intelectuais e jornalistas passam a contribuir para a consciencialização política e cultural dos angolenses, construindo referências do nacionalismo angolano.

Essa ação política dos jornalistas, escritores e outros destacados membros das elites emergentes, consolida-se e busca ultrapassar as fronteiras nacionais, promovendo a emancipação dos angolenses e tentando conquistar a solidariedade da comunidade internacional(Silva, 1993).

Essas formas de doutrinas libertárias associadas à construção de um espírito identitário, mantêm-se no século XX. Em 1901, desencadeia-se um levante de

[34] Nação imaginada no sentido de "comunidades imaginadas", conceito desenvolvido por Benedict Anderson (2008), segundo o qual uma nação é uma comunidade construída socialmente, especialmente pelos meios, sendo imaginada pelas pessoas que percebem a si mesmas como parte desse grupo.

intelectuais e artistas nativos contra aquilo que Laranjeira (1986) considera como o reacionarismo racial e social do sistema colonial português.

O referido associativismo nativo, também chamado de "Voz de Angola clamando no deserto", ganha fôlego, aliando-se às revoltas populares e vagas reivindicativas e protestos que se alastram um pouco por todo o país (Bailundo, 1902; Malanje, 1914; Ndalatandu, 1917; Luanda, Catete, Ndondo, Malanje, Lunda, Moçamedes, Benguela, 1922).

O regime colonial responde com o recrudescimento das medidas de repressão e de limitação da liberdade de imprensa dos angolanos que defendem ideias independentistas. Os jornais do século XX investiram na perspectiva crítica e libertária, resistindo ao jugo colonial, pondo em causa as opções políticas e sociais do colonialismo, sobretudo a partir de 1945. Destacam-se periódicos como *A província de Angola*, *O Apostolado*, a *Tribuna dos Musseques* e *O Angolense*.

Desse modo, o processo de formação e tomada de consciência nacionalista iniciado em finais do séc. XIX atravessa todo o século XX e assume contornos políticos e dimensão nacional, apesar do desenvolvimento da imprensa angolana ser marcado por muitas tensões referentes a três principais aspectos aqui sistematizados:

1. Os constrangimentos de ordem política e social - falta de consciência de classe e, sobretudo, ausência de organização e estrutura ideológica dos nacionalistas; analfabetismo da maior parte da população; diferenças de perspectivas entre os intelectuais metropolitanos e a larga massa da população nativa;
2. A vida efêmera, as tiragens irrisórias e o pouco alcance social dos jornais; e
3. Os contratempos inerentes ao regime colonial - censura, prisão, perseguições de jornalistas e encerramentos dos periódicos.

Apesar de todos os problemas e desafios, foi possível observar que os periódicos tendem a se posicionar como espaços de intervenção social e de manifestação das aspirações angolenses. Suas contribuições no processo de resistência cultural e no projeto emancipacionista têm colaborado para a preservação da memória coletiva e para a autonomia do povo angolano e de seu percurso político, ainda que sob muitas tensões.

4.3 Jornalismo pós-independência

Com a autodeterminação de Angola, em Novembro de 1975, o novo poder desencadeia uma política de ruptura com o passado recente. Uma mudança não apenas dos pontos de vista político e social, mas sobretudo de caráter cultural.

De acordo com Mário Pinto de Andrade (1997), a luta de libertação nacional em Angola assumiu uma dimensão socioeconômica, sociopolítica e sociocultural, sendo caracterizada nas seguintes vertentes:

a) Como um fenômeno que se enquadra num conjunto socioeconômico determinado;
b) Como uma reconquista da personalidade histórica do povo em luta e o seu regresso à história;
c) Como um ato processual de libertação das forças produtivas de toda a dominação estrangeira;
d) Como verdadeira marcha da sociedade pela via do progresso cultural e do resgate da cultura angolense.

Ainda conforme Andrade (1997), a luta de libertação nacional, em Angola, consiste sobretudo em um fenômeno cultural que fecunda e alimenta a luta de libertação.

Segundo o político e nacionalista, o processo de libertação nacional se traduz no reencontro da sua própria cultura e fundamenta-se na capacidade dos povos de preservarem as suas identidades.

De fato, uma das prioridades das novas autoridades configurava a recuperação dos valores culturais da *angolanidade* – entendida como "a verdadeira categoria substantiva que traduz a experiência histórica deste sujeito colectivo que são os angolanos" (KANDJIMBO,1997, p. 17).

A ideia de angolanidade nasceu em 1959 e afirmou-se como conceito nos anos 1960/61, para definir a substância nacional angolana, em oposição à portugalidade. O surgimento da ideia e afirmação do conceito pertencem ao investigador português Alfredo Margarido e ao escritor angolano Costa Andrade. Mário Pinto de Andrade é apontado como o primeiro que formulou os fundamentos culturológicos e sociológicos do referido conceito, destacando que a angolanidade é contra a prática do

assimilacionismo colonizador, o dualismo cultural, com vista à definição dos traços essenciais de uma identidade nacional.

Na esteira de Mário Pinto de Andrade, o crítico literário Kandjimbo tem se destacado no panorama cultural angolano como grande defensor desse conceito. Para este escritor e ensaísta, o conceito da angolanidade corresponde ao entendimento da identidade cultural decorrente de todas as manifestações culturais angolanas, onde se inscrevem as práticas literárias escritas e orais e o imaginário social, a ideologia e o sentimento de pertença (KANDJIMBO, 1997).

Denota-se, desde os primeiros dias da jovem república, a firme vontade por uma nova perspectiva na arquitetura cultural angolana, contrariando as perspectivas epidérmica, folclórica e *snob*, próprias da estética colonial sobre, a realidade cultural de Angola.

Para o crítico Mixinge (2009), cinco tendências fundamentais testemunham a consolidação da estética pós-colonial na arte contemporânea africana, uma perspectiva marcada pelo cruzamento das reminiscências ancestrais africanas e da globalização, a interdisciplinaridade artística, a literatura, a filosofia e as novas realidades da condição africana:

1. Tendência pela sublimação da guerra e dos mortos;
2. Tendência pela fabulação da História, dos mitos e do cosmo;
3. Tendência pelo retrato (do sujeito, da sociedade, dos costumes e da natureza);
4. Tendência pela representação da totalidade do espaço-temporal como redimensão de noções ancestrais e da livre imaginação; e
5. Tendência pelo uso das tecnologias de última geração.

No movimento literário de “nacionalização”, os escritores elegem temáticas ligadas à opção anticolonialista, assim como sujeitos de enunciação representativos de um coletivo africano caracterizado pelo empenho e o compromisso com o desenvolvimento do país.

De fato, no cenário pós-colonial, a narrativa angolana acolheu tópicos do pensamento anticolonial e antiportuguês, investindo na afirmação de um país renovado politicamente e que procurava encontrar paradigmas literários também novos.

Assim, durante os anos 1960/70 houve um efetivo esforço de africanização do discurso e a tentativa de rupturas com a literatura intimista ou autobiográfica própria do período colonial. A política cultural de Angola constata a transferência do angolano do hemisfério "do observado", próprio da antropologia e da estética colonial, para o hemisfério "do criador", ou seja, o angolano passa a sujeito do discurso, passa a ator e sujeito da sua própria cultura.

Esta dinâmica teve a literatura como um dos maiores catalisadores e espaços de vanguarda, mas encontra reflexos em todas as manifestações artísticas e culturais. O campo da comunicação também se viu influenciado por esta perspetiva libertária.

Para Mata (2006), o discurso do período colonial-fascista foi substituído por uma estética nacionalista, consubstanciada na ideologia libertária que buscou partilhar memórias históricas e sociais e coletivizar angústias e aspirações.

Segundo Appiah (1997), o processo de construção da identidade angolana ainda está em curso tal como a identidade africana está em contínuo processo de formação. Ou seja, não há uma identidade final que seja africana, identidade aqui entendida como algo novo, com um certo sentido e contexto predeterminados, como uma experiência histórica comum e uma mesma prática cultural partilhada entre os diferentes grupos étnicos e sociais. De acordo com Hall (2003, p. 43), se estamos sempre em processo de formação cultural, uma vez que a cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar.

Forja-se uma identidade marcada por mudanças estruturais inerentes à sociedade moderna que a fragmenta, descentraliza e desloca, tornando-a indefinida, plural, incompleta, incoerente, contraditória e complexa, até porque, segundo Becker (2005), à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, confrontamo-nos com uma multiplicidade de identidades e de diferenças possíveis.

A respeito, Castells (2000, p. 23), afirma:

> A construção da identidade vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória colectiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos estes materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço.

4.3.1 Período "revolucionário" (1975-1991)

Quando tomou o poder em Angola, a 11 de Novembro de 1975, o partido MPLA apostou na diretriz do socialismo científico como referência para práticas midiáticas, ou seja, adotou a concepção marxista-leninista da "função social" da comunicação social, segundo a qual o conteúdo do rádio, da televisão, da imprensa e do cinema não podem estar à margem ou acima das classes, visto constituírem "instrumentos da luta ideológica e política"[35].

Os órgãos de comunicação são transformados em instrumentos do poder e, em alguns casos, em seu prolongamento. O MPLA ressaltava que eles não só deveriam completar, como também generalizar "o trabalho de informação e orientação das massas que se realiza através das estruturas partidárias"[36].

Tal como ocorreu nas outras colônias africanas do universo lusófono, a imprensa de Angola também se encarrega de transferir o sentido épico da vitória da luta de libertação nacional para a narração do presente e a visão do futuro.

A observação e a narração dos fatos feitos pela imprensa eram efetuadas com duas referências onipresentes: o processo de conquista da independência (cedo transformado em mitologia) e a antevisão dos caminhos do futuro (também antecipadamente assumida como marcha irreversível e predeterminada pela força da História (VASCONCELOS, 1996).

Os órgãos de difusão massiva são entendidos como parte de um sistema centralizado, com tarefas que deviam integrar-se numa estratégia global do partido no poder.

O dirigismo partidário fez com que a imprensa funcionasse à luz de um maniqueísmo: ideias, valores, sistemas políticos, econômicos e sociais, comportamentos, costumes e mesmo grupos sociais eram arrumados em gavetas dualistas, capitalismo e comunismo, ou seja, o velho e o novo, o reacionário e o revolucionário, o antipopular e o popular, enfim, o bem e o mal.

A opção pelo comunismo conduziu a uma atitude mais de rejeição ou aceitação *a priori* do que de crítica. A condenação ou aprovação, em nome de princípios

---

[35]Revista *Estudos e Opiniões*, n. 4, 2009. Gabinete de Coordenação de Estudos do MPLA. Tese sobre os Meios de Comunicação Massiva, aprovada pelo I Congresso do MPLA, em dez. 1977.
[36]*Ibid.*

revolucionários, substituiu frequentemente a investigação e a análise no trabalho jornalístico[37]. Em nome da independência e do processo de construção do homem novo, tudo se justifica, conforme as orientações do partido no poder.

A primeira medida do poder revolucionário foi a nacionalização de todos os órgãos de comunicação social, instaurando o monopólio do Estado. Foram também implementadas medidas legislativas de caráter restritivo em matéria de liberdade de imprensa e de empresa. Foi introduzido um sistema de censura não institucionalizada, mas tão sutil quanto sofisticado[38].

Embora as empresas ligadas ao setor fossem definidas como unidades econômicas estatais e gozassem de autonomia administrativa e financeira, estavam subordinadas, em termos político-ideológicos, ao MPLA[39].

Nesse período, o exercício do jornalismo decorre da visão revolucionária dos meios de comunicação social, de maneira a contribuir para a educação político-ideológica das massas populares sob a seguinte diretriz[40]: "A informação já não é um órgão governamental, é um órgão do partido e, por isso, tem de refletir as preocupações do partido" (NETO, 1978, p. 25).

4.3.2 Democratização dos meios (1991-2013)

Sendo a mais importante fonte de informação para a maioria dos cidadãos, em torno da qual se estabelecem e se articulam as compreensões e os processos de formatação dos discursos e ação política dos cidadãos, a mídia assume, atualmente, importância capital na política e no exercício do poder, ao ponto de se tornar um elemento constitutivo da democracia e dos modos como as relações sociais são

---

[37] O que aconteceu em Moçambique, descrito por Leite de Vasconcelos, no ensaio "Algumas reflexões sobre a imprensa pós-independência", publicado na obra *140 Anos de Imprensa em Moçambique* (SOPA, 1996), salvo as devidas diferenças, também ocorreu em Angola.

[38] A Constituição de Angola foi promulgada em 1975. A Lei Magna angolana foi modificada em várias ocasiões. Uma primeira revisão constitucional teve lugar em 1991 para preparar as eleições de 1992; e outra ocorreu em 1994 como consequência dos Acordos de Paz obtidos na Zâmbia. As revisões sempre tiveram como objetivo principal instaurar uma democracia pluralista e garantir o reconhecimento dos direitos e liberdades individuais, juntamente com os princípios fundamentais de uma economia de mercado.

[39] Foi em Setembro de 1977 que ocorreu a aprovação dos Estatutos das Unidades Econômicas Estatais, através da Lei n. 17/77. A maioria das unidades econômicas estatais seria instalada nas empresas confiscadas ou nacionalizadas com base na Lei n. 3/76, de março de 1976.

[40] *Revista Estudos e Opiniões*, n. 4, 2009. Gabinete de Coordenação de Estudos do MPLA. Tese sobre os Meios de Comunicação Massiva, aprovada pelo I Congresso do MPLA, em dez. 1977.

expressas. Devido à crise consubstanciada na perda das identidades partidárias, ideológicas e programáticas na atualidade, os cidadãos recorrem cada vez mais à mídia para superar os dilemas sociais, obter informações para formar opinião e participar no processo de decisão política.

A mídia intervém na política pela determinação dos temas sobre os quais recai a atenção da opinião pública (McCOMBS; SHAW, 1972) e sobre o que deve ou não ser dito (COMPARATO, 1997). Exerce uma significativa influência na formação da opinião pública (FILGUEIRA; NOHLEM, 1994), no desenho do espaço público de maneira normativa (WOLTON, 1995) e na forma como afeta as fontes tradicionais de legitimidade e as formas de controle do poder (RUBIO, 1981). Por outro lado, a mídia contribui na formação e construção da democracia, uma vez que propicia o exercício da cidadania participativa, já que é inconcebivel imaginar uma experiência de democracia destituída de uma imprensa plural e dinâmica que possa permitir que os cidadãos tenham acesso aos acontecimentos e possam exercer os seus direitos.

Angola aboliu o monopartidarismo e aderiu à economia de mercado em 1991. A institucionalização da democracia introduziu mudanças estruturais no jornalismo e na forma de o exercitar.

O universo midiático europeu sofreu, a partir dos anos 80, algumas transformações estruturais com base em três principais vetores: a desregulamentação do setor da comunicação, a concorrência de mercado e a valorização da imagem nos processos de comunicação.

De acordo com Mesquita (1995), se a desregulamentação levou o próprio mercado a desempenhar o papel de regulador das empresas de comunicação, a concorrência emergiu como fator determinante na linha editorial adotada por cada um dos veículos.

Angola esteve à margem dessa tendência universal. Apenas em 1991 é que foi publicada a primeira Lei de Imprensa e, consequentemente, foram realizados os primeiros passos no sentido da materialização da liberdade de expressão e das aspirações angolanas nas práticas jornalísticas e empresariais.

A imprensa se desenvolve em Angola com a implantação de veículos de comunicação privados que representaram uma alternativa aos órgãos de informação estatais e conferiram maior pluralidade e diversidadeaos conteúdos e formatos

jornalísticos de diferentes meios[41].

Esses meios de comunicação se estruturaram aproveitando o vazio de informação que o país enfrentava, conferindo outra dinâmica ao universo comunicacional, quer ao nível da oferta, quer ao nível da melhoria dos conteúdos jornalísticos, e constituíram-se em espaços relevantes também para a afirmação política de alguns jornalistas[42].

Em pouco tempo, esses órgãos de informação conquistaram a simpatia dosangolanos, facea uma imprensa oficial que não se cansa de desempenhar o papel de porta-voz do poder político.

Porém, a maior parte deles carecia de modelos de negócio consistentes, uma vez que buscavam ampliar as vendas pelo investimento em boatos e sensacionalismo, ou centrados nos escândalos da governação e na intriga política, fato que esvaziou a sua credibilidade.

Por outro lado, com o desenrolar dos acontecimentos, eles são considerados instrumentos de afirmação política de forças conotadas com a oposição. Também são criticados por se revelarem palco dos jogos e intrigas do poder que não encontram eco nos órgãos de comunicação oficiais.

A herança simbólica dessa experiência é característica relevante do universo midiático angolano dos últimos anos, o qual tem sido marcado pela degradação de padrões ético-deontológicos e técnico-profissionais, perante a inoperância dos tribunais e dos órgãos de regulação das práticas jornalísticas e da ausência de mecanismos de proteção de direitos humanos, da dignidade humana e da privacidade.

Observa-se, na imprensa angolana, e, de modo expressivo, nas páginas dos jornais e nas antenas das rádios privadas, acusações de atos promíscuos realizados, ora pelo governo, ora pelas forças da oposição, ora pela mídia; e as notícias descambam, regularmente, contra direitos à honra dos cidadãos. Muitas reportagens investem em um discurso inquisitorial, o que transforma esses veículos em autênticos tribunais

---

[41] O primeiro jornal privado, no período pós independência, foi o *Imparcial Fax*, criado por Ricardo Melo, em 1990.

[42] Willian Tonet, dono do *Folha 8*, é um respeitado jornalista, com incursões na política, liderando o amplo movimento de cidadãos, uma força sociopolítica que congrega representantes de diferentes sensibilidades políticas. Rafael Marques, autor do livro *Diamantes de Sangue: corrupção e tortura em Angola,* é visto em setores oposicionistas como o símbolo da liberdade de imprensa, suscitando o interesse da comunidade internacional. O Parlamento Europeu concedeu-lhe um passaporte simbólico de liberdade, pela sua coragem e determinação na consolidação da liberdade de imprensa em Angola.

populares, embora defendendo posições políticas antagônicas.

Em consequência, constata-se o aumento de casos de jornalistas que respondem a processos na justiça, assim como crescem os conflitos entre os profissionais da comunicação e a classe política[43].

Constata-se, igualmente, significativo peso institucional nos noticiários das rádios e televisão estatais e nas páginas da imprensa pública. As fontes oficiais monopolizam a maior parte dos espaços midiáticos e registra-se o recurso constante à linguagem formal e coloquial, para além da burocratização da informação e excessiva ideologização dos textos. O setor público carece igualmente de pluralismo e independência perante o poder político.

Por outro lado, o impacto social e a importância sociocultural dos debates promovidos pela mídia quase nunca ultrapassam os muros dos corredores do poder ou do círculo político-midiático que estão na base da sua existência, por causa do reduzido número de páginas de cada um dos jornais, de suas baixas tiragens e da precaridade do alcance dos sinais de televisão e rádio em toda a extensão do território nacional. Além disso, a maioria da população angolana ainda não tem acesso facilitado à informação e às atuais tecnologias e plataformas digitais.

A mídia angolana funciona à margem da lógica universal do mercado midiático: a publicidade não tem sido o grande suporte da existência dos veículos, nem eles sobrevivem graças às vendas e ao consumo. A imprensa estatal é totalmente financiada pelo poder político e a maior parte dos projetos editoriais privados vive às custas de financiamentos feitos de forma não convencional, quer pelo Governo, quer pelos partidos políticos e empresários.

A história da publicidade local está ligada às transformações políticas, econômicas e culturais e sociais ocorridas em Angola ao longo dos tempos. A publicidade registou o apogeu nos anos 1970, resultante do desenvolvimento que o país experimentou a partir dos anos 1960. Depois da independência, o setor praticamente

---

[43] O julgamento e consequente condenação do jornalista Rafael Marques, em 1999, por ter escrito o artigo "O bâton da ditadura", no semanário *Agora*, em que criticava a atuação política do Presidente José Eduardo dos Santos, foi o caso mais conhecido. Diversas organizações cívicas e humanitárias, com destaque para as instituições ligadas ao sector da comunicação social, como o Human Watch, Repórteres Sem Fronteira, Open Society Institute, Freedom House, Minsa-Angola, Sindicato dos Jornalistas Angolanos, têm feito relatórios pouco abonatórios sobre o exercício da liberdade de imprensa, fato que contrasta com a posição do Governo, que garante que, em Angola, os jornalistas têm asseguradas as condições para exercer livremente a profissão.

deixou de existir, uma vez que a orientação de economia planificada e centralizada não permitia e estimulava esse tipo de investimento.

Com a liberalização da economia nacional, processo iniciado nos idos de 1980, o setor da publicidade começou a renascer. Em 1987, foi publicada a primeira lei, possibilitando que os diferentes meios começassem a se organizar para atrair o público consumidor.

Atualmente, segundo a Direcção Nacional de Publicidade, do Ministério da Comunicação Social, o mercado movimenta um volume de negócios em torno de USD 300,000,000.00 (Trezentos milhões de dólares) anuais,cerca de 721.000.000,00 (Setecentos e vinte um milhões de reais), e o bolo publicitário tem aumentado desde 2004, quando o valor total dos investimentos alcançava dez milhões de dólares e pouco mais de trinta empresas de publicidade e marketingestavam registradas no país. Hoje, existem 250 empresas e todos dias surgem novos atores e relações comerciais, os meios organizam-se cada vez mais, os veículos redimensionam-se para cumprir com as expectativas e necessidades dos anunciantes e consumidores.

O maior volume de investimentos publicitários concentra-se na televisão, seguido pela publicidade em outdoor, pela imprensa e pelo rádio. Os setores das telecomunicações e os bancos, pela pujança nos investimentos feitos, continuam a dominar os investimentos aplicados no mercado publicitário, que está em crescente desenvolvimento. A preponderância dos dois setores deriva das volumosas injeções de capitais nacionais e estrangeiros.

O surgimento de novas emissoras de rádio, jornais e distribuidores de conteúdos de TV ampliou o número de veículos. Aumentam também a implantação da internet e os acessos à rede, assim como de outras plataformas digitais e redes sociais, em que pese o fato dos números ainda irrisórios vistos atrás.

Contudo, persiste ainda um deficit da prática publicitária no meio empresarial. A maior parte das empresas carece de infra-estrutura e investimentos financeiros. E há necesidade de uma regulamentação da Lei da Publicidade e da formação de profissionais técnica e tecnologicamente preparados para essa atividade profissional. Além disso, os custos de publicicidade em Angola são bastante elevados e a maior parte das empresas, sobretudo as grande companhias de telecomunicações e de bebidas, bancos e empresas petrolíferas privilegiam investimentos no mercado externo.

As campanhas publicitárias feitas em Angola chegam a custar o dobro ou o triplo dos preços praticados por agências brasileiras. A TPA e a Tv Zimbo cobram, respectivamente, USD 864 e USD 729 por um *spot* de trinta segundos em *prime-time*, enquanto que a Globo e a Record fazem-no pelo preço de USD 377 e USD 295, respectivamente, cerca de 910 e 712 reais.

Outras questões também intervêm nos negócios publicitários, associadas ao processo de produção, circulação e consumo dos produtos midiáticos. Segundo o referido estudo, encomendado pelo Ministério da Comunicação Social, em Agosto de 2014m à empresa de comunicação e marketing Mlink, para avaliar a percepção dos angolanos residentes em Luanda sobre a atuação dos órgãos de comunicação nacionais, o recurso adotado pela população, frente à falta de credibilidade dos meios locais, é o apego aos canais estrangeiros (Globo e Tv Record), assim como às redes sociais.

De acordo com o referido estudo, os meios de comunicação não refletem de modo crítico e imparcial a realidade da vida social e política do país. A programação das rádios e televisões, sobretudo das estatais, é repetitiva e de baixa qualidade técnica e estética, pouco dinâmica e afastada do que acontece no dia a dia das populações, ocultando os aspectos desfavoráveis da atuação do governo. Há pouca produção nacional, e registra-se uma excessiva presença de ações do governo e do Partido do governo em detrimento das forças oposicionistas e do público em geral.

Contudo, a imprensa angolana configura-se como uma das mais significativas formas de intervir no pensamento político e na construção simbólica; ela constituiu-se num mecanismo de intervenção no espaço público, como um instrumento indispensável na difusão de informação e de ideias, possibilitando que os cidadãos possam participar do processo de decisão política e do próprio processo de desenvolvimento social e cultural, político e econômico.

Hoje, Angola tem um sistema de informação que compreende duas estações de televisão, sendo uma pública e outra privada, um jornal diário e vários semanários, assim como estações radiofônicas em todo o país. A rádio pública continua a ser a única a ser ouvida em toda a extensão do território[44]. As transmissões das emissoras de

[44] Meios de comunicação existentes em Angola:Televisão Pública de Angola e Tv Zimbo, Rádio Nacional de Angola, pertencente ao Estado com emissores regionais em todas as províncias; Rádio N'GolaYeto, Rádio 5, Rádio Luanda, Rádio FM, Rádio Viana, Rádio Cazenga, Rádio Cacuaco, Rádio Mais, Rádio Morena, Rádio Eclésia, Rádio Escola**,** Rádio Despertar, Rádio LAC,Rádio Kairós**,** Rádio Unia, Rádio Comercial de Cabinda, Rádio Morena e Rádio 2000, *Jornal de Angola* (25 mil exemplares), *Jornal de Desporto* (5mil exemplares), *Jornal Cultura* (5 mil exemplares), *Economia e Finanças* (5 mil

rádiocativam os angolanos, em função da força da oralidade na cultura angolana. De acordo com Lopo (1964), a radiodifusão nasceu em 28 de Fevereiro de 1930, em Benguela e, em função da diversidade etnocultural e da extensão territorial de Angola, mantém-se como o meio de comunicação mais efetivo e afetivo do país. Assim, tal como a televisão, as rádios angolanas, sobretudo as localizadas em Luanda, também conferiram grandes espaços à visita do Papa Bento XVI[45].

De fato, o jornalismo em Angola não deixa de desempenhar uma importante função social e cultural, por ser uma expressão das manifestações políticas, sociais e culturais, um instrumento de mediação de interesses e poderes que constrói os sentidos sobre a realidade social cotidiana, nas narrativas e nas enunciações dos acontecimentos (CARLOS, 2010).

Atualmente, observa-se, em Angola, depois da fase de exaltações utópicas dos primeiros anos da independência nacional e do compromisso estabelecido com a democracia, a partir de 1992, que os discursos jornalísticos denotam uma forte preocupação em registrar e acompanhar os desafios da globalização.

No entanto, ainda não se pode afirmar que a imprensa angolana é um exemplo pleno de prática democrática porque os pressupostos do jornalismo angolano mudaram, derivados das novas relações sociais e de poder, inclusive no contexto da globalização. E nesse contexto, as relações entre a mídia e a igreja também demandam reflexões, como ver-se-á no subtítulo a seguir.

4.4 Religião e política

A igreja católica tem tradições multisseculares em Angola, uma herança profundamente enraizada na cultura do povo angolano. O país reúne a maior e mais antiga comunidade católica da África subequatorial (1998).

---

exemplares), *Agora* (2 mil exemplares), *Semanário Angolense* (3 mil exemplares), *Angolense* (2 mil exemplares), *A Capital* (2 mil exemplares), *Expansão* (2 mil exemplares), *Continente* (5 mil exemplares), *Factual* (mil exemplares), *Folha 8* (3 mil exemplares), *Novo Jornal* (5 mil exemplares), *O Independente* (mil exemplares), *O País* (5 mil exemplares), *Sol* (3 mil exemplares), *Nova Gazeta* (2 mil exemplares), revistas*Chocolate, People, Carga, Divo, Exame, Sim Casamentos, Super Fashion, Africa 21, Africa Today, Revista Austral, Cajú, Caras, Economia e Expansão, Figuras e Negócios, Revista Lusofonia, Talentos, TV 24 , TVeja*.

[45]Como prova de que as rádios angolanas deram grandes destaque à cobertura midiática da visita de Bento XVI a Angola, o jornalista José Rodrigues, da Luanda Antena Comercial (LAC), arrebatou o Prêmio Maboque de Jornalismo 2009, o mais importante galardão sobre a imprensa em Angola.

De acordo com Muaca (2001), a história da igreja católica, em Angola, difere em muito dos contextos socioculturais dos demais países africanos. Enquanto o Cristianismo chegou sem consentimento prévio das autoridades indígenas nos demais territórios africanos, coube ao Rei do Congo, Nzinga-a-Nkuvu, a soberana decisão de solicitar missionários ao Rei de Portugal, D. João II, em 1484, em que pese o fato de essa decisão ter dividido a nobreza local.

A evangelização de Angola começa a 29 de março de 1491, com a chegada da primeira expedição missionária ao Reino do Congo. O Rei Nzinga-a-Nkuvu foi o primeiro a fazer-se batizar, adotando o nome de D. João I, decisão seguida por vários dos seus sucessores e monarcas de outros reinos. A Rainha Njinga Mbandi também decidiu adotar o Cristianismo como opção de sua prática espiritual, em 1622, com o nome de Dona Ana de Sousa. Nkinu-a-Mbemba foi o primeiro bispo negro na história da África e Dom Afonso I, Mbemba-a-Nzinga, fundou, em Mbanza Congo, um reino cristão que sobreviveu até o século XVIII, de cujas cinzas brotou uma igreja que não para de se expandir até os dias de hoje.

A religiosidade angolana é sustentada por profunda fé da população na crença em Deus e na aceitação dos valores espirituais, com expressão nas mais diversas manifestações de arte e vida, às quais confere vitalidade e inspiração.

O processo de hibridização cultural, contudo, originou transformações no campo religioso em Angola, situação agravada pelas condicionantes de tempos de fraturas e heterogeneidade (CANCLINI, 1997, p. 85). Constata-se movimentos animistas, doutrinas cristãs e não cristãs e sincréticas, coabitando com religiões locais.

No período colonial, a igreja católica esteve ligada ao processo de dominação estrangeira, participando, muitas vezes, na exploração dos povos e destruição das manifestações culturais locais.

Depois da independência, e em decorrência da via política do novo regime, houve uma crise entre o poder vigente e as instituições religiosas, fato que afetou as práticas religiosas. A experiência das sucessivas guerras civis também condicionou a religiosidade dos angolanos.

A Constituição garante o direito às diversas práticas religiosas, existindo uma grande proliferação de igrejas, fato que implica novas formas e vivências culturais, assim como novas e diferentes manifestações e rituais religiosos. Por conseguinte, as

instituições religiosas têm se adaptado às diversas etapas do desenvolvimento do processo político e histórico, social e cultural do país ao longo dos tempos.

Neste contexto, a igreja católica angolana tem adotado valores culturais de angolanidade nas expressões das suas práticas cotidianas, conferindo-lhes uma espécie de garantia da perpetuação.

A igreja tem contribuído para a preservação da herança histórica e das identidades nacionais, visando ao consenso social profundamente incorporado na forma angolana de ser e estar no mundo[46]. Busca reafirmar a angolanidade, conferindo novo sentido às identidades e às suas diversas manifestações por meio dos discursos e práticas religiosas.

O continente africano é tido como berço de espiritualidade religiosa. Entre os povos de matriz cultural bantu, a crença num Deus Supremo, criador de todas as coisas, é parte integrante da filosofia de vida. Matumona (2005) partilha a mesma opinião, defendendo que o africano é tradicional e profundamente religioso e crente.

A religião pertence ao cotidiano das populações africanas por causa dos seus antepassados, que são provenientes de uma cultura totalmente sustentada numa espiritualidade do cotidiano, ou seja, tudo na cultura africana tem sabor e cheiro de sagrado. A vida é cercada por espíritos e entidades que se preocupam com a vida dos seus fiéis. Não existe separação entre o sagrado e o profano. Todos os acontecimentos têm uma explicação religiosa, uma realidade que convive com os princípios da fé cristã. Daí o sincretismo da religião católica em Angola consubstanciado na hibridização de valores ocidentais e elementos da tradição e costumes locais, um fenômeno resultante da imposição derivada da colonização e do processo de contaminação recíproca de influências.

Para Imbamba (2009), a religião é uma manifestação que está presente em todos os povos; religião entendida como o conjunto de crenças, práticas e sentimentos graças as quais um certo grupo faz face aos problemas da vida humana, integra a vida social e valida as suas atividades.

> A religião é a chave da história. Não podemos compreender as estruturas íntimas duma sociedade se não conhecermos bem a sua religião. Não

[46]Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da doutrina social da Igreja.* Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2004.

> podemos compreender as suas conquistas espirituais se não compreendermos as suas crenças religiosas que estão na sua base (IMBAMBA, 2009, p. 6).

De acordo com Mourão (2010), atualmente, a religião deixou de organizar a sociedade, mas ainda subsiste uma religiosidade latente, que se exprime polimorficamente. A religião constitui uma dimensão fundamental da experiência humana. Em muitos países subdesenvolvidos ela é a principal frente de resistência pela libertação do homem.

Huntington (1996) sustenta que a religião é um dos mais importantes elementos culturais que caracterizam uma civilização, porque transcende as fronteiras dos Estados e, muitas vezes, sobrevive a eles. No entanto, a igreja católica tem perdido muitos fiéis. Em Angola, não há informações oficiais a respeito, nem existem dados sobre o número de fiéis da igreja católica e das demais confissões religiosas. Contudo, constata-se uma grande proliferação de outras práticas religiosas[47].

Segundo um estudo empírico efetuado pelo Instituto Nacional para Assuntos Religiosos, existem mais de 50 mesquitas identificadas e acima de 100 locais de culto onde cidadãos nacionais e estrangeiros (senegaleses, guinieses, libaneses, nigerianos, malianos etc.) professam a religião muçulmana (cantinas, quintais, contentores etc.)[48]. A igreja Universal possui mais de 100 templos identificados, marcando presença em todas as 18 províncias, assim como a Igreja do Bom Deus, uma das mais representativas da corrente evangélica. A "teologia da prosperidade" é um dos grandes motivos que fazem com que muitos angolanos com carências e dificuldades de toda ordem recorram aos préstimos dos novos movimentos religiosos.

No Brasil, dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, revelam que, em 25 anos, a Igreja Católica perdeu um quarto dos seus fiéis no País. 600 mil fiéis se afastam a cada ano desta prática religiosa. Segundo os dados do Datafolha, em 2010 havia quase 1,7 milhão de católicos a menos que em 2000. Em média, a referida igreja perdeu 465 fiéis por dia[49]. Esta perda de fiéis na última década,

---

[47]Em 1987, foram reconhecidas pelo Estado Angolano 12 organizações religiosas. E até 2000, último ano de reconhecimento de instituições religiosas, 83 igrejas estavam registradas. Atualmente, 827 igrejas aguardam seus reconhecimentos (*Revista Religiões e Estudos*, Luanda, n. 3, 2010. As religiões em Angola. A realidade do período pós-Independência 1975-2010).

[48]Em 2013, o Instituto Nacional para Assuntos Religiosos dirigiu um estudo para avaliar a implantação das igrejas em Angola. Fonte: Ministério da Cultura da República de Angola.

[49]Censo 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), *Jornal O GLOBO*, Rio de Janeiro, 30 jun. 2012.

sem precedente na História, é uma das grandes preocupações das autoridades eclesiásticas de Roma, fato que também motivou a viagem de Bento XVI à Angola. Uma igreja mais simples que se opõe à doutrina portadora da verdade e do esplendor, que procura estar próxima dos pobres e do Evangelho constitui a linha mestra da política do Papa Francisco para mudar este quadro, atuando com maior humildade.

Em Angola, a igreja católica continua a desempenhar um papel importante. Para além de se constituir em uma importante matriz cultural do país, ela tem contribuindo para o reforço da identidade nacional, em função da profunda ligação entre cristianismo e cultura angolana.

Ao longo da história, os cristãos têm colaborado na defesa da soberania nacional e na promoção, divulgação e enriquecimento das manifestações culturais dos angolanos. Foram os jesuítas que introduziram a tipografia em Angola, já no século XVI, dando um impulso no surgimento da imprensa em Angola. Nas missões católicas e suas escolas ensinavam-se as artes e ofícios da vida; os primeiros dicionários em línguas nacionais também saíram da lavra de missionários.

4.5 Igreja e mídia

O Cristianismo mantém uma relação intrínseca com os meios de comunicação. Sodré considera que essa relação é inevitável, uma vez que, sem a transmissão da Palavra de Deus, a Igreja perece. Revela-se que a imprensa não é apenas um instrumento para o desenvolvimento da cultura e do comércio, por ter se transformado também em um instrumento de lutas religiosas.

Há três fases que marcam a história da relação entre igreja católica e os meios de comunicação (DALE, 1973; PUNTEL,1994):

a) a primeira fase caracteriza-se por uma conduta orientada para a censura e repressão, período durante o qual a igreja sob o manto da Inquisição é a intermédia entre a produção do saber e a sua difusão na sociedade;
b) a segunda fase consubstancia-se no controle e vigilância dos novos meios, com um controle ainda mais específico da imprensa, do cinema e do rádio. A igreja serve-se desses meios para a difusão das suas mensagens, ainda que de maneira desconfiada; e

c) a terceira fase caracteriza-se pela rendição da igreja católica aos poderes e fascínios da mídia, reconhecendo que a utilização dos novos meios tecnológicos de informação e comunicação podem ser úteis na expansão e penetração da mensagem eclesial.

De acordo com Verón (1998), a igreja católica orienta o uso dos meios e da sua prática comunicacional com uma atitude questionadora das funções sociais da comunicação, uma vez que, atualmente, um dos focos dos estudos comunicacionais mais valorizado, é o das mediações.

Toda a mudança verificada no sistema midiático repercutiu na igreja católica de Angola. A relação entre a mídia e a igreja católica, sobretudo no capítulo da radiodifusão, institucionaliza-se a partir de 8 de dezembro de 1954, com a primeira emissão da Rádio Ecclésia (Emissora Católica de Angola).

Contudo, a influência da igreja católica na imprensa começou com o diário *O apostolado*, uma das mais antigas publicações de Angola, fundado em 26 de outubro de 1935 e ainda em circulação.

A presença da igreja, no panorama mediático angolano, não se restringe aos seus órgãos de comunicação. Desde 2007, a Televisão Pública de Angola transmite ao vivo as missas dominicais da igreja católica, fazendo o mesmo com o culto de sábado da igreja metodista unida. Outras igrejas, sobretudo a igreja metodista Universal do Reino de Deus, também têm programas em diversas rádios privadas. Desde 2011, existe a Rádio Kairós, pertencente à igreja metodista.

A igreja católica se beneficia de estatuto especial no contexto político angolano, tendo recuperado todos os bens confiscados no período de partido único; e hoje prega a cidadania através das antenas da Rádio Ecclesia e nas páginas de *O apostolado.*

O espaço midiático tem sido disputado por outras instituições religiosas. Em alguns aspectos, apresenta-se como o único ambiente em que instituições periféricas podem adquirir estatuto social e visibilidade pública. As práticas religiosas e midiáticas constituem-se, ao mesmo tempo, como lugares de expressão das identidades angolanas e de seus poderes na tentativa de gestão da angolanidade.

Nesse sentido, a análise da cobertura da imprensa da visita do Papa Bento

XVI pode revelar uma compreensão mais ampla dos modos como se dão essas interações, desvelando, mais especificamente, como as práticas jornalísticas em Angola constroem a experiência cultural e socioeconômica do país, por meio de uma análise de suas diferentes estratégias discursivas.

5 ELABORANDO O OBJETO DE ESTUDO

Este capítulo apresenta as referências teóricas e o percurso metodológico adotado na análise comparativa quantitativa e qualitativa da cobertura jornalística do *Jornal de Angola* e do *Semanário Angolense*sobre a visita do Papa Bento XVI a Angola, de 20 a 23 de março de 2009.

Tal acontecimento foi escolhido como objeto de estudo desta Tese de Doutorado por ter marcado, significativamente, a experiência política, social, cultural e histórica dos angolanos, assim como as enunciações dos meios de comunicação nacionais, constituindo uma viagem carregada de grande simbolismo e sincretismo.

Em primeiro lugar, porque reafirmou o reforço da relação entre o governo de esquerda de Angola e a igreja católica, fazendo do país a zona tampão da expansão do fundamentalismo islâmico na África subsaariana. Além disso, a visita lembrou o esforço de missionários em assimilar os hábitos e costumes locais, uma vez que a religiosidade ou a espiritualidade angolana expressavam-se nas mais diversas manifestações de arte e vida, conferindo-lhes vitalidade e inspiração. Não é por acaso que a presença de Bento XVI em Angola foi transformada num ritual de excomunhão e em um espetáculo midiático.

A escolha dos referidos periódicos deriva do fato de serem importantes veículos de informação e de difusão de conteúdos noticiosos.

O *Jornal de Angola* é o único diário impressodo país, sendo o mais lido e distribuído em todas as 18 províncias. O *Semanário Angolense* era, na altura da visita, um dos mais populares e destacados semanários, por assumir uma postura distanciada do poder político.

O principal objetivo desta Tese de Doutorado é, como já referido, identificar como a imprensa angolana construiu a cobertura da visita de Bento VXI, mostrando a especificidade das estratégias discursivas e os processos de construção de sentidos dos relatos desses periódicos.

Os objetivos específicos da pesquisa são compreender como o jornalismo tece, em suas mediações discursivas, contradições da vida social em Angola, por meio de um estudo das enunciações dos referidos jornais impressos sobre o acontecimento selecionado, e como as relações sociais e políticas são estabelecidas entre instituições

midiáticas e religiosas, mais especificamente entre a imprensa angolana e a igreja católica.

Assume-se o papel central dos meios de comunicação na construção das representações sociais como dispositivos que definem modos de leitura, atribuindo, desse modo, sentidos à realidade e aos acontecimentos, segundo suas regras discursivas em seus processos de significação. A Figura 1 apresenta uma foto do Papa Bento XVI numa das suas atividades em Luanda, publicada no portal da Angola Press (ANGOP)[50].

Figura 1: Papa Bento XVI saúda as mulheres angolanas na Igreja de Santo Antônio

Fonte: ANGOP (2014)

5.1 Referências teóricas para a análise comparativa

Como já mencionado, as referências teórico-metodológicas que amparam a análise comparativa quantitativa e qualitativa desta Tese de Doutorado residem, especialmente, nas contribuições de Milton José Pinto (1999) e Márcia Benetti (2007), para quem o discurso é uma prática não apenas de representação, mas de significação do mundo, constituindo-o e construindo-o em significados. Ou seja, o discurso é uma forma pela qual os sujeitos podem agir sobre e com o mundo e os outros, sendo considerado por Fairclough (2001) como uma prática social que tem reflexos sobre a

[50] Portal da agência angolana de notícias Angola Press (ANGOP). Disponível em <www.angop.ao>. Acesso em: 19. fev. 2014.

estrutura social, a qual também intervém na sua própria organização. A prática discursiva recorre a convenções que naturalizam relações de poder e ideologias particulares e as próprias convenções (FAIRCLOUGH, 2001).

A perspetiva de Milton José Pinto (1999) aponta que todo texto reúne as funções de mostrar, interagir e seduzir. De acordo com Sousa (2001), através dessas três funções básicas, o texto, primeiramente, designa e descreve os referentes sobre os quais fala, construindo o universo de discurso ou o mundo ao qual se reporta.

Pinto propõe uma análise do processo de comunicação instaurado no texto e fora dele, em função do contexto socioeconômico e cultural, de maneira que seja possível perceber relações de saber e poder estabelecidas no texto em um determinado contexto, assim como entre produção e recepção, neste caso entre a imprensa e a sociedade angolanas. Essas contribuições do pesquisador permitem identificar os modos como o emissor procura interagir com o receptor a partir do texto, direcionando determinadas leituras do mundo e da realidade. O autor sugere que a análise do discurso permite observar ainda os valores, as reações afetivas ou os julgamentos simbólicos elaborados nos discursos da mídia.

Para Márcia Benetti (2000), o discurso é sempre um efeito de sentido e gerador de novos sentidos, resultando de elementos que não só o antecederam, mas também possibilitaram a sua existência. Segundo a autora, a Análise do Discurso confere primazia aos processos históricos e sociais de produção da linguagem, ou seja, dedica um lugar primordial à produção dos sentidos do discurso e às posições do sujeito, tendo a exterioridade como questão essencial.

Benetti compreende o jornalismo como um lugar de circulação e construção de sentidos, pressupondo que o discurso se constitui entre e pelos sujeitos; o discurso não existe por si mesmo, ele só existe em um espaço entre sujeitos, ou seja, não apenas pelo autor da fala ou enunciador, mas também pelo sujeito que lê o discurso.

Assim, compreende-se que o discurso é construído de forma intersubjetiva e não deixa de ser dialógico. Porém, para que seja compreendido ele deve ser entendido como um processo histórico e subordinado a contextos sociais e culturais. A compreensão do contexto de produção do texto é relevante para identificar os modos como suas enunciações atribuem sentidos aos acontecimentos, os quais serão adotados ou não pelos leitores em seus processos de interpretação e significação. Assim, segundo

Benetti (2007), a Análise de Discurso é um método adequado para analisar os sentidos do discurso jornalístico por permitir apreender não apenas como são articulados discursivamente os sentidos do texto, mas também como esses processos de significação estão associados à sociedade, à cultura, à ideologia e ao contexto onde essas enunciações são produzidas.

A Análise do Discurso é, então, compreendida aqui como um método de interpretação dos sentidos e das vozes contidas no texto e fora dele (as fontes, o jornalista, a instituição e o leitor), cujo percurso metodológico deve ser construído em cada pesquisa, segundo critérios eleitos pelo pesquisador amparado pelos referidos parâmetros e referências teóricas. Desse modo, precisa saber ouvir com atenção não apenas o que dizem os textos, mas, mais especialmente, *como* dizem um acontecimento e/ou um fenômeno social, realizando uma leitura crítica dos textos, do contexto onde estão inseridos e das enunciações internas e externas ao texto pelos atores sociais envolvidos no discurso.

Para alcançar esse objetivo, com inspiração nas relevantes contribuições de Pinto (1999) e Benetti (2007) realizou-se esta investigação por meio de uma análise comparativa quantitativa e qualitativa para avançar nessa reflexão, como será detalhada no próximo item.

Entretanto, as contribuições da Análise do Discurso indicam ainda a necessidade de realizar a investigação seguindo três etapas complementares: a contextualização, associada a uma descrição do objeto de estudo, a análise propriamente dita e a interpretação (Becker, 2005, 2012). Estas três etapas também constituem-se como importantes referências metodológicas deste Capítulo, destacando que a etapa da análise nesta investigação é constituída por um estudo comparativo quantitativo e qualitativo do material publicado em ambos os jornais sobre a visita do Papa.

Além disso, para compreender os discursos do *Jornal de Angola* e do *Semanário Angolense* e, especialmente, para configurar a hipótese desta Tese de Doutorado, também recolheram-se para esse estudo contribuições de Katz e Dayan (1999) e Becker (2005). Assume-se, de acordo com a perspectiva desses autores, que os discursos da mídia tendem a manter o *status quo* e a conservação social, porém também podem, em alguns momentos, alcançar dimensões transformativas a partir das interações estabelecidas com os diferentes atores sociais que participam da produção e da recepção de um determinado acontecimento midiático em suas negociações de

sentido.

O principal objetivo deste estudo é mostrar, a partir de uma análise das matérias jornalísticas do *Jornal de Angola* e do *Semanário Angolense* sobre a visita do Papa, com estratégias enunciativas semelhantes em alguns momentos e diferenciadas em outros, como a imprensa construiu não só sentidos sobre o acontecimento, mas também sobre as identidades nacionais dos angolanos, discutindo os efeitos dessas enunciações na vida social do país. Assim, a partir de nossa hipótese, já referida anteriormente, de que a visita do Papa Bento XVI provocou, simultaneamente, a reafirmação dos poderes da mídia e da igreja católica, mas, ao mesmo tempo, serviu como uma espécie de elo simbólico para o fortalecimento das identidades dos próprios angolanos, em um País bastante fragmentado em sua organização socioeconômica, histórica e cultural. A análise realizada nesta pesquisa é sistematizada no próximo capítulo.

De acordo com Benetti (2009), sugere-se, nesta investigação, que o acontecimento jornalístico está inserido em uma ordem hermenêutica, ou ordem dos sentidos, de grande complexidade – não apenas pelos procedimentos exigidos para que um fenômeno se transforme em acontecimento noticioso, mas também pelos quadros de referência que ajudam a legitimar.

Os discursos jornalísticos constroem significações das realidades cotidianas, representam lugares de autoridade e também produzem conhecimento (THOMPSON, 2008; MARTÍN-BARBERO, 2003; BENETTI, 2009), como referido no Capítulo III. Porém, segundo Benetti (2009), deve ele próprio ser compreendido como *acontecimento,* o que demanda ainda refletir acerca das suas repercussões e efeitos sobre a vida social e os sujeitos, assim como sobre os valores de uma sociedade em determinada época.

Na nossa pesquisa, foram consideradas como matérias jornalísticas todas as peças relacionadas com a visita do Papa Bento XVI à Angola, assim como as notícias propriamente ditas e os demais gêneros jornalísticos (artigo de opinião, editorial, reportagem e entrevista).

Desse modo, é possível verificar as divergências e aproximações nos modos de ambos os jornais relatarem a visita do Papa Bento XVI à Angola. O conjunto das matérias imprensas revela que à viagem foi conferida uma pluralidade de significações,

orquestradas segundo as gramáticas próprias de cada um dos órgãos de informação citados.

5.2 Um percurso metodológico

Entende-se a leitura como um processo de produção de efeitos de sentido, tendo em consideração que discurso é o "efeito de sentidos entre os interlocutores" (ORLANDI, 1996; PÊCHEUX, 1969 *apud* SILVA, 2004). Segundo Pinto (1999), a análise deve revelar as condições de produção dos discursos e contextualizar um determinado fenômeno cultural, assim como os modos de dizer dos objetos estudados, como os acontecimentos jornalísticos, o que demanda uma descrição e uma posterior interpretação das enunciações.

Para Benetti (2007), a Análise do Discurso é particularmente importante às pesquisas em jornalismo para realizar um mapeamento das vozes e a identificação dos sentidos, um lugar de inter-ação entre texto e leitor. No entanto, a autora sugere que a AD pressupõe compreender que a análise do texto significa visualizar que sua estrutura vem de fora do texto (sociedade, cultura, ideologia, imaginário). E esse lugar nem sempre é visível e demanda empenho do pesquisador para identificar a sua exterioridade.

De fato, o texto é a parte visível de um material concreto inserido em um processo complexo. A camada mais visível é o discurso, mas é preciso investigar também uma dimensão mais opaca, a ideologia inserida nas enunciações que exigem procedimentos específicos. Sabe-se que toda toda representação é uma construção social da realidade e utiliza-se a AD para investigar as maneiras como os sentidos sobre a visita do Papa Bento XVI foram produzidos e circularam a partir da análise das coberturas do *Jornal de Angola* e do *Semanário Angolense*, sob condições de produção e rotinas particulares de cada um dos jornais inseridos em determinados contextos sociais e culturais.

Assim, inspirados, especialmente, nas contribuições de Pinto (1999) e Benetti (2007), para a realização desta investigação, adota-se a Análise do Discurso (AD), nesse percurso, por se compreender que esta metodologia permite revelar sentido ou sentidos produzidos por sujeitos e instituições ao elaborarem um discurso, suas intenções e a forma como é recebido por quem ouve ou lê suas palavras (SILVA, 2004).

Para compreender as condições de produção dos relatos jornalísticos estudados,

de acordo com a orientação de Pinto (1999), contextualiza-se o atual momento da imprensa angolana, a partir de uma reflexão sobre a sua história e desenvolvimento, como sistematizado no Capítulo IV. Assim, discute-se a conjuntura socioeconômica e cultural e o desenvolvimento da imprensa em Angola nos capítulos 2 e 4 e realiza-se, em seguida, a descrição dos jornais selecionados para esse estudo e a contextualização do acontecimento, como referido nos itens 5.3, 5.3.1, 5.3.2 e 5.3.3. Sobre essas diretrizes, realiza-se uma análise comparativa quantitativa e qualitativa da cobertura jornalística do *Jornal de Angola* e do *Semanário Angolense* sobre a visita de Bento XVI à Angola.

Antes da sistematização e expressão no próximo capítulo da análise comparativa quantitativa e qualitativada missão papal construída discursivamente pela imprensa, é importante destacar que o *corpus*da pesquisaé formado por matérias jornalísticas reunidas, do *Jornal de Angola* e do *Semanário Angolense*, durante um período de 22 dias, de 14 de março a 4 de abril de 2009.

Esses jornais impressos têm perfis diferentes e acionam distintos contratos de leitura[51] e de reconhecimento, instituindo modos singulares de construção da realidade social, mesmo quando tratam do mesmo acontecimento**,** como será discutido em seguida.São investigadas um total de 100 matérias jornalísticas do *Jornal de Angola*, entre notícias, artigos de opinião, editoriais, crônicas, reportagens e entrevistas, e 86 peças de diferentes gêneros jornalísticos do *Semanário Angolense* publicadas nesse mesmo período[52].

Foram coletados e estudados, portanto, um total de 186 textos jornalísticos e procedeu-se à avaliação desses formatos e conteúdos noticiosos para identificar as estratégias enunciativas e seus efeitos de sentido, compreendendo os discursos dos referidos veículos de comunicação como práticas sociais.

A análise comparativa quantitativa desse *corpus*, sistematizada no Capítulo 6, busca aprofundar a descrição, não apenas das características dos referidos jornais impressos, mas também as maneiras como materiais e códigos foram utilizados na cobertura jornalística de cada um dos veículos selecionados para análise, por meio da

---

[51]Contrato de leitura é o conjunto de regras e de instruções construídas pelo campo da emissão para serem seguidas pelo campo da recepção, condição em que ele se insere no sistema interativo proposto e pelo qual é reconhecido e, consequentemente se reconhece como tal (VERON, *apud* BECKER, 2005).

[52] Para este estudo, definimos como matérias jornalísticas todo texto enquadrado nos gêneros jornalísticos, tais como notícias, crônicas, artigos de opinião, reportagens e entrevistas.

aplicação de 4 categorias. São elas:

1. número de matérias jornalísticas;
2. tipologia de títulos
3. formatos e conteúdos de notícias; e
4. iconografia;

A categoria *número de matérias jornalísticas* torna possível verificar a quantidade de notícias sobre o acontecimento estudado.

A categoria *tipologia de títulos*, aplicada na análise do formato e do conteúdo dos títulos das manchetes, oferece a possibilidade de verificar inclusive o uso de metáforas elaboradas pelos jornais nesses breves textos.

A categoria *formatos e conteúdos de notícias* corresponde aos tipos de informação jornalística e é essencial para identificar como a visita do Papa Bento XVI foi organizada e hierarquizada nos jornais, por meio da análise dos destaques das primeiras páginas, dos editoriais, das notícias e de outros textos publicados com ou sem assinatura, como as entrevistas e os artigos de opinião.

A categoria *iconografia* permite focalizar sobretudo a análise das imagens - tanto fotografias quanto ilustrações, dos dois principais protagonistas da visita, o Papa Bento XVI e o Presidente de Angola.

As quatro categorias foram eleitas após uma atenta leitura do material recolhido, porque suas aplicações, na análise quantitativa, viabilizam a percepção do processo de produção de sentidos veiculados pela imprensa sobre a visita do Papa Bento XVI, oferecendo subsídios para a compreensão dos processos de circulação e consumo das referidas mensagens e suas respectivas significações. Assim, constitui-se como etapa relevante nesta análise comparativa para uma posterior leitura crítica dos modos de dizer e para desvelar os jogos discursivos dos enunciadores presentes e ausentes nas matérias, e dos próprios jornais na segunda fase desta análise, nomeada de análise qualitativa.

Porém, antes de apresentar a análise comparativa quantitativa e qualitativa, é preciso descrever e contextualizar a relevância dos referidos jornais para a mídia e a sociedade angolanas, assim como o próprio acontecimento em estudo, de acordo com o percurso metodológico descrito acima neste Capítulo.

5.3 Prólogo

Quando o Papa Bento XVI chega a Angola, o país estava em agitação política. O partido no poder, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), finalmente havia obtido legitimidade para governar, pois vencera as recentes eleições, declaradas democráticas, justas e livres pelas Nações Unidas.

O assunto em pauta era a consolidação da democracia, com a aprovação de uma nova Constituição que assegurasse os direitos e garantias de todos os cidadãos, sendo que a principal controvérsia era a forma de eleição do Presidente da República.

A oposição defendia um modelo de eleições legislativas e presidenciais separadas, mas ocorridas no mesmo dia. Um sistema semipresidencial, em que o Chefe do Governo submetia-se ao parlamento.

O governo defendia um sistema presidencial, em que o líder do partido mais votado era o Presidente da República e Chefe do Executivo, cabendo ao parlamento apenas o papel de legislar com apenas uma eleição[53].

Angola envidava esforços no sentido de ser reconhecida como Estado independente, estabelecendo e mantendo relações de amizade e de cooperação com os mais diversos países. Nesse contexto, as relações com o Vaticano e os investimentos simbólicos e financeiros da igreja católica eram extremamente relevantes para Angola superar os prejuízos causados pela guerra civil que assolou o país, como abordado no Capítulo IV, e para abrir caminhos de crescimento.

Naquele momento, o país enfrentava o processo de reconstrução das infraestruturas destruídas ao longo do conflito armado, assim como o processo de estabilização da economia nacional, buscando atrair expressivos investimentos estrangeiros. China, Estados Unidos, Rússia e Brasil encabeçavam a listas dos grandes investidores.

Quer as forças da oposição e do governo, assim como a sociedade civil, não mediam esforços no âmbito do processo de reconciliação e harmonização nacional. A unidade nacional estava acima das diferenças político-partidárias.

---

[53]Os artigos 108 e 109 da Constituição da República de Angola sublinham que é eleito Presidente da República o cabeça de lista, pelo círculo nacional, do partido político ou coligação de partidos políticos mais votado no quadro das eleições gerais, exercendo o cargo de Chefe de Estado e do Poder Executivo e Comandante-em-Chefe das Forças Armadas Angolanas, sendo auxiliado por um Vice-Presidente, Ministros de Estado e Ministros (Constituição).

A paz era uma realidade em todo território, com exceção da província de Cabinda, que se debatia com reivindicações independentistas, apoiadas por segmentos do clero e da sociedade civil local.

A imprensa privada continuava a lutar contra a corrupção e a inadequada gestão do governo eleito. E o poder político, por sua vez, prometia envidar esforços no sentido de reforçar a política de extensão do sinal da rádio e da televisão, assim como a presença da imprensa em todos cantos do país, de modo que todos os angolanos pudessem usufruir de prerrogativas das tecnologias de informação e ter acesso à informação.

Contudo, setores da oposição e da igreja reivindicavam maior respeito aos direitos humanos e acesso à liberdade da imprensa. E a Igreja Católica ainda reivindicava o direito de ter uma emissora de rádio que fosse ouvida em toda a extensão de Angola, enquanto o governo alegava que tal prerrogativa era exclusiva da emissora pública.

Figura 2: Bento XVI e José Eduardo dos Santos

Fonte: *Jornal de Angola* (2009)

5.3.1O *Jornal de Angola* e o *Semanário Angolense*

Na etapa da análise referente à descrição e à contextualização, é relevante refletir sobre a história dos jornais em estudo, nomeadamente, o *Jornal de Angola* e o *Semanário Angolense*.

O primeiro, uma referência nacional, e o segundo, um periódico popular, foram escolhidos para esta análise por serem os jornais impressos mais importantes e de maior circulação em Angola, na atualidade. O *Jornal de Angola* é de propriedade do Estado e é publicado diariamente.O *Semanário Angolense* é um veículo de propriedade privada, editado uma vez por semana, aos sábados.

O *Jornal de Angola* surgiu em 26 de junho de 1976 e é o único diário do país, desde a proclamação da independência de Angola, resultando da nacionalização de um dos periódicos mais antigos da cidade de Luanda, lançado em 1923, chamado *A Província de Angola*.

Este jornal sempre se posicionou como porta-voz do poder político, representado pelo MPLA. As notícias são marcadas pela falta de pluralismo político-partidário, pelo excessivo peso institucional e por um exagerado formalismo de linguagem.

Contudo, o *Jornal de Angola* continua a ser um dos periódicos de maior reputação no país, liderando o processo de modernização tecnológica dos jornais angolanos.

O *Jornal de Angola* manteve o mesmo formato e aspecto gráfico do jornal-mãe até 5 de janeiro de 1992, quando adotou o formato tabloide, mas ressentiu-se do estado de deterioração que o parque gráfico do país foi sofrendo ao longo dos tempos, como consequência do estado de guerra que assolou Angola.

Anteriormente, a feitura do jornal implicava a intervenção de cinco áreas, nomeadamente a redação, revisão, foto-offset, fotocomposição e montagem. Com a introdução da nova tecnologia, as duas últimas áreas foram suprimidas, resultando em poupança de tempo e de dinheiro na feitura do diário. Pelo jornal passaram como diretores Júlio Guerra, Costa Andrade "Ndunduma", Mário Guerra, Adelino de Almeida, David Mestre, Victor Silva, Luís Fernando, José Ribeiro, todos eles com fortes ligações com o partido no poder.

Figura 3: primeiras páginas das edições dos dias 7 de Julho de 2009 e 8 de Julho de 2014 do *Jornal de Angola*

Jornal de Angola

PRESIDENTE DA CONFEDERAÇÃO DE FUTEBOL FOI À CIDADE ALTA

Paulo Kassoma e Issa Hayatou satisfeitos com obras do CAN

JOÃO LOURENÇO DESTACA COOPERAÇÃO

Deputados alemães no Parlamento

COMBATE À SIDA

Programas para grávidas registam mais afluência

Jornal de Angola

Liliane Ploumen de visita a Angola

Valor da gratidão entre a juventude

Estátua de Messi foi vandalizada

África junta forças para a paz na RCA

Chikoti participa nos debates para solução da crise na República Centro Africana

AGRICULTURA

Incentivos aos cafeicultores

ENCONTROS PROVINCIAIS DA CIPLIN EM LUANDA

Bispos em conferência

MUNDIAL DE FUTEBOL

América e Europa nas finais

SETA CAMPO

Cemitério invadido para apropriar terras

NOVA CENTRALIDADE

Obras no Dundo estão adiantadas

NIGÉRIA

Radicais islâmicos fazem mais vítimas

Explore esta página com LAYAR

Fonte: *Jornal de Angola*

Até 1991, o *Jornal de Angola* apresentava-se em formato *standard*, aparecendo desde 1992 em formato tabloide, com seções e rubricas que cobrem temáticas distintas - política, desporto, economia e negócios, tecnologias de informação, religião e cultura -, contando com a colaboração de correspondentes em todas as províncias.

A publicação pertence ao maior grupo editorial estatal, as Edições Novembro, que surgiu como consequência do confisco pelo Estado Angolano, através da Lei n. 51/76, de 25 de junho de 1976, da Gráfica de Angola que, no tempo colonial, editava *A Província de Angola*.

Além do *Jornal de Angola*, as Edições Novembro editam o *Jornal dos Desportos* (diário), o *Jornal de Economia & Finanças* (semanário) e o *Jornal Cultura* (quinzenal). A principal diretriz da empresa é afirmar a sua importância nacional, ajustando qualitativamente os seus produtos às preferências do público e reforçando a sua presença no território nacional, ou seja, investindo em gráficas regionais e provinciais. Tem 1.105 trabalhadores e cerca de 77% dos textos produzidos são relacionados com assuntos nacionais. Mais de 69% da publicidade é de anúncios de

classificados e necrologia[54].

O *Semanário Angolense* é um dos mais populares jornais de Luanda, assumindo, em momentos precisos, a liderança dos semanários privados. Tem cerca de quarenta páginas, passando a quarenta e oito em ocasiões especiais, como na cobertura jornalística da visita do Papa Bento XVI. Esta publicação retoma o nome do *Angolense*, um dos mais renomados jornais que marcaram a década de setenta.

O atual *Semanário Angolense* surgiu em 2003, como reflexo de uma crise entre os principais detentores do jornal *Angolense*, lançado em 2001. É reconhecido como um jornal vinculado à oposição e com posições marcadamente nacionalistas, de acordo com a linha editorial do primeiro *Angolense*, que defendia os interesses locais. Em 2008, o jornal foi vendido a um grupo desconhecido. Como consequência do acordo de venda, alguns dos principais jornalistas, entre os quais o diretor e o diretor-adjunto, foram obrigados a abandonar o exercício da profissão por tempo determinado.

O periódico tem perdido influência devido ao surgimento de outros semanários no mercado, nomeadamente, o *Novo Jornal* (2008), *O País* (2008) e *Expansão* (2010). Não tem gráfica própria e tem uma distribuição limitada, circunscrevendo-se à capital e às principais cidades de Angola, como Benguela, Huambo, Lubango, Malanje, Namibe e Sumbe. A maior parte dos assuntos de que trata versa sobre escândalos de corrupção e má governança. Problemas polêmicos da sociedade são sempre destacados.

O *Semanário Angolense* surgiu no contexto em que os jornais privados produzem conteúdos menos institucionais, aproveitando o défice de informação e a escassez de pluralismo informativo[55]. O semanário também posiciona-se como palco dos jogos e intrigas do poder, abrindo espaço para informações resultantes dos conflitos de grupos ligados ao círculo do poder político que não encontram eco na imprensa estatal (CARLOS, 2004).

Hoje, o *Semanário Angolense* publica 5.000 exemplares por semana e

---

[54]Dados retirados no *Plano Estratégico das Edições Novembro*, apresentado no 8º Conselho Consultivo do Ministério da Comunicação Social, em Luanda, 28 out. 2013.

[55]A primeira Lei de Imprensa foi promulgada a 15 de Junho de 1991. A lei foi alterada em 15 de maio de 1996. De 1975 a 1991, as questões do setor da comunicação social eram dirigidas através de orientações do Departamento de Informação e Propaganda do Bureau Político do MPLA que, para além de controlar e orientar politicamente o conteúdo ideológico de toda a informação transmitida, tinha também poderes administrativos, nomeando e exonerando as direções dos órgãos de informação.

o*Jornal de Angola*, título de maior tiragem nacional, edita em média 30 mil exemplares por dia, já chegando a produzir 60 mil exemplares. A título de exemplo, o principal diário sul-africano (*Daily Sun*) vende diariamente 400.000 exemplares; o*Diário de Notícias*, jornal mais vendido em Portugal, 29. 000 exemplares (MARKETEST, 2012); e o jornal *A Folha de S. Paulo* é o de maior tiragem e circulação do Brasil, segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC), com uma média de 301.299 exemplares vendidos. Sua distribuição nacional é de 370.185 aos domingos e de 299.249 nos dias úteis (www.folha.uol.com.br>).

Ambos os jornais em estudo refletem a dicotomia e maniqueísmo que caracterizam o meio jornalístico angolano desde a institucionalização da democracia em 1991: os órgãos de comunicação públicos são vistos como "caixas de ressonância" do Governo, ao passo que os privados são associados às forças da oposição, porém sustentados por seus investimentos na abordagem sensacionalista dos acontecimentos.

No entanto, os jornais privados também se constituem como espaços de expressão de parcela da sociedade civil não comprometida com o poder político, ainda que suas tiragens sejam baixas, alguns dos quais com um perfil editorial assumidamente confessional, marcando presença sobretudo em Luanda, que possui 6 milhões de habitantes[56].

A abordagem dos campos discursivos distintos dos dois jornais impressos contribui para uma maior compreensão das maneiras de cada um deles narrar o acontecimento e os efeitos de sentido de suas enunciações jornalísticas na sociedade angolana, articuladas para a produção de um consenso social.

O discurso jornalístico é sempre uma prática social, ou seja, é reflexo das condições de produção que o cercam. O *Semanário Angolense* privilegia as notícias desfavoráveis ao Governo e o *Jornal de Angola* tem um discurso que valoriza as narrativas positivas quanto ao poder vigente; a polêmica e o humor são marcas

[56] Até a 1974, quase todas as grandes cidades capitais de Angola tinham jornais e revistas: Luanda contava com 4 jornais diários (*ABC, A província de Angola, Diário de Luanda, O Comércio*) e 12 revistas, entre mensárias e semanais (destaque para *Atividade Económica, Angola, Notícia, Revista Ilustrada, Reordenamento*), Benguela possuía um jornal diário (*O Lobito*) e dois bissemanários (*Jornal de Benguela* e *O Intransigente*), o Huambo tinha um jornal trissemanário (*O Planalto*) , Malange um semanário (*Angola Norte*), Lubango tinha dois jornais semanários (*A Huíla* e *Jornal da Huíla*), Namibe contava com dois semanários (*O Namibe* e *O Sul de Angola*), Uíge possuía um semanário (*Jornal do Congo*) e o Bié um semanário (*A Voz do Bié*).

distintivas de um e a seriedade e o *status* da autoridade de outro, sendo que o semanário apresenta uma diagramação com fotos e títulos exorbitantes.

Figura 4: primeiras páginas das edições de 26 de Junho de 2010 e 20 de Julho de 2013 do *Semanário Angolense*

Fonte: *Semanário Angolense*

5.3.2 Contextualizando o acontecimento

Ainda na primeira fase desta referida investigação, também é relevante realizar uma descrição do acontecimento. A visita que o Papa Bento XVI fez a Angola, entre os dias 20 a 23 de março de 2009, foi um dos acontecimentos que mais marcaram a experiência política, social e cultural do país, nos últimos cinco anos.

A direção dos dois maiores partidos angolanos, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional de Independência Total de Angola (UNITA), saudou a visita do papa Bento XVI, estimulando os cidadãos a acolherem o ilustre visitante. Os embaixadores de Portugal e Estados Unidos da América, sediados em Luanda, também se congratularam com a visita do Papa, vista pela comunidade internacional como um dos acontecimentos de reafirmação para as próprias nações que formam esse país africano. Um jornalista português, Alfredo Leite, chegou a afirmar

que a alma dos angolanos estava mais fortalecida no final da visita do Bento XVI[57].

Figura 5: cópias das primeiras páginas das edições de 22 e 23 de março de 2009 do *Jornal de Angola*, durante a visita do Papa à Angola

Jornal de Angola

Madagáscar perde ajuda dos Estados Unidos

Samakuva deixa presidência no final deste mandato

ADEUS A BENTO XVI

Tolerância de ponto amanhã de manhã

BIÉ-MOXICO

Nova ponte liga provincias

ONDJIVA

Quadros do futuro aprendem na Eiffel

DIA DA ÁGUA

Nações Unidas pedem partilha

GIRABOLA

1º de Agosto goleia Kabuscorp

MILHARES DE JOVENS FORAM OUVIR BENTO XVI

Papa pede coragem

MARCADA PARA HOJE

Um milhão de pessoas na missa na Cimangola

PREDERICO LOMBARDI

Papa considera aborto atentado contra a vida

Jornal de Angola

CATETE

Parque industrial é mais atractivo

DISCRIMINAÇÃO

ONU pede luta contra o racismo

GIRABOLA

Primeira vitoria do Interclube

NO ÚLTIMO DIA DA VISITA A ANGOLA

Lamento de Bento XVI pelo tempo da guerra

VATICANO E GOVERNO LAMENTAM A MORTE DE DUAS JOVENS NOS COQUEIROS

Conforto a familiares das vítimas do acidente

Fonte: *Jornal de Angola*

De fato, a visita de Bento XVI mobilizou o Estado, a Igreja, o parlamento e os partidos políticos, antes mesmo dela ocorrer. O acontecimento também despertou a atenção da imprensa nacional e internacional, assim como contou com a participação de organizações da sociedade civil e com o apoio da população.

Para as autoridades angolanas, a visita de Bento XVI era uma oportunidade de mostrar ao mundo a forma como o país estava se reconstruindo e se apaziguando, depois de muitos anos mergulhado numa guerra civil.

Em 4 de Junho de 1992, Angola já havia acolhido o Papa João Paulo II, quando se preparava para realizar as primeiras eleições democráticas, sob a supervisão das Nações Unidas. Mas a visita de João Paulo II não teve a mesma repercussão da missão de Bento XVI porque a conjuntura política, social e econômica era de todo diferente.

[57] *Jornal de Notícias*, 24 mar. 2009.

Naquele momento, o governo padecia de legitimidade política e défice de reconhecimento por parte da comunidade internacional, com os Estados Unidos à cabeça, uma vez que não havia sido democraticamente eleito. Os entendimentos de paz tinham sido assinados em 31 de maio de 1991 em Bicesse. Mas a paz era a continuação da guerra por outros meios, pelo que os partidos da oposição exerciam a sua atividade de forma limitada e a circulação de pessoas e bens em toda a extensão do território nacional estava condicionada à situação de conflito militar ainda latente.

A sociedade civil dava os primeiros passos em termos de organização e a imprensa privada ainda era incipiente, sendo que o Estado exercia o monopólio do rádio e da televisão.

De qualquer modo, ambas as visitas papais ocorreram em um país que até 1991 era liderado por uma classe política comunista e que, como consequência da Guerra Fria, viu-se mergulhado num dos mais sangrentos e prolongados conflitos armados da memória da África (1975-2004).

Por outro lado, as comunidades angolanas foram os primeiros povos africanos a serem evangelizados. Os angolanos também foram os primeiros sacerdotes e bispos africanos na História moderna. Com o passar dos anos a religião católica tornou-se uma das mais importantes expressões da identidade coletiva dos angolanos.

O ato inaugural que marca a evangelização de Angola, em 29 de março de 1491, foi um processo cultural e político que sedimentou a reunião de traços etnoculturais das diferentes nações que formavam o país e consolidou a tradição católica de Angola, a qual transformou-se em um dos alicerces da identidade nacional. Hoje, mais de 70% da população angolana é católica.

Além disso, as autoridades de Roma manifestavam preocupação com o avanço do islamismo ao sul do Sahara naquele momento. Ao escolher Angola como ponto de referência para a primeira visita de Bento VXI à África expressaram o desejo de o país assumir um papel central na afirmação do catolicismo no contexto religioso internacional, sobretudo quando se assistia a um crescente processo de proliferação de práticas religiosas africanas e muçulmanas, evangélicas e espíritas que começavam a se constituir como múltiplas referências culturais para a população.

O governo angolano, por sua vez, decidiu afirmar a sua posição na comunidade internacional. E aproveitou a visita do Papa para consolidar o poder

político, sufragado nas recentes eleições de 2008, buscando aumentar os níveis de popularidade e reforçar a sua legitimidade política.

Vinte e um anos depois da visita de João Paulo II, o primeiro Papa que visitou Angola, o país vivia uma de suas fases mais prósperas de crescimento econômico. A normalidade constitucional ganhara corpo, com a realização de eleições gerais em 2008. A paz política, construída e conquistada em 2002, consolidava-se cada vez mais. A estabilidade financeira era uma realidade e o processo de reconciliação em torno da unidade nacional estava em curso.

Os discursos da mídia espelhavam essa dinâmica de progresso econômico, social e político. Todas as oportunidades eram aproveitadas pelo poder político para reforçar a construção da nacionalidade e do patriotismo dos cidadãos angolanos. Angola foi uma nação imaginada como espaço de comunhão de valores comuns e identidades reconhecidas coletivamente, de acordo com a compreensão dessa noção explicitada por Anderson (2008), em um processo no qual a mídia desempenha papel relevante.

A visita de Bento XVI constitui-se em um dos grandes acontecimentos midiáticos da história socioeconômica e cultural do país. O governo angolano aproveitou o evento para aprofundar as relações entre o estado e a igreja católica e incentivar a reconciliação política nacional entre os angolanos, como será discutido na análise comparativa quantitativa e qualitativa das referidas coberturas jornalísticas.

5.3.3 Viagem do Papa a Angola como acontecimento mediático

No Capítulo III, constatou-se que o caráter de noticiabilidade não é atribuído a todos os acontecimentos, mas àqueles que, por força do valor-notícia[58], assumem dimensão e repercussão sociais ao tratar de fenômenos capazes de gerar, tanto a sensação de novidade, quanto a de experiência compartilhada, de organizar a temporalidade da vida social e de produzir, muitas vezes, uma ideia de consenso.

De acordo com Veron (1981), a mídia é um dos mais importantes

[58]Os valores-notícia são regras práticas que abrangem um *corpus* de conhecimentos profissionais que, implicitamente, e, muitas vezes, explicitamente, explicam e guiam os procedimentos operacionais redatoriais, ou seja, são qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou cuja ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo" (GOLDING-ELLIOT *apud* WOLF, 1992, p. 174).

dispositivos contemporâneos no processo de produção do real; por seu intermédio, a realidade não é apenas anunciada, mas também construída. À propósito, o referido autor sublinha:

> Os acontecimentos sociais não são objetos que se poderiam encontrar prontos em algum lugar na realidade e dos quais a mídia faria conhecer as propriedades e os avatares a posteriori com maior ou menor fidelidade. Eles só existem na medida em que são construídos pela mídia. [...] Os mídia informativos são o lugar onde as sociedades industriais produzem nosso real (VERÓN, 1981, p. 7-8).

Figura 6: Luanda acolhe Bento XVI

Fonte: *Jornal de Angola* (2009).

A visita que o Papa Bento XVI efetuou a Angola influenciou, significativamente, a agenda da política e dos meios de comunicação. Foi uma viagem carregada de grande simbolismo e sincretismo, situando-se naquilo que Osvaldo Meira Trigueiro (2005) considera a nova perspectiva comunicacional da Igreja Católica que, ao mesmo tempo em que preserva rituais milenares e medievais, constrói rituais contemporâneos com novas polissemias, reinventando plasticidades multicoloridas e encenações com sentido de espetáculo para se inserir no contexto do mundo globalizado pelos diversos processos midiáticos.

A missão papal enquadra-se no conjunto de acontecimentos que Dayan e Katz (1995) consideram como acontecimentos midiáticos, uma vez que suscitam grande interesse público, canalizando a atenção dos meios de comunicação, particularmente a televisão e a rádio, que asseguram as condições técnicas e humanas para a sua transmissão ao vivo (1999).

O próprio *Jornal de Angola* e o *Semanário Angolense* mobilizaram cada um mais de dez jornalistas e articulistas para tratar do assunto. As duas estações televisivas angolanas também não mediram esforços para assegurar uma cobertura plena[59]. O Papa fez-se acompanhar por mais de seis dezenas de jornalistas de várias nacionalidades e a visita foi vista por mais de 150 milhões de pessoas no mundo[60], através das transmissões ao vivo das principais cadeias internacionais de radiotelevisão.

Cerimônias inequivocamente hegemônicas, e revestidas de um caráter histórico e heroico, de acordo com Katz e Elihu, os acontecimentos midiáticos como que introduzem um cessar-fogo nas hostilidades cotidianas nacionais: atraem o consenso quanto à sua relevância quer por parte de seus promotores ou protagonistas, quer por parte da mídia e do público.

De fato, os discursos jornalísticos constituem modos de contar a história de um país e significações da realidade social cotidiana. As pessoas conhecem as decisões políticas, observam os atos, acompanham os atores políticos em cena e, em última instância, participam da vida política e constroem os seus próprios significados sobre aquilo que conhecem através dos meios de comunicação (GADRET; PORCELO, 2011, p. 190).

Segundo Becker (2005, p. 23), os acontecimentos midiáticos de expressiva repercussão produzem efeitos sociais que tornam a assistência obrigatória, permitindo reforçar consensos, mas também ultrapassar crises e, portanto, gerar transformações sociais.

Como processo comunicativo, as celebrações papais tornaram-se redes de sociabilidade; através dessa sociabilidade atores políticos e religiosos desenvolveram estratégias comunicativas em busca de visibilidade e legitimidade.

Assim, as pessoas são convidadas a "vivenciar crenças grupais" e a "reanimar o sentimento que o grupo tem de si mesmo" (MAFRA, 2006, p.65), reconhecendo-se umas nas outras. Todas são mobilizadas a participar na construção de um projeto coletivo de identidade.

A viagem de Bento XVI é um dos maiores acontecimentos midiáticos na

---

[59] CARLOS, Albino. *Estratégias discursivas na cobertura televisiva da viagem do Papa Bento XVI em Angola.* Trabalho apresentado na disciplina, Jornalismo e Construção de Sentido, do Doutorado Media e Mediações Socioculturais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

[60] Dados fornecidos no Relatório Final da Comissão Organizadora da visita do Papa Bento XVI a Angola.

memória de Angola independente, acontecimento midiático entendido como aquele que provoca alterações no dia a dia da sociedade. Apenas a cerimônia de assinatura dos Acordos de Paz de Bicesse, em 31 de maio de 1991 e a abertura do Campeonato Africano de Futebol (CAN), em 2010, tiveram a mesma repercussão política, social, econômica e cultural no país.

"Angola para para receber uma bênção especial. Papa Bento XVI chega a Luanda"- assim resumia a escalada o âncora de serviço no *Telejornal* da Televisão Pública de Angola, quando o Papa pisou o solo angolano no dia 20 de março (Carlos, 2009).

De fato, Angola "parou" com a chegada do Papa Bento XVI, quer literalmente, quer simbólica e midiaticamente. Todas as atenções da sociedade estiveram concentradas na visita. As autoridades e a população vivenciaram as atividades inerentes à agenda do Papa como um ritual comemorativo. A visita do Papa esteve refletida de maneira expressiva nas páginas dos jornais impressos e nas coberturas das emissoras de rádio e de televisão. Durante a permanência de Bento XVI, os meios de comunicação funcionaram como espaços de celebração das identidades nacional e religiosa dos angolanos. Telões gigantes foram espalhados nas principais praças e igrejas de Luanda, convocando a população para acompanhar, com envolvimento, detalhes das atividades previstas. E durante os três dias da viagem, não se falou nem se pensou em outra coisa a não ser acerca do Papa. Era como se, em Angola, não existisse outras regiões e outras províncias e Luanda não fosse apenas a capital do país, mas tivesse se convertido no epicentro do planeta, porque o acontecimento midiático atropelava as fronteiras da Nação, uma vez que a *globalização* era o seu sustento.

É por isso que Dayan e Katz enquadram os acontecimentos midiáticos no contexto dos ritos e rituais, uma vez que constituem-se como mecanismos de produção de vínculos e valores que intervêm nas relações socioculturais, econômicas e políticas.

6 UMA ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA DA VISITA DE BENTO XVI À ANGOLA

Este capítulo apresenta os resultados alcançados no estudo comparativo constituído por uma análise quantitativa e qualitativa das coberturas midiáticas do *Jornal de Angola* e do *Semanário Angolense* sobre a visita do Papa a Angola, para que se verifique os diferentes sentidos atribuídos pela imprensa.

O *corpus* do trabalho é composto por matérias jornalísticas de ambos os jornais impressos, recolhidas durante um período de 22 dias (14 de março a 4 de abril de 2009), incluindo períodos anteriores e posteriores à visita. Foram reunidas um total de 186 peças jornalísticas, entre notícias, artigos, editoriais, crônicas, reportagens e entrevistas. Procedeu-se a atenta avaliação de cada um desses textos, identificando marcas associadas aos efeitos de sentido, assim como as estratégias e práticas de enunciação dos referidos órgãos de comunicação.

Figura 7: primeiras páginas do *Jornal de Angola* e do *Semanário Angolense* quando da visita do Papa Bento XVI à Angola

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na análise quantitativa, foram aplicadas quatro categorias: o número de matérias jornalísticas; a tipologia dos títulos; os formatos e conteúdos de notícias; e a iconografia, que permitiram realizar uma leitura crítica da maneira como as informações

jornalísticas sobre a visita foram trabalhadas pela imprensa.

Na análise qualitativa, buscou-se observar divergências e aproximações nos modos de ambos os jornais relatarem a missão de Bento XVI. Essa parte está dividida em duas etapas: a identificação dos sentidos produzidos pelos relatos jornalísticos dos jornais estudados e o mapeamento das vozes presentes e ausentes nas enunciações, seguida da interpretação dos resultados.

6.1 Análise quantitativa

Como já referido, na análise quantitativa foram aplicadas quatro categorias para apreender o processo de construção da cobertura midiática feita por cada um dos jornais citados. A partir da aplicação dessas categorias, pretende-se compreender as condições de produção dos textos relacionados com a missão do Papa. A descrição e a avaliação crítica de como foram elaborados os títulos, as fotos, as artes gráficas e o próprio conteúdo impresso, contribuíram para uma compreensão mais ampla dos processos de produção, circulação e consumo das informações jornalísticas publicadas ao longo da cobertura midiática da visita de Bento XVI.

Para melhor apreensão dos resultados alcançados, é necessário ainda esclarecer as nomenclaturas utilizadas na identificação das matérias publicadas pelos jornais selecionados. Denomina-se *rubrica* o texto escrito no topo da página que sintetiza o assunto nela tratado em, no máximo três palavras, ou a palavra que indica o principal do tema abordado. A c*hamada* é um destaque na primeira página, ilustrado ou não, por foto. O *antetítulo* é um título breve, que antecede e complementa o título principal; e o *subtítulo* é um título abaixo do título principal. As *manchetes* são os títulos mais relevantes destacados na capa do jornal. Normalmente, existe uma manchete principal na primeira página. *Lide* é o primeiro parágrafo do material jornalístico, que apresenta uma síntese das principais informações sobre um determinado acontecimento.

O estudo dos relatos dos jornais impressos analisados mostra como a imprensa acompanhou e elaborou a presença de Bento XVI em Angola, desde a sua chegada até o seu regresso a Roma, seus compromissos e pronunciamentos, além de todos os movimentos, social, religioso, político, econômico e midiático, inerentes à visita papal.

A aplicação das referidas categorias e nomenclaturas permitiu alcançar resultados relevantes na análise quantitativa da cobertura de cada um dos jornais e na posterior comparação de suas estratégias discursivas, aqui sistematizadas.

6.1.1 Análise quantitativa do *Jornal de Angola*

O *Jornal de Angola* cobriu detalhadamente todas as atividades realizadas pelo Papa Bento XVI, do primeiro ao último dia da visita, sem deixar de abordar também o antes e o depois do evento.

O *Jornal de Angola* começou por se referir à missão papal logo na primeira edição do *corpus* escolhido para a análise da cobertura jornalística, ou seja, uma semana antes de a visita ser realizada. Uma semana depois, ainda havia matérias expressas sobre o evento. Foram estudadas vinte edições, publicadas do dia 14 de março a 4 de abril de 2009.

Nos itens a seguir, e mediante as categorias número de matérias jornalísticas, tipologia dos títulos, formatos e conteúdos de notícias e iconografia, revelam-se processos de produção, circulação e consumo das informações jornalísticas publicadas ao longo da cobertura midiática da visita de Bento XVI à Angola pelo *Jornal de Angola*.

6.1.1.1 Número de matérias jornalísticas

O *Jornal de Angola* publicou um total de 100 matérias jornalísticas sobre o acontecimento, ressaltando aspectos factuais para transmitir uma impressão de objetividade e imparcialidade, assim como não deixou de emitir opinião, através de editoriais e reportagens.

Durante o período em estudo, o diário publicou 1.607 matérias jornalísticas, 100 das quais foram sobre a visita do Papa Bento XVI.

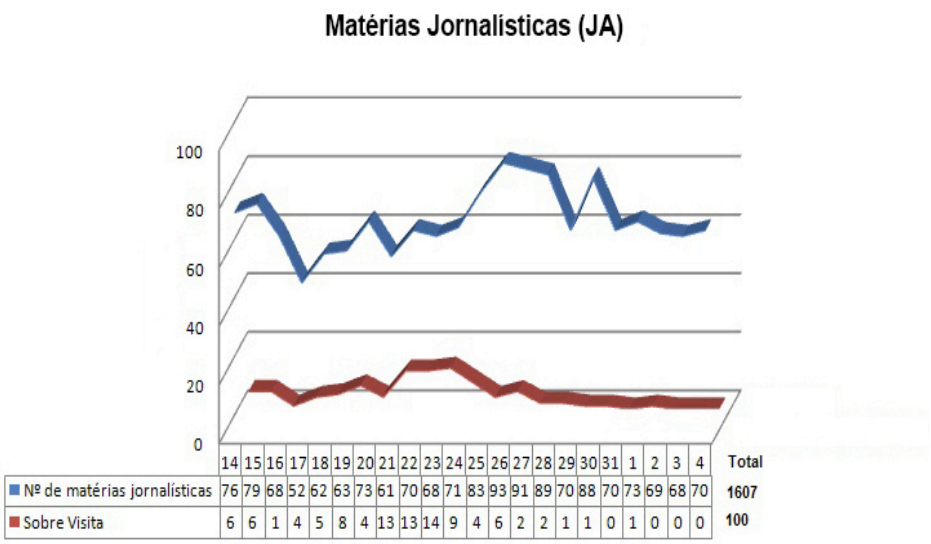
Deve-se salientar que, durante cinco dias consecutivos, do dia 19 até o dia 23 de março de 2009, o *Jornal de Angola* publicou um editorial sobre a visita de Bento XVI, uma prova da relevância conferida à visita do Papa.

A aplicação da categoria *número de matérias jornalísticas* permitiu verificar que, nos dias 21 e 22 de março, o *Jornal de Angola* dedicou, respectivamente, sete (7) e

seis (6) páginas para cobrir o assunto, das 52 páginas de cada uma das edições dos referidos dias. Ou seja, nos dois principais dias da visita, mais de 15% das matérias abordadas pelo jornal, nas respectivas edições, estavam relacionados com o assunto em questão.

O Quadro 1 corresponde a uma sistematização desta informação.

Quadro 1: número de matérias publicadas no *Jornal de Angola* no período em estudo



Fonte: Elaborado pelo autor

6.1.1.2 Tipologia de títulos

Os títulos são um dos mais populares operadores dos textos jornalísticos. Para Gradim (2000, p. 70), os títulos desempenham as funções de "informar, cativar, prender o leitor, despertando sua atenção e curiosidade" para o texto. Ou seja, os títulos exercem, basicamente, duas tarefas: fornecer ao leitor informação sobre o texto que se segue (informar) e despertar no leitor interesse pela leitura do texto (cativar e prender o leitor).

Para Fausto Neto (2000), a mídia busca captar a atenção do público por meio de operadores da lógica midiática e por motivações discursivas.

O *Jornal de Angola* usou essencialmente títulos de caráter implícitos, entendidos por Fausto Neto (2000) como textos baseados em contratos de leitura

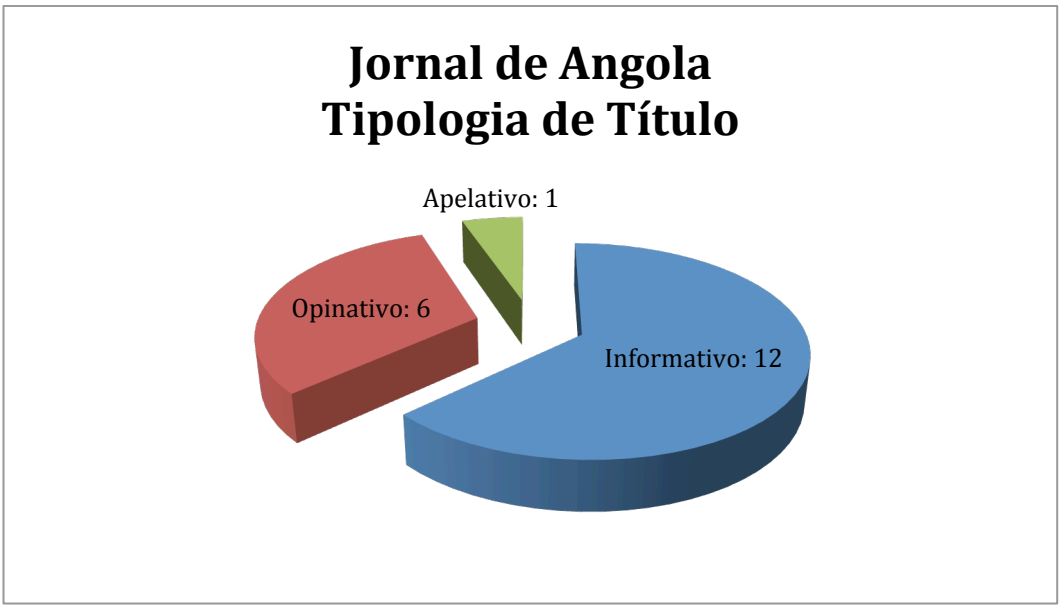
reconhecidos pela recepção, como demonstram as manchetes publicadas nos quatro dias da viagem do Papa:

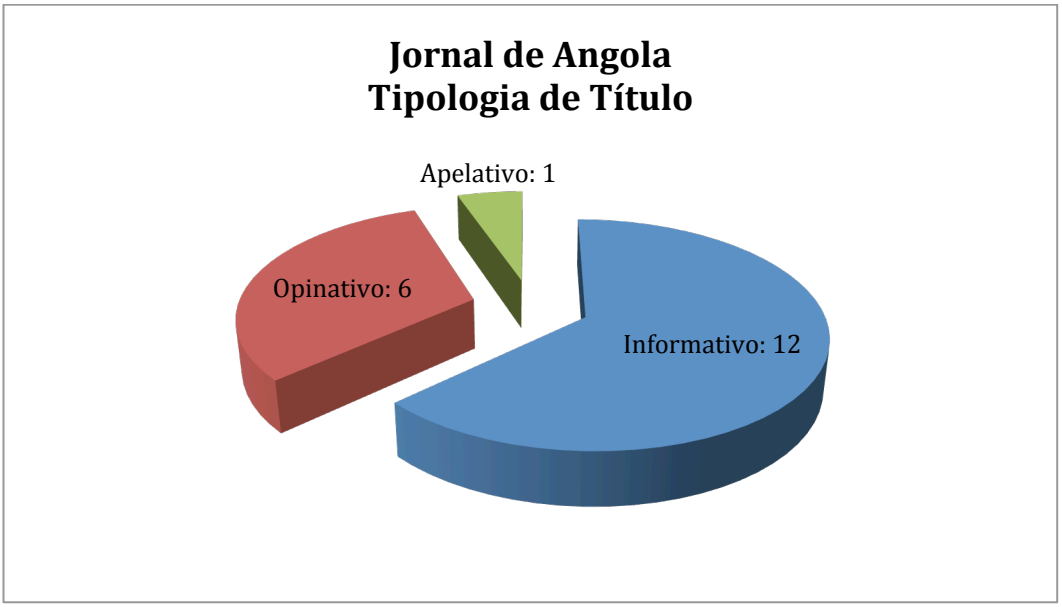
> Bem-vindo à Angola (J. A., 20/3/09, p. 1);
> Deus abençoe Angola (J. A., 21/3/09, p. 1);
> Papa pede coragem (J. A., 22/3/09, p. 1);
> Lamento de Bento XVI pelo tempo da guerra (J. A., 23/3/09, p. 1);
> Adeus do Papa à "querida Angola" (J. A., 24/3/09, p. 1).

Nesse sentido, a tipologia dos títulos mais utilizada pelo *Jornal de Angola* foi a do tipo informativo (12 vezes), seguida do opinativo (6 vezes), ou seja, títulos de caráter factual e objetivo que resumem os conteúdos das matérias às quais fazem referências (GUIMARÃES, 1995), de acordo com a prática do jornalismo exercido pelo matutino, que normalmente evita avaliações ou julgamentos.

A tipologia dos títulos do *Jornal de Angola* pode ser conferida no Quadro 2.

Quadro 2: tipologia de títulos usados pelo *Jornal de Angola*





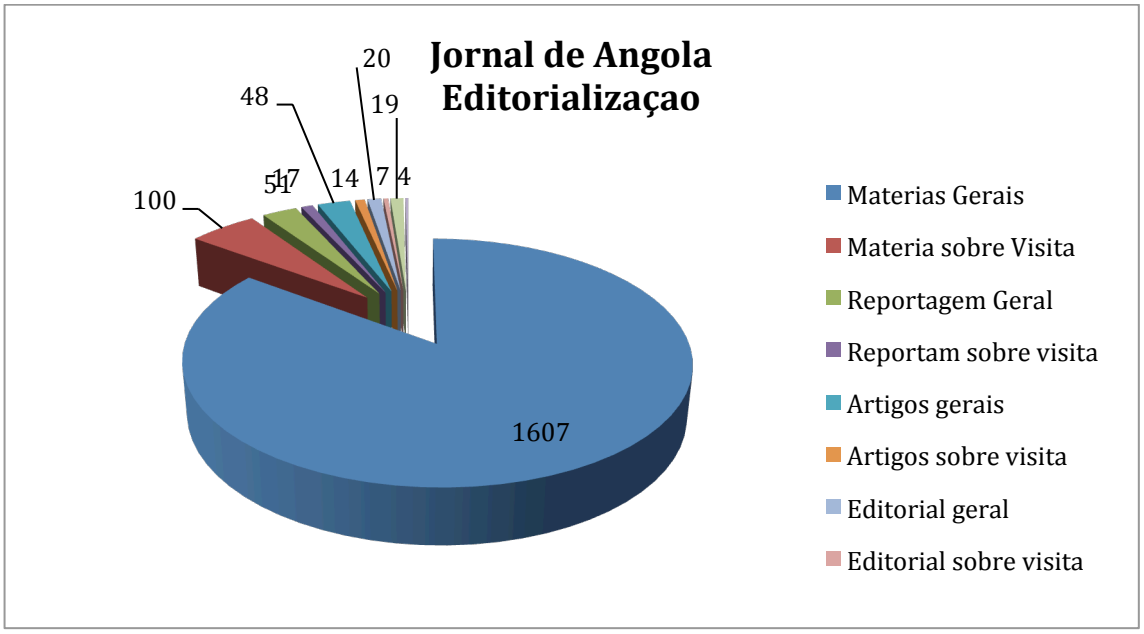
Fonte: Elaborado pelo autor

6.1.1.3 Formatos e conteúdos de notícias

A aplicação da categoria *formatos e conteúdos jornalísticos de notícias*, correspondente aos tipos de informação jornalística, permite identificar como o *Jornal de Angola*mostrou, organizou e elaborou as notícias sobre o acontecimento.

A visita do Papa Bento XVI esteve refletida em espaços expressivos do *Jornal de Angola*: em editoriais e comentários, em notícias e reportagens, assim como em entrevistas e resenhas fotográficas, ocupando tanto as primeiras páginas quanto as páginas internas do impresso, o que pode ser conferido no Quadro 3 abaixo.

Quadro 3: materiais jornalísticos usados na cobertura midiática
da visita do Papa Bento XVI à Angola



Fonte: Elaborado pelo autor

As narrativas afloraram as seguintes temáticas: as relações entre Estado e Igreja Católica; cultura angolana e práticas religiosas e mídia e sociedade, abordando tanto os esforços do governo na reconciliação nacional e na estabilidade política; a visão dos fiéis sobre a igreja, como a democracia e a pobreza. Também foram feitas referências a outros aspectos, como a história da religião católica angolana, curiosidades sobre o Papa e a igreja católica, às atividades eclesiásticas e à juventude religiosa, ainda que com menor destaque.

Nos artigos, sobretudo nos editoriais, denota-se a valorização da igreja para a cultura angolana, assim como uma clara tendência de realçar os laços institucionais entre as autoridades de Angola e o Vaticano. Há uma clara sintonia entre as declarações do Presidente José Eduardo Santos e as do Papa Bento XVI.

Verifica-se que a cobertura do jornal envolveu diretamente o diretor-geral e o diretor adjunto, que se encarregaram de escrever os editoriais e coordenar a produção dos cadernos especiais, colunas e rubricas, contando com uma equipe de mais de 10 jornalistas, entre editores, repórteres e colaboradores.

6.1.1.4 Iconografia

A diagramação em jornais é a forma de distribuição das notícias dentro da página, considerando a disposição dos textos, mapas, ilustrações, fotos,

gráficos e publicidade.

Os jornais angolanos passaram a ter maior preocupação com a apresentação a partir da dinamização da comunicação, decorrente do processo de democratização do país, período em que o próprio *Jornal de Angola* sofreu uma profunda alteração da sua identidade visual, elegendo o formato tabloide.

O fato deriva, sobretudo, da revolução tecnológica pela qual passam os meios de comunicação, uma vez que a mídia angolana incorpora diferentes perfis para se adequar à nova realidade. Ademais, a escolha dos caracteres, a dimensão e cor interferem no sentido das palavras, deslocando a atenção da abstração do conceito para o sentido "real" da expressão tipográfica.

De acordo com Guran (1992), a diagramação de um jornal ou revista tem como função organizar visualmente as informações, explicitando a importância atribuída a cada matéria, e facilitando (e até mesmo induzindo) a sua leitura, pelo que a eficiência na transmissão da informação depende, tanto da sua produção, quanto da sua apresentação, ou seja, algo que Verón define como importante para a materialização do contrato de leitura da mídia.

O *Jornal de Angola* tende a se preocupar pouco com a visualidade do matutino, inclusive com a inserção de gráficos e outras ilustrações. No entanto, durante o período estudado, optou por trabalhar as capas de maneira apelativa, com fotos em cores, publicadas em quase toda a extensão da primeira página, e com manchetes escritas em letras muito grandes, para atrair a atenção do leitor. As chamadas de capa foram todas acompanhadas com imagens do Papa Bento XVI e do Presidente da República de Angola, em acordo com a Figura 8:

Figura 8: primeiras páginas das edições de 21 e 22 de março de 2009
do *Jornal de Angola*

Jornal de Angola

NOVO BISPO
Papa cria diocese em terras do Namibe

SUSPENSÃO
União Africana castiga Madagáscar

NOVA VIDA
Preparar na prisão o regresso a casa

DUELO
Duelo popular hoje na Cidadela

LIGA DOS CAMPEÕES
Liverpool-Chelsea
Barcelona-Bayern

PAPA INCENTIVA O COMBATE À POBREZA
Deus abençoe Angola

Jornal de Angola

Estradas facilitam a circulação

CATETE
Parque industrial é mais atractivo

DISCRIMINAÇÃO
ONU pede luta contra o racismo

GIRABOLA
Primeira vitória do Interclube

NO ÚLTIMO DIA DA VISITA A ANGOLA
Lamento de Bento XVI pelo tempo da guerra

VATICANO E GOVERNO LAMENTAM A MORTE DE DUAS JOVENS NOS COQUEIROS
Conforto a familiares das vítimas do acidente

Fonte: Elaborada pelo autor

Neste sentido, e fazendo recurso daquilo que Medina (1988) chama de "jogos visuais" e "surpresas lúdicas", o *Jornal de Angola* apresenta manchetes em que as titulações das matérias jornalísticas, assim como a relação entre as imagens e os textos e os jogos de linguagens dos títulos, procuram despertar emoção e, consequentemente, envolver o leitor.

Na chamada de capa do dia 21 de março, portanto, edição que retrata o dia da chegada do Papa a Angola, o *Jornal de Angola* traz uma grande foto de José Eduardo dos Santos e Bento XVI ocupando quatro das cinco colunas horizontais, em toda a extensão da primeira página. O título, em letras garrafais é inserido abaixo da foto e da página: "Deus abençoe Angola", como pode ser observado na Figura 08. Um antetítulo completa o sentido da chamada: "Papa incentiva o combate a pobreza".

A coluna à esquerda trazia chamadas de cinco outras notícias, nomeadamente: "Papa cria diocese em terras do Namibe"; "União africana castiga Madagáscar"; "Preparar na prisão o regresso à casa"; "Duelo popular hoje na cidadela"; "Liverpool-Chelsea"; "Barcelona-Bayer".

No rodapé da referida página, há publicidade da empresa petrolífera nacional, da editora detentora do *Jornal de Angola,* de uma instituição governamental

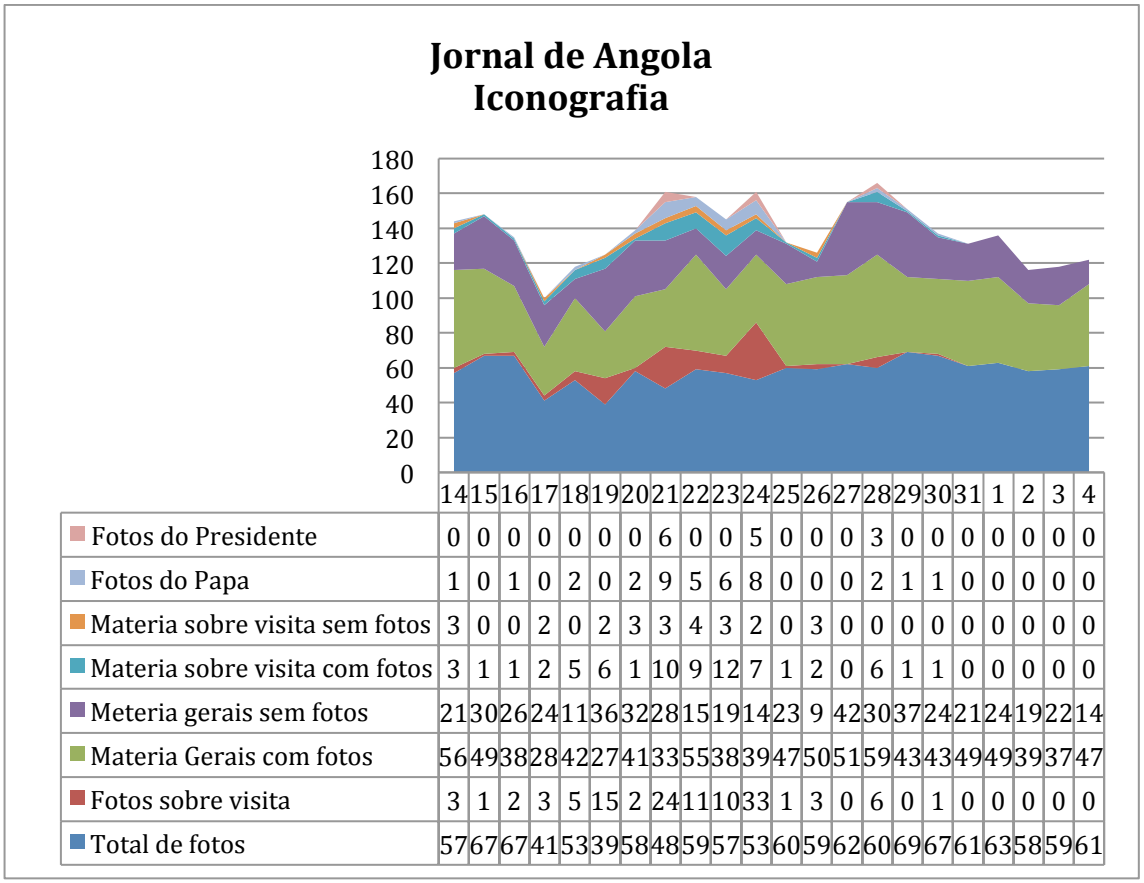
ligada ao desarmamento da população, outra da companhia aérea nacional e de um banco público. A própria publicidade, para além de indiciar a dependência do jornal das empresas públicas e estatais, revela que a imprensa angolana não vive da publicidade em si mesma, dada a sua exiguidade. Mas todas essas temáticas são trabalhadas ao redor da visita do Papa que tem expressivo destaque na cobertura do impresso.

A aposta do *Jornal de Angola* pelas manchetes, nos dias da visita, com uma fotografia a cores do Papa e do Presidente angolano, revela o quão são significativos a influência e o poder da imagem, atualmente, uma vez que o valor semântico da palavra recai na intencionalidade do significado, mas não se pode ignorar a outra vertente do sentido que recai na natureza do significante e do contexto em que se integra (AUMONT, 2009).

Por outro lado, tal posição advém da perspectiva de se compreender o texto jornalístico como unidade multimodal, uma vez que se constitui na junção entre a dimensão imagética não verbal e a dimensão verbal, fato que auxilia no processo de compreensão da rede de significação que atua na produção dos efeitos de sentido.

Na verdade, a imagem torna presente algo que está ausente, ao mesmo tempo que institui uma outra realidade ao objeto ou à coisa que se pretende representar (RODRIGUES, 2011). No caso, a publicação da foto do Papa diante do Presidente de Angola conferia sentido de verdade da sua estadia no País. O Quadro 4 oferece a possibilidade de verificar o número de fotografias e a forma como foram utilizadas pelo JA na cobertura de Bento XVI.

Quadro 4: número de fotos publicadas no *Jornal de Angola* no período em estudo



	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	1	2	3	4
Fotos do Presidente	0	0	0	0	0	0	0	6	0	0	5	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0
Fotos do Papa	1	0	1	0	2	0	2	9	5	6	8	0	0	0	2	1	1	0	0	0	0	0
Materia sobre visita sem fotos	3	0	0	2	0	2	3	3	4	3	2	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Materia sobre visita com fotos	3	1	1	2	5	6	1	10	9	12	7	1	2	0	6	1	1	0	0	0	0	0
Meteria gerais sem fotos	21	30	26	24	11	36	32	28	15	19	14	23	9	42	30	37	24	21	24	19	22	14
Materia Gerais com fotos	56	49	38	28	42	27	41	33	55	38	39	47	50	51	59	43	43	49	49	39	37	47
Fotos sobre visita	3	1	2	3	5	15	2	24	11	10	33	1	3	0	6	0	1	0	0	0	0	0
Total de fotos	57	67	67	41	53	39	58	48	59	57	53	60	59	62	60	69	67	61	63	58	59	61

Fonte: Elaborado pelo autor

O *Jornal de Angola* publicou um total de 1.278 fotografias no período que vai de 14 de março a 4 de abril de 2009. Para ilustrar as diversas matérias jornalísticas relacionadas com a visita do Papa Bento XVI, o jornal editou 119 fotos, o que corresponde a quase 10% do total das fotos publicadas nos vinte e dois dias em estudo. Dessas 1.278 imagens, trinta e oito (38) mostravam o Papa e 14 retratavam o Presidente da República.

6.1.2 Análise quantitativa do *Semanário Angolense*

O *Semanário Angolense* procurou, dentro das limitações próprias de um semanário, acompanhar os preparativos da visita de Bento XVI, as principais atividades previstas durante a sua permanência e a repercussão do acontecimento na sociedade angolana.

Do ponto de vista da cobertura do *Semanário Angolense*, é importante sublinhar que ela assumiu uma dimensão mais de retrospectiva do que factual, em função do perfil semanal da publicação, que chega às bancas de jornal sempre aos sábados.

Foram analisadas, como já referido, quatro edições que compreendem o período de estudo: 14 a 21 de março; 21 a 28 de março; 28 de março a 4 de abril; e 4 a 11 de abril de 2009.

Escolheu-se fazer o estudo comparativo de um semanário e um diário pelo fato de o *Jornal de Angola* e o *Semanário Angolense* serem os mais importantes periódicos em Angola e constituírem o exemplo vivo da dicotomia que caracteriza o panorama jornalístico nacional: os jornais públicos comportam-se como correias de transmissão do governo e os jornais privados estão conotados com o setor oposicionista. E em Angola não há, além do *Jornal de Angola,* outro jornal diário de grande expressão e circulação nacional.

Além disso, como sugere Benetti, o jornalismo é um campo de interação, um discurso dialógico. Nesse sentido, observa-se que ambos os jornais conferem valor-notícia ao mesmo objeto de estudo e se dirigem a um mesmo público com o propósito de atrair a sua atenção eampliar o número de leitores. Assim, a análise dos dois impressos selecionados para este estudo desvela como a viagem de Bento XVI à Angola assume um significado político-social e também uma dimensão simbólica como importante fenômeno cultural para o País. E ambos os jornais são apresentados no formato tabloide.

Nos itens a seguir e mediante as categorias *número de matérias jornalísticas*; *tipologia dos títulos*; *formatos e conteúdos de notícias*; e *iconografia*, tentar-se-á compreender os processos de produção, circulação e consumo das informações jornalísticas publicadas, ao longo da cobertura midiática dessa visita, pelo *Semanário Angolense*, representado na Figura 9.

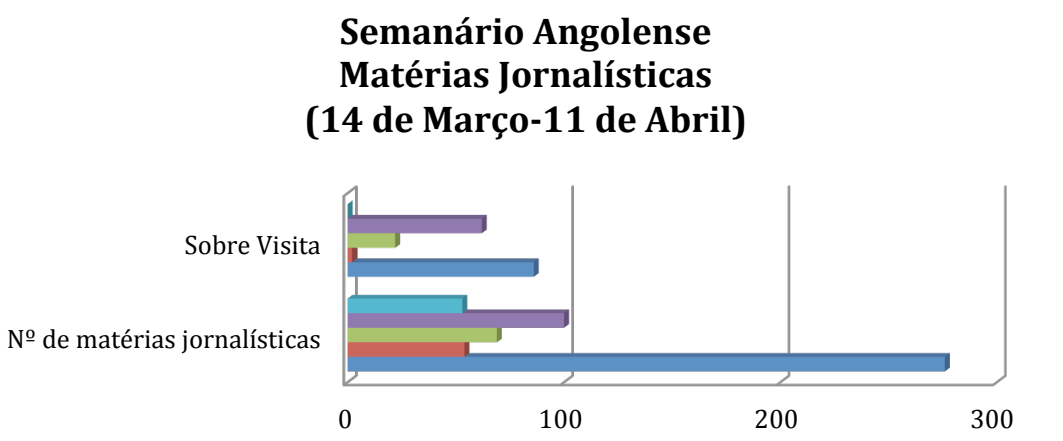
Figura 9: primeiras páginas do *Semanário Angolense* das edições de 21 de março de 2009 e 5 de Julho de 2014

Fonte: Elaborada pelo autor

6.1.2.1 Número de matérias jornalísticas

No período estudado, o semanário publicou um total de 276 peças jornalísticas, 86 das quais relacionadas com a visita do Papa Bento XVI, ou seja, quase 30% das matérias publicadas nesse período. O Quadro 5 representa a quantidade de matérias publicadas pelo *Semanário*.

Quadro 5: total de matérias jornalísticas publicadas no *Semanário Angolense* durante o período em estudo



	Nº de matérias jornalísticas	Sobre Visita
S.Angolense 14-21	53	0
S.Angolense 21-28	100	62
S.Angolense 28-4	69	22
S.Angolense 4-11	54	2
Total	276	86

Fonte: Elaborado pelo autor

Os resultados alcançados, por meio da aplicação dessa categoria, ofereceram possibilidades de perceber que, se o *Semanário Angolense* privilegiou as notícias na cobertura, em detrimento de outros tipos de relatos jornalísticos, não publicou nenhum editorial sobre a visita, mesmo reconhecendo a importância social, cultural, política e religiosa da presença de Bento XVI, inclusive porque esta não é uma prática recorrente neste jornal.

6.1.2.2 Tipologia de títulos

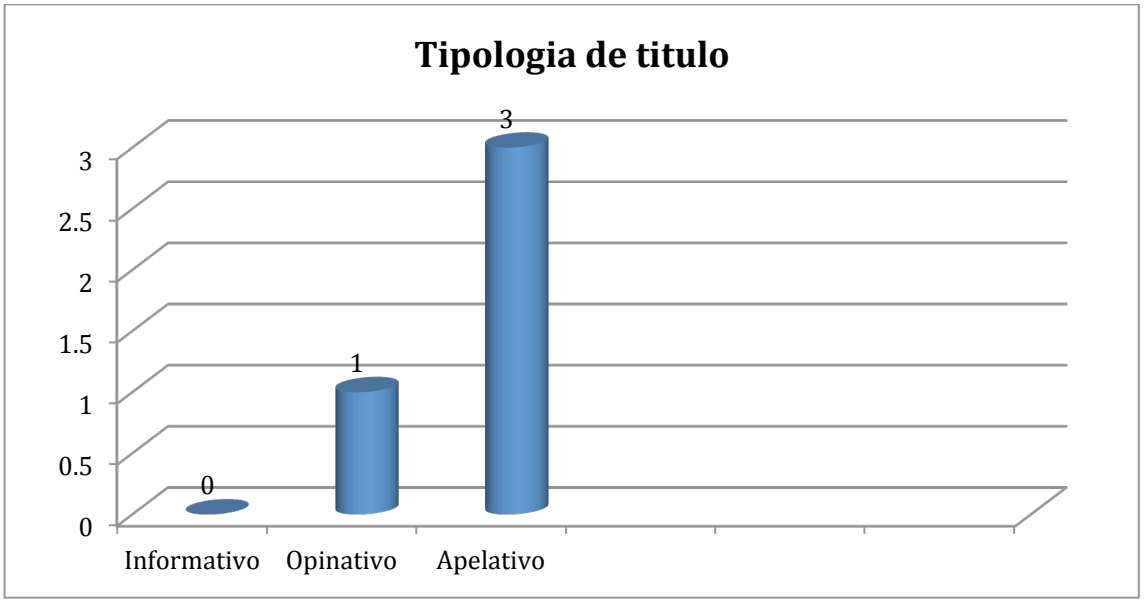
Em geral, o *Semanário Angolense* utiliza títulos fortes, usando metáforas ligadas, quer à idiossincrasia nacional, quer ao panorama político. É um jornal que utiliza, de maneira recorrente,como recurso para atrair a atenção dos leitores, a linguagem popular.

Ao longo da visita de Bento XVI, no *Semanário Angolense* a maior parte dos títulos foi apelativa (3 de um universo de quatro títulos). Verificou-se apenas uma chamada de capa, na edição de 21 a 28 de março, onde a presença do Papa foi destacada em uma manchete que ocupou toda a largura e o comprimento da primeira página, correspondente ao espírito de polêmica e de controvérsia da linha editorial do *Semanário Angolense.*

Em termos gerais, os títulos do *Semanário Angolense,* ao longo da cobertura do evento, consubstanciaram-se na utilização de metáforas ligadas à política nacional, assim como à religião, à guerra e à culinária.

O Quadro 6 corresponde à tipologia dos títulos do *Semanário Angolense,* durante a cobertura da visita do Papa a Angola.

Quadro 6: total de tipo de títulos usados ao longo do período em análise



Fonte: elaborado pelo autor

6.1.2.3 Formatos e conteúdos de notícia

A aplicação da categoria *formatos e conteúdos de notícia* permitiu verificar que o *Semanário Angolense* publicou, no período analisado, um total de 276 matérias jornalísticas, sendo que dessas, 86 eram sobre a visita (64 notícias, 13 artigos, 7 reportagens e 2 entrevistas).

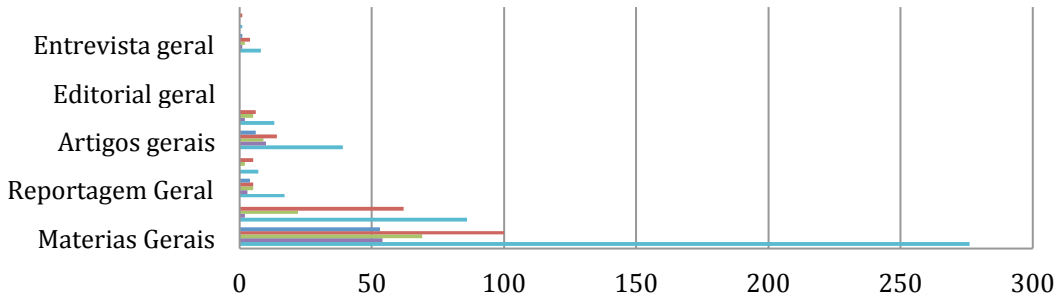
As matérias jornalísticas do *Semanário Angolense* apresentam-se essencialmente configuradas na forma de notícias, artigos de opinião, reportagens e entrevistas. Não foi constatada a publicação de nenhum editorial.

Os assuntos giram em torno de relações estabelecidas entre as autoridades angolanas e o Vaticano, bem como o aproveitamento político feito da visita papal. Há uma tentativa de problematizar essas relações. Aborda-se também questões ligadas aos hábitos e costumes e às práticas religiosas dos cidadãos.

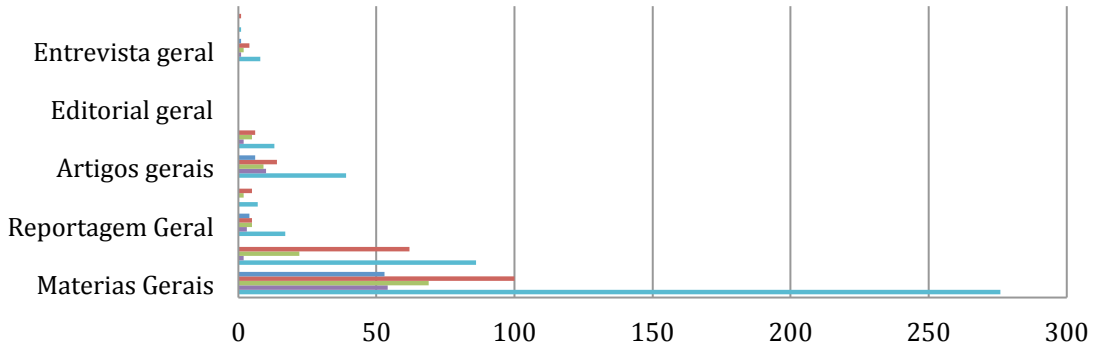
Por outro lado, o semanário confere significado especial às atividades promovidas por Bento XVI, realçando o grau de aderência popular às manifestações religiosas.

É possível verificar os tipos de matéria publicadas no *Semanário Angolense* no Quadro 7.

Quadro 7: materiais jornalísticos usados no âmbito da cobertura midiática da visita do Papa Bento XVI à Angola



	Materias Gerais	Materia sobre Visita	Reportagem Geral	Reportam sobre visita	Artigos gerais	Artigos sobre visita	Editorial geral	Editorial sobre visita	Entrevista geral	Entrevista sobre visita
S.Angolense 14-21	53	0	4	0	6	0	0	0	1	0
S.Angolense 21-28	100	62	5	5	14	6	0	0	4	1
S.Angolense 28-4	69	22	5	2	9	5	0	0	2	0
S.Angolense 4-11	54	2	3	0	10	2	0	0	1	0
Total	276	86	17	7	39	13	0	0	8	1



	Materias Gerais	Materia sobre Visita	Reportagem Geral	Reportam sobre visita	Artigos gerais	Artigos sobre visita	Editorial geral	Editorial sobre visita	Entrevista geral	Entrevista sobre visita
S.Angolense 14-21	53	0	4	0	6	0	0	0	1	0
S.Angolense 21-28	100	62	5	5	14	6	0	0	4	1
S.Angolense 28-4	69	22	5	2	9	5	0	0	2	0
S.Angolense 4-11	54	2	3	0	10	2	0	0	1	0
Total	276	86	17	7	39	13	0	0	8	1

Fonte: Elaborado pelo autor

6.1.2.4 Iconografia

Em termos gerais, o *Semanário Angolense* é um jornal tabloide, que aposta no grafismo e nas cores para despertar o interesse dos leitores, investindo em casos polêmicos.

Quanto à iconografia, o semanário privilegia os grandes planos das figuras das manchetes. As fotos de capa e contracapa são em cores e as interiores são em preto e branco. Porém, a maior parte das matérias não é acompanhada de fotos.

Na manchete que marca a visita de Bento XVI a Angola, o *Semanário Angolense* estampa uma foto do Papa que ocupa dois terços da primeira página, em cinco colunas, ao centro. De acordo com o estudo multimodal, o elemento que ocupa o centro é aquele que merece o principal destaque, além de ser o mediador entre os planos superior e inferior da página (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

Assim, o título era mais do que chamativo: “6 batatas para o Papa

descascar", realçando já o fator estratégico da sua cobertura jornalística de utilizar a linguagem popular e polemizar relações entre a Igreja em Angola e o poder do Estado, decorrente de posições divergentes sobre a expansão da rádio religiosa em toda a extensão do País, mas também de outras questões que serão discutidas adiante.

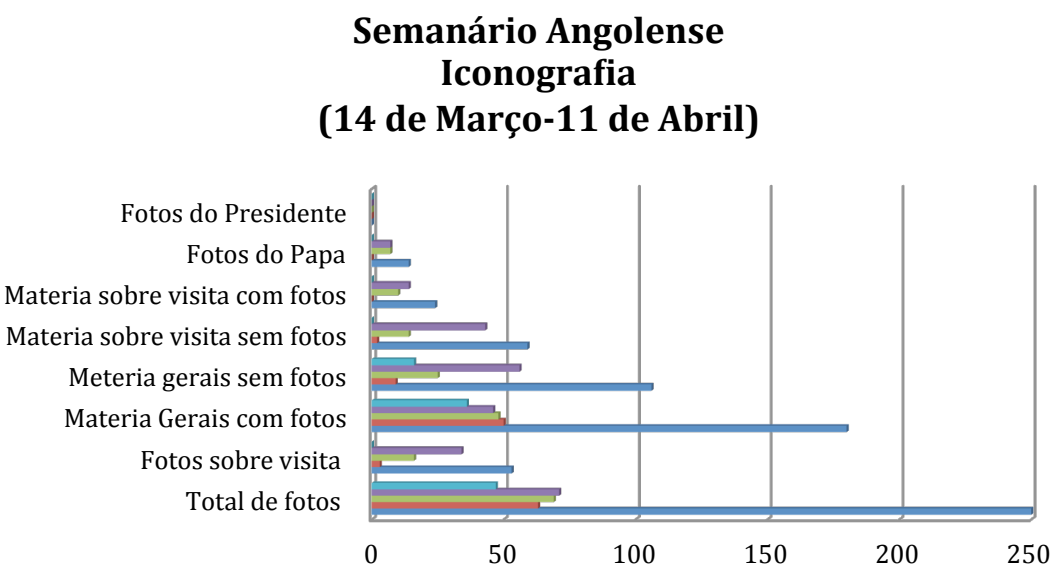
Esta manchete do semanário era suportada pelo seguinte subtítulo, em letras menores: Rádio Ecclésia; Cabinda; Estratégia de Propagação da fé; Seitas; Remuneração dos Clérigos; Perfil dos Bispos.

Depois, um pouco mais abaixo, três chamadas complementam a chamada de capa: "Quem é quem no nosso clero", "Homossexualismo deflui das raízes do mal" e "O papa-móvel não resistiria aos buracos".

Do conjunto de 250 fotografias publicadas ao longo do período em análise, pelo *Semanário Angolense,* 53 estavam relacionadas à visita do Papa Bento XVI. Destas, 14 retratavam o Papa.

O Presidente da República não esteve representado em nenhuma imagem em matérias sobre a visita, como mostra o Quadro 8. Uma escolha claramente associada à linha editorial do *Semanário*, referida acima.

Quadro 8: total de imagens publicadas ao longo do período em estudo



	Total de fotos	Fotos sobre visita	Materia Gerais com fotos	Meteria gerais sem fotos	Materia sobre visita sem fotos	Materia sobre visita com fotos	Fotos do Papa	Fotos do Presidente
S. Angolense 14-21	47	0	36	16	0	0	0	0
S. Angolense 21-28	71	34	46	56	43	14	7	0
S. Angolense 28-4	69	16	48	25	14	10	7	0
S. Angolense 4-11	63	3	50	9	2	0	0	0
Total	250	53	180	106	59	24	14	0

Fonte: Elaborado pelo autor

6.2 Análise qualitativa comparativa

A linguagem não é algo fixo e passível de simples decodificação. Por meio dela perpassa uma complexidade imensa de significados atribuídos pelos sujeitos conforme suas experiências de vida. Desse modo, compreende-se que um enunciado não é somente um uso automático ou neutro de uma gramática e de um dicionário; consiste em uma mobilização de saberes muito diversos, hipóteses, raciocínios, que intervêm na construção de um contexto que não é um dado preestabelecido e estável (MAINGUENEAU, 2008).

Sob essa perspectiva, a análise qualitativa é aqui constituída pelas duas relevantes etapas referidas por Benetti (2007) na Análise de Discurso: a identificação dos sentidos produzidos pelos relatos jornalísticos dos jornais estudados e o

mapeamento das vozes presentes e ausentes nos textos, as quais serão seguidas da interpretação dos resultados, como já foi referido no item 5.2.

Na identificação dos sentidos, verificaram-se determinadas questões e significados a eles atribuídos, que formam determinadas regiões discursivas, nomeadas por Benetti de *formações discursivas* (FD). Observaram-se diversos sentidos em torno de uma FD, que constroem e consolidam essas temáticas e significações nucleares. Assim, construiu-se um quadro identificando as principais FDs no item sobre a leitura crítica das formações discursivas.

A segunda etapa da análise comparativa qualitativa corresponde ao mapeamento das vozes como, por exemplo, da instituição, das fontes, dos jornalistas, do indivíduo que assina o texto, do texto não assinado e do leitor que assina a carta publicada. De acordo com Benetti (2007), o jornalismo é um campo de interação. É um discurso dialógico porque estabelece relação entre discursos (interdiscursividade) e entre sujeitos (intersubjectividade), mas não é, necessariamente, polifônico porque nem sempre há uma diversidade de vozes e uma simetria entre atores sociais presentes e ausentes nos relatos jornalísticos dos acontecimentos que disputam lugares de fala[61] nas mesmas condições em suas enunciações.

No entanto, para Sousa (2001), a enunciação jornalística constitui-se a partir de uma complexa cadeia polifônica, na medida em que ela é o resultado das várias vozes vindas de outros campos culturais:

> Os textos jornalísticos são produtos de uma série de encontros de outros textos, de citações conscientes ou não, lugares, portanto, das heterogeneidades, em que do sujeito é esperado um trabalho inicial de apropriação do código mais amplo, a língua, e ao mesmo tempo do conjunto de outros códigos ou modalidades de discursos específicos de cada suporte, estabelecidos no seus saberes normalmente fixados em manuais de redação (SOUSA, 2001, p. 78).

Sob essa perspectiva, a segunda etapa desta análise pressupõe verificar as posições dos sujeitos, ou melhor, de onde falam, associadas aos seus respectivos contextos culturais. Em seguida, verificar se os resultados encontrados nesta etapa estão de acordo com as FDs verificadas na etapa anterior da identificação dos sentidos.

Numa atenta leitura, identificaram-se três temáticas-chave em ambos os

---

[61] Utiliza-se aqui o mesmo sentido de Benetti (2007), segundo o qual, o termo "fala" não se restringe à expressão oral, mas contempla todo ato de enunciação discursiva, seja verbal ou não-verbal.

jornais, na cobertura da visita do Papa Bento XVI a Angola, nomeadas na metodologia proposta por Benetti (2007) de formações discursivas: a) relação Estado/igreja católica; b) cultura angolana e práticas religiosas; e c) mídia e sociedade.

Essas regiões de sentidos, agora denominadas por FDs, serão devidamente discutidas em seguida.

6.2.1 Identificação de sentidos

Como referido no Capítulo III, o jornalismo informativo desempenha um papel importante nos nossos dias, sendo que é através das matérias jornalísticas que, cada vez mais, a sociedade ganha conhecimento dos principais acontecimentos da vida cotidiana, os quais, por sua vez, direcionam, por meio de suas estratégias discursivas, a percepção da realidade e da experiência.

Contudo, as práticas discursivas também são condicionadas aos seus contextos de produção e circulação, uma vez que também o processo de codificação dos textos midiaticos é marcado por certas normas e regras, convenções e rotinas, procedimentos e práticas profissionais, interesses das próprias organizações, assim como pelas expectativas e leituras do público. Além disso, as normas da língua, as matrizes culturais, as regras sociais, a ética e as ideologias também interferem na construção de sentidos dos acontecimentos jornalísticos.

Neste sentido, na identificação dos sentidos produzidos pelos jornais impressos, *Jornal de Angola* e *Semanário Angolense*, os contextos político e social, cultural e midiático que deram sustentabilidade às FDs eleitas, no nosso estudo, não poderiam deixar de ser considerados

Assim, procurou-se discutir, nesta Tese, em capítulos anteriores, o contexto político em Angola, fazendo, inclusive, um recuo ao passado, mergulhando na compreensão do encontro da cultura colonial com a cultura local, ao começo da evangelização do país, assim como o processo político que esteve na base da independência nacional, o conflito armado, a obtenção da paz definitiva e consolidação do processo democrático, assim como na história da imprensa angolana.

O estudo das coberturas de ambos os jornais sobre a viagem do Papa Bento XVI a Angola revela a importância que, tanto o poder político, quanto o Vaticano,

conferiram à missão papal para descongestionar o clima de tensão entre Igreja e Estado no país e, ao mesmo tempo, identifica elementos que nos permitem reconhecer como a própria mídia e as manifestações religiosas reforçam a coesão social e as identidades culturais.

O *Jornal de Angola* chegou a afirmar que, durante a sua missão, Bento XVI abençoou o processo de consolidação da paz e os progressos econômicos e sociais alcançados nos últimos anos, além de chamar a atenção para a tolerância, união e reconciliação entre os angolanos.

Ressaltou também que os bispos da Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé (CEAST) elogiaram a postura da comunicação social angolana "pela forma responsável como prepararam, acompanharam, trataram e difudiram a visita e a mensagem do Papa Bento XVI a Angola", encorajando-a a comprometer-se "inequivocamente com a verdade, com a vida assumida na sua plenitude e com todos os valores fortes que devem enobrecer a sociedade angolana" (J. A., 29/3/09, p. 4).

6.2.1.1 *Jornal de Angola*

O *Jornal de Angola* revela-se, declaradamente, a favor da visita do Papa Bento XVI como fator estratégico de fortalecimento das relações entre o poder político e as autoridades eclesiásticas de Roma, visando à afirmação nacional e internacional do governo angolano.

Parte-se do pressuposto de que processos de legitimação de atos sociais diversos são inerentes a qualquer sistema social, o que leva à tentativa constante de estabelecimento de um conjunto de relações de poder em busca de valorização de direitos adquiridos e/ou de aspirações de determinados grupos.

Assim, atuando não apenas como testemunha, mas também como um ator social relevante das estruturas operantes no processo de formação de consensos, o diário oficial reitera e atualiza formas de agir, direcionando sentidos em torno da problemática da unidade nacional, da pacificação dos espíritos e da normalização das instituições.

Ao realçar a relação histórica entre o cristianismo e o povo angolano, ao abordar a vinculação entre cultura nacional e as práticas religiosas católicas, reforçando o sentido de pertença a uma comunidade caracterizada por sua memória coletiva, o *Jornal de Angola* multiplica e mediatiza a consciência e os sentidos das identidades

nacionais.

Nas peças jornalísticas do *Jornal de Angola*, denotam-se representações construídas por referências culturais. Assim, a própria mídia, por meio de um saber discursivo que vai construindo a história e se constituindo em memória, expressa os modos como os cidadãos encaram a religião e a vida política e social e faz referências ao imaginário das comunidades socioculturais, valorizando uma memória social que se impõe como vínculo entre atores sociais distintos.

6.2.1.1.1 Estado e Igreja Católica

O *Jornal de Angola* assumiu uma postura mais institucional, quase burocrática, dando grande importância à visita como um instrumento de coesão nacional e de consolidação da paz. Há grandes destaques sobre a relação entre o poder político e as autoridades do Vaticano.

Nas páginas desse jornal, o Presidente José Eduardo dos Santos valoriza exaustivamente as realizações do seu Governo e as perspectivas concretas de reconstrução material e espiritual de Angola, afetada pelos prejuízos causados pela guerra. O Papa Bento XVI, por sua vez, destaca, em seus pronunciamentos, os aspectos relacionados com a luta pelo desenvolvimento e com a manutenção da identidade religiosa do povo angolano, como observa-se nas matérias publicadas em reportagens dos dias 21 e 24 de março, de acordo com os trechos destacados abaixo:

> A Igreja Católica Apostólica Romana, que Vossa Santidade superiormente dirige, é a instituição melhor posicionada para nos ajudar nesta tarefa da formação do homem novo, que a nova Angola precisa (José Eduardo dos Santos, J. A., 21/3/09, p. 3).
>
> Parto satisfeito por ter encontrado uma igreja viva e, apesar das dificuldades, cheia de entusiasmo, e que soube carregar a sua cruz e a dos outros(...) Deus abençoe Angola! Abençoe cada um dos seus filhos! Abençoe o presente e futuro desta querida nação. Ficai com Deus (Bento XVI, J. A., 24/3/09, p. 3).

Por outro lado, referências à conformidade e ao consenso são expressas nas enunciações do *Jornal de Angola,* especialmente nos títulos de diversas matérias:

> Papa vai escutar as preocupações do Estado (J. A., 19/03/09, p. 3)
>
> Unita destaca papel do Vaticano para conquista da paz em Angola (J. A., 19/03/09, p. 3).
>
> Um acto de grande simbolismo (J. A., 19/03/09, p. 3).

> Núncio Apostólico recomenda reflexões sobre mensagens dos discursos do Papa(J. A., 24/03/09, p. 3).
>
> Uma cidade de braços abertos emocionada com a visita do Papa (J. A., 21/03/09, p. 4).
>
> Papa pede tolerância e diálogo para o desenvolvimento do país (J. A., 21/03/09, p. 5)
>
> Presidente do Parlamento destaca homília papal (J. A., 23/03/09, p. 32).
>
> Maturidade de Angola na recepção ao Papa (J. A., 23/03/09, p. 7).
>
> O adeus ao Papa amigo (J. A., 24/03/09, p. 35).

Por conseguinte, mesmo quando se reconhece que as relações entre o Estado Angolano e a Igreja Católica passam por momentos tensos, durante a cobertura midiática da visita do Papa, realizada pelo matutino, não se notaram divergências entre os dois principais protagonistas desse acontecimento, que evitaram abordar, nos seus pronunciamentos públicos, questões polêmicas que os separavam, como as questões da extensão a todo território nacional do sinal da emissora católica, dos direitos humanos e das pretensões independentistas na província de Cabinda.

Por meio de estratégias diplomáticas e políticas, tanto o governo quanto a igreja privilegiaram os laços históricos e culturais que unem Angola e o Vaticano. As transcrições abaixo refletem esse posicionamento das autoridades:

> Comunhão de valores e objectivos (J. A., 22/3/09, p. 2).
>
> Queremos cooperar com a Igreja na construção do mundo melhor (José Eduardo dos Santos, J. A., 21/3/09, p. 3).
>
> [...] foi emocionante assistir a todas as manifestações de fé, de devoção e de calor humano que lhe foram transmitidas pelo povo angolano [...]. Esta foi a confirmação de que, a exemplo do que aconteceu com o seu antecessor, Sua Santidade o Papa João Paulo II, o nosso povo atribui uma grande importância à mensagem espiritual do soberano Pontífice (José Eduardo dos Santos, 2009, p. 81).
>
> É hora de me despedir para voltar a Roma, triste por vos deixar, mas feliz por ter conhecido de perto um povo corajoso e decidido a renascer. Não obstante as resistências e obstáculos, este povo pretende construir o seu futuro caminhando por sendas de perdão, justiça e solidariedade (Bento XVI, 2009, p. 82).

A aproximação entre a religião e a política pode ser comprovada na declaração destacada abaixo, na qual é revelada uma cumplicidade entre o partido no poder, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), e a Igreja Católica. Essa opinião, curiosamente escrita por um poeta comunista ligado ao partido do

Governo, funciona como um instrumento de afirmação dos dois Estados, Vaticano e Angola.

> O MPLA provou ter o líder certo, para o momento certo. Mas o Partido na sua globalidade precisa de transformar-se no MPLA do tempo novo, aquele que ultrapassou, já ontem, os tabus; discute abertamente soluções, prevê o futuro anunciado, e também aquele que é possível científica e filosoficamente encontrar, mais além, nas decorrências dessa arte da previsão não metafísica, que é a política [...] a Igreja Católica tem forças e inteligências para enfrentar concorrentes, que vão crescendo exponencialmente, por razões parecidas. Precisa por isso também, de centrar os seus objectivos espirituais e conceitos materiais no encontro de diálogo construtivo, com as forças e inteligências, que não poderão deixar de emergir da renovação esperada, que os angolanos que votaram no MPLA abertamente desejam (Ndunduma, J. A., 22/3/09, p. 40).

Durante o período estudado, não foram publicadas reflexões críticas sobre a relação entre o catolicismo e a África. Não foram encontrados artigos ou entrevistas que abordassem, de maneira contextualizada, aspectos históricos e culturais sobre a visita do Papa e também notou-se a ausência de comentários de analistas e especialistas sobre a pertinência e a importância da presença de Bento XVI em Angola.

Não foi questionado tampouco, na cobertura do *Jornal de Angola*, como a Igreja Católica converteu-se, discursivamente, em um instrumento de poder político e cultural para a consolidação do Estado colonial, nem se discutiu o papel que exerceu na colonização e no combate às culturas locais.

No entanto, pode-se perceber, no Capítulo IV, que as relações entre a Igreja e Angola têm características distintas dos demais países africanos, uma vez que a evangelização decorreu com o consentimento de um monarca nacional, Rei do Congo, Nzinga-a-Nkuvu. Hoje, a Religião Católica sintetiza a espiritualidade da alma angolana, tornando-se, com o passar dos anos, uma das maiores expressões das identidades coletivas.

6.2.1.1.2 Cultura angolana e práticas religiosas

O *Jornal de Angola*, ao fazer a cobertura midiática da visita de Bento XVI ao país, constrói também significações sobre as identidades religiosas dos angolanos ao fazer recurso corrente de pronomes e ideias que evocam sentido de comunhão e de pertença às práticas religiosas católicas.

Alguns enunciados mostram, não só como o diário elaborou as suas

estratégias enunciativas, bem como estabeleceu um vínculo entre a sua posição em relação à cultura angolana e às práticas relogiosas. Os discursos sobre as identidades religiosas dos angolanos estão patentes nas materialidades discursivas. São discursos que remetem a formas de sociabilidade, as quais pressupõem um saber comum partilhado pelos produtores de mensagens e pelos públicos. Os trechos das matérias abaixo revelam esse processo:

> Visita papal é uma graça para os angolanos (J. A., 17/03/09, p. 3)
>
> Foi impressionante e quase inacreditável ver aquela maré de gente das mais diferentes condições sociais, culturais e credos sair à rua e comovida saudar com acenos de mão, com canto, gritos, pulos, danças e gestos de piedade o ilustre e respeitado visitante (Vieira Dias, 2009, p. 7).
>
> Espectáculo de boas-vindas ao Papa com milhares de pessoas em Luanda (J. A., 19/03/09, p. 40).
>
> A quantos me acompanham pela rádio e televisão chegue a expressão da minha amizade, com a certeza da benevolência do Céu sobre a missão comum que nos está confiada: construirmos juntos uma sociedade mais livre, mais pacífica e mais solidária (Bento XVI, 2009, p. 13).
>
> Para nós que nos identificamos com os valores universais que a Igreja soube, de forma paciente e educativa, levar aos cantos mais recônditos do nosso planeta: é com grande alegria que acolhemos Sua Santidade. No fundo concorremos todos para a realização do mesmo ideal, que é o de consolidar uma nação espiritualmente harmónica e tolerante, capaz de assumir as suas responsabilidades em defesa da honra e da dignidade humana, da justiça, da solidariedade, da liberdade e da paz universal (José Eduardo dos Santos, Presidente da República, 2009, p. 11).
>
> Bem-vindo a Angola, Papa Bento XVI. [...] seguimos de mãos dadas, pelos exaltantes caminhos da História (J. A., 20/3/09, p. 6).
>
> Uma Nação espiritualmente tolerante (J. A., 21/03/09, p. 2).
>
> Queremos cooperar com a Igreja na construção do mundo melhor (J. A., 21/03/09, p. 3).

O fato de a população angolana ter vivenciado o deslocamento do Papa a Angola como uma grandiosa celebração evocativa de memórias coletivas é um indicador que estabelece uma linha de continuidade na relação entre cultura nacional e práticas religiosas católicas, fato destacando pelo *Jornal de Angola*,que não deixou de realçar que a Igreja Católica adota valores culturais angolanos nas expressões das suas práticas quotidianas, conferindo-lhes a garantia da perpetuação.

Já no primeiro editorial, "Juntos com a História", o *Jornal de Angola* destaca que "o Papa, na qualidade de líder da Igreja Católica, representa para os angolanos um parceiro de longa data, um companheiro de jornada na caminhada de um povo pelos trilhos da História", convidado os angolanos e Bento XVI a seguirem, de

mãos dadas, “pelos exaltantes caminhos da história” (J. A., 20/03/09, p. 6).

No segundo editorial, “A Basílica da Muxima”, o diário volta à carga, destacando que “Bento XVI recebeu, ontem, em Luanda, provas evidentes de que os angolanos não esquecem os amigos. E, sobretudo, que o povo tem fé e vive essa fé em todos os momentos” (J. A., 21/03/09, p. 6). Os outros editoriais são alinhados pelo mesmo diapasão.

Por outro lado, o *Jornal de Angola* quase que silencia os temas polêmicos, como as denúncias de homossexualismo e pedofilia no seio da igreja, o celibato e a canonização das mulheres, com exceção das declarações do Papa sobre o uso de preservativo, associado ao combate ao HIV/SIDA, à abstinência sexual e ao aborto. A respeito, o diário publicou um artigo, ainda assim em tom favorável, defendendo a mesma posição de Bento XVI, que “apenas procurou acentuar parte daquilo que são as observações da Igreja Católica tendo como interesse supremo a manutenção de hábitos consentâneos com a correta prática da sexualidade”. Desse modo, o jornal defendeu o uso do preservativo como uma forma de evitar a “banalização da sexualidade e fomento da instabilidade nos lares” (Mbumba, J. A., 20/3/09, p. 7).

6.2.1.1.3 Mídia e sociedade

Há uma grande mobilização para que o evento tenha a máxima cobertura midiática, a qual faz apelos ao passado e à convocação da memória da anterior visita de um Papa a Angola, ou seja, João Paulo II, a 4 de Junho de 1992, assim como aos aspectos relativos aos acordos de paz e ao processo de consolidação da democracia.

Nesse jogo de rememorações e exaltações patrióticas pelo orgulho de receber mais um ilustre visitante de craveira mundial, consubstanciadas na conjugação de interesses midiáticos e religiosos, registra-se o processo de legitimação do discurso jornalístico. É por isso que Benetii (2006) destaca que a memória está presente em toda prática discursiva e se atualiza em cada discurso particular por meio de algumas marcas. Mas na atualização dessa memória, também ganham força determinadas crenças e certos personagens, fios que, segundo a autora, remetem a diversos interdiscursos, como se constata nos jogos de rememorações e de motivações discursivas evocados anteriormente.

Na verdade, um dos aspectos que mais ressaltam o consenso sobre as

identidades culturais associadas às práticas religiosas católicas e o sentido de unidade e reconciliação nacional é o fato de quase todos os atores sociais envolvidos no acontecimento - o Presidente da República, o Papa Bento XVI, os políticos, a sociedade civil e os meios de comunicação - terem feito referências, de maneira afirmativa, a um patrimônio simbólico comum, expresso nas seguintes afirmativas (o sublinhado é nosso) do Presidente, do Papa, de uma crente de uma religião não católica e de líderes de partidos da oposição:

> A visita do Papa serve para reforçar a "nossa identidade religiosa" (José Eduardo dos Santos, J. A., 29/3/09, p. 11).
>
> [...] deveis tirar do "vosso património espiritual e cultural" de que Angola é portadora, para irdes ao encontro uns dos outros sem medo, aceitando partilhar as própria riquezas espirituais e materiais em benefício de todos (Papa Bento XVI, 2009, p. 14).
>
> [...] não existe outro caminho senão inspirar-nos nos "nossos valores" cristãos e noutros como a honestidade, a dignidade, o respeito pelo próximo e a liberdade (José Eduardo dos Santos, Presidente da República, 2009, p. 21).
>
> Alegro-me pela presença no vosso país de tantas comunidades vibrantes de fé, com um laicado empenhado que se dedica a várias obras de apostolado, e pelo número consistente de vocações ao ministério ordenado e à vida consagrada, nomeadamente contemplativa: são um autêntico sinal de esperança para o futuro (Bento XVI, 2009, p. 32).
>
> Deus é só um, por isso a mensagem vinda do Papa é sempre bem-vinda por que ele veio para abençoar todos os angolanos. Não foi só a fé dos católicos que foi fortalecida, mas de todos que têm Cristo no coração (Irmã Dina, obreira da Igreja Universal do Reino de Deus, S.A, 28-4/04/09, pag 12).
>
> O fundamental da visita de Bento XVI é que todos angolanos se sintam abençoados (Chivukuvuko, lider da bancada parlamentar da UNITA, J. A., 23/03/09, p. 2).

Por outro lado, e porque o discurso sempre produz um efeito de sentido, o *Jornal de Angola* ilustra as matérias jornalísticas com fotos e imagens condizentes com essas enunciações, participando ativamente no processo de construção da representação do consenso social, como propõe Moscovici (1978) ao defender que a mídia parte de uma formulação abstrata, buscando na vida cotidiana exemplos que traduzem de forma mais objetiva essa ideia, ao ponto de ser assimilada pelo grande público.

Ou seja, parafraseando Martín-Barbero (2008), tudo o que se imagina e se projeta como abstração, como representação do real, está ligado a uma forma de constituição do mundo pelos meios de comunicação. Por outro lado, esses sentidos e significações dos acontecimentos também resultam de nossas interações e leituras desse mesmo mundo proposto pelas enunciações da mídia.

Assim, as expressões reiteradamente manobradas pela mídia e os gestos massivamente articulados fomentam a percepção de uma unidade nacional associada a um sentimento de vínculo comunitário religioso, acolhida pela população angolana:

> Tudo parou, até o trânsito: uma cidade de braços abertos emocionada com a visita do Papa (J. A., 21/03, p. 4).
>
> Todos angolanos rezaram com o Papa (J.A, 29/3/09, p. 10).
>
> Igreja joga papel importante no resgate dos valores morais (J. A., 18/3/09, p. 3).
>
> Papa traz mensagem de paz e reconciliação nacional (J. A., 16/3/09, p. 3).
>
> Bento XVI vai aprofundar e renovar a fé dos católicos angolanos (J. A.,16/3/09, p. 3).

De fato, a população participou com entusiasmo do acontecimento organizado pelo Estado, pelo Vaticano e pela Mídia. A religião demonstrou ser um instrumento social e psicológico, um fenômeno agregador e apaziguador das diferenças, que desencadeia um conjunto de processos socioculturais nos mais diversos domínios, gerando, atualizando ou incrementando valores e padrões de comportamento que contribuem para um pacto simbólico de harmonia nacional.

Como discutiu-se no Capítulo IV, a religião católica é um dos esteios das identidades culturais de Angola, sendo uma das tradições seculares. É possível afirmar, portanto, que os discursos jornalísticos estão em consonância com a tradição e reafirmação de princípios de comunhão de saberes, de partilha de significados e de sentidos de pertença a uma determinada comunidade cultural, ainda que modelados em direções marcadas pelos seus próprios interesses (SCHUTZ, 1995).

6.2.1.2 Semanário Angolense

O *Semanário Angolense* assume um discurso marcadamente controverso, sobretudo no tocante à relação entre Estado e Igreja Católica, em que o jornal não se coíbe de denunciar o aproveitamento político da visita.

Durante a cobertura mediática da visita de Bento XVI a Angola, o semanário construiu enunciações que, por força dos efeitos de verdade que produzem, reforçam a ideia de que os jornais privados têm uma visão oposta ao conformimsmo da imprensa estatal, principalmente no que diz respeito às atividades institucionais.

No entanto, no cômputo geral, o discurso do *Semanário Angolense* não foi

estruturalmente diferente daquele do *Jornal de Angola,* configurando-se, também ele, como instância de legitimação de consensos sociais, tendo como referência um conjunto de valores enraizados na memória coletiva.

Ao trazer para o espaço do debate público aspectos polêmicos, como as questões da extensão do sinal da Rádio Eclésia, das manifestações independentistas em Cabinda, assim como da problemática dos direitos humanos e das quezílias internas do clero angolano, contribuindo para questionar ou desestabilizar a ordem vigente, no aspecto da cultura e das práticas religiosas, o *Semanário Angolense* não deixou de fazer ressonância à conformação das dinâmicas sociais, reforçando a ideia de conformismo social e político inerente ao *status quo*.

Neste sentido, a atuação do semanário revela que, por meio de práticas ritualizadas e normas estandardizadas, os discursos jornalísticos alimentam o consenso social, mas podem constituir-se como espaços de afirmação de diversidade de caminhos na busca de poder e legitimidade. Em relação a esta cobertura, observou-se que a legitimação dos interesses do Estado e da Igreja coexistiu com a afirmação de Angola no cenário internacional, ainda que sob as referidas estratégias de enunciação. Ou seja, a mídia angolana funciona como expressão da memória, de exclusões simbólicas e socioeconômicas e dos poderes dominantes, mas também se posiciona como espaço de ressignificação da experiência coletiva e de legitimação da *angolanidade* (BECKER; CARLOS, 2014).

É certo que muitas informações jornalísticas são enunciadas como verdades dos fatos. São criadas a partir de determinadas perspectivas que atribuem valores e sentidos aos acontecimentos, às identidades e ao diferente, constituindo preconceitos e estereótipos que, para além de serem ideias preconcebidas e parciais, constroem a superioridade de um grupo sobre o outro, reafirmam que uma cultura é mais valiosa do que a outra, enaltecem determinada prática cultural e religiosa ou ação política em detrimento de outras.

No entanto, esses mesmos preconceitos e estereótipos resultam em algum entendimento da diversidade e não deixam de ser também uma maneira de dar sentidos a um mundo cada vez mais intercultural. Compreende-se que os discursos da imprensa são mais do que relatos, pois criam instruções, expectativas ou enquadramentos em torno dos quais os outros devem se orientar e organizar seus modos de atribuir sentidos à realidade, porém não deixam de ser uma forma de conhecer diferentes realidades, de

socializar informações, de estimular a formação de culturas políticas, e de servir como instrumentos de ampliação ou restrição do interesse público.

Esta cobertura resulta, especialmente, também do empenho da mídia de inserir Angola no cenário global, considerando o reconhecimento da visita do Papa como acontecimento relevante na agenda internacional, ainda que sob certos enquadramentos, de modo que não sejam atribuídas a este país apenas as desigualdades socioeconômicas e culturais, quando raramente tem a chance de ocupar as pautas midiáticas (RODRIGO ALSINA, 2009; BECKER; CARLOS, 2014).

6.2.1.2.1 Estado e Igreja Católica

No período em estudo, a primeira edição do *Semanário Angolense* não se referiu ao assunto. Mas na edição da semana de 21 a 28 de março, a presença de Bento XVI em Angola foi destacada da primeira à vigésima página. Ou seja, mais de 80% das matérias do impresso foram dedicadas ao assunto.

A edição seguinte, de 28 de março a 4 de abril de 2009, não registou nenhuma referência à visita do Papa na sua primeira página. As manchetes do dia giravam em torno do fato político do momento, ou seja, a forma de eleição do Presidente da República.

Nesta edição, foi publicado apenas um destaque de primeira página (S. A., 28/3-4/4/09, p. 1) sobre a visita de Bento XVI. Mas houve referência à viagem do Papa na sexta e na sétima páginas do jornal, com a publicação dos seguintes títulos: "Como Bento XVI 'descascou' as seis batatas" (S. A., 28/3-4/4/09, p. 6), fazendo referência à manchete da edição de 21 a 28 de março; e "As lições que o Papa aprendeu em Angola" (S. A., 28/3-4/4/09, p. 7), destacando que o Papa partia feliz por ter encontrado um povo decidido a reconstruir a sua terra martirizada e que o acolheu com inigualável calor humano. O semanário também estampou em três páginas os discursos pronunciados pelo Papa durante a visita: "Os 'mais fortes' sermões de um Ratzinger 'suave'" (S. A., 28/3-4/4/09, p. 8, 10, 11.

Assim, o *Semanário Angolense* fez um rescaldo daquilo que foram as atividades desenvolvidas por Bento XVI, destacando que o Papa foi elogiado por fiéis

de outras religiões, os quais consideram a Igreja Católica como "Igreja das igrejas"[62].

O semanário aproveitou também para revelar que o Papa Bento XVI não abordou as questões que o próprio jornal supunha que ele trataria, o que demonstra que as manchetes da edição de 21 a 28 de março foram movidas, sobretudo, por motivos sensacionalistas, pois, os jornalistas deduziram que o clima de tensão entre alguns setores da Igreja Católica e o Estado angolano sobre a Rádio Ecléssia e a situação política de Cabinda seriam potenciados.

Na última edição do *corpus* analisado, de 4 a 11 de abril, ou seja, duas semanas depois da visita do Papa, o jornal ainda comentou a visita em uma "Crónica da ressaca papal", que ocupava pouco mais de um terço de página (S. A., 4-11/4/09, p. 18), produziu uma réplica de duas páginas e meia da matéria "As 'seis batatas'" e publicou nas outras páginas reflexões assinadas pelo Coordenador dos Missionários Redentoristas em Angola, padre João Pedro Fernandes. Estes títulos expressam uma percepção crítica dos desafios enfrentados pelo Vaticano em Angola. Porém, são carregados, tanto de ironia, quanto de humor, por meio do uso da linguagem coloquial, o que atenua os questionamentos do Semanário à Igreja Católica e populariza a figura do Papa e a própria Igreja no cotidiano dos angolanos.

Nessa mesma edição, há um destaque para a deliberação do Conselho Nacional da Comunicação que considera a cobertura jornalística da visita do Papa Bento XVI como sendo o fato mediático mais relevante do mês de março de 2009 no país, quer pela sua importância intrínseca, quer pela atenção que lhe foi reservada pela mídia nacional e internacional. Nessa nota, elogia-se o desempenho da comunicação social angolana, pelo acompanhamento exemplar concedido à presença do papa em Luanda, "tendo deste modo o seu comportamento editorial sido decisivo para o sucesso da própria visita de Bento XVI a Angola, fato que foi reconhecido pelo ilustre visitante".

O discurso assumido pelo *Semanário Angolense*, claramente contra o posicionamento da imprensa oficial, que encarava a visita do Papa como uma missão de paz e de reforço das relações entre o Estado e o Vaticano, tinha como principal objetivo despertar o interesse do público para as suas próprias matérias. Mas também sinalizava a importância da visita do Papa ao país e, consequentemente, de Angola e de suas identidades culturais.

---

[62]*Semanário Angolense*, edição de 28/3-4/4/09, p. 12.

Em termos gerais, as matérias jornalísticas do *Semanário Angolense* circunscrevem-se à perspectiva do que o Papa Bento XVI iria encontrar em Angola uma situação um tanto quanto tensa entre o Governo e a Igreja Católica, afetada pela intransigência do poder político em não autorizar que a emissora radiofônica católica fosse ouvida em todo o território nacional, assim como pelas denúncias de corrupção e de violação de direitos humanos por parte de ativistas e associações não governamentais.

Os textos também falavam sobre o aproveitamento político por parte da classe política, sobretudo o governo, assim como abordavam também questões internas da própria Igreja Católica, sugerindo que o Papa Bento XVI usasse a sua influência para amenizar os problemas políticos e controvérsias sociais e políticas que os angolanos viviam.

> [...] depois da guerra fratricida que deixou marcas profundas, era necessário e oportuno que o Papa viesse apaziguar os espíritos, apelando à reconciliação entre os irmãos desavindos (*Semanário Angolense*, 21-28/3/09, p. 16).
>
> A visita de Bento XVI pode, na verdade, constituir-se num importante tónico na árdua empreitada da recuperação de valores como a solidariedade, o amor, confiança, a concidadania, enfim, a recuperação dos pilares da sacralidade da pessoa humana na sua totalidade necessários para a construção de tal sociedade justa e harmoniosa (S. A., 21-28/03/09, p. 3).
>
> [...] E alguns da entourage do presidente serão mesmo tentados a dizer que deus é do MPLA. Entoarão "Tantum Ergo", exigindo os primeiros lugares em tudo. Que tentarão capitalizar os maiores dividendos políticos não há dúvida. Oxalá o Papa não se esqueça das eleições, da Constituição, da corrupção, da crise económica mundial, e da imoralidade que grassa no nosso país atingindo o tecido familiar (S. A., 21-28/03/09, p. 17).

Durante a visita do Papa Bento XVI, constatou-se que a imprensa potencializa a sua capacidade de construção de representações, legitimando e reinscrevendo as manifestações culturais angolanas numa formatação da memória, da história e das identidades nacionais de acordo com as suas modalizações discursivas.

Neste sentido, recorrendo aos subsídios fornecidos por Castoriadis (1982), pode-se concluir que o *Semanário Angolense* acionou um repertório interpretativo de mobilização do imaginário social dos angolanos e, por meio de suas representações e produções de sentido sobre o acontecimento, procurou legitimar as manifestações religiosas, os modos de viver a política caseira e a importância do próprio país na agenda internacional. Os trechos das matérias abaixo revelam esse processo enunciativo nas declarações, respectivamente, do padre Tchingandu, dos dois textos não assinados e

do comentário do jornalista Severino Carlos:

> Muitos dirão que o Papa não vem distribuir receitas para solução dos nossos problemas económicos e políticos. É verdade. Acredito porém que sua presença e voz irão levantar um pouco mais a moral e esperança dos angolanos (*Semanário Angolense*, 21-28/03/09, p. 6).
>
> A fé deste povo e a sua maneira peculiar de ser e estar na igreja surpreendeu o Sumo Pontífice pela positiva. O teólogo severo e o professor sisudo deram-se conta que estavam perfeitamente à vontade ao som do batuque e do chocalho. Pela primeira vez como Papa, sentiu o que é estar dentro de um templo em que cada um dos milhares de crentes levanta a cabeça e solta a voz tornando a liturgia numa coisa verdadeiramente viva, (S. A., 28/03/a 4/04/09, p. 7).
>
> A deslocação a Angola do líder da Igreja católica aconteceu num contexto como este. Independentemente dos motivos por muitos prognosticados, a visita de Bento XVI acabou por ser vista como um tónico revigorante que deverá contribuir para estancar a sangria da Igreja Católica em favor de novas confissões, (S. A., 28/03/a 4/04/09, p. 12).
>
> Originário de uma família de tradições protestantes, [em 1992] o Presidente angolano fez soar o verdadeiro tiro de largada que levaria muitos outros políticos do MPLA, com a mesma origem confessional, a atirarem-se de armas e bagagens para os braços de Roma, largando os ideais do protestantismo concebidos por Martinho Lutero [...]. É grande o número dos que agora são visto em templos católicos engolindo sermões domingueiros, sejam eles saídos da boca de Dom Damião Flanklim, do cónego Apolónio Graciano ou do frei João Domingos (S. A., 28/03/a 4/04/09, p. 14).

6.2.1.2.2 Cultura angolana e práticas religiosas

O *Semanário Angolense* é um dos jornais angolanos que mais utilizam as metáforas nos sentidos sugeridos por Fairclough (1996)**,** ou seja, como operações de linguagem que estruturam e realçam maneiras de pensar e agir, revelando, de forma impactante, os nossos sistemas de conhecimento e crença. Assim, a criação de cumplicidade e proximidade com o leitor é reforçada e legitimada pela utilização de signos que fazem parte da gramática imagística comum.

Na cobertura jornalística da visita de Bento XVI a Angola, o semanário utilizou metáforas para provocar um olhar crítico sobre as relações entre o Estado e a igreja católica, inclusive referentes às práticas da culinária angolana, construindo, em suas enunciações, interrogações e expectativas. De fato, as batatas constituem-se como um dos alimentos mais populares e importantes da alimentação dos angolanos, ainda que demande um tempo para o seu consumo, para a retirada de suas cascas. Desse modo, o jornal cria uma polêmica inserida em uma forma de expressão bastante reconhecida pelos angolenses, o que certo modo, a ameniza.

O títulos “6 batatas para o Papa descascar”, assim como o título “As seis batatas quentes para o Papa em Angola”, são referências à matéria do jornalista Celso

Malavoloneke, o qual sublinhou que, durante a sua visita a Angola, o Papa Bento XVI teria que resolver algumas questões de difícil solução, que exigiam atenção, mas eram importantes para a população. Por isso, o semanário denominou-as de "seis batatas para o Papa descascar".

Desse modo, o *Semanário Angolense* encontrou uma forma de se referir a seis aspectos controversos das relações entre o governo de Angola e o Vaticano que não foram expressivamente trabalhados na cobertura do jornal, mas são de profundo conhecimento dos angolenses. São eles: 1. Diferenças na estratégia de propagação da fé pelo próprio clero, consubstanciada na disputa de três correntes internas, nomeadamente, a tradicionalista, composta pela maioria dos atuais bispos, padres e leigos mais velhos que defendem que as coisas devem estar como estão, a ala renovadora, constituída por um pequeno grupo de bispos, clérigos e leigos mais novos que defendem que alguns aspectos doutrinários devem ser revistos e adaptados aos novos tempos, como o planeamento familiar, o celibatos dos padres e em certa medida o sacerdócio feminino e, por último, a corrente espírita que defende que os rituais de xinguilamento, curas tradicionais, exorcismos e similares devem ser tidos em conta; 2. O perfil dos bispos que deveriam ser nomeados para Angola; 3. A fuga de fiéis e crentes da igreja católica para seitas espíritas; 4. A falta de reconhecimento acadêmico e de remuneração dos clérigos locais; 5. O problema de Cabinda, ou seja, as manifestações independetistas de um setor da igreja e da sociedade cívil local; e 6. A polêmica em torno da autorização do governo para que a emissora radiofônica da igreja católica de Angola fosse transmitida em toda a extensão do território angolano.

Para o *Semanário Angolense*, a viagem de Bento XVI deveria estimular a discussão de algumas questões pendentes entre o Governo de Angola e a Igreja Católica, ao contrário da posição do jornal oficial, que defendia a presença do Papa como uma missão de paz e de reforço das relações entre o Estado e o Vaticano.

No entanto, foi possível perceber que as enunciações do *Semanário Angolense* refletiam maior consonância do que divergência em relação ao pensamento e ao discurso oficial da Igreja Católica.

De fato, nos assuntos relacionados ao homossexualismo, ao uso de preservativo e ao clero angolano, as ideias do jornal estavam em sintonia com as que a Igreja Católica advogava, apesar das críticas que ela veio a receber por não ser a favor dos direitos das pessoas escolherem livremente a sua orientação sexual.

Por outro lado, a cobertura da visita do Papa Bento XVI demonstrou que, tanto o campo religioso, quanto o campo midiático, investem no reconhecimento do diálogo entre os meios de comunicação e a Igreja, assim como em outras manifestações que exarcebam sentidos de nacionalidade como expressão da cultura e da tradição angolanas.

Nesse sentido, o semanário brindou-nos com metáforas que congregaram em si valores da identidade religiosa de Angola, reforçando a crença de que os angolenses são um povo abençoado por Deus, como os seguintes exemplos: "O Papa vem exorcizar Angola?" (S. A., 21-28/03/09, p. 6), "Bento XVI vem para atrair as vocações?" (S. A., 21-28/03/09, p. 10), "Vocações estão a diminuir" (S. A., 21-28/03/09, p. 13), "Bento XVI, o Inquisidor" (S. A., 21-28/03/09, p. 2) e "Os 'mais fortes' sermões de um Ratzinger 'suave'" (S. A., 28/03-4/04/09, p. 8, 10 e 11), para sublinhar o fato de um alemão em terras quentes de África muda de carácter, ou seja, torna-se mais emotivo e afectivo ao invés de racional.

O semanário também utilizou metáforas que atualizaram as disputas e intrigas domésticas político-partidárias, como neste outros exemplos: "Eles ainda vão dizer que o Papa é do MPLA" (S. A., 21-28/03/09, p. 17), "Vaticano é que está a dar" (S. A.,28/03-4/04/09, p. 14) "As lições que o Papa aprendeu em Angola" (S. A., 28/03-4/04/09, p. 7); assim como as questões do dia a dia: "A igreja está fechada" (S. A., 21-28/03/09, p. 15), "Quero ver um papa negro" (S. A., 21-28/03/09, p. 16), "Só mesmo de helicóptero" (S. A., 21-28/03/09, p. 20).

O recurso às metáforas e os signos mostram que os imaginários sociais são construídos porque existe um processo dialético entre os emissores e os receptores, há como que uma interação de representações ideológicas consubstanciada na partilha do universo simbólico entre a mídia e os cidadãos, sendo que a produção tanto quanto a interpretação conferem sentidos aos discursos jornalísticos. As identidades resultam de discursos sociais e os discursos midiáticos participam no processo de produção da memória coletiva, ou seja, criam uma ideia de Nação, de acordo com a reflexão proposta no Capítulo II.

6.2.1.2.3 Mídia e sociedade

Nas peças jornalísticas do *Semanário Angolense,* revelam-se representações da cultura angolana que exemplificam as maneiras como os cidadãos e a própria

imprensa de oposição ao poder vigentecompreendem o valor da religião na vida social:

> Quem é quem no "nosso clero" (*Semanário Angolense,* 21/3/09, p. 7).
>
> A visita de Bento XVI pode, na verdade, constituir-se num importante tónico na árdua empreitada da recuperação de valores como a solidariedade, o amor, confiança, a concidadania, enfim, a recuperação dos pilares da sacralidade da pessoa humana na sua totalidade necessários para a construção da tal sociedade justa e harmoniosa (Malavoloneke, S. A., 21/3/09, p. 3).
>
> Terminou a febre papal. De facto foi um movimento inunsitado de massas, talvez só comparado à chegada do Manguxi a Luanda, nos idos de 74, ou a primeira visita de Nelson Mandela ao nosso país. As seitas dizimistas devem estar a roer-se de inveja (Mukuna, S. A., 4 a 11/04/09, p.18).
>
> A juventude, e hoje principalmente, vive uma certa inquietação, e uma necessidade incessante de procurar soluções para os seus problemas. Ela vê na igreja uma escapatória para vícios, distúrbios emocionais, drogas e deliquência. (De Sousa, S. A., 4 a 11/04/09, p.11).

Esta estratégia discursiva, baseada no senso comum dos atores sociais que participam do processo de produção e do consumo do acontecimento midiático, remete para um processo de acomodação e naturalização da ordem vigente. Desse modo, a cobertura do *Semanário Angolense*, sobre a visita do Papa Bento XVI constrói conceitos e referências das identidades nacionais, como é possível identificar nos trechos das matérias destacadas abaixo:

> As lições que o Papa aprendeu em Angola (*Semanário Angolense*, 28/3/09, p. 7).
>
> Os "mais fortes" sermões de um Ratzinger "suave"(*Semanário Angolense*, 28/3/09, p. 7).
>
> A Igreja Católica Apostólica Romana, que Vossa Santidade superiormente dirige, é a instituição melhor posicionada para nos ajudar nesta tarefa da formação do homem novo, que a nova Angola precisa (José Eduardo dos Santos, Presidente da República, 2009, p. 22).
>
> Vedes como duas etnias muito diferentes – bantu e lusíada – puderam encontrar na religião cristã uma plataforma de entendimento, esforçando-se porque esse entendimento perdurasse e as divergências – que as houve, e graves – não afastassem os dois reinos! (Bento XVI, 2009, p. 40).

No *Semanário Angolens,* constata-se uma predisposição para a controvérsia, não se limitando a relatar os fatos. Entre os 86 artigos estudados, entre as edições de 21 a 28 de março de 2009, há mais de cinco textos polêmicos. Observa-se, também, um grande espaço conferido à voz do povo e a líderes de outras congregações religiosas a respeito da visita do Papa, revelando que o Semanário não se conformou em ouvir apenas as fontes oficiais. As declarações, respectivamente, do reverendo Miguel da Silva, pastor da Igreja Metodista Episcopal Sião e de Dina, obreira da Igreja Universal

são exemplos:

> O Santo Padre é um líder e como tal a sua intervenção, tanto no aeroporto como nos demais locais em que passou, achamos oportuna. Um líder religioso tem de pautar-se pela imparcialidade. Como líder, se nos posicionamos a favor de uns contra os outros, a mensagem que pregamos deixa de ter o real valor (S. A., 28/03-4/04/09, p. 12).
>
> Em muitas ocasiões o Papa se dirigiu a todos angolanos como amigo, o que mostra que ele veio com os olhos postos em todos nós, angolanos (S. A., 28/03-4/04/09, p. 12).

O próprio jornal intitulou, em letras garrafais, duas matérias que valorizavam um consenso social em torno da visita do Papa: "Papa Bento XVI elogiado por fiéis de outras religiões" e "Igreja das igrejas" (S. A., 28/3/09, p. 12).

Além disso, das controvérsias apresentadas, nenhuma referência foi feita às declarações do Papa Bento XVI sobre a utilização do preservativo, que tanto repercutiu na imprensa internacional63.

Verifica-se que o semanário não evitou discutir alguns temas controversos. Contudo, foram quase sempre abordados mais para despertar a atenção dos leitores para a polêmica em si do que para colocar em causa a visita do Papa.

A cobertura do semanário não apresentou a profundidade analítica que o tema religião merecia em um país africano que elegeu a igreja católica como referência religiosa. Porém, isso também não poderia se constituir como uma expectativa de um tabloide sensacionalista.

6.3 Síntese das formações discursivas: uma leitura crítica

Mesmo com posicionamento diferenciados, os dois jornais dedicaram grandes espaços às relações entre o Estado Angolano e as autoridades do Vaticano e construíram, em seus discursos, a visita do Papa Bento XVI como um acontecimento de legitimação de ambos os poderes e da prática religiosa católica em Angola, como um fenômeno cultural reconhecido pela população. Além disso, o *Jornal de Angola* e o *Semanário Angolense,* assim com a própria Igreja e o Estado empenharam-se em inserir o país na agenda internacional.

---

[63] Toda a imprensa internacional repercutiu a polêmica levantada pelas declarações de Bento XVI, em que criticava o uso de preservativo como o melhor método para prevenção do HIV-Sida, em detrimento da abstinência sexual.

Os discursos jornalísticos dominantes enfatizaram consensos e vozes de autoridade institucional, fossem elas do campo político ou do campo religioso. Quando o consenso não era possível, os jornais elaboravam textos que acabavam por corroborar o *status quo*.

Os meios de comunicação exerceram a defesa das identidades e da cultura nacional, promovendo uma harmonia social, ainda que sem a pluralidade e a diversidade desejadas. Inscreveram a cobertura midiática da visita do Papa no espaço da memória coletiva e Angola na pauta do mundo global naquele momento. E nesse sentido, a cobertura provocou também transformações nos modos de percepção do País no mundo e dos próprios angoleneses sobre suas identidades, mesmo que alinhada com os interesses dominantes por valorizar a história política e cultural de Angola. Os jornais impressos estudados reforçaram valores, hábitos e costumes arraigados na sociedade angolana e os fizeram ecoar na mídia de outros países, ainda que por meio de uma postura conservadora que legitima a estrutura social vigente.

Se os discursos jornalísticos contribuíram para a legitimação da prática religiosa cristã, como uma identidade nacional, a igreja, por sua vez, reafirmou o seu caráter evangélico e atingiu o seu objetivo estratégico de transmitir esta mensagem, alargando a sua influência social. Apesar das especificidades inerentes aos campos religioso e midiático, ambas as instâncias expandiram-se e fortaleceram-se mutuamente durante a visita do Papa Bento XVI.

Ao mesmo tempo, conseguiram inserir Angola e sua população na mídia global, o que implicou algum reconhecimento do país naquele momento para além das exclusões, das desigualdades e do preconceito com os países africanos, o que também motivou a adesão da população ao acontecimento.

Por essa razão, entende-se que até mesmo preconceitos e estereótipos construidos pela mídia podem resultar em algum entendimento da diversidade e não deixam de ser também uma maneira de dar sentidos a um mundo cada vez mais intercultural. Isso não significa dizer que a postura conservadora dos jornais deve ser legitimada e valorizada, mas compreender como em suas contradições, os discursos jornalísticos, mesmo quando operacionalizam a busca do consenso, podem se constituir em formas de conhecimento que não deixam de valorizar aspirações de atores sociais não hegemônicos e até legitimá-los.

Outros assuntos de natureza cultural, social, política e econômica praticamente saíram de cena da mídia, durante a visita de Bento XVI. As notícias destacaram as declarações do Presidente da República, as atividades eclesiásticas e revelaram os sentimentos de satisfação e de aderência às manifestações de fé por parte da população de Angola.

O Quadro 9 apresenta uma síntese das principais enunciações que permitiram identificar as Formações Discursivas refletidas nesse estudo:

Quadro 9 : FDs

FDS	***Jornal de Angola***	***Semanário Angolense***
Estado x Igreja Católica	1.Somos um estado laico animado por pessoas que professam o Cristianismo **(J. A., 21/03/09, p. 3)** 2.A visita constitui um acontecimento importante e não causual, para ambos os Estados, pois para lá das respeitáveis questões de fé e da pluralidade de reações correlatas, são efectivamente dois Estados, com excelentes relações, que se encontram, sem niegligenciar de modo algum o peso único e primevo da História secular, que os une. **(J. A., 22/03/p. 40)**	1. Do ponto de vista político, o Vaticano, como todos os outros estados, está ansioso por estreitar os laços de amizade e cooperação com o potencial gigante que Angola parece aos olhos de todos. (S. A., 21 a 28/03/09, p. 3) 2. a aproximação à Igreja católica por parte do Governo tem subjacente este cunho político de reparar tempos. Nós temos vistos o modo como, inclusivamente, de um dia para outro, alguns bispos foram eclipsados a favor de outros, mais docéis e como governantes de outras confissões religiosas são oruentados, verticalmente, pelo «Grande Irmão a aproximarem-se do púlpito (S. A., 21 a 28/03/09, p. 17).
Cultura Angolana e Práticas Religiosas	1.«Muitos angolanos vivem no temor dos espíritos, dos poderes nefastos de que se creem ameaçados. Desnorteados, chegam a condenar meninos da rua e até os mais velhos, porque – dizem – são feiticeiros. **(J. A., 22/03/09, p. 3)** **2.** A Basílica da Muxima é um presente dos angolanos à Igreja católica que tanto se esforçou por serenar os espíritos e consolar os sofredores durante a guerra que devastou o país **(J. A., 21/03/09, pa. 6)**	1.Certamente, já lá vão os tempos em que os católicos de Angola jubulavam com os jovens que enchiam os seminários maiores e os conventos que formavam homens e mulheres que assumiam com fervor e seriedade, o ideal de abraçar a vida sacerdotal ou religiosa. (S. A., 21 a 28/03/09, p. 10) 2. A fé deste povo e a sua maneira peculiar de ser e estar na igreja surpreendeu o sumo pontífice pela positiva. (S. A., 28/03/ a 4/04/09, p. 7)
Mídia e Sociedade	1.A Igreja Católica agradeceu e felicitou os orgãos de comunicação social angolanos pela cobertura à altura da visita do chefe da igreja. **(J. A., 24/03/09, p. 2).** 2. Agradeço e retribuo, respeitosamente, os cumprimentos, que o Sumo pontífice teve a gentileza de endereçar, a quantos acompanhavam a sua chega e visita ao nosso país, pela televisão e rádio. **(J. A., 24/03/09, p. 2).**	1.Considerar a cobertura da visita do Papa Bento XVI como sendo o acontecimento mediático mais relevante do mês de março, quer pela sua importância intríseca quer pela atenção que lhe foi reservada pelos «média» nacionais e internacionais(S. A.,4-11/04/09,p. 8). 2.Longe de discussões que ensombram as deslocações dos papas pelo mundo, nesta vinda a Angola, o Papa Bento XVI não terá a morder-lhe os calcahares a gritaria que agora mobiliza uma parte assinalável da

		opinião pública mundial face á igreja católica. **(S. A., 21 a 28/03/09, p. 48)**

Fonte: Elaborado pelo autor

6.4 Mapeamento das vozes

Realizou-se um mapeamento de vozes presentes e ausentes nas enunciações do *Jornal de Angola* e do *Semanário Angolense,* para apreender as intervenções e as diferentes vozes sociais a expressarem suas percepções sobre a visita do Papa Bento XVI a Angola: a comissão organizadora da visita; a igreja, representada, tanto pelas autoridades da instituição, quanto pelos padres locais, que participaram dos rituais estabelecidos durante a visita do Papa; o Presidente da República; os políticos; os jornalistas; e também os coenunciadores, ou seja, os leitores identificados nas páginas dos jornais.

O diário privilegiou as fontes oficiais, ao passo que o semanário deu primazia às fontes secundárias. Ambas as publicações constroem suas estratégias enunciativas de acordo com as suas respectivas especificidades discursivas e periodicidades. O *Jornal de Angola* tem uma perspectiva mais factual e investe na atualidade do discurso jornalístico. Já o *Semanário Angolense*, por ser uma publicação semanal, focaliza mais a retrospectiva dos fatos em sua cobertura.

Conforme os estudos de Maingueneau (2008) e Charaudeau (2006), o discurso relatado exerce função fundamental no discurso jornalístico, pois, ao usá-lo, pretende-se dar veracidade à informação, confirmando-a com as próprias palavras da fonte. Todavia, os estudos linguísticos em geral, e da Análise do Discurso, em particular, têm relevado a subjetividade da linguagem, demonstrando que o processo de seleção das vozes que participam de um determinado discurso é intencional, de modo a incitar determinados sentidos.

Assim, são usadas, no *Jornal de Angola,* as vozes dos protagonistas do

acontecimento, nomeadamente de Bento XVI e de José Eduardo dos Santos que, em alguns momentos, ofuscam até mesmo a voz do próprio jornal. Entretanto, no *Semanário Angolense,* a voz do jornal é privilegiada, através das enunciações dos jornalistas e comentaristas.

A polifonia elaborada pelo uso do discurso relatado na veiculação das notícias faz prevalecer a voz do jornal, no caso do *Semanário Angolense,* ou a torna camuflada, no caso do *Jornal de Angola*. Todavia, o reconhecimento de vozes distintas nos discursos dos jornais impressos analisados, confirma, como sugere Sousa (2001), que a enunciação jornalística constitui-se a partir de uma complexa cadeia polifônica por reunir enuciações vindas de outros campos culturais.

Por outro lado, os critérios de seleção das mesmas não são transparentes e tendem a ser apagados ou ficarem opacos porque a literalidade dá apenas a impressão de que algo só pode significar o que foi dito. Como propõe Benetti (2007), o efeito de literalidade cresce à medida que a ideologia se naturaliza, mas se o discurso depende também de uma relação entre sujeitos para existir, isso significa que também é produzido pelos sujeitos e não apenas pelo autor da fala, ou neste caso, pelo jornais estudados. Há, certamente, um direcionamento de sentidos, como se pode verificar neste estudo, mas nenhuma certeza de que os textos e os acontecimentos sempre ganham os sentidos atribuídos pela mídia.

O *Jornal de Angola* apresenta os textos sempre se referindo às falas das fontes oficiais, enquanto o *Semanário Angolense* sustenta a sua abordagem do acontecimento nas deduções e impressões dos autores das linhas escritas e publicadas no tabloide. Os modos de dizer e de mostrar a visita do Papa Bento XVI dos dois jornais permitem aferir que suas enunciações reforçaram a legitimidade da mídia, do Estado e da igreja católica. Por outro lado, reforçaram e legitimaram a angolanidade.

6.4.1 *Jornal de Angola*

O *Jornal de Angola* investiu na construção simbólica de um consenso social, silenciando os aspectos controversos que separavam a igreja católica e o Estado, investindo em uma estratégia discursiva interessada em realçar a convivência pacífica entre os cidadãos e associando a espiritualidade católica à identidade nacional.

O *Jornal de Angola* começou por se referir à missão papal logo no dia 13 de março, quando dá à estampa uma entrevista do coordenador da comissão organizadora do evento, D. Filomeno Vieira Dias, por meio de um título em letras garrafais que ocupou toda a extensão da página: "Angola é o palco do Cristianismo" (J. A., 13/3/09, p. 3).

A ausência de aspas no citado título pressupõe um consenso social referente a essa afirmativa, fato que nos remete à questão da ideologia, até porque, e de acordo com Brandão (1997, p. 38), o discurso é "[...] um dos aspectos materiais de ideologia, [...] uma espécie pertencente ao gênero ideológico", logo, carrega em seu bojo particularidades de quem o exteriorizou, buscando na materialidade linguística as marcas das condições ideológicas.

Por outro lado, a notícia referida acima revela que "a fonte é praticamente quem faz a notícia" (ALSINA, 2009, p. 169), evidenciando o caráter oficial do enunciado, baseado no pronunciamentos do coordenador da comissão organizadora da viagem do Papa Bento XVI. No entanto, esta mesma notícia revela que a enunciação de D. Filomeno Vieira Dias está subordinada ao discurso jornalístico porque "é sempre o narrador quem traduz os propósitos do locutor, isto é, quem atribui ao enunciador do discurso citado uma intenção" (FIORIN, 1996, p. 79).

Desse modo, e de acordo com Charaudeau (2006), o discurso jornalístico se inscreve num quadro pragmático de ação e de influência, socorrendo-se dos mecanismos de identificação das fontes e da prática da citação para mostrar "a verdade dos fatos".

O *Jornal de Angola* apresentou uma forma singular de trabalhar os enunciadores e coenunciadores em seus relatos jornalísticos. Ao escolher como fontes principais as representações oficiais, o matutino privilegiou a importância social das mesmas. Desse modo, essas referidas fontes passaram a funcionar como instância de legitimação do discurso do emissor (SOUSA, 2001). Assim, investindo no poder de dizer do enunciador (membros da comissão organizadora do evento, políticos, Presidente da República e o próprio Papa), o *Jornal de Angola* legitimou os discursos das autoridades.

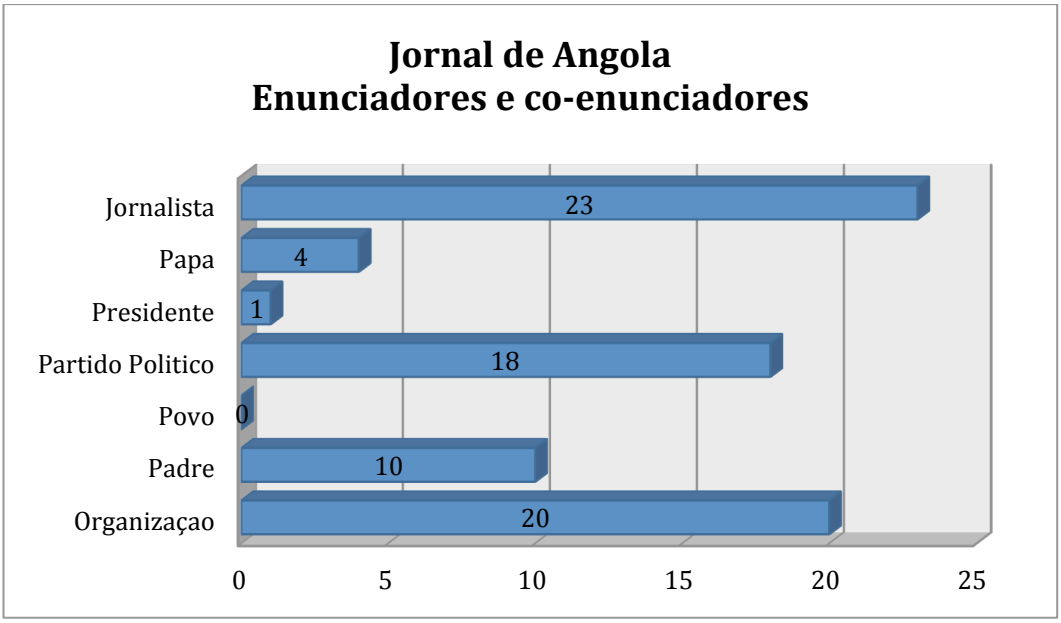
Ao longo dos dias que antecederam, assim como durante e depois da visita do Papa, diferentes personalidades ganharam destaque nas enunciações sobre o

acontecimento, mas os protagonistas principais foram o Papa Bento XVI e o Presidente José Eduardo dos Santos.

Entre as fontes oficiais, a comissão organizadora foi privilegiada com 20 participações. Os partidos políticos também estiveram bem representados, em suas 18 intervenções, seguidos dos padres, com 10 intervenções. Os jornalistas se destacaram igualmente nessa cobertura midiática.

O Quadro 10 apresenta uma síntese do número de enunciações dos atores sociais que participaram da cobertura jornalística do J. A. sobre a visita do Papa Bento XVI.

Quadro 10: número e enunciações dos principais atores sociais que participaram da cobertura midiática da visita do Papa Bento XVI à Angola



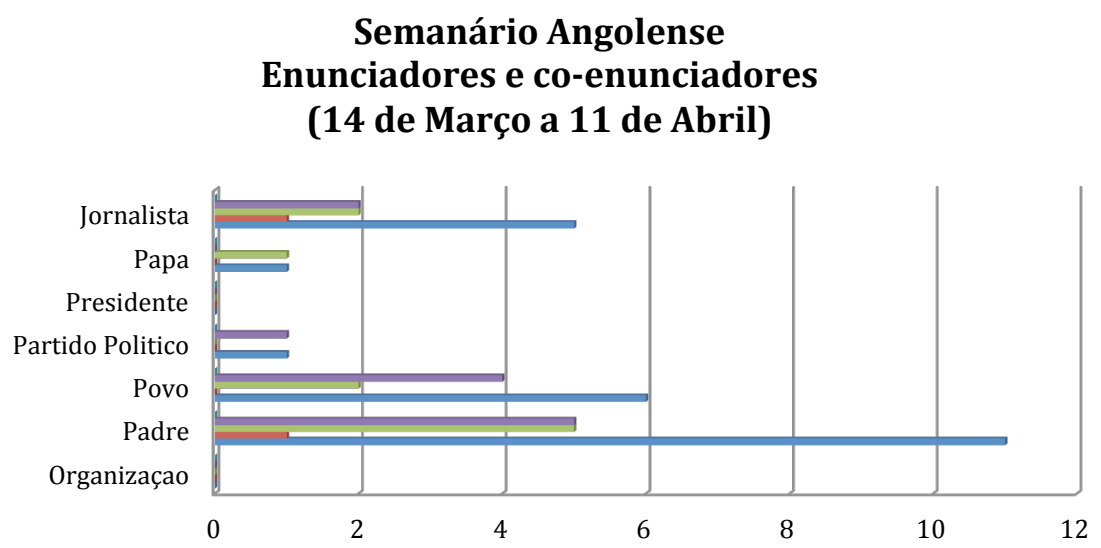
Fonte: Elaborado pelo autor

6.4.2 *Semanário Angolense*

Na análise quantitativa do *Semanário Angolense*, a aplicação da categoria de enunciadores e coenunciadores permitiu identificar que houve uma prevalência das vozes dos padres de Angola, em detrimento de representantes da Igreja Católica ligados à comissão organizadora do evento. Foram registrados seis depoimentos de padres locais, no material analisado, mas nenhum depoimento de autoridades da igreja católica.

No *Semanário Angolense*, os enunciadores diferenciaram-se pelo próprio perfil do jornal. A maior parte era formada por representantes da sociedade civil, do clero de Angola e de líderes de opinião, que disputavam o espaço público midiatizado. Mas só puderam se expressar no tabloide os representantes desses grupos que tinham uma espécie de permissão política do jornal para fazer comentários sobre a visita do Papa. O Quadro 11 mostra o número de enunciações dos atores sociais que participaram da cobertura jornalística do S. A.

Quadro 11: principais atores sociais que participaram da cobertura midiática da visita do Papa Bento XVI à Angola



	Organizaçao	Padre	Povo	Partido Politico	Presidente	Papa	Jornalista
S. Angolense 14-21	0	0	0	0	0	0	0
S. Angolense 21-28	0	5	4	1	0	0	2
S. Angolense 28-4	0	5	2	0	0	1	2
Sangolense 4-11	0	1	0	0	0	0	1
Total	0	11	6	1	0	1	5

Fonte: Elaborado pelo autor

6.5 Análise quantitativa e qualitativa: primeiros achados

Quando se procede à relação das estratégias enunciativas do *Jornal de Angola* e do *Semanário Angolense*, sobre acobertura jornalística da visita do Papa Bento XVI a Angola, identifica-se que as características de cada um dos referidos periódicos intervem na abordagem do acontecimento, ora convergindo ora divergindo seus enfoques e enquadramentos. Segundo Sousa (2001), um jornal é um mecanismo social que, mesmo formado pela justaposição de vozes heterogêneas, faz emergir um estilo, uma identidade, uma forma própria de abordar a realidade.

No *Jornal de Angola*, há o predomínio do uso mais formal da língua portuguesa e da dimensão não verbal sobre a verbal, ou seja, registra-se menos apelo a

imagens icônicas e menos uso de cores. Os textos noticiosos são elaborados com ênfase em suas funções referenciais, tendo em vista a pretensa objetividade jornalística.

Embora as cores não sejam um elemento principal no diário, durante a viagem do Papa predomina o vermelho, uma maneira de reafirmar a presença do principal representante da Igreja Católica no país. Mas outras cores também são utilizadas para destacar diferentes tipos de conteúdos e formatos jornalísticos. Os resumos, as chamadas e os títulos das matérias sobre a visita de Bento XVI estão sempre, ou em negrito, ou em quadros com fundo amarelo e/ou verde claro e escuro. Os discursos diretos também marcam bastante a sua presença.

O semanário faz uso de uma linguagem menos formal; o texto é construído de forma híbrida, uma mistura entre notícia e artigo, fazendo-se valer do uso recorrente de cores variadas na diagramação e de fotografias.

Partindo dos pressupostos de Michel Pêcheux (1990) e Eni Pulcinelli Orlandi (1996) de que a linguagem não é transparente, no âmbito da distinção das materialidades linguísticas observou-se que a linguagem utilizada pelo *Jornal de Angola é* mais próxima ao padrão clássico da escrita jornalística, pautada na referencialidade e no posicionamento ideológico, enquanto a linguagem do *Semanário Angolense é* mais popular. O uso menos formal da língua cotidiana revela-se como uma estratégia relevante para a construção do discurso de oposição do jornal às autoridades, buscando proximidade com a população.

Neste contexto, importa ressaltar que até o tempo histórico e cronológico sofre influência da temporalidade das narrativas jornalísticas. Observa-se que o Papa chega a Angola no dia 20 de março, mas no *Jornal de Angola* ele chega dia 21 e regressa no dia 24 e não no dia 23 de março, conforme realmente sucedeu. As matérias relativas aos dias de chegada e de regresso são publicadas apenas nas edições dos dias posteriores.

A diferença entre os dois jornais resulta também do tipo de matérias jornalísticas publicadas. O jornal diário é mais factual, ou seja, a sua matéria-prima é, por excelência, a notícia, sempre tratada de forma seca e institucional. A maior parte das matérias jornalísticas no período estudado foram registros das atividades realizadas pelo Papa, pelas autoridades governamentais e por representantes de entidades oficiais. Até mesmo a diagramação do jornal não investiu em inovações gráficas expressivas, usando

títulos majoritariamente informativos sem experimentar outras estéticas.

Já um semanário, como as revistas semanais, tende a praticar um jornalismo mais interpretativo, cujas reportagens são, muitas vezes, baseadas nas notícias já publicadas pelos jornais diários. Ou seja, nos semanários, há uma predisposição para interpretar e explicar as notícias, ainda que a contextualização da visita do Papa Bento XVI, no *Semanário Angolense*, tenha ocorrido de forma superficial. O *Semanário Angolense* privilegiou artigos nos quais não se constata uma fronteira nítida entre opinião e fato; os títulos e o grafismo são nitidamente apelativos, fazendo uma cobertura declaradamente desfavorável ao Estado e ao sistema político.

A visita de Bento XVI mobilizou toda a sociedade, mas poucos se pronunciaram sobre o acontecimento. O *Jornal de Angola* elegeu as fontes oficiais. O lugar de autoridade de onde falam e o modo de falar definem a instância de legitimação do discurso daqueles que têm o poder de proferir enunciados consensualmente autorizados. Observou-se uma estreita relação entre o Estado e a igreja.

No entanto, José Eduardo dos Santos é sempre referido pelo *Jornal de Angola* como Chefe de Estado ou Presidente da República, com letras iniciais maiúsculas, e Bento XVI é tratado como Papa ou simplesmente como Bento XVI. Porém, no *Semanário Angolense*, não há nenhuma referência ao presidente angolano, enquanto o Papa é referenciado umas vezes por Papa, Bispo de Roma, Sua Alteza e outras simplesmente por Bento XVI. Por conseguinte, é possível verificar o maior *status* de autoridade dado pelo diário ao presidente de Angola.

Por outro lado, tanto o diário quanto o semanário, privilegiam as páginas ímpares para os títulos mais importantes da cobertura midiática, sendo que essa escolha deve-se à valorização atribuída às páginas ímpares que Bahia (1990) considera como nobres, por serem as primeiras a atrair a atenção dos leitores.

Assim, a construção discursiva da visita do Papa Bento XVI resultou da conjugação da atuação de diversos atores sociais mediados pela editorialização dos próprios jornais. Algumas vozes foram legitimadas socialmente como detentoras de autoridade e outras valorizadas em função das próprias estratégias discursivas conferidas ao acontecimento pelo *Jornal de Angola* e pelo *Semanário Angolense*.

Para Baptista (1997), o *Jornal de Angola* é um meio de comunicação cuja função informativa é suplantada pela função política, pois se assume como um veículo

que investe mais na propaganda do que na informação.

Desse modo, os discursos são moralizadores, explicativos e suportados por argumentos pretensamente consensuais e longamente detalhados. Como afirma a autora, "as vozes de protesto que por vezes timidamente se fazem ouvir, nas entrelinhas do discurso do jornal, encontram sempre nas palavras dos poderosos motivos para se confinarem, de novo, ao silêncio" (BAPTISTA, 1997, p. 45).

Por conseguinte, há um certo abafamento de polêmicas nas páginas do *Jornal de Angola*, ao contrário do *Semanário Angolense*, que investiu em algumas questões que preocupavam a Igreja Católica.

Por outro lado, a análise de ambas as coberturas revelou que nenhum dos dois jornais contestou os propósitos políticos e culturais da visita do Papa e, sobretudo, a identidade religiosa católica dos angolanos, mesmo quando o país já revela um crescimento de práticas religiosas distintas, inclusive de seitas muçulmanas e africanistas.

Em ambos os jornais estudados, constitui-se discursivamente um respeito reverencial à figura do Papa Bento XVI, sem qualquer questionamento por parte da mídia, do Estado ou da sociedade civil. Além disso, observa-se que as estratégias enunciativas de ambos os impressos também conferem relevância ao acontecimento.

De fato, os referidos jornais praticaram um jornalismo que não buscava estabelecer relações entre causas e consequências. Ambas as publicações não utilizaram, por exemplo, o recurso da inclusão de vozes de especialistas para analisar com profundidade um tema tão complexo como a religião e o processo de evangelização no país. O *Semanário Angolense* não publicou um único editorial ou artigo escrito por qualquer autoridade. O *Jornal de Angola* também não divulgou nenhuma matéria interpretativa sobre esse tema.

De fato, em ambos os jornais, pouco ou nada se abordou sobre as implicações políticas e culturais, religiosas e simbólicas da visita de Bento XVI a Angola para o desenvolvimento social, cultural e econômico do país.

Esta parece ser a tônica principal das práticas discursivas jornalísticas que nortearam a visita do Papa Bento XVI a Angola, reafirmando, inclusive, resultados alcançados em estudo anterior sobre a cobertura televisiva da viagem do Papa a Angola (Carlos, 200) .

Segundo Zelizer (1993-1994), os jornalistas são uma "comunidade interpretativa" transnacional por possuírem um repertório de acontecimentos do passado e uma cultura que se constitui como modelo de apreciação de ações do presente. Traquina (2004) alinha no mesmo diapasão, ressaltando a partilha de valores-notícia e práticas discursivas comuns.

De fato, esta pesqusia revela que os meios de comunicação, públicos ou privados, tendem a adotar sentidos e valores semelhantes em suas práticas discursivas e rotinas profissionais quando realizam a cobertura de acontecimentos associados à questões políticas relevantes para um País, atuando como uma "comunidade interpretativa", apesar de suas diferentes linhas editoriais.Essa constatação, uma das mais relevantes desta investigação, será discutida adiante, o que corresponde à interpretação e sistematização dos resultados alcançados na análise quantitativa e qualitativa realizada, a terceira e última fase deste estudo comparativo.

6.6 Sistematização dos resultados

Este subtítulo apresenta uma sistematização das reflexões críticas elaboradas a partir da análise comparativa quantitativa e qualitativa da cobertura dos jornais impressos estudados sobre a visita do Papa Bento XVI à Angola.

Assume-se, na interpretação dos resultados alcançados, que o *Jornal de Angola* e o *Semanário Angolense* configuram-se como instâncias de legitimação de consensos e de identidades conferidos ao Estado, à Igreja, ao País e à sua população. Atuam em seus discursos como lugares de saber e de autoridade, ainda que se diferenciem na forma e nas intenções que orientam o tratamento dos conteúdos.

Neste sentido, tanto o *Jornal de Angola*, quanto o *Semanário Angolense*, buscam legitimar a verdade de suas enunciações em seus modos de construírem as matérias e privilegiarem determinadas fontes em detrimento de outras, como as fontes oficiais representadas no jornal diário - o Papa Bento XVI e o Presidente José Eduardo dos Santos - e as vozes dos padres de Angola e de representantes da sociedade civil presentes no tabloide semanal.

Por outro lado, os jornais em estudo constituem-se em espaços de dizeres possíveis, tendo como referência um conjunto de valores enraizados na memória coletiva, uma vez que a cobertura midiática da visita do Papa Bento XVI reforça

valores, hábitos e costumes inerentes à maioria do público. Assim, ao mesmo tempo em que assumem uma postura conservadora que legitima o conformismo social, também se constituem como um espaço de afirmação de valores e vozes da própria sociedade.

Para Benetti (2006), as práticas e discursos jornalísticos também resultam do próprio funcionamento da sociedade, o que serve de base para a operacionalização do consenso nos relatos da mídia. De acordo com Hall (1993, p. 226), as pessoas existem como membros de uma comunidade porque partilham uma quantidade comum de conhecimentos culturais com os seus semelhantes, tendo, por outro lado, acesso aos mesmos mapas de significados. Sob essa perspectiva, é possível compreender a postura reverencial e, de certa maneira, também familiar em relação ao Papa Bento XVI, tanto por parte da população quanto dos jornais estudados, assim como o destaque conferido para a aderência às manifestações de fé, por meio de referências ao número de pessoas que participaram dos encontros promovidos pela igreja e pelo Estado.

Desse modo, a cobertura midiática do *Jornal de Angola* e do *Semanário Angolense* sobre a visita do Papa Bento XVI reafirma os poderes da mídia, do Estado e da igreja católica e, ao mesmo tempo, serve como uma espécie de elo simbólico para o fortalecimento da angolanidade. Legitima o poder e contribui para o reforço do consenso nacional, através do sentimento de pertença a uma manifestação religiosa.

Essa tendência da imprensa também havia sido verificada nas enunciações dos telejornais das duas principais emissoras de televisão angolanas, nos quais os modos de dizer e de fazer crer revelam empenho na conformação da ordem estabelecida[64].

A propósito dos noticiários, Becker (2005) destaca que eles neutralizam os conflitos e contradições do cotidiano, oferecendo modelos de representação do mundo para manter o *status quo*, mas não deixam de legitimar vozes populares, ainda que modelando suas aspirações. Muatiacale (2007) destaca que o telejornal possibilita a circulação e a partilha de informações capazes de interligar os sujeitos sociais no seu imaginário, contribuindo para a construção da ideia de Nação, de percepção do país, por congregar diversos grupos étnicos, sociais e políticos, levando-os a pensar sobre os mesmos problemas que vivem no dia a dia.

Tanto nos discursos dos jornais, quanto nas enunciações dos telejornais, a mídia orquestra uma espécie de paz consensual, considerando a orientação católica da

---

[64]ALBINO, Carlos R. *Op. Cit*.

maioria da população angolana. A referida cobertura midiática é constituída por estratégias discursivas que constroem a história e a memória angolenses; e as identidades nacionais constituídas em suas enunciações são partilhadas pela maioria da população, como se observa nas declarações abaixo:

> Foi impressionante e quase inacreditável ver aquela maré de gente das mais diferentes condições sociais, culturais e credos sair à rua e comovida saudar com acenos de mão, com canto, gritos, pulos, danças e gestos de piedade o ilustre e respeitado visitante (Vieira Dias, 2009, Coordenador da Comissão Organizadora da visita, p. 7).
>
> Papa Bento XIV apela à unidade e reconciliação nacional (Pivot da TPA, 21/3/09).
>
> A quantos me acompanham pela rádio e televisão chegue a expressão da minha amizade, com a certeza da benevolência do Céu sobre a missão comum que nos está confiada: construirmos juntos uma sociedade mais livre, mais pacífica e mais solidária (Bento XVI, 2009, p. 13).
>
> Para nós que nos identificamos com os valores universais que a Igreja soube, de forma paciente e educativa, levar aos cantos mais recônditos do nosso planeta: é com grande alegria que acolhemos Sua Santidade. No fundo concorremos todos para a realização do mesmo ideal, que é o de consolidar uma nação espiritualmente harmónica e tolerante, capaz de assumir as suas responsabilidades em defesa da honra e da dignidade humana, da justiça, da solidariedade, da liberdade e da paz universal (José Eduardo dos Santos, Presidente da República, 2009, p. 11).
>
> Bem-vindo a Angola, Papa Bento XVI. [...] seguimos de mãos dadas, pelo exaltantes caminhos da História (José Eduardo dos Santos, J. A., 20/3/09, p. 6).

6.6.1 Algumas lições

Em seus processos de construção de sentidos, a mídia se apropria e, ao mesmo tempo, reinventa diversas expressões culturais. Na cobertura midiática da visita de Bento XVI, denota-se que os dois jornais em estudo funcionaram como instrumentos de manifestação da identidade religiosa católica dos angolanos, legitimando a fé como uma das principais características simbólicas das identidades da população. Assim, a cobertura dos jornais analisados revela que os discursos jornalísticos constituem-se como referências para apreensão da realidade social e exercem papel central na elaboração da memória coletiva e nas práticas culturais, por meio de enunciações que tendem a trasnformar o acontecimento em um ritual. Mas essas estratégias são acolhidas pela sociedade porque são elaboradas a partir de seus próprios repertórios cultural e socioeconômico.

6.6.1.1 Instâncias de legitimação

O *Jornal de Angola* e o *Semanário Angolense,* assim como já havia sucedido com a Televisão Pública de Angola e a TV Zimbo, posicionam-se com uma estratégia enunciativa de conformidade com o *status quo*, que se realiza através da aprovação geral da visita do Papa, como mostram os trechos das matérias destacadas abaixo:

> Papa Bento XVI elogiado por fiéis de outras religiões (*Semanário Angolense*, 21/3/09, p.12).
>
> Comunhão de valores e objectivos (J. A., 22/3/09, p. 2).
>
> Angola para para receber uma bênção especial. Papa Bento XVI chega a Luanda (TPA, 21/3/09).
>
> Seja-bem vindo, Papa Bento XVI! (TV Zimbo, 21/3/09).

Esses processos de comunicação tornam-se possíveis porque as dinâmicas de produção e consumo de informações noticiosas são dialéticas; e na interpretação da população de Angola o universo simbólico ofertado pela mídia constitui-se em experiência.

De acordo com Benedict Anderson (2008), os Estados-nação relevam das "comunidades imaginadas"[65], processo consubstanciado na coexistência de uma rede de laços sociais e familiares, religiosos e míticos que congregam as pessoas em torno de uma sociabilidade e identidade comuns, partilhando os mesmos hábitos e costumes.

Se, ontem, a religião e a família cumpriam um papel agregador, hoje, a mídia desempenha a missão de unir os cidadãos em torno de uma visão comum sobre a vida social. As reportagens evocam aspectos da memória coletiva e da cultura angolana, de acordo com os textos abaixo publicados no *Jornal de Angola* e no *Semanário Angolense*:

> A visita de Bento XVI pode, na verdade, constituir-se num importante tónico na árdua empreitada da recuperação de valores como a solidariedade, o amor, confiança, a concidadania, enfim, a recuperação de pilares da sacralidade da pessoa humana na sua totalidade necessários para construção de uma sociedade justa e harmoniosa (S. A. 21-28/3/09, p. 2).
>
> O Papa, na qualidade de líder da Igreja Católica, representa para os angolanos um parceiro de longa data, um companheiro de jornada na caminhada de um povo pelos trilhos da História (J. A., 20/3/09, p. 6).

---

[65]Nação imaginada no sentido de "comunidades imaginadas", expressão dada por Benedict Anderson (2008), segundo a qual uma nação é uma comunidade construída socialmente, sendo imaginada pelas pessoas que se percebem a si mesmas como fazendo parte desse grupo.

De fato, as celebrações em torno da visita do Papa Bento XVI apresentam-se como elemento estratégico para a afirmação da identidade religiosa em busca de legitimação, pois "a legitimação não apenas diz ao indivíduo porque deve realizar uma ação e não outra, diz-lhe também por que as coisas são o que são" (BERGER; LUCKMAN, 1987, p. 129).

Os ritos e rituais das atividades inseridas na agenda da visita do Papa diluíram os confrontos e rivalidades e ainda renovaram a solidariedade entre distintos atores sociais que participaram das celebrações. Os acontecimentos midiáticos são geralmente apresentados num tom litúrgico, acompanhado de uma emoção respeitosa, de um *pathos* aparentemente estranho à lógica e tradições jornalísticas (Dayan et Katz, 1999).

Os conflitos foram substituídos por narrativas emotivas sobre o Papa e o próprio comportamento da população. A religião transformou-se no palco de sentimentos e de sensações que alimentam o ideal de comunidade imaginada e que impulsionam sentimentos vinculados a determinadas percepções das identidades nacionais. Durkheim destaca que as sociedades têm necessidade de aprovar e reafirmar, em intervalos regulares, os ideais coletivos que formam a sua identidade e unidade[66]. E neste estudo verificou-se que esses laços foram reforçados por meio das estratégias discursivas da imprensa. E, desse modo, Angola conseguiu ingressar naquele momento na agenda global.

No editorial do *Jornal de Angola* publicado no dia 20 de março e nas reportagens da edição de 21-28 de março do *Semanário Angolense*, chegou-se a afirmar que a visita do Papa serviu para exorcizar os angolanos, constituindo-se em um dos acontecimentos que mais contribuíram para a afirmação de Angola no contexto das nações.

6.6.1.2 Uma visita transformada em ritual

A comunicação - sobretudo a comunicação midiática - é um dos pilares das sociedades modernas; é, acima de tudo, uma dimensão fundamental da própria

[66]Durkhein, in CARLOS,Albino. *Media*: potenciadores dos rituais de comunicação política. Colóquio Internacional Folclore, Sagrado & Profano, Sergipe, 1999.

experiência humana na modernidade. Constitui-se em um espaço de racionalidade e de aprofundamento de formas de cidadania resultantes da interação entre antigas e novas identidades sociais e coletivas emergentes.

Para Pereira e Herschmann (2005), vive-se perante uma cultura midiática, espetacularizada e performática, na qual formulações identitárias, estilos de vida, bem como as diversas estratégias narrativas que contribuem para a organização da vida social são forjados no interior do ambiente comunicacional.

"*Theatrum mundi, el gran teatro del mundo, all the world is a stage*", ou seja, de acordo com Monteiro (2010), todo o mundo é um palco, uma vez que a mediação espetacular na comunicação é uma dimensão estruturante de toda a vida cotidiana que vem desde a antiguidade grega até os nossos dias. Já no século XVIII, Schiller sublinhava a importância da representação na conquista e manutenção do poder político, assim como destacava o aproveitamento que as forças no poder podem fazer dessa mediação do espetáculo no fortalecimento do espírito nacional.

Em Angola – país imerso em uma crise de valores e de liderança e com um processo de desestruturação social e cultural – a importância da mídia é nitidamente percebida na vivência de fatos de grande interesse público e de repercussão nacional, como a visita do Papa Bento XVI, um acontecimento midiático constituído com expressivo investimento na espetacularização e na dramatização.

As festividades em torno da missão papal, em Angola, resultaram em um processo de comunicação no qual diferentes atores políticos e religiosos desenvolveram estratégias comunicativas que disputaram a cena midiática em busca de visibilidade e legitimidade, evidenciando, desse modo, alguns dos princípios contemporâneos de construção de verdades; princípios de caráter performáticos que impactam as dinâmicas socioculturais ou do cotidiano dos atores sociais.

A mídia valoriza certos estilos e modos de ser e estar na vida: personagens, linguagens retóricas e imagens fortes, pois as narrativas são espetacularizadas e nos abastecem de sentidos e significados, orientando a vida social.[67] O discurso e as práticas midiáticas refletem nosso modo de viver e, por conseguinte, constituem-se como campos de atualização do espetáculo contemporâneo. Desse modo, confrontamo-nos

---

[67] Cf. GABLER, Neal. *Vida, o filme. Como o entretenimento conquistou a realidade.* São Paulo: Cia das Letras, 1999.

com a égide da “teatralização” da vida cotidiana, com enunciações e características de linguagem semelhantes ao discurso e práticas do drama (PEREIRA; HERSCHMANN, 2005; Monteiro, 2010).

O discurso midiático, assim como o discurso dramático, desempenha funções simbólicas que influenciam e constituem as representações sociais, daí a razão dos estudos culturais priorizarem a compreensão dos fluxos e contrafluxos de redes discursivas, das lutas constantes por hegemonias simbólicas, tentando dar conta da dinâmica acelerada das relações entre sujeitos e coletividades.

A visita do Papa Bento XVI serviu para aprofundar as relações entre o Estado e a igreja católica, mas a missão papal também foi um momento de catarse para os angolanos no âmbito da política de reconciliação nacional, o que torna o estudo desse acontecimento relevante para a compreensão dos modos como Angola constitui suas identidades socioculturais.

Portanto, receber pela segunda vez o chefe da igreja católica funciona também como um tônico na autoestima dos angolanos, uma vez que até há bem pouco tempo o país era conhecido no mundo apenas pela guerra e pela instabilidade econômico-financeira. As celebrações populares em torno da visita do Papa representaram uma compensação simbólica para a população, na medida em que se enquadravamnos desejos imediatos de afirmação internacional de Angola e dos angolenses.

Contudo, é preciso ressaltar que a introdução e a assimilação da religião católica, no país, não foi assim tão pacífica, pese reconhecer-se a particularidade do processo de evangelização de Angola. É preciso não esquecer o papel da igreja na colonização de Angola. De 1975 até 1991, o país era liderado por uma classe política comunista e, como consequência da Guerra Fria, os angolanos estiveram envolvidos numa das mais sangrentas e prolongadas guerras civis de que há memória na África (1975-2004).

Por outro lado, da mesma forma que sublinha Sterzi (2004) quanto aos brasileiros, há um grande mito que alimenta o orgulho nacional: os angolanos também gostam de se vangloriar que são, por natureza e formação, mais destinados ao prazer que à obrigação, mais ao gozo que ao dever, mais à festa que ao ritual, mais à

conciliação que ao conflito, mais à confraternização que à violência[68].

Neste sentido, a visita do Papa Bento XVI foi apresentada como um contrapeso à cultura de violência, sendo vista como uma cerimônia ritualista em que a sociedade reforçou um consenso em torno da filosofia de vida não trágica que se articula de maneira significativa com a percepção corrente tanto da ordem do indivíduo quanto da ordem do Estado e da Igreja.

No entanto, para Mesquita (2004, p. 34), os sistemas políticos e midiáticos possuem, quando conjugados, a potencialidade de adotar eventos cerimoniais que constituem fatores de agregação social e que, em circunstâncias específicas, podem até favorecer evoluções transformativas no âmbito do sistema democrático.

Os investigadores da Escola de Frankfurt encaram os acontecimentos midiáticos como instrumentos a serviço do sistema de dominação política, econômica e social. Contudo, Katz e Dayan (1999)alegam que eles não se limitam a reforçar a unidade e coesão social, uma vez que podem potencializar movimentos transformativos, afetando a geografia simbólica de uma determinada sociedade.

Nesta ótica, e enquadrado no papel integrativo das mídias, Marc Augé (1994, p. 99) afirma que há "momentos de ritualidade" que permitem contrabalançar os acontecimentos potencialmente desagregadores do equilíbrio social, uma vez que esses "dispositivos rituais alargados" visam, se não mudar as relações de força sociais, ao menos fazer evoluir os sentimentos, as apreciações, o estado de espírito de alguns, a persuadir efetivamente e a convencer intelectualmente um anterior estatuto de opinião em outra direção.

Carey (1988), por sua vez, associa essa dinâmica a rituais de excomunhão, que correspondem, de certa forma, a uma oportunidade de excomunhão cívica e midiática que as sociedades se oferecem.

De fato, por meio das estratégias discursivas da imprensa, os laços políticos e culturais dos angolenses foram reforçados, uma vez que a visita do Papa Bento XVI serviu para exorcizar os angolanos de trágicas referências de sua história, constituindo-se em um dos acontecimentos que mais contribuíram para que eles se reconciliassem e se encontrassem entre si mesmos, ou seja, fazendo de Angola uma sociedade que se

---

[68] FINAZZI-AGRÓ, Ettore; VECCHI, Roberto (Org.). *Formas e mediações do trágico moderno*: uma leitura do Brasil. São Paulo: Unimarco, 2004. p. 103.

reinventa para melhor se conhecer e compreender, podendo exercer, assim, um papel digno no cenário internacional.

Neste contexto, a prevalência do mito da reconciliação e do apaziguamento sobre o mito da violência refletido nos discursos midiático, religioso e político durante a visita de Bento XVI pode ser também percebida sob a perspetiva daquilo que Sterzi, apoiando-se em Adorno, carateriza como apego inglório da modernidade no apagamento do trágico: "Hoje, o trágico dissolveu-se neste nada que é a falsa identidade da sociedade e do sujeito, cujo horror ainda se pode divisar fugidiamente na aparência nula do 'trágico'" (STERZI, 2004, p. 108).

Porém, para Pereira e Herschmann (2005), vive-se, na atualidade, sob a hegemonia da cultura da espetacularização e de seus aspectos performáticos, como já referido, que constituem o drama contemporâneo e o mundo. E, em alguns momentos, esta dinâmica chega a permitir uma mobilidade simbólica de atores sociais diversos até então enquadrados em realidades sem perspectivas de mudanças.

Em síntese, a visita do Papa Bento XVI a Angola revela que as práticas jornalísticas são paralelas às práticas dramáticas, pelas funções que ambos os discursos promovem. Porém, destaca-se, de acordo com Dayan e Katz e Dayan (1999) que a audiência desempenha um papel importante no processo de construção de significação dos acontecimentos porque os sentidos só se constroem com a sua participação e interpretação. Ou seja, todo discurso é, por definição, dialógico, necessitando de um autor e de um leitor para que suas significações sejam constituídas.

Desse modo, a comunicação se estabelece no decorrer do processo de enunciação e também de interpretação (BAKTHIN, 2002). O teatro também suscita, pelo menos, dois tipos de interação: a do grupo de atores entre si e destes com os espectadores.

Por conseguinte, segundo Mesquita (2004), pode-se encontrar essas formas de interação na comunicação midiática e políticas atuais, onde se procura frequentemente a identificação entre jornalistas e espectadores ou entre políticos e cidadãos. Segundo Pereira e Herschmann (2005), mais do que a simples teatralização, convive-se com a espetacularização hiperperformática fortemente estilizada que é, fundamentalmente, da ordem do dramático e que se apresenta como visivelmente hegemônica.

Os indivíduos e os grupos sociais encontram sentidos no espetáculo contemporâneo e nos "simulacros", bem como se apoiam nas representações veiculadas na mídia para lembrar ou construir referências e atribuir significados a suas vidas.

Como acontecimento midiático, a visita do Papa Bento XVI serviu para atualizar o sentido de pertença a uma Nação imaginada e a uma comunidade religiosa, mas contribui para reforçar as identidades nacionais dos angolanos.

6.6.1.3 Tecendo consensos

Os discursos do *Jornal de Angola* e do *Semanário Angolense*, baseados na tradição e na cultura nacionais, tendem à manutenção do *status quo,* sem que os efeitos de sentido das matérias publicadas sejam claramente percebidos pelo público ou pelos próprios sujeitos das enunciações.

De fato, os veículos de comunicação constroem, por meio de suas estratégias discursivas, um sentido de consenso reinante na esfera religiosa e o transferem para a esfera política, buscando unanimidade sobre a pertinência e importância da visita de Bento XVI junto à classe política, aos líderes de opinião e à população de Angola, como se observa nos textos abaixo:

> Uma Nação espiritualmente tolerante (José Eduardo dos Santos, J. A., 21/3/09, p. 2).
>
> É uma honra ter o Papa no nosso país. Estamos felizes (Fernando Dias dos Santos, Presidente do Parlamento, J. A., 23/3/09, p. 2).
>
> Duas visitas de um Papa em menos de 17 anos não acontecem em qualquer país. Como angolano, devemos utilizar essa oportunidade para aprofundarmos a harmonia, a irmandade e construirmos esse grande país que é Angola (Abel Chivukuvuku, deputado da UNITA, J. A., 23/3/09, p. 2).
>
> Este é um momento histórico para Angola. A visita do Santo Padre vem abençoar Angola e o seu Povo. E eu como português também me sinto maravilhado pelo facto do Santo Padre ter escolhido um país de língua portuguesa na sua visita à África (Telles, Embaixador Portugal, J. A., 23/3/09, p. 2).
>
> Hoje é um dia histórico para Angola e para África e muito importante, pessoalmente para mim (Mozena, Embaixador EUA, J. A., 23/3/09, p. 2).
>
> A visita do Papa Bento XVI revela a importância que Angola tem no mundo católico em geral (Dino Matrosse, SG/MPLA, J. A., 23/3/09, p. 2).
>
> O Comité Permanente da UNITA recorda o percurso da Igreja em Angola, nem sempre fácil, na evangelização, na promoção da Justiça e da Paz, bem como o relevante desempenho nas áreas da educação, do ensino e mesmo discreta, mas eficaz mediação nos conflitos sociais e políticos (UNITA, J. A., 23/3/09, p. 2).

> A visita do Papa reveste-se de um grande simbolismo. Tem lugar num contexto de paz, quando a Igreja Católica angolana assume um grande protagonismo no processo de reconciliação (Pinto de Andrade, político da oposição, J. A., 23/3/09, p. 2).
>
> Os agradecimentos do povo mwangolé ao Santo Padre (Chicoadão, deputado do MPLA, J. A., 26/3/09, p. 7).
>
> Eles ainda vão dizer que o Papa é do MPLA (S. A., 21/3/09, p. 17).
>
> O MPLA, reconhecendo o direito à religião e os princípios da laicidade do Estado, não podia ficar indiferente à importância desta visita, augurando que a mesma seja coroada de êxitos (MPLA, J. A., 23/3/09, p. 2).

Essa estratégia justifica-se também pela excessiva utilização das imagens do Presidente de Angola nas primeiras páginas do *Jornal de Angola*. No período em estudo, das 6 manchetes de primeira página, 4 deram destaque para José Eduardo dos Santos, sempre sorridente ao lado do Papa Bento XVI, convocando e explorando a visibilidade da mídia. A principal manchete do *Semanário Angolense* não foi diferente.

As fotos e imagens, os textos e títulos, bem como as expressões usadas buscam efeitos de reconhecimento de uma aliança entre o Estado e a igreja para o bem comum. Até os políticos de diferentes forças locais disputam uma oportunidade de serem fotografados ao lado de Bento XVI, reforçando o consenso geral em torno desta visita, como revelado na análise dos seguintes trechos de matérias publicadas em ambos os jornais:

> Angola é o Palco do Cristianismo (J.A, 25/3/09, p. 5).
>
> [...] espero que se cumpram todas as expectativas sobre a religiosidade e fé do povo angolano e sobre a sua disponibilidade para defender a paz e a harmonia entre as nações de todo o mundo (José Eduardo dos Santos, Presidente da República, 2009, p. 12).
>
> Eis o motivo imediato que me trouxe a Angola: encontrar-me com uma das mais antigas comunidades católicas da África subequatorial, para a confirmar na sua fé em Jesus ressuscitado e unir-me às preces de seus filhos e filhas para que o tempo da paz, na justiça e na fraternidade não conheça o ocaso em Angola (Bento XVI, 2009, p. 15).
>
> A fé deste povo e a sua maneira peculiar de ser e estar na igreja surpreendeu o Sumo Pontífice pela positiva. [...] Pela primeira vez como Papa, sentiu o que é estar dentro de um templo em que cada um dos milhares de crentes levanta a cabeça e solta a voz tornando a liturgia numa coisa verdadeiramente viva (S.A, 28/3/09, p. 7).
>
> Cada família natural angolense. Que tenha na sua prole um filho padre. Sente-se espiritualmente rica por ser família escolhida de Deus (Chicoadão, deputado MPLA, J.A, 26/3/09, p. 7).
>
> [...] também ficou bem patente que o povo angolano está disposto a meditar e digerir as lições que o Papa deu, em jeito de mensagens de encorajamento para todos os angolanos continuarem a trabalhar com afinco para a consolidação da paz, da democracia, da justiça (Muanamosi, J. A., 26/3/09, p. 7).

> A visita constitui um acontecimento importante e não casual, para ambos os Estados, pois para lá das respeitáveis questões da Fé e da pluralidade de reações correlatas, são efetivamente dois Estados, com excelentes relações, que se encontram, sem negligenciar de modo algum o peso único e primevo da História secular, que os une (Ndunduma, escritor, J. A., 22/3/09, p. 40).
>
> Os angolanos receberam o líder espiritual dos católicos de braços abertos e com a hospitalidade que é marca indelével de um povo que sabe receber os visitantes e honrar os amigos. O papa veio até nós de coração aberto e encontrou em Luanda o afecto que encontraria no seu país natal (J. A., 23/3/09, p. 11).

Assim, compreende-se que a hipótese desta pesquisa, apresentada no Capítulo 4, - de que a visita do Papa Bento XVI provocou, simultaneamente, a reafirmação dos poderes da mídia e da igreja católica, mas, ao mesmo tempo, serviu como uma espécie de elo simbólico para o fortalecimento das identidades dos próprios angolanos - foi confirmada.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente Tese de Doutorado discorre em torno da hipótese de que há uma tendência da mídia em reafirmar, em seus discursos, os interesses dos países mais ricos e do mercado global. Assim, a reflexão aqui sistematizada procurou respoder se o jornalismo angolano tem promovido a conservação do *status quo* ou contribuido para a mudança social.

A pesquisa constatou, como mencionado anteriormente neste trabalho, uma tendência dos discursos midiáticos exercerem, de maneira cada vez mais expressiva, a mediação da experiência cotidiana e gerarem consensos sociais em um mundo marcado por um elevado grau de pluralismo e por um processo de desmistificação das tradições e dos costumes (MARTIN-BARBERO,2003; SILVA, 1997; FALABELA, 2003).

A análise realizada da cobertura midiática da visita de Bento XVI a Angola, feita pelo *Jornal de Angola* e pelo *Semanário Angolense*, revela que os meios de comunicação assumem um papel de conservação das relações de poder no agendamento político e cultural, contribuindo, dessa forma, para o reforço do consenso nacional. E essa adesão a causas consensuais acarreta o risco de escamotear os limites de tais consensos, assim como o necessário distanciamento crítico da construção de um acontecimento de grande repercussão social.

Chega-se a esta mesma conclusão, quando se analisam as enunciações sobre a visita do Papa dos telejornais das duas estações televisivas angolanas (Carlos, 2009), identificando que os modos de dizer e de fazer crer dos enunciados sugerem uma conformação com a ordem estabelecida, silenciando os conflitos e dirimindo diferenças.

A imprensa angolana, através das construções e práticas discursivas sobre a visita do Papa, cria, reproduz e reforça imaginários e valores, ao mesmo tempo em que legitima o seu próprio discurso e a sua mediação. Através das crônicas, reportagens, notícias, comentários e editoriais do *Jornal de Angola* e do *Semanário Angolense* percebe-se como os consensos sobre a identidade religiosa católica da população são potencializados por ambos os jornais impressos, ao mesmo tempo em que um silenciamento sobre os conflitos sociais são também verificados.

Segundo Martín-Barbero (2008), ao contrário de outros espaços de reprodução de sentidos, a mídia revela-se como um produtor de formas simbólicas

vinculadas a mecanismos de poder. O universo midiático tem a capacidade de divulgar massivamente determinados padrões, símbolos e formas comportamentais e, por meio de representações, produz determinados sentidos sobre o mundo em detrimento de outros. O imaginário social é cada vez mais povoado por formas simbólicas inerentes ao *ethos* e estratégias discursivas da mídia.

A existência da luta de classe e/ou de conflitos sociais da sociedade angolana não é revelada nas maneiras de ambos os jornais utilizarem expressões como a de identidade nacional. O estudo mostra que tanto o *Jornal de Angola* quanto o *Semanário Angolense* têm a intenção de subordinar os interesses e identidades de classe ou de regiões, etnias ou indivíduos a um interesse geral e a uma entidade mais abrangente.

Poder-se-ía sugerir, em princípio, que esta entidade corresponde aos poderes do Estado e da Igreja. Afinal, constatou-se que durante a cobertura midiática da missão papal, quer os órgãos públicos quer os privados, como o *Jornal de Angola* e o *Semanário Angolense,* abdicam do trabalho de desconstrução dos discursos dos protagonistas principais, o Presidente José Eduardo dos Santos e o Papa Bento XVI. Nas páginas de ambos os jornais o exercício da crítica e da contextualização do acontecimento é escasso. Poucos atores não representativos das forças políticas dominantes têm espaço na imprensa. E até mesmo os cidadãos ou personalidades da oposição quando fazem uso do direito à palavra ou da imagem, a sua atuação também tende para a manutenção do sistema vigente, legetimando os discursos do poder.

Nesta pesquisa, pôde-se verificar como os discursos da mídia e do jornalismo são normatizadores, isto é, o conteúdo comunicativo institui uma ordem, tende a enraizá-la e a universalizá-la, em que pese o fato de os órgãos vacilarem na extensão do património cognitivo partilhado. E, por isso, os discursos são moralizadores, explicativos e suportados por argumentos universalmente consensuais, longa, detalhada e sistematicamente refletidos (BAPTISTA, 1997).

Contudo, a cobertura jornalística sobre a visita do Papa dos impressos selecionados para este estudo também não deixou de dar visibilidade às aspirações da sociedade civil, ainda que modelando e atribuindo valores às suas expectativas e reivindicações. Hoje, a mídia em Angola se constitui num importante espaço de representação e de legitimação de grupos sociais diversos e de promoção do crescimento econômico e cultural do País, mesmo sob claros interesses dos grupos

hegemônicos.

Os meios de comunicação angolanos tecem consensos, mediando inquietações e contradições, tanto dos poderes dominantes, quanto da população, despertando sentimentos de comunhão e nacionalidade, fatores importantes para a consolidação da angolanidade, que para além de consubstanciar na categoria substantiva que traduz a experiência histórica dos angolanos, como define Kandjimbo (1990), pode ser comprendida como a expectativa do exercício de um direito de expressão e de inserção de um País e de um povo no cenário global.

Angola raramente ocupa a agenda internacional e, quando ocupa este espaço, é destacada apenas pelas mazelas e desigualdades da nação. Assim, a cobertura jornalística de ambos os jornais, ao investir na repercurssão da viagem do Papa a Angola, não deixou de contribuir para uma mudança de percepção da nação, no território físico e simbólico nacional e no mundo conectado pela mídia.

Uma das constatações desta Tese foi que os meios de comunicação, públicos ou privados, alinhados com o governo da situação ou de oposição, atuam na cobertura de grandes acontecimentos como uma "comunidade interpretativa" (Traquina, 2004, p.123), adotando estratégias de consenso e valores em suas práticas discursivas que acentuam a ideia e a defesa da nacionalidade, o que não significa apenas uma atitude conservadora, uma vez que pode também promover a observação do Outro sob ângulos diferentes, e, neste estudo de caso, sobre um país que tende a estar inserido na periferia do mundo global.

Muitas informações jornalísticas são enunciadas como verdade dos fatos. São criadas a partir de determinadas perspectivas que atribuem valores e sentidos aos acontecimentos, às identidades e ao diferente. No entanto, como afirma Rodrigo Alsina (2009), os jornalistas são intérpretes do acontecer social e interpretam os acontecimentos com base em algumas limitações pessoais, referentes à sua ideologia e ao seu conhecimento, e também profissionais, relacionadas ao meio de comunicação para o qual trabalham, sob determinados interesses financeiros e políticos.

Para os jornalistas, nem sempre é fácil construir uma alteridade isenta de conotações negativas, porque o Outro se constrói como se fosse um ser incompleto ou deficiente com marcas de preconceitos e de estereótipos (frente a um Nós normal), em função de materiais significantes que os contextos culturais põem ao seu alcance e de

suas próprias interpretações. No entanto, como refletiu-se anteriormente no Capítulo 6, esses preconceitos e estereótipos, assim como o etnocentrismo, resultam em algum entendimento da diversidade e não deixam de ser também uma maneira de dar sentidos a um mundo cada vez mais intercultural (RODRIGO ALSINA, 2009; BECKER; CARLOS, 2014).

A globalização dilui fronteiras físicas e simbólicas e tende a homogeneizar as diferentes culturas na contemporaneidade. Porém, também implica a emergência de discursos direcionados ao fortalecimento e à busca de reconhecimento de experiências identitárias não hegemônicas tecidas por outras redes e dinâmicas socioculturais. Se a mídia tende a estar alinhada com as forças hegemônicas, não deixa de dar visibilidade às culturas nacionais (BECKER, 2001). E o jornalismo global contemporâneo é caracterizado não apenas pela crescente homogeneização das estruturas e dos padrões de produção, mas também pela diferenciação evidente da representação da cultura jornalística nas diversas sociedades (BECKER, 2013).

A cobertura que os dois jornais estudados dedicaram à visita do Papa Bento XVI reforçou sentidos de pertencimento a uma manifestação religiosa e cultural, acolhidos pela população. Porém, para além de uma manifestação de fé, revela-se no estudo desta cobertura, que a Igreja Católica, para os angolanos, é uma referência simbólica que tende a apagar uma longa e traumática experiência de 1975 a 1991, quando vigorou em Angola o sistema comunista. Por meio das práticas religiosas, a população busca resgatar outras experiências de seu passado histórico, marcadas por mais liberdade, por meio da expansão de valores e manifestações culturais enraizados na própria constituição do país, inclusive a própria adoção da igreja católica como religião oficial de Angola simbolizada por meio da soberana decisão do Rei do Reino do Congo, Nzinga-a-Nkuvu, como referido no Capítulo IV, e não a partir da pressão sofrida no período colonial, como a maioria das populações dos demais países africanos, embora nesta época os angolanos também tenha vivido sob expressiva opressão política dos colonizadores. O discurso jornalístico referente à cobertura da visita do Papa Bento XVI contribui para a institucionalização da igreja em suas representações porque, em Angola, a prática religiosa cristã está associada, simbolicamente, a práticas de liberdade.

Desse modo, se a mídia e o jornalismo configuram modos de ver o mundo e direcionam determinadas maneiras de perceber realidades locais e globais, ao mesmo

tempo promovem a identificação de indivíduos como uma Nação - um conceito abstrato, ou imaginado, articulando vínculos entre os cidadãos e atribuindo significações às identidades nacionais por meio das quais os indivíduos se reconhecem e interagem, construindo modos de narrar a vida social constituídos por imagens, metáforas, discursos e representações (ANDERSON, 1985; 2008; HALL, 1999; 2003). Nesses processos de comunicação, os meios atuam como defensores das identidades nacionais por meio de suas enunciações, ainda que não seja possível identificar a devida diversidade étnica e cultural (MESQUITA, 2004; MATA, 2001).

Compreende-se, assim, que a mídia reforça determinados valores e padrões discursivos em suas enunciações, mas também contribui para a construção de conhecimentos sobre fenômenos culturais singulares e para a visibilidade de revindicações e aspirações de cidadãos de diferentes partes do mundo na atualidade. Ou seja, os discursos da imprensa são mais do que relatos, como já mencionado, pois criam instruções, expectativas ou enquadramentos em torno dos quais os outros devem se orientar e organizar seus modos de atribuir sentidos à realidade, não deixando de ser uma forma de conhecer diferentes realidades, de socializar informações, de estimular a formação de culturas políticas, e de servir como instrumentos de ampliação ou restrição do interesse público (BECKER; CARLOS, 2014).

De fato, na investigação em referência, órgãos de comunicação tão distintos como o *Jornal de Angola* e o *Semanário Angolense*, posicionam-se como instâncias de legitimação de consensos sociais, mas a partir de hábitos, costumes e da orientação católica da maioria da população angolana.

Nas peças jornalísticas, denotam-se representações construídas por referências culturais sobre modos como os cidadãos encaram a religião e a vida social, registram-se referências ao imaginário das comunidades socioculturais, por meio do saber discursivo jornalístico que constrói a história cotidiana e, ao mesmo tempo, se constitui em memória partilhada pela maioria da população porque também é constituída por seus anseios.

Os imaginários sociais são construídos porque existe um processo dialético entre os emissores e os receptores e entre os emissores, há como que uma interação de representações ideológicas e culturais no universo simbólico estabelecido de maneira dinâmica entre a mídia e os cidadãos. E por mais que a mídia ofereça percursos de leitura de um acontecimento claramente definido, são os processos de interpretação que

conferem sentidos ao discurso jornalístico e às suas significações.

As identidades socioculturais são legitimadas pelos discursos midiáticos, os quais funcionam como instrumentos de criação de uma uma ideia de Nação. De acordo com Benedict Anderson (*apud*MARTÍN-BARBERO, 2008) os Estados-Nação relevam de "comunidades imaginadas", formadas por processos de coexistência de uma rede de laços sociais e familiares, religiosos e míticos que congregam as pessoas em torno de uma sociabilidade e identidade comuns, partilhando os mesmos hábitos e costumes.

Se, ontem, a religião e a família cumpriam um papel agregador, hoje, a mídia desempenha a missão de unir os cidadãos em torno de experiências e objetivos comuns. Segundo Thompson (1995, p. 83), "as tradições são, muitas vezes, inventadas a fim de criar um sentido de pertença a uma comunidade e a uma história que transcende a experiência de conflito, da diferença e da divisão".

Nesse contexto, entende-se que a visita do Papa Bento XVI serviu para atualizar uma identidade nacional dos angolanos amparada em práticas religiosas católicas, que possibilitou que o país figurasse na agenda da mídia internacional, o que constitui-se em uma importante e diferenciada inserção no mundo e na mídia global para os diferentes atores sociais que participaram com menos ou mais visibilidade do acontecimento estudado. Por essa razão, esta análise da cobertura do *Jornal de Angola* e do *Semanário Angolense* confirmou a hipótese desta pesquisa de que a mídia e o jornalismo exercem um poder de conservação do *satus quo*, mas também contribuem para transformações das relações sociais, políticas e culturais.

Afinal, como Herbert Gans (1979, p. 312) sublinha, a tarefa principal dos jornalistas não é apenas informar o público, os quais atuam como "gerenciadores da arena simbólica" da sociedade. Ou seja, o campo da mídia é organizado por esquemas simbólicos que dão sentido ao mundo social, constituindo-se no meio que confere sentido de utilidade aos fenômenos e aos objetos.

Desse modo, Angola tem buscado o seu lugar de fala no contexto da globalização, confrontando-se, todavia, com o desafio de criar um sistema comunicacional próprio, renovado e em permanente interação com as diferentes manifestações e sensibilidades artísticas nacionais e internacionais; processo em que imperam o sincretismo e o ecletismo, a combinação do culto com o popular, do velho e do novo, em busca de liberdade coletiva e individual de expressão, ainda que sob muitas

contradições.

Em Angola, a mídia participa da vida pública investindo em seu próprio poder, mas não deixa de contribuir para o resgate de valores culturais, para a consciência histórica dos angolanos e para uma interação democrática entre diferentes forças políticas, na busca de um essencial consenso para o desenvolvimento do País.

Desse modo, no exercício de suas mediações, a mídia não pode deixar de ser compreendida também como uma forma de conhecimento, um instrumento de mediação de interesses e poderes que constrói sentidos sobre a realidade social cotidiana nas narrativas e nas enunciações dos acontecimentos. A sociedade angolana reivindica seu reconhecimento como ator social relevante na arena pública, impondo novos modos de contar a história do País e de estabelecer relações com o mundo globalizado. (BECKER; CARLOS, 2014).

Por isso, os jornalistas demonstram uma forte preocupação na atualidade em enfrentar os desafios da globalização sem perder a *angolanidade*, a singularidade dos valores culturais e das identidades nacionais, tentando investir em formatos e conteúdos noticiosos mais analíticos e contextualizados.

Assim, esta pesquisa revela que, enquanto mediadores das relações sociais, e, tendo em conta a importância das práticas institucionais nas práticas jornalísticas, os meios de comunicação não exerecem apenas o poder de conservação em suas práticas discursivas, mas também contribuem para a transformação da realidade social cotidiana. Ou seja, enquanto reprodutores de discursos e operadores da ideologia, eles também sinalizam demandas da sociedade civil em Angola.

A mídia angolana, em associação com a estratégia e práticas discursivas de instituições agregadoras e hegemônicas como a Igreja e o poder político, desempenhou um papel importante no processo de consolidação das identidades nacionais no decurso da visita do Papa Bento XVI a Angola.

O presente estudo não tem pretensão de esgotar esse debate, tampouco é tão exaustivo quanto desejar-se-ia que o fosse, pois, por uma questão de operacionalidade, muitos aspectos de produção, consumo e divulgação do processo enunciativo dos jornais em análise não foram discutidos, o que , certamente, será considerado em futuras reflexões e trabalhos. Mas é uma tentativa de contribuir para um pequeno pedaço da necessária escrita da história da imprensa em Angola, como destacado por Hohlfeldt

(2009), mencionado no primeiro capítulo desta Tese, com as simultâneas e devidas ousadia e humildade.

Embora tenha-se proposto analisar a cobertura midiática da visita do Papa Bento XVI, a partir de uma contextualização do papel dos meios de comunicação, em geeral, e do jornalismo, em particular, assim como de uma historiografia da imprensa em Angola, sabe-se que toda metodologia é insuficiente para dar conta de maneira plena de todos os elementos dos textos, dos contextos e das interpetações dos mesmos.

O autor está ciente dos limites técnicos e teóricos deste seu trabalho de pesquisa científica. Mas também crê que ele representa um passo na tentativa de compreender melhor o jornalismo no complexo universo em que se vive, podendo vir a constituir-se numa pista para futuros projetos de investigação na linha de mídia e mediações socioculturais do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM/ECO-UFRJ), na qual esta investigação está inserida.

Em todo esse processo investigativo, contou-se com o prestimoso apoio do PPGCOM e da ECO-UFRJ, que possuem uma significativa experiência no campo do ensino e de investigação nas áreas das ciências da comunicação, um conhecimento que deve ser devidamente explorado em prol da cooperação internacional para o aprofundamento da pesquisa e do conhecimento científico entre os países do universo da língua portuguesa.

Entende-se que a formação em Pós-Graduação e, especialmente, a elaboração de uma Tese de Doutorado, é uma oportunidade, não apenas de construir e sistematizar conhecimentos na forma de uma reflexão crítica consistente e original, mas também permite inferir, politicamente, sobre o objeto eleito para análise, de modo que as ideias aqui expostas possam ser, ainda que minimamente, compartilhadas.

Assim, esta pesquisa demanda alguns apontamentos e sinalizações de perspectivas para a mídia e o jornalismo em Angola poderem contribuir para o desenvolvimento socioeconômico e cultural do País na atualidade.

Angola só vai se desenvolver, efetivamente, quando se libertar de determinismos de índoles políticas e midiáticas. Não faz sentido pensar Angola sem equacionar a vida das províncias e regiões, ao mesmo tempo que não faz sentido pensar as comunidades sem conferir expressão midiática aos seus saberes e agires, o que

justifica a necessidade de implantação e desenvolvimento de um sistema de informação mais descentralizado de âmbito regional e local, uma racionalidade alternativa em termos econômicos e políticos, uma perspectiva mais coerente com a realidade social em que se insere.

A dimensão territorial, a diversidade étnico-cultural e o percurso histórico-político de Angola, como Nação, justificam a existência de uma comunicação comprometida com a afirmação da diversidade das identidades nacionais, as quais remetem para novas formas de sociabilidade.

Porém, não se pode compreender a natureza dos meios de comunicação, assim como o processo de construção de sentidos e das práticas discursivas dos jornalistas angolanos, sem reconhecer a relevante dimensão cultural do jornalismo angolano.

Ao longo desta Tese de Doutorado, defendeu-se a ideia de que os africanos, em geral, e os angolanos, em particular, devem assumir eles próprios e de fato as rédeas do processo de definição dos fundamentos da legitimidade e das materialidades simbólicas da sua expressão, como forma de preservar tradições culturais e evitar representações estereotipadas de África e dos africanos, mecanismo importante para a soberania nacional.

Neste contexto, as indústrias culturais e criativas têm uma importância estratégica para o desenvolvimento econômico e para a preservação da diversidade cultural dos países. As atividades culturais estão entre os mais dinâmicos segmentos econômicos, contribuindo para o aumento do produto interno bruto e para a criação de emprego. Além disso, os bens simbólicos são, cada vez mais, ativos fundamentais de um país ou de uma organização. Os produtos culturais dinamizam uma série de atividades econômicas, como as indústrias do audiovisual, hoteleira e do turismo, do *design*, da música, da dança, da moda, do artesanato, da arquitetura, da autoria de roteiros e de literatura, dos serviços técnicos, como iluminação, som, gerenciamento de palco e de eventos, assim como da indústria de eletro-eletrônicos.

Dados da Unesco apontam que o comércio de bens culturais passou de USD 39.3 bilhões em 1994 para USD 59.2 bilhões em 2003, cerca de 99 bilhões de reais e 147 bilhões de reais, respectivamente, mostrando que, na contemporaneidade, as atividades culturais têm um papel fundamental para o desenvolvimento econômico

(UNESCO, 2005).

A Nigéria constitui um bom exemplo em se tratando de revolução do terceiro mundo. Hoje, tornou-se a primeira economia africana em termos do PIB, podendo figurar entre as 15 economias mais importantes do planeta em 2050, perspectiva confirmada pela agência de *rating* internacional Moody's. O país africano ultrapassou a Bélgica, a Polônia e a Tailândia.

O avanço da Nigéria acontece graças à diversificação da economia. O petróleo deixou de ser a principal e única fonte de recursos, emergindo outros setores econômicos, principalmente dos serviços, como é o caso das telecomunicações, que hoje representam 8% do PIB, e a indústria, com 7%. A indústria cinematográfica representa 1,4% do PIB. No plano macroeconômico, e fruto do investimento interno em outros setores geradores de renda, o nível de endividamento baixou para menos de 10% da riqueza nacional e o país tornou-se num dos principais destinos para os investidores internacionais.

De fato, Nollywood é, hoje, a terceira maior indústria cinematográfica do mundo, ficando somente atrás da americana Hollywood e da indiana Bollywood, produzindo anualmente mais de 1.005 filmes em vídeo e gerando receitas estimadas em mais de US 2,75 bilhões. Existem mais de 500.000 distribuidoras e locadoras de vídeo, significando centenas de empregos.

O governo nigeriano, reconhecendo o potencial da indústria cinematográfica para o desenvolvimento do país, deu passos decisivos na área de reforma política e institucional, atendendo, nomeadamente, à reestruturação institucional e à reorganização das agências governamentais relevantes para a indústria; a criação de um ambiente político necessário para o crescimento da indústria; programas de formação e profissionalização do setor; promoção da indústria cinematográfica; e criação de infra-estrutura e de um fundo de apoio à indústria.

Por outro lado, a ascensão da indústria cinematográfica nigeriana, baseada no vídeo, resulta de políticas visando encontrar alternativas criativas para satisfazer as necessidades e expectativas culturais dos africanos: a falta de recursos para a produção, obstáculos para a distribuição e exibição e, sobretudo, a necessidade de atender ao gosto do público local e a necessidade de contribuir para a diminuição da pobreza e a geração de empregos. De acordo com a National Film and Video Censors Board (NFVCB),

Nollywood emprega cerca de um milhão de pessoas, constituindo-se no segundo maior setor empregatício, perdendo apenas para a agricultura.

Todavia, a situação do continente deixa muito a desejar, sendo recomendada a adoção de uma série de medidas legais, institucionais e práticas a favor do aumento no uso do potencial criativo dos povos e das indústrias culturais para o desenvolvimento cultural e econômico.

Desde logo, urge reconhecer o fracasso do modelo de desenvolvimento baseado, principalmente, nos critérios de lucratividade econômica de curto prazo e na racionalidade técnica, resolvendo as dificuldade de acesso dos artistas e produtores ao crédito e aos mercados de exportação, a alta tributação sobre os bens culturais, o baixo *status* social dos artistas e o acondicionamento inadequado dos bens culturais africanos.

Por outro lado, devem se envidar esforços no sentido de as indústrias culturais e a mídia darem o apoio efetivo à criação e distribuição de bens e serviços culturais e artísticos, equacionando a ausência de capital e de investimentos, a dificuldade no acesso ao crédito, a fragilidade da capacidade de aquisição, o descontrole da pirataria, o loteamento dos mercados e as políticas tributárias e alfandegárias desfavoráveis, e a falta de estruturas de gestão e de marketing.

Uma das principais razões do défice de representação simbólica da África reside na falta de conhecimento dos modos de vida e das especificidades do ambiente sociocultural das populações. Adicionado ao impacto alienante da história colonial, o continente confronta-se com os efeitos dos rápidos processos de transformação socioeconômica pela invasão de modelos e de produtos culturais de massa.

Em Angola, as indústrias criativas e a dinamização da mídia têm dado passos tímidos, fato derivado da fraca visão estratégica do poder público e desinteresse dos potenciais investidores. Os angolanos devem reconhecer que os processos de globalização e as inovações tecnológicas oferecem novas oportunidades de liberdade, partilha e solidariedade; a vida cultural e a criatividade devem ser preservadas e desenvolvidas por meio de políticas culturais[69] coerentes e eficientes, harmonizadas com estratégias de desenvolvimento nacional e regional.

---

[69]Política cultural entendida como programas de intervenção realizados pelo Estado, instituições civis, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas (COELHO, 1997), sem esquecer os trânsitos de propostas, conceitos, representações e imaginários que cruzam o campo cultural e que muitas vezes não se concretizam em ações práticas, de acordo com Barbalho (2005)

Neste contexto, é necessária a implementação de políticas de comunicação e cultura no sentido de tornar as indústrias culturais e a mídia instrumentos de desenvolvimento econômico e social, político e cultural.

Angola é uma Nação com problemas estruturais. O Estado não tem atendido às necessidade da população, as instituições sociais são frágeis e a família e a política debatem-se com uma grave crise de valores e de liderança que encontra eco numa sociedade com dificuldades em promover um horizonte de solidariedade e responsabilidade como ideiais éticos.

Nesse sentido, os setores da informação e da comunicação devem ser assumidos como agentes catalizadores do progresso econômico e social, político e cultural do país, o que impõe a definição e materialização de políticas que potenciem as conquistas alcançadas no que concerne aos direitos e garantias dos cidadãos no capítulo da liberdade de expressão como expressão das liberdades dos cidadãos, assumindo o compromisso de universalizar e aperfeiçoar, fortalecer e modernizar o sistema nacional de informação e comunicação.

As perspectivas de desenvolvimento da comunicação e informação devem basear-se em cinco pilares de sustentação, nomeadamente, a dimensão política, econômica, técnica-tecnológica, cultural e formativa-pedagógica, como forma de melhor responder aos desafios do presente e do futuro quanto à consolidação da democracia e à afirmação das identidades nacionais (Carlos, 2012).

A *dimensão política* tem a ver com a compreensão de que a comunicação deve ser colocada a serviço da cidadania participativa, constituindo-se como mecanismo capaz de assegurar a participação na vida pública e no processo de decisão política.

A *dimensão econômica* passa pelo reconhecimento da economia como um dos grandes vetores de transformação dos nossos dias e, sobretudo, como força motriz do desenvolvimento, posicionando-se como um dos mais importantes setores estratégicos das sociedades modernas pelo fato de desempenhar um papel central nas atividades produtivas, na criação de empregos, riqueza e conhecimento, atendendo às necessidades dos cidadãos e das suas práticas culturais.

A *dimensão técnico-tecnológica* tem a ver com o investimento na modernização, de modo a adequar Angola à dinâmica dos progressos científicos resultantes da convergência das telecomunicações, das tecnologias de informação e

comunicação, da mídia e da indústria do entretenimento. A nossa própria memória histórica e a experiência como povo não pode viver fora dos contextos de desenvolvimento do conhecimento e da sociedade da informação.

A *dimensão cultural* reside no reconhecimento de que a dimensão territorial, a diversidade etnocultural e o percurso histórico-político de Angola, como Nação, justificam a existência de uma política informativa e comunicativa comprometida com a afirmação das identidades nacionais e interpretativa das diversas dinâmicas sociais e culturais. Ou seja, a partilha de sentidos, de informações capazes de interligar os sujeitos sociais, de significação da experiência cotidiana, que podem contribuir para a construção da ideia de nação e de percepção do país.

A *dimensão formativa-pedagógica* corporiza-se nas políticas de formação que devem subordinar-se a uma cultura geral de flexibilidade e mobilidade, a uma preocupação constante de aperfeiçoamento técnico-profissional, tendo como função principal estabelecer pontes entre linguagens, práticas sociais e formas de cultura.

As políticas formativas e pedagógicas devem ser as mais abrangentes possíveis, conciliando o generalista-polivalente com a especialização, estimulando o domínio das novas tecnologias de informação e comunicação com os saberes provenientes das ciências da comunicação em uma perspectiva transdisciplinar no quadro de uma cultura humanística e universalista.

O paradigma comunicacional deve ser abordado numa perspectiva revolucionária e a mais ampla possível, tendo em consideração todos os aspectos do processo comunicativo. Por outro lado, deve fundamentar-se numa dimensão cultural, uma vez que a questão da cultura e da tradição são aspectos estruturantes dos processos metodológicos e epistemológicos modernos.

Num país como Angola, os jornalistas, comunicólogos e os intelectuais devem envolver-se na luta pela mudança política, que em última instância presssupõe também uma transformação cultural.

Assim, a presente Tese de Doutorado reveste-se de extrema importância no processo de reflexão sobre o papel da mídia, do jornalismo, assim como das indústrias culturais, na formulação de políticas para o desenvolvimento socioeconômico e para a devida expressão da diversidade cultural de Angola.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABÉLÉS, Marc. Encenações e rituais políticos.**Revista de Comunicação e Política**. Lisboa: Edições Cosmos, 1995.

ADRIANI, Maurilio. **História das religiões**. Lisboa: Edições 70, 1990.

A IGREJA EM ANGOLA: Entre a guerra e paz – Documentos episcopais - 1974-1998. Luanda: CEAST, 1998.

ALASUUTARI, P. O conceito clássico de media está a tornar-se obsoleto. Entrevista a Anabela de Sousa Lopes e Carla Baptista. **Revista Media e Jornalismo**, v. 4, n. 6, p. 9-15, 2005.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. S. Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Nação e consciência nacional**. S. Paulo: Ática, 1985.

ANDRADE, Mário Pinto de. **Origens do nacionalismo africano**. Continuidade e ruptura nos movimentos unitários emergentes da luta contra dominação colonial portuguesa:1911-1961, Lisboa: D. Quixote, 1997.

ANGOP. Disponível em: <www.angop.ao>. Acesso em: 19 fev. 2014.

ANSTEE, Margaret Joan. **Órfão da guerra fria. Radiografia do colapso do processo de paz angolano.** Porto: Campo das letras, 1997.

APPADURAI, Arjun. **Notas para uma geografia pós-nacional**. São Paulo: Novos Estudos Cebrap, 1997.

APPIAH, Kwame Anthony. **Is the post- in postmodernism the post- in postcolonial?** Padmini Mongia, Contenporany Post colonial theory – a reader. London: Arnold, 1996.

_____. **Na casa do meu pai**: A África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

AUGÉ, Marc. **Pour une anthropologie des mondes contemporains**. Paris: Aubier, Paris, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência. S. Paulo: HUCITEC, 1992.

_____. **Estética da criação verba**l. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BALOGUN, Françoise. A explosão da videoeconomia: o caso da Nigéria. In MELEIRO, Alessandra. **Cinema no mundo**: Indústria, política e mercado. Vol. I: África. São Paulo: Escrituras, 2007.

BAPTISTA, Carla. **Portugal-Angola**: imagens trocadas. Tese de mestrado. Desenvolvimento social e económico em África, policopiada. Lisboa: ISCTE, 1997.

BARTHES, Roland. **Mitologias.** Rio de Janeiro: Difel, 2003.

BECKER, Beatriz. Rio + 20: Faces de um acontecimento Global. **Comunicação & Sociedade,** São Paulo: Metodista, **v**ol. 34, n. 2, 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/CSO/article/viewFile/3580/3340.> Acesso em: 25 abr. 2014.

_____. Midia e Jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. **Matrizes**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo: ECA/ USP, v. 5, n. 2, 2012.

_____. Desafios da profissão, do ensino e da pesquisa em Jornalismo. In: KISCHINHEVSKY, Marcelo; IORIO, Fabio; VIEIRA, João Pedro (Org.). **Horizontes do Jornalismo.** Rio de Janeiro: E- papers, 2011.

_____. Jornalismo audiovisual de qualidade: Um conceito em construção. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 6, n. 2, 2009.

_____. **A linguagem do telejornal**: Um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.

_____. **Brasil 2000**: 500 anos do descobrimento nos noticiários da TEVE. Tese de Doutorado.Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2001.

BECKER, Beatriz; MATEUS, Lara. O melhor telejornal do mundo: Um exercício televisual. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (Org.). **60 anos de Telejornalismo no Brasil**: história, análise e crítica. Florianópolis: Editora Insular, 2010.

BECKER, Beatriz; TEIXEIRA, Juliana. Narrativas jornalísticas audiovisuais: Um estudo dos efeitos da convergência no JN e no UOL. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 232-246, 2009.

BECKER, Beatriz; CARLOS, Albino. Uma radiografia da mídia em Angola. Trabalho apresentado no XII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), realizado na UNISC, Santa Cruz do Sul (RGS), de 6 a 8 de novembro de 2014.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e exopressão de ideias. Porto Alegre: Educrs, 2001.

BENDER, Gerald J. **Angola sob o domínio português**: Mito e realidade. Lisboa: Sá da Costa, 1976.

BENETTI, Marcia. Jornalismo como acontecimento. **Anais** do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo/SBPJor, nov. 2009.

_____. **Deus vence o diabo**: O discurso dos testemunhos da Igreja Universal do Reino de Deus, Tese Doutorado em Comunicação e Semiótica, PUC – São Paulo, 2000.

_____. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **Jornalismo e perspectivas de enunciação**: Uma abordagem metodológica, 2006.

_____. O jornalismo como gênero discursivo. **Galáxia**, n. 15. São Paulo: PUC-São Paulo, 2008.

BENTO XVI. **Discursos da visita pastoral de Bento XVI a Angola**. Luanda: Paulinas, EAL, 2009.

BERGER, Peter; THOMAS Luckmann. **A construção social da realidade**. Petropólis: Vozes, 1987.

BIBLIA SAGRADA. S. Paulo: Editora Ave-Maria, 1971.

BIRD, S. Elizabeth; DARDENNE, Robert W. Myth, chronicle and story: exploring the narrative qualities of news. In: CAREY, James W. **Media, myth and narrative**. New Bury Park, CA: Sage Publications, 1988/1993.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre televisão**. Oeriras: Celta, 1997.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2003.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. S. Paulo: Perspectiva, 1998.

BOWKER, John. **Para entender as religiões**. São Paulo: Ática, 1997.

BREED, Warren. Social control in the newsroom: A functional analysis. **Social Control**, vol. 33, Fall, 1955/1993.

CALEY, Cornélio. **Contribuição para o pensamento histórico e sociológico angolano**. Luanda: Nzila, 2006.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1997.

_____. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

_____. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CAREY, James W. **Media, myth and narrative**. New Bury Park, CA: Sage Publications, 1988.

CARLOS, Albino. **Semanário Angolense**, 2003-04, Luanda (conjunto de textos sobre a comunicação social, sobretudo angolana). Disponível em: <www.discursomedia.com>.

_____. **Estratégias discursivas na cobertura televisiva da viagem do Papa Bento XVI em Angola,** trabalho da cadeira Jornalismo e Construção de Sentido, Doutorado Midia e midiações Socioculturais, Universidade federal do Rio de Janeiro, 2009.

_____. **A dimensão cultural do jornalismo**. Luanda: Maka; UEA, 2010.

_____. África nos media: A descolonização do olhar. In: **Anais** do Seminário Internacional. Univerdade de La Prata, 2011.

_____. **As perspectivas da comunicação em Angola,** palestra proferida na IV Reunião Metodológica dos Órgãos de Imprensa Militar, Lobito, 2012.

_____. **Media: potenciadores dos rituais de comunicação política**. Anais do Colóquio Internacional "Folclore, Sagrado & Profano". Sergipe, 1999.

_____. **A importância da formação no sector da comunicação**. Luanda, 2007.

CARLOS, Norberto.**A contribuição do jornalismo para a construção da história de Angola no período entre as duas guerras mundiais**: O papel dos jornais na formação da consciência nacional.Dissertação de mestrado. Luanda: ISCED, 2008.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

CASTELLS, Manuel. Inovação, liberdade e poder na era da informação. In: MORAES, Dênis de (Org). **Sociedade midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

_____. **A era da informação**: Economia, sociedade e cultura. O fim do milénio. Lisboa: Ed. Calouste Gulbenkian, 2003. v. III.

_____. **A era da informação**: Economia, sociedade e cultura (A sociedade em rede). 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. **A galáxia da internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso dos midias**. S. Paulo: Contexto, 2006.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto; VALDIR José de Castro (Org.). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

COELHO, Sebastião. **Informação de Angola**. Luanda: Edição de autor, 1977.

_____. **Angola**. **História e estórias da informação**. Luanda: Executive Center, 1999.

CORREIA, Fernando. **Jornalismo e sociedade**. Lisboa: Avante, 2000.

_____. **Os jornalistas e as notícias**. Lisboa: Caminho, 2003.

CRATO, Nuno. **Comunicação social - A imprensa**. Lisboa: Presença, 1983.

CRUZ, João. Presidência da União Europeia. **A imagem de África na imprensa europeia**. O caso da cimeira EU-África, em Dezembro de 2007. Lisboa, 2009.

DAMIÃO, Luísa. **Fundamentación de una propuesta curricular para la creatión de un instituto superior de periodismo en Angola**. Dissertação de Mestrado. Havana, Cuba: Universidade de Havana, 2002.

DAVIDSON, Basil. **A política da luta armada**: Libertação nacional nas colônias africanas de Portugal. Lisboa: SARL, 1992.

DAYAN, Daniel; KATZ, Elihu. A diplomacia televisiva. Sadat em Jerusalém. In: **RCL**, n. 21-22, p. 275-92, 1995.

_____. **A história em directo – Os acontecimentos mediáticos na televisão**. Coimbra: Coimbra Minerva, 1999.

_____. **Media events. The live broadcasting of history**. Cambridge: Cambridge-Harvard University Press, 1992.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: O sistema totêmico na Austrália. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

ELLIOT, Philip. Media organizations and occupations: an overview. In: CURRAIN, James; GUERVITCH, Michael; WOOLLACOTT, Janet (Ed.). **Massa communications and society**. Londres: The Open University, 1977.

ERVEDOSA, Carlos. **Roteiro da literatura angolana**. Lisboa: Edições 70, 1979.

FAIRCLOUGH, Norma. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

FALABELLA, Márcia Cristina Vieira. América Latina: um continente mestiço. In:

_____. **Globalismo e localismo na identidade teatral**. Tese de Doutorado em Comunicação, Faculdade de Comunicação, UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

FAUSTO NETO, Antonio. Quando a ética toma forma. In: PAIVA, Raquel (Org.). **Ética, cidadania e imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2002. p. 165-186.

_____. A igreja doméstica: Estratégias televisivas de construção de novas religiosidades. **Cadernos IHU**, S. Leopoldo, 2004.

FERREIRA, Lúcia M. A. A escrita de si na imprensa: Exemplos da fala feminina no século XIX. In: MARIANI, Beethânia (Org.). **A escrita e os escritos**: Reflexões em análise do discurso e psicanálise. S. Carlos: Claraluz, 2006.

_____. Uma memória da normatização da conduta feminina na imprensa. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart, FERREIRA, Lúcia Maria Alves(Org.). **Mídia memória**: A produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro:Mauad X, 2007.

FERRIN, Isabel. **A construção discursiva dos imigrantes na imprensa.** Lisboa: Vozes, 2001.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise de discurso**. S. Paulo: Contexto, 1997.

FONSECA, Alexandre Brasil. Além da evangelização: Interpretações a respeito da presença das igrejas evangélicas na mídia brasileira. **Comunicação e Política**, v. 4, n. 2, maio-ago. 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FRANCISCO, Carlos. O papel da cultura no estudo da produção jornalística. **Anais** do II Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação – UFS, Sergipe, 2 a 4 de Abril de 1998.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. Structure of foreign news. The presentation of Congo, Cuba and Cyrus crisis in four foreign newspapers, In: TUNSTAIL, Jeremy (Ed.). **Media socioloy. A reader**. Londres: Constable, 1970. p. 259-298.

GANS, Herbert J. **Deciding what's news**: a study of CBS Evening, NBC Evening News, Newsweek and Time. New York: Vintahe, 1979.

GARCIA, Luís. Principais tendências de evolução do universo dos jornalistas portugueses. **Vértice**, 60, maio-jun. 1994.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: Para uma teoria marxista de jornalismo. Porto Alege: Tchê, 1987.

GIDDENS, Anthony. **O mundo na era da globalização**. Lisboa: Presença, 2000.

GOLDING, Peter; ELLIOT Philip. **Making the news**. Londres: Longman, 1979.

GOMES, Guilherme Orozco. Comunicação social e mudança tecnológica: Um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

GREIMAS, Algirdas Julien; COUTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. S. Paulo: Cultrix, 1979.

GROTH, Otto. O poder cultural desconhecido: Fundamentos da ciência dos jornais, Petrópolis, Vozes, 2011.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento**: Um estudo enunciativo da designação. Campinas, SP: Pontes, 1995.

GUREVITCH, Michael; LEVY, Mark R.; ROEH, Itzhak. The global newsroom: Convergences and diversities in globazation of television news. In DAHLGREN, Peter; SPARKS, Colin (Ed.). **Communication and citizen**: Journalism and the public sphere. Londres; Nova Iorque: Routledge, 1991.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HAESBAERT, Rogerio. **Territórios alternativos.** S. Paulo e Niterói, Editora Contexto, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. SOVIK, Liv (Org.). Tradução Adelaine La Guardiã Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____.**Da ideologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart *et al.* A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: Questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993.

HERMAN, E.; MCCHESNEY, R. **The global media**: The new missionaries of corporate capitalism. Londres: Cassell, 1997.

HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto M. (Org.). **Mídia, memória & celebridades**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.

HERSCOVITCH, Alan. O local na era da globalização: Contribuição para uma análise crítica. **Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo: Intercom, vol. XIX, n. 1, jan.-jun. 1996.

HOHLFELDT, C. A. Imprensa das colônias de expressão portuguesa: Primeira aproximação. **Comunicação & Sociedade**, São Paulo, Universidade Metodista de São Paulo, n. 51, p.135-154, 2009.

HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial.** Lisboa: Objectiva, 1996.

IANNI, Octávio. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

IMBAMBA, José Manuel. O poder temporal e o poder espiritual. **Revista Religiões e Estudos**, Luanda, nov. 2009.

JAKA, António. O jornalismo e a paz. **Anais** do CEAST, Congresso Pro-pace, Luanda, 2000. p. 99-104.

JORNALISMO ANGOLANO, CONTRIBUIÇÕES. II Volume. Luanda: Edições de Angola, 2004.

KANDJIMBO, Luis. **Apologia de Kalitangi**. Luanda: INALD, 1997.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – Estudos culturais**: Identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. São Paulo: Edusc, 2001.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África negra I e II**. 3. ed. Lisboa: Europa-América, 1983.

LARANJEIRA, Pires. **Literaturas africanas**. Lisboa: U.A., 1986.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LEVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem***,* São Paulo: Nacional, 1976.

LIMA, Fernando. Os media em Angola. In: NICK, Sophie. **Pluralismo de informação nos PALOP**. Lisboa: Principia, 2000. p. 35-76.

LOFFELHOLZ, Martin; WEAVER, David. **Global journalism research**. Theories, methods, findings, future. Oxford: Blackwell Publishing, 2009.

LOPO, Júlio de Castro. **Jornalismo de Angola**: Subsídio para a história. Luanda: Centro de Informação e Turismo de Angola, 1964.

_____. **Para uma História da imprensa de Angola**. Luanda: Edição do Museu de Angola, 1952.

LOZANO, J. C. *et al*. **La información internacional en la prensa latinoamericana.**GT de Estudos de Jornalismo no Congresso da ALAIC - Associação Latino-Americana de Investigadores em Comunicação, Recife, 1998.

MACHADO, Elias. **Dos estudos sobre o jornalismo às teorias do jornalismo**.Três pressupostos para a consolidação do jornalismo como campo de conhecimento. e-COMPÓS, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida**: Variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MAIA, Maria Claúdia G. A produção do discurso jornalístico sobre "o adolescente em conflito com a lei": Jovem ou menor? **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAKA.**Revista de literatura & artes**. Luanda: UEA, 2010.

MANN, Jonathan; TARANTOLA, Daniel; NETTER, Thomas W. (Ed.). **AIDS in the World**. Cambridge/Londres: Havard University Press, 1992.

MARIALVA, Barbosa. **História cultural da imprensa - Brasil (1800–1900)**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

_____. **História cultural da imprensa – Brasil (1900-2000)**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

_____. **História da comunicação no Brasil**.Petrópolis. Rio de Janeiro:Vozes, 2013.

MARIALVA, Barbosa; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Por uma história do jornalismo no Brasil. In: **Anais** do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro: Intercom, 2005.

MARIANI, Bethânia. **O PCB e a imprensa**: Os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.

_____. Sentidos de subjectividade: Imprensa e psicanálise. **Polifonia**, Cuiabá, v. 12, n. 12, 2006.

_____. O discurso jornalístico e a dispersão do cotidiano. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart, FERREIRA, Lúcia Maria Alves (Org.). **Mídia e memória**: A produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. Imprensa, produção de sentidos e ética. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart, FERREIRA, Lúcia Maria Alves (Org.). **Mídia e memória**: A produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MARCONDES, Ciro Filho. **Dicionário de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: Comunicação, cultura e hegemonias. RJ: UFRJ, 1987.

_____. Cartografias culturales: De la sensibilidade y la tecnicidade. Texto do curso **Novas Sensibilidades_ entre urbanias e cidadanias**. S. Paulo, 1997.

_____. Desafios culturais: da comunicação à educação. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação:** construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **Os exercícios do ver**. São Paulo: Senac, 2003.

MATA, Inocência. **Literatura angolana**: Silêncios e falas de uma voz inquieta. Lisboa: Mar Além, 2001.

_____. **A literatura africana e a crítica pós-colonial**. Reconversões. Luanda: Nzila, 2007.

MATTELARD, A. **A comunicação- mundo**: História das ideias e das ideologias. Lisboa: Piaget, 2002.

MATTELART. Armand; MATTELART, Michele. **História das teorias da comunicação**. Lisboa: Campos de Letras, 1997.

MATUMONA, Muanamosi. **Jornalismo angolano**: História, desafíos e perspectivas. Uije: SEDIPU, 2002.

_____. **Cristianismo e mutações sociais. Elementos para uma teología africana da reconstrução**. Uije: SIDIPU, 2005.

_____. **A liberdade de imprensa em Angola. Uma leitura da Lei de Imprensa angolana**. Tese de pós-graduação, Lisboa, 2003.

MCQUAIL, Denis. **Teoria da comunicação de massas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**: Jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: SUMMUS, 1988.

_____. **A arte de tecer o presente**: Narrativa e cotidiano. São Paulo: SUMMUS, 2007.

MEDITSCH, Eduardo. **Os relatos jornalísticos. Estudos de jornalismo e mídia** - Revista Acadêmica Semestral do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e Mídia da UFSC. Florianópolis: Editora Insular, 2004.

_____ . **O jornalismo é uma forma de conhecimento**?In: HOHLFELDT, Antonio; GOBBI, Maria Cristina (Org.). **Teoria da Comunicação**. Antologia de pesquisadores brasileiros. Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____.**Crescer para os lados ou crescer para cima: o dilema histórico do campo acadêmico do jornalismo.** In: **Anais** do XXII Congresso Brasileiro de Ciências da

Comunicação, 1999, Rio de Janeiro. Intercom 1999 CD-ROM. São Paulo/Rio: Intercom/JGF, 1999.

_____. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** 1997. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 30 abr. 2014.

_____. **O conhecimento do Jornalismo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.

MELEIRO, Alessandra. **"Cinema no mundo: indústria, política e mercado".** Vol. I: África, São Paulo, Escrituras, 2007.

MELO, José Marques de. **Comunicação, opinião e desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1979.

MELO, João. **Jornalismo e política**. Luanda: UEA, 1991.

MESQUITA, Mário. **O quarto equívoco – O poder dos media na sociedade contemporânea**. Coimbra: Minerva, 2004.

_____. A mídia e a problemática dos direitos humanos. In **Anais** do Colóquio sobre "Os direitos da pessoa e a comunicação social". Lisboa: Fund. Gulbenkian, 1995.

_____. Jornalismo 2000. **Comunicação e linguagens**, Lisboa, 2000.

MEUNIER, Jean Pierre. **Dispositif et théories de la communication**: deux concepts en rapport de codetérmination. Hermes. Ledispositif. Entreusageet concept. Paris: CNRS editions, 1999. p. 83-91.

MIXINGE, Adriano. **Made in Angola. Arte contemporânea, artistas e debates**, L´Harmattan, Paris, 2009.

MOLLIER, Jean-Yves. **Política, nação e edição – O lugar dos impressos na construção da vida política Brasil-Europa e América nos séculos XVII-XX**. São Paulo: Annalumbre, 2006.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. News as purposive behavior: on the strategic use of routine events, acidentes and scandals. **American Sociological Review**, n. 39, p. 101-112, 1974.

MONTEIRO, Paulo Filipe. **Drama e comunicação**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

MORAES, Denis de (Org.)**. Sociedade midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

_____. (Org.). **Globalização, mídia e cultura**. Campo Grande: Letra Livre, 1997.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **A comunicação internacional no contexto da globalização.** 2009. Disponível em: <www.philpapers>. Acesso em: 20 maio 2014.

MOREIRA, A.; CARDOSO, P. (Org.). A informação cultural de Portugal nas relações internacionais. **Estratégia**, v. IV, p. 253-283, 1992.

MOSCOVICI, Serge. Sobre a subjectividade social. In: SÁ, C. P. (Org.). **Memória, imaginário e representações sociais**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell. **O jornal: Da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.

MOURÃO, José Augusto. Religião, ciência, ritualidades. **Revista triplo** V, n. 3, 2010.

MUACA, Eduardo André. **Breve história da evangelização de Angola**. Santarém: CEAST, 2001.

MUATIACALE, Leonilda Adelino A. S. **Estratégias discursivas dos telejornais de Moçambique. Análise crítica do Jornal Nacional e do Jornal da Noite.** Tese de Mestrado, PUC-SP, São Paulo, 2007.

NORA, Pierre, O retorno do fato. In: LEGOFF, J.; NORA, P. (Org.). **História**: Novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

_____. **Entre memória e história**: A problemática dos lugares. São Paulo: Projecto História, 1993.

NETO, Agostinho. **Discurso pronunciado em Luanda**, 1978.

O GLOBO, Rio de Janeiro, 30 jun. 2012. **Censo 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Rio de Janeiro, 2012.

OLIVEIRA, Mário António Fernandes de – Colaborações angolanas no "Almanach de lembranças", 18851-1900. **Boletim do Instituto de Investigação Científica de Angola**, Luanda.

OLIVER, R.; FAGE, J. D. **A short history of Africa**. Penguin: Harmondsworth, 1980.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso. Princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **Língua e conhecimento linguístico**: Para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PACHECO, Carlos. **José da Silva Maia Ferreira.O homem e a sua época**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1990.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: Estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes Editores, 1990.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder; HERSCHMANN, Micael (Org.). O espetáculo contemporâneo – entre o dramático e o trágico. In: _____. **Mídia, memória & celebridades**. Estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.

PHILIPS, E. Barbara. Approaches to objectivity: Journalist versus social science perspectives. In: HIRSCH, Paul B.; MILLER, Peter V. Miller; KLINE, F. Gerald (Ed.). **Strategies for communication research**. Beverly Hills/CA: Sage Publications, 1976.

PINTO, Manuel. O jornalismo como campo social e como domínio de formação. **Comunicação e Sociedade**, n. 1, 1999.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. São Paulo: Contratempo, 2005.

PINTO, Milton. Semiologia e Imagem. In: BRAGA, José Luiz *et al*. (Org.). **A encenação dos sentidos**: Mídia, cultura e política. Rio de Janeiro: Compós; Diadorim, 1995. p.141-157.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso**. São Paulo: Hacker, 1999.

_____. Contextualizações. In: FAUSTO, NETO, A.; PINTO, Milton José (Org.). **O indivíduo e as mídias**. Rio de Janeiro: Compós, 1996.

PINTO, Milton José *et al*. (Org.). **Produção e recepção dos sentidos mediáticos**. Petrópolis: Compós, Vozes, 1998.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias**: Linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005.

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. **A nova aliança**. Brasília: Editora UNB, 1991.

PUNTEL, Joana T. **A Igreja e a democratização da comunicação**. S. Paulo: Paulinas, 1994.

_____. **Cultura midiática e Igreja**: Uma nova ambiência. São Paulo: Paulinas, 2005.
POLLAC, Michel. Memória e esquecimento e silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro: FGV, v. 2, n. 3, 1989.

PONTIFÍCIO CONSELHO "JUSTIÇA E PAZ". **Compêndio da doutrina social da igreja**. S. Paulo: Paulinas, 2008.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMONET, Ignácio. **A tirania da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

REBELO, José. **O discurso do jornal**. Lisboa: Notícias, 2006.

REVISTA DE COMUNICAÇÃO E LINGUAGENS, Lisboa: Cosmos, n. 21-22, 1995.

_____. Lisboa: Cosmos, n. 38, 2007.

_____. Lisboa: Vega, 1993.

_____. Lisboa, n. 27, Relógio D Água, 2000.

REVISTA ESTUDOS E OPINIÕES, Luanda, n. 4, 2009. Gabinete de Coordenação de Estudos do MPLA. Tese sobre os Meios de Comunicação Massiva, aprovada pelo I Congresso do MPLA, em dez. 1977.

REVISTA RELIGIÕES E ESTUDOS, Luanda, n. 3, 2010**. As religiões em Angola**. A realidade do período pós-Independência (1975-2010).

RIBEIRO, Ana Paula G. **A história do seu tempo. A imprensa e a produção do sentido histórico**. Dissertação de mestrado em comunicação, ECO/UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.

RIBEIRO, Ana Paula G.; FERREIRA, Lúcia Maria A. **A produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2007.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papirus, 1991.

ROBERTSON, Roland. **Globalização – Teoria Social e Cultura Global**. Petrópolis: Vozes, 2000.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. **Revista de Comunicação e Linguagens**, n. 8, 1988/1993.

_____. **O Campo dos media**. Lisboa: Veja, 1984.

SAID, Edward W. **Cultura e política**. SADER, Emir (Org.). S. Paulo: Boitempo, 2003.

SALEH, Ibraihm. Journalismo education in Egypt: Politically hazed and socially confused, In: **Journalismo education in countries with limited media freedom**. Edited by Beate Josephi. NY/USA: Peter Lang Publishing Inc., 2010.

_____. Media literay in MENA: Moving beyond the vicious cycle of Oxymora, Mapping world media education policies. **Latin american scientific jornal of media education**, vol. 32, n. 1, Feb, 2009.

_____. Sittinh in the shadows of subsidization in Egypt: Revisiting the notion of street politics. In: **Journal of democracy and security**, Philadelphia: Routledge, vol. 4, p. 1-24, 2008.

SANTOS, Boaventura Sousa. (Org.).**Globalização – Fatalidade ou utopia.** Porto: Afrontamento, 2001. V. I.

_____. Os processos da globalização. In: _____. **As ciências sociais e a**

globalização. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton *et al*. **O novo mapa do mundo**: Fim de século e globalização. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAÚTE, Nelson. **O arremedo o regime. Breve análise comparativa de títulos de primeira página do Notícias**. In: RIBEIRO, Fátima; SOPAS, António. **140 anos de imprensa em Moçambique**. Maputo: AMOLP, 1996. p. 153-169.

SCHLESINGER, Philip. **News menandtheir time machine. The British Journal of Sociology**, v. 28, n. 3, 1977/1993.

_____. **Between sociology and journalism. In Harry Christian (Ed.). The Sociology of journalism: source strategies and the limits of media-centrism**. In FERGUSON, Majorie Ferguson (Ed.). **Public Communication**: The new imperatives. Londres: Sage Publications, 1980.

SCHUDSON, Michael. **Porque as noticias são como são.** Revista de Comunicação e Linguagens, n. 8, 1988.

SILVA, Rosa Cruz e.**O nacionalismo angolano. Um projecto em construção no sec. XIX, através de três periódicos: o *Desastre, O Pharol do Povo* e *O Tomate***. Luanda, 1997.

SILVA, Rosa Cruz e *et al*. **Os periódicos como fonte de pesquisa histórica.** A Imprensa escrita de Angola do séc. XIX. Luanda: AHN, 1993.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros, identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Antropologia do espelho. Uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2013.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História e evolução da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro, 1940.

SOPA, A. **140 anos de imprensa em Moçambique**: **Estudos e relatos. Maputo: Associação Moçambicana de Língua Portuguesa** (AMOLP), 1996.

SOUSA, J. P. **A informação internacional na imprensa Ibero-americana – uma visão portuguesa**. 2000. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-duas-semanas.html>. Acesso em: 23 maio 2014.

SOUSA, Paulo César Castro de. **AIDS, mídia Impressa e sexualidade. Práticas e comportamentos sexuais em tempos de HIV nos discursos de Veja e IstoÉ**. Tese de Doutorado, ECO-UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

SPARKS, C. What's wrong with globalization? **Global Media and Communication**, vol. 3, n. 2, 2007.

STERZI, Eduardo. Formas residuais do mágico. Alguns apontamentos. In: FINAZZI-AGRÓ, Ettore; VECCHI, Roberto (Org.). **Formas e mediações do trágico moderno**: Uma leitura do Brasil. São Paulo: Unimarco, 2004.

TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo**. Lisboa: Piaget, 1997.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Ideologia e cultura moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: Questões, teorias e "estórias". Lisboa: Vega, 1993.

_____. **O poder do jornalismo**: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000.

_____. **A tribo jornalística. Uma comunidade interpretativa**. Lisboa: Notícias, 2004.

_____. As teorias das noticias. In: TRAQUINA*et al*. **O estudo do jornalismo português em análise de caso**. Lisboa: Caminho, 2001.

TUCHMAN, Gaye. Objectivity as strategic ritual: An examination of news men's notions of objectivity. **American Journal of Sociology**, vol. 77, n. 4, 1972/1993.

_____. Contando "estórias". In: TRAQUINA, Nelson (Org.). Jornalismo: Questões, teorias e estórias. **Revista de Comunicação e Linguagens**, n. 8, Lisboa:Vega, 1988.

TUCHMAN, Gaye. Contando estórias. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: Questões, teorias e "estórias". Lisboa: Vega, 1993.

VAN DIJK, T. A. **La noticia como discurso. Compreensión, estrutura y producción de la información**. Barcelona: Paidós, 1980.

VASCONCELOS, Leite Algumas reflexões sobre imprensa pós-independência. In: RIBEIRO, Fátima; SOPAS, António. **140 anos de imprensa em Moçambique**. Maputo: AMOLP,1996.

VENÂNCIO, José Carlos. **O facto africano. Elementos para uma sociologia da África**. Lisboa: Vega, 2000.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.

VUNGE, Adebayo. **Dos mass midia em Angola. Contributo para a sua compreensão histórica**. Luanda: Ed. Autor, 2006.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The politics of the world economy**. Cambridge: University Press, 1984.

WELBURN, Andrew. **As origens do cristianismo**: As fronteiras entre os antigos mistérios pagãos e a crença cristã. São Paulo: Best Seller, 1991.

_____. **A reestruturação capitalista e o sistema mundo.** In: GENTILI, Pablo. **Globalização excludente – Desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial**. Petrópolis: Vozes, 1999.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** Lisboa: Presença, 1981.

_____. **Teorias da comunicação de massa**. S. Paulo: Martins Fontes, 2003.

WOLTON, Dominique. **E depois da Internet?** São Paulo: DIFEL, 1999.

WOODWAR, Kathryn. Identidade e diferença: Uma introduçãoo teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais, Petrópolis: Vozes, 2000.

ZAU, Filipe. **Angola**: Trilhos para o desenvolvimento. Tese de Doutorado. Universidade Aberta, Lisboa, 2002.

ZELIZER, Barbie. **Journalist as interpretive community. Critical studies in mass communication**, v. 1, 1993.

Fontes legislativas/Documentos:

Lei Constitucional da República Popular de Angola, 1991.

Constituição da República de Angola, de 5 de fevereiro de 2010.

Lei de Imprensa, de 13 de maio de 1991.

Lei de Imprensa, de 15 de maio de 2006

Sítios:

<www.booc.ubi.pt>.

<www.revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/mediajornalismo/issue/view/93>.

<http://www.fd.uc.pt/CI/CEE/OI/OUA/acto_constitutivo-uniao-africana.htm>.

9 ANEXOS – DISCURSOS NA VISITA APOSTÓLICA A ANGOLA

Durante a visita de Bento XVI a Angola, o Presidente José Eduardo dos Santos proferiu dois discursos, um na chegada e outro na partida do visitante. Na mesma ocasião, o Papa também pronunciou dois discursos. Os referidos pronunciamentos constituem importantes documentos deste estudo.

9.1. Discursos do Presidente José Eduardo dos Santos

Durante a visita apostólica de Bento XVI à Angola, o Presidente José Eduatrdo dos Santos pronunciou dois discursos, nomeadamente, na sessão de boas vindas e na sessão de encerramento da missão papal.

9.1.1. Discurso da sessão de recepção do Papa Bento XVI

"SUA SANTIDADE PAPA BENTO XVI;
ILUSTRES DIGNITÁRIOS DA IGREJA CATÓLICA;
ESTIMADOS CONVIDADOS
MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES!
Com bastante satisfação reitero os votos de boas-vindas à Angola, onde o nosso Povo aguarda com um sentimento de fé verdadeira e de expectativa a mensagem espiritual que certamente lhe irá transmitir. O nosso território foi dos primeiros a ser evangelizado no continente africano, isso há mais de quinhentos anos, e foram sempre de respeito e cordialidade as relações com o Vaticano. Já em finais do século XV, na embaixada que enviou ao Rei de Portugal, o Mani Congo, máximo governante do reino cuja capital se encontrava no actual território de Angola, solicitara que os jovens congueses que a integravam fossem instruídos nos mandamentos da fé cristã. Essas relações foram aprofundadas durante o reinado de D. Afonso VI, responsável durante a primeira metade do século XVI pelo estabelecimento das bases do Cristianismo no Congo. O seu filho Henrique chegou mesmo a ser consagrado bispo pelo Papa. Foi também em Angola que se edificou a primeira Catedral a Sul do Equador, na cidade de Mbanza Congo, e foi daqui que saiu o primeiro embaixador do nosso povo junto do Vaticano, António Manuel Vunda, o "Negrita", que infelizmente faleceu antes de poder exercer as suas funções. As vicissitudes da história fizeram que o nosso povo ficasse durante séculos sob domínio estrangeiro, mas isso não o impediu de manter viva a sua fé e a sua profunda relação com a Igreja Católica. Sua Santidade, Angola vive hoje tempos novos, tempos de esperança. Terminaram o sofrimento e a incerteza causados por dezenas de anos de desunião e violência, que atingiram o corpo e a alma das pessoas, separaram famílias e provocaram enormes danos ao tecido social e produtivo do país. Felizmente imperou o bom senso. O diálogo e a compreensão mútua geraram o perdão e o

entendimento como vias da reconciliação e do restabelecimento da paz. Foram assim bem interpretadas e acolhidas também as várias mensagens do Vaticano, as homílias dos bispos e as exortações dos sacerdotes sobre a necessidade e a importância da paz e da tranquilidade para a vida humana. Estamos agora na encruzilhada da Paz e do Desenvolvimento. A paz social consolida-se com a satisfação das necessidades materiais e espirituais dos homens, que o desenvolvimento propicia. O desenvolvimento económico e social é um processo complexo que produz resultados a médio e longo prazo. O hiato entre um momento e outro tem potencial para gerar a incompreensão, o conflito e a instabilidade. Manter a estabilidade social nestas circunstâncias requer não apenas sagacidade política, mas também programas e acções baseados no diálogo social, na democracia, no respeito pelos direitos fundamentais do homem, na redistribuição equilibrada do rendimento nacional, na justiça social e na gestão da esperança numa vida melhor no futuro, para a juventude, para as mulheres e as crianças, para as famílias e para o povo em geral. É neste ambiente que os angolanos estão muito ansiosos para escutar a mensagem de Vossa Santidade e para dela extraírem os ensinamentos pertinentes para orientar a sua vida espiritual e material. Nestes tempos sempre se procuram os melhores caminhos para a reconstrução do que foi destruído no passado recente e para a construção de uma sociedade moderna, que integre toda a gente sem qualquer exclusão ou descriminação, que integre também todos os valores positivos das culturas locais e regionais, absorvendo os aspectos compatíveis e úteis do direito costumeiro. Temos, entretanto, tremendos desafios a superar, tais como a pobreza e o desemprego, que atingem respectivamente cerca de 40 e 28 porcento da população; cerca de 60 e 50 porcento de pessoas, respectivamente, não têm acesso à água tratada e à energia e mais de 50 porcento não têm habitação condigna. Quando o sistema político e econômico não permitia a acumulação individual de riqueza a sua regulação era naturalmente mais fácil e as desigualdades sociais não tinham grande expressão. Por essa razão, a configuração de um sistema redistributivo através de uma política fiscal mais justa é outro grande desafio que temos de enfrentar. O que há a fazer nestas circunstâncias é aproveitar as virtudes do sistema económico actual, que permite que os empresários ou accionistas detentores de riqueza possam aplicar os seus recursos e obter mais-valia, convencendo-os a reinvestir pelo menos 70 porcento dos seus lucros em projectos de interesse nacional que visam combater o desemprego, a pobreza, a falta de habitação e a aumentar a oferta de bens e serviços. Ao mesmo tempo, separar claramente os negócios privados dos negócios do Estado e combater com firmeza a apropriação indevida de bens públicos por funcionários do Estado. Por outro lado, há que tomar medidas mais activas para melhorar e aumentar a arrecadação fiscal, por forma a dotar o Estado de maior capacidade para cuidar dos assuntos da educação, da saúde e da assistência e solidariedade social. As acções descritas concorrem para a criação do bem-estar geral e, neste contexto, a solidariedade e o espírito altruísta da partilha do que temos com o próximo, apoiando os mais necessitados, reforçam a coesão social. Uma sociedade fundada nestes princípios e valores precisa de pessoas com uma nova mentalidade, que é indispensável formar através de um processo de consciencialização e educação que crie o homem de que se necessita para a transformação social. Neste processo não existe outro caminho senão inspirar-nos nos valores cristãos e noutros como a honestidade, a dignidade, o respeito pelo próximo e a liberdade, para formular os nossos documentos reitores; e é o que temos feito. Somos um Estado laico animado por pessoas que professam o Cristianismo. Mais de 70 porcento da população angolana é constituída por cristãos católicos. A Igreja Católica Apostólica Romana, que Vossa Santidade superiormente dirige, é a instituição melhor posicionada para nos ajudar nesta tarefa da formação do homem novo, que a nova

Angola precisa. Um homem com sólida formação moral e cívica, respeitador da lei e responsável pelos seus actos, trabalhando de forma consciente para o bem comum, solidário com os mais carentes e participante activo na construção de uma sociedade mais justa, equilibrada e digna. Estou certo de que deste modo o nosso país pode encontrar facilmente o espaço que lhe cabe por direito no concerto das nações e estabelecer laços de cooperação plena, assente em acordos e na lei internacional, com todos os outros Estados e muito particularmente com o Vaticano. A formação qualificada de mais prelados angolanos e a sua promoção contínua para os altos cargos da Igreja Católica em Angola e para a alta hierarquia do Vaticano é um desejo que deixo aqui expresso convencido de que estes quadros podem dar uma contribuição ainda maior ao fortalecimento do papel e da acção nacional e universal da Igreja. Sua Santidade, o mundo está em crise. Uma crise financeira e económica global e uma crise de valores morais e princípios éticos em certas regiões do planeta. Os países mais pobres e os africanos em particular são os que mais sofrem os efeitos negativos destas crises e aqueles que são, infelizmente, excluídos das instâncias em que o assunto é tratado. A Igreja não pode fazer muito para mudar as regras estabelecidas, mas tem força moral suficiente para influenciar os corações e as mentalidades dos que decidem e apoiar a reclamação legítima de África de ter uma presença efectiva com os mesmos direitos que os outros continentes no Conselho de Segurança da ONU, no FMI e no Banco Mundial. Queremos cooperar com a Igreja na construção de um mundo melhor, mais seguro e pacífico, ancorado na justiça e no entendimento, e tendo como premissas o diálogo político, o diálogo de civilizações, de culturas e de religiões e o isolamento e combate de todas as formas de extremismo e de terrorismo. Neste mundo a África deve estar plenamente integrada, deve ocupar o lugar que ela merece e os africanos devem ser avaliados e aceites pelo seu mérito sem qualquer conotação com a cor da pele. A África conta com o apoio contínuo da Igreja para se libertar das interferências externas negativas, dos conflitos armados locais, das pandemias e da pobreza e para se transformar em terra de paz, fraternidade e progresso. Desejo a Sua Santidade a continuação de uma boa estadia no nosso país, que o recebe de braços abertos, com todo o calor da sua amizade e respeito pelos elevados valores de que é portador. O povo angolano dá-lhe as boas-vindas e espera que abençoe esta terra sacrificada que agora, finalmente, começou já a materializar o seu sonho de paz e de um futuro melhor."

9.1.2. Discurso da sessão de encerramento da visita

"Sua Santidade! Papa Bento XVI, Ilustre comitiva que o acompanha.
Minhas senhoras e meus senhores.
O êxito da visita de Sua Santidade ultrapassou de longe todas as nossas melhores expectativas.
Durante os dias que esteve entre nós, praticamente toda a Nação angolana vibrou com a sua presença ou acompanhou com interesse todos os seus passos.
Lamentamos, entretanto, a morte de duas jovens à entrada do Estádio dos Coqueiros que queriam vê-lo e manifestar-lhe o seu carinho. Transmitimos as nossas sentidas condolências à família enlutada e toda a nossa solidariedade.
Agradecemos as palavras de conforto e de solidariedade de sua Santidade endereçada a estas famílias.
Entretanto, foi emocionante assistir a todas as manifestações de fé, de devoção e de calor humano que lhe foram transmitidas pelo povo angolano, consciente de estar a viver um momento único e privilegiado.

Esta foi a confirmação de que, a exemplo do que aconteceu com o seu antecessor, Sua Santidade o Papa João Paulo II, o nosso Povo atribui uma grande importância à mensagem espiritual do Soberano Pontífice.
Em nome do Povo angolano, estou grato de que nunca tenham faltado, da parte do Vaticano, palavras de apreço, de alento, de esperança e de encorajamento à Nação angolana.
Isso incentiva-nos a prosseguir na senda da consolidação da paz e da reconciliação nacional e na construção de um projecto de sociedade assente no respeito pelos direitos humanos e democracia e na justiça social.
Agradeço uma vez mais a sua honrosa presença entre nós e desejo a Sua Santidade e respectiva comitiva um feliz regresso."

9.2. Discursos do Papa Bento XVI

O Papa Bento XVI pronunciou dois discursos, nomeadamente, quando chegou e quando terminou a sua visita a Angola.

9.2.1. Discurso da cerimônia de boas-vindas

"Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Ilustríssimas Autoridades civis e militares,
Venerados Irmãos no Episcopado,
Queridos amigos angolanos!

Com um profundo sentimento de respeito e simpatia, piso o solo desta nobre e jovem Nação no âmbito duma visita pastoral, que, no meu espírito, tem por horizonte o continente africano, mas os passos tive de os limitar a Yaoundé e Luanda. Saibam porém que, no meu coração e oração, tenho presentes a África em geral e o povo de Angola em particular, a quem desejo oferecer o meu cordial encorajamento a prosseguir no caminho da pacificação e da reconstrução do país e das instituições.
Senhor Presidente, começo por lhe agradecer o amável convite que me fez para visitar Angola e as cordiais expressões de boas-vindas que acaba de me dirigir. Aceite a minha deferente saudação e venturosos votos, que estendo às demais autoridades que gentilmente vieram receber-me. Saúdo toda a Igreja Católica em Angola na pessoa dos seus Bispos aqui presentes e agradeço a todos os amigos angolanos o caloroso acolhimento que me reservaram. A quantos me acompanham pela rádio e televisão chegue a expressão da minha amizade, com a certeza da benevolência do Céu sobre a missão comum que nos está confiada: construirmos juntos uma sociedade mais livre, mais pacífica e mais solidária.
Como não recordar aquele ilustre visitante que abençoou Angola no mês de Junho de 1992: o meu amado antecessor João Paulo II?! Incansável missionário de Jesus Cristo até aos confins da terra, mostrou o caminho para Deus, convidando todos os homens de boa vontade a escutarem a própria consciência rectamente formada e a edificarem uma sociedade de justiça, paz e solidariedade, na caridade e no perdão recíproco. Quanto a mim, venho de um país onde a paz e a fraternidade são caras aos corações de todos os habitantes, em particular de quantos – como eu – conheceram a guerra e a separação entre irmãos pertencentes à mesma nação, por causa de ideologias devastadoras e desumanas que, sob a falsa aparência de sonhos e ilusões, faziam pesar sobre os homens o jugo da opressão. Compreendeis por isso como sou sensível ao diálogo entre os homens para superar qualquer forma de conflito e de tensão e fazer de cada nação – e,

por conseguinte, também da vossa Pátria – uma casa de paz e fraternidade. Com tal finalidade, deveis tirar do vosso património espiritual e cultural os valores melhores de que Angola é portadora, para irdes ao encontro uns dos outros sem medo, aceitando partilhar as próprias riquezas espirituais e materiais em benefício de todos.
Como não pensar aqui nas populações da província do Kunene flageladas por chuvas intensas e aluviões que provocaram numerosos mortos e deixaram tantas famílias desalojadas pela destruição das suas casas? Àquelas provadas populações desejo neste momento fazer chegar a certeza da minha solidariedade juntamente com um particular encorajamento à confiança para recomeçarem com a ajuda de todos.
Queridos amigos angolanos, o vosso território é rico; a vossa nação é forte. Usai, porém, estes vossos créditos para favorecer a paz e o entendimento entre os povos, numa base de lealdade e igualdade que promova na África aquele futuro pacífico e solidário a que todos aspiram e têm direito. Para isso, vos peço: Não vos rendais à lei do mais forte! Porque Deus concedeu aos seres humanos voar, sobre as suas tendências naturais, com as asas da razão e da fé. Se vos deixardes levar por elas, não será difícil reconhecer no outro um irmão que nasceu com os mesmos direitos humanos fundamentais. Infelizmente, dentro das vossas fronteiras angolanas, há ainda tantos pobres que reclamam o respeito dos seus direitos. Não se pode esquecer a multidão de angolanos que vive abaixo da linha de pobreza absoluta. Não desiludam as suas expectativas!
Trata-se de uma obra imensa, que requer uma maior participação cívica de todos. É necessário envolver nela a sociedade civil angolana inteira, mas esta precisa de apresentar-se mais forte e articulada tanto entre as forças que a compõem como também no diálogo com o Governo. Para dar vida a uma sociedade verdadeiramente atenta ao bem comum, são necessários valores compartilhados por todos. Estou convencido de que Angola poderá encontrá-los também hoje no Evangelho de Jesus Cristo, como sucedeu tempos atrás com um vosso ilustre antepassado, Dom Afonso I Mbemba-a-Nzinga; há quinhentos anos, deu ele início em Mbanza Congo a um reino cristão que sobreviveu até ao século XVIII. Das suas cinzas pôde depois surgir, já na passagem do século XIX para o XX, uma Igreja renovada que não para de crescer até aos dias de hoje, graças a Deus! Eis o motivo imediato que me trouxe à Angola: encontrar-me com uma das mais antigas comunidades católicas da África sub-equatorial, para a confirmar na sua fé em Jesus ressuscitado e unir-me às preces de seus filhos e filhas para que o tempo da paz, na justiça e na fraternidade, não conheça ocaso em Angola, permitindo-lhe cumprir a missão que Deus lhe confiou em favor do seu povo e no concerto das nações.

Deus abençoe Angola!"

9.2.2. Discurso da cerimônia de despedida

Discurso do Papa Bento XVI ao sair de Luanda para Roma, no Aeroporto 4 de Fevereiro, no dia 23 de Março de 2009.

"Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Ilustríssimas Autoridades civis, militares e eclesiásticas,
Prezados irmãos e irmãs em Cristo,
Amigos todos de Angola!

Vivamente sensibilizado pela presença de Vossa Excelência, Senhor Presidente, neste

momento da minha partida, quero exprimir-lhe o meu apreço e gratidão pelo tratamento fidalgo que me reservou e as disposições tomadas para facilitar o desenvolvimento dos diferentes encontros que me foram dados viver. Tanto às autoridades civis e militares como aos Pastores e responsáveis das comunidades e instituições eclesiais envolvidas nos mesmos, dirijo os mais cordiais agradecimentos por todas as amabilidades que tiveram para comigo durante estes dias que pude passar entre vós. Uma palavra de reconhecimento devo-a aos operadores dos meios de comunicação social, aos agentes dos serviços de segurança e a todos os voluntários que, com generosidade, eficiência e discrição, contribuíram para o bom êxito da minha visita.
Estou grato a Deus por ter encontrado uma Igreja viva e, apesar das dificuldades, cheia de entusiasmo, que soube carregar a sua cruz e a dos outros, testemunhar perante todos a força salvífica da mensagem evangélica. Ela continua a anunciar que chegou o tempo da esperança, empenhando-se na pacificação dos ânimos e convidando ao exercício duma caridade fraterna que saiba abrir-se ao acolhimento de todos, no respeito das ideias e sentimentos de cada um. É hora de me despedir para voltar a Roma, triste por vos deixar, mas feliz por ter conhecido de perto um povo corajoso e decidido a renascer. Não obstante as resistências e os obstáculos, este povo pretende construir o seu futuro caminhando por sendas de perdão, justiça e solidariedade.
Se me permitissem um apelo final, seria para pedir que a justa realização das aspirações fundamentais das populações mais necessitadas constitua a preocupação principal de quantos ocupam cargos públicos, visto que a sua intenção – estou certo – é desempenhar a missão recebida, não para si mesmos, mas em vista do bem comum. O nosso coração não pode estar em paz, enquanto virmos irmãos sofrerem por falta de alimento, de trabalho, de um tecto ou de outros bens fundamentais. Entretanto para se oferecer uma resposta concreta a estes nossos irmãos em humanidade, o primeiro desafio a vencer é o da solidariedade: solidariedade entre as gerações, solidariedade entre países e entre continentes que dê origem a uma partilha cada vez mais equitativa das riquezas da terra entre todos os homens.
E de Luanda estendo o olhar para a África inteira, despedindo-me até ao próximo mês de Outubro na Cidade do Vaticano, quando nos reunirmos para a II Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos dedicada a este continente, onde o Verbo de Deus humanado em pessoa encontrou refúgio. Agora peço a Deus que faça sentir a sua protecção e ajuda aos refugiados e deslocados sem número que vagueiam à espera de um retorno a casa. O Deus do céu repete-lhes: "Ainda que tua mãe te esquecesse, Eu nunca te esqueceria" (cf. *Is* 49, 15). É como filhos e filhas que Deus vos ama; Ele vela sobre os vossos dias e as vossas noites, sobre as vossas fadigas e aspirações.
Irmãos e amigos de África, queridos angolanos, coragem! Não vos canseis de fazer progredir a paz, cumprindo gestos de perdão e trabalhando pela reconciliação nacional, para que jamais prevaleça a violência sobre o diálogo, o medo e o desânimo sobre a confiança, o rancor sobre o amor fraterno. E isto poderá acontecer se vos reconhecerdes uns aos outros como filhos do mesmo e único Pai do Céu.
Deus abençoe Angola! Abençoe cada um dos seus filhos e filhas!
Abençoe o presente e o futuro desta querida Nação.
Ficai com Deus!"